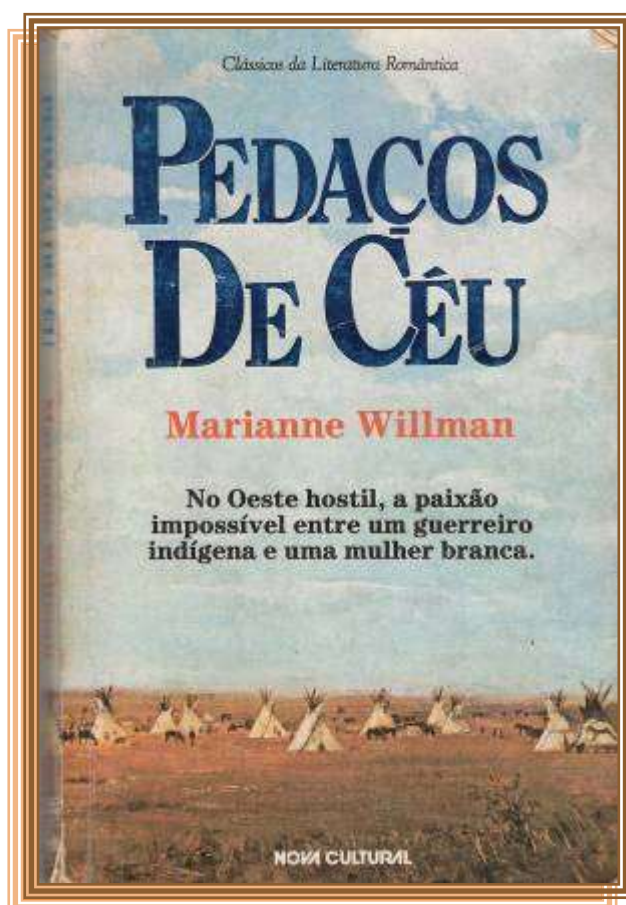


Clássicos da Literatura Romântica

PEDAÇOS DE CÉU

Pieces of Sky
Marianne Willman

No Oeste hostil, a paixão impossível entre um guerreiro indígena e uma mulher branca.



Surgido em meio à tempestade, Raio Prateado trazia na pele as tintas coloridas que denunciavam a selvageria do guerreiro comanche. Na fazenda isolada, Norah recuou, em pânico. Estava diante de um bárbaro que lhe lançava olhares que oscilavam entre a volúpia e o desejo de vingança. Ele viera disposto a submetê-la a seus caprichos de homem para vingar o sofrido povo indígena do Arizona e seu maior prazer seria arrancar gemidos de prazer da mulher de seu maior inimigo!

**UMA HUMILHAÇÃO A QUE NORAH
NÃO QUERIA SE SUBMETER,
UM DELÍRIO AO QUAL NÃO
PODERIA ESCAPAR!**

O conflito inexorável entre os anseios do povo indígena e os interesses de uma nação jovem e em expansão envolvendo a paixão devastadora de uma mulher branca e um mestiço.

Digitalizado e revisado por: Edna Fiquer

Projeto Revisoras – Yahoo Groups



Marianne Willman

Premiada autora americana, num romance de estrondoso sucesso mundial.

Título original: Pieces of Sky

Copyright: Marianne Willman

Publicado originalmente em 1986 pela Worldwide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: Vera M. D. A. Réoldi

Copyright para a língua portuguesa: 1988

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA. - Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar -
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda. e impressa na Cia
Lithographica Ypiranga

A autora e sua obra Marianne Willman

Descendente de índias Sioux, Marianne Willman transpôs para a literatura todo o universo cultural indígena, colocando em relevo uma filosofia milenar. Com a ajuda do marido, que também tem ascendentes indígenas, só que da tribo Seneca, ela deu vida a um folclore em vias de extinção. Seu esforço de manter vivas as tradições do poço valeu-lhe o Golden Award, premio merecido pelo seu romance Pedaços de Céu, onde aliou um tema empolgante a uma excepcional qualidade de estilo.

CAPÍTULO I

Território do Arizona, 1873

Greenwood... um nome que evoca campinas beijadas pela brisa amena e à sombra de bosques frondosos, onde todas as nuances de verde se unem numa sinfonia de louvor à natureza ainda não domada pela mão do homem!

Nada, porém, estava mais longe da verdade brutal e decepcionante! Em seus vinte e nove anos de vida, Norah O'Shea jamais se encontrara diante de uma visão tão desalentadora ou tinha sequer imaginado um local tão desolador!

Quando a diligência parou abruptamente, quase provocou a queda da única passageira que se aventurara até aquele local esquecido por Deus. Durante a madrugada, a velha e desconfortável carruagem deixara Santa Fé, o último baluarte do mundo civilizado a oeste do país, e ainda cruzara durante mais de doze horas por estradas que mais pareciam atalhos,

saltando como um cabrito montês sobre buracos e fendas na terra da região menos conhecida dos Estados Unidos.

Nem a profunda exaustão causada por longos dias de viagem, nem as náuseas provocadas pelo desjejum gorduroso e frio, tomado no hotel de Santa Fé há tanto tempo, diminuía a intensa curiosidade da jovem que se debruçava à janela da diligência para absorver o primeiro vislumbre de seu novo lar.

A densa nuvem de poeira amarela por um momento impediu que Norah divisasse algo além de sombras ou contornos indistintos, mas, tão logo o pó assentou, seu entusiasmo transformou-se numa ansiedade muito próxima do pânico.

Um aglomerado de construções primitivas formava o vilarejo que parecia ter sido abandonado pela raça humana. Dois cavalos esqueléticos balançavam letargicamente a cauda da mesma cor da terra que se estendia até o infinito.

Não havia ninguém à vista na única rua sem calçamento, nem sequer um desocupado encostado à soleira de uma das portas descascadas, nem um transeunte caminhando na calçada de tábuas — algumas empenadas pelo calor e cobertas de poeira —, em frente às casas descoradas pelo sol causticante.

O nervosismo de Norah atingiu as raias do desespero quando procurou por Abner Slade, que, como qualquer noivo ansioso, pela primeira visão de sua futura esposa, deveria estar à sua espera! Uma onda de desânimo mesclada à indignação cresceu de um modo alarmante ao perceber que não havia ninguém para recebê-la!

Abandonara o mundo civilizado de Boston para cruzar o país de ponta a ponta, enfrentando as altas temperaturas de junho e todo o tipo de desconforto em hospedarias imundas, nuvens de poeira e a mais profunda exaustão, para vir ao encontro de um homem que jamais vira antes, mas com o qual iria casar-se. Seria esperar demais encontrá-lo no final dessa jornada desgastante? Onde estaria ele?

Abner Slade havia afirmado em sua última carta que aguardaria ansiosamente e prometera vir recebê-la em Greenwood. Desde sua partida de Santa Fé, Norah tinha oscilado entre grandes expectativas e depressões intensas. Visualizava o noivo ora como herói galante e sedutor, ora como um rústico e grosseiro desbravador do Oeste. Agora, a imagem que prevalecia era, sem dúvida alguma, a de um homem sem a menor sensibilidade ou consideração!

Ao ouvir a voz do cocheiro avisando-a de que haviam chegado ao destino sem se oferecer para ajudá-la a descer da diligência, sua fúria cresceu sem limites. Foi com muita dificuldade que conseguiu dominar o

fogoso temperamento irlandês. Lembrando-se da regra número um do Instituto Educacional Emerson para Jovens de Elite: "Uma dama jamais demonstra emoções intensas em público".

Na verdade, só alguém muito observador adivinharia a existência de uma personalidade forte sob o exterior recatado daquela jovem frágil e de traços delicados. Talvez o queixo fosse um tanto voluntarioso, mas a boca, de desenho suave, mostrava uma doçura inata. E apenas os que já haviam visto os belíssimos olhos azuis orlados de espessas pestanas negras se transformarem, numa fração de segundo, em um tom intenso de violeta poderiam afirmar que sob a aparência tímida e gentil existia um espírito indomável. A mulher corajosa em luta constante para dominar o gênio explosivo, embora dotado de uma profunda capacidade de zombar das tristezas da vida, permanecia muito bem escondida.

Norah conseguiu conter as reações negativas de sua chegada com uma reflexão irônica. O sonho de grandes aventuras a levava a voltar as costas para a natureza gentil da Nova Inglaterra e enfrentar aquele vilarejo com uma única rua! Havia sido uma decisão impulsiva e quase insensata, mas agora não havia como voltar atrás. Estava às portas de uma nova vida entre casas de barro que surgiam da terra como cogumelos gigantes, numa cidade cujo nome sugeria verdes paisagens e lhe oferecia apenas os muitos tons de amarelos de um deserto!

Decidida a não entrar em pânico, ela tornou a procurar alguma presença humana, mas, além dos míseros cavalos, havia apenas um cachorro vira-lata! No entanto, a sensação insistente de que estava sendo observada a fez estremecer. O assobio do vento a impedia de localizar de onde vinha um som ritmado e metálico, Norah levantou o queixo, desafiando quem a espreitava. Estava pronta a enfrentar quaisquer contratemplos, com toda a sua coragem de irlandesa!

Escondidos pela sombra de um telheiro improvisado, dois homens observavam a recém-chegada.

Um deles o ferreiro, parou de colocar a ferradura no cavalo para olhá-la com admiração e surpresa.

— Essa moça deve ser a noiva de Abner Slade. É uma verdadeira dama, não acha, sargento LeBeau? Parece uma boneca de porcelana, daquelas que só se vêem nos catálogos das lojas do Leste.

O homem alto e esguio tentava disfarçar a intensidade de seu interesse pela jovem desconhecida. Os cabelos muito negros e longos estavam presos por uma fina tira de couro, um hábito bastante comum entre os oficiais do Forte Greenwood. O rosto de LeBeau, porém, diferia do da maioria de seus companheiros pela altivez e perfeição de traços. O nariz

fino, o queixo enérgico e a boca voluntariosa lembravam a aristocracia francesa, como sugeria seu nome, mas os cabelos cor de ébano e as maçãs salientes do rosto levavam a pensar em sangue índio. Essa impressão se desfazia diante dos olhos cinzentos, quase prateados, que brilhavam como um lago profundo numa madrugada chuvosa.

As roupas informais da Patrulha de Rastreadores Índios da Cavalaria de Forte Greenwood, da qual ele fazia parte, tornariam aquele homem o objeto de um estudo de contraste, pois, apesar dos ombros largos e músculos rijos, não se podia ignorar o corpo esguio e sinuoso como o de um ágil felino.

Um sorriso amargo contorceu os lábios firmes e bem desenhados de LeBeau, e ele procurou controlar as reações incomuns provocadas pela jovem parada sob o sol inclemente. Sempre indiferente aos brancos, principalmente às mulheres, surpreendeu-se sentindo pena dela e, ao mesmo tempo, uma profunda inveja de Slade Que loucura insensata a teria levado a se envolver com um homem do tipo de Abner? Ou não teria ela idéia alguma de como realmente era seu noivo, a quem conhecia apenas através de cartas, conforme os boatos que corriam pelo vilarejo?

O tecido fino do vestido de organdi azul colava-se ao torso delicado da jovem e mechas rebeldes escapavam do coque severo que prendia a longa cabeleira negra. Ela parecia tão inocente, ainda intocada pelas amarguras da vida! E esse ar de inocência desapareceria tão logo Abner lhe tocasse o corpo frágil e puro com suas mãos manchadas de sangue. A certeza da degradação de tanta pureza transformou as feições perfeitas de LeBeau numa máscara de ódio, onde os olhos brilhavam como a lâmina de um punhal afiado.

— Cândida Michaels e suas garotas vão perder um dos fregueses mais assíduos!

O ferreiro surpreendeu-se com a fúria contida na voz de LeBeau e olhou-o, certo de que o sargento estivesse brincando. No entanto, não havia nada naquela fisionomia controlada e indecifrável que sugerisse uma atitude zombeteira.

O rosto de LeBeau revelava uma beleza perigosa mais hipnótica, que não vinha apenas da estrutura óssea perfeita, dos traços másculos ou da pele dourada. Ele emanava uma aura de mistério e sedução que transformava todas as mulheres em jovens trêmulas, mas ansiosas por cativá-lo e levava até mesmo os homens mais corajosos a terem cautela em sua presença.

Corria um rumor de que os antepassados de LeBeau fossem de sangue comanche, porém ninguém sabia a verdade. Entretanto, homem algum tivera a coragem de arriscar-se a enfrentar sua reação quando lhe fizesse essa pergunta!

O fato de comandar a Patrulha de Rastreadores, que se dedicava a descobrir os rastros de índios fugitivos ou de participantes dos freqüentes assaltos às famílias brancas, não o tornava necessariamente um pele-vermelha. E, caso o fosse, ele nunca usaria seu verdadeiro nome no mundo dos caras-pálidas!

Na verdade, LeBeau pertencia a dois mundos antagônicos. Para os brancos, era o sargento cujo pai viera da França; para os comanches, era o dono de um nome que o colocava acima dos bravos de sua tribo. "Trovão", "Aquele-que-Cavalga-as-Tormentas", "Raio Prateado" e "Filho do Relâmpago" eram os diversos nomes com os quais seus irmãos peles-vermelhas demonstravam a admiração pela coragem e ousadia de um mestiço.

Pierre LeBeau, um aristocrata francês, abandonara a formosa comanche e o filho recém-nascido para casar-se com uma mulher branca. Pouco tempo depois, "Sussurro do Vento" recebera um dos cobertores propositalmente contaminados com o vírus do sarampo distribuídos pelo Exército. Já debilitada pelo abandono de seu amor, a jovem não lutou contra a doença que vitimaria grande parte de sua tribo.

Mais tarde, apesar de odiar os brancos, LeBeau deixou a liberdade das planícies de seus ancestrais para alistar-se na Patrulha de Rastreadores Índios do Exército Americano. Tudo nele denotava as oposições e paradoxos contra os quais em vão se debatia.

Empenhado numa luta cruel contra o destino trágico de seu povo, dia a dia perdendo suas terras, ele sentia-se dilacerado pelas profundas diferenças das culturas antagônicas que o formavam. Carregava consigo o conflito próprio dos mestiços, que jamais conseguem abafar os clamores de duas raças em seu íntimo.

No entanto, nenhum sinal dessa luta interna e sem trégua transparecia na expressão indiferente e distante que LeBeau apresentava constantemente ao mundo dos civilizados. Nem mesmo ele teria acreditado que, pela primeira vez na vida, seu olhar denunciava o quanto aquela jovem desconhecida havia abalado o intenso desdém que nutria pelas mulheres brancas.

O vento soprava quente, aumentando o desconforto de Norah, já irritada com o número excessivo de saíotes exigido ao vestido de uma dama. A moda sem dúvida não levava em conta a existência de lugares tão escaldantes quanto Greenwood

Mas... como considerar aquele deserto como uma cidade? Além do cachorro, ainda andando desanimado ao longo da calçada, não havia outro ser ali, nem sequer um único representante do gênero humano! Até mesmo o cocheiro tinha desaparecido no escritório da companhia que controlava o único meio de transporte até aquele lugar remoto, deixando-a sem a menor

explicação sob o sol tórrido!

Subitamente, uma idéia reconfortante a fez sorrir. Talvez tivesse havido um engano e ela estivesse na cidade errada!

Seu enlevo foi rompido pelo baque surdo de uma mala caindo do alto da diligência. E, antes que ela pudesse reagir, mais dois volumes de sua bagagem tiveram o mesmo destino, atirados sem o menor cuidado pelo cocheiro displicente. Mas quando viu que ele ia jogar no chão o baú de couro trazido da Irlanda por sua avó tantas décadas atrás, Norah perdeu a compostura e esqueceu-se de todas as regras de polidez e controle que revelavam a existência de uma verdadeira dama.

— Pare já! Não jogue! O aparelho de jantar de minha avó vai quebrar-se todo!

Um pedido desses sempre levava Murdock a ser ainda menos cuidadoso com a bagagem, mas a figura atraente da jovem o fez agir com toda a delicadeza de que era capaz.

Ele a havia notado quando ela embarcara em Santa Fé e, ao observá-la os seios jovens contra o tecido fino do vestido, sentira inveja de Abner Slade.

Nenhuma das garotas de Cândida podia se comparar àquela jovem distinta e bem-educada, e Murdock daria alguns anos de sua vida para poder possuí-la antes de Slade! Gostaria muito de tê-la em sua cama, mas, na impossibilidade de realizar esse desejo, iria procurar o ambiente familiar do bordel.

Era melhor deixar ao futuro marido a dificuldade de lidar com uma virgem bem-educada e, sem dúvida, cheia de terrores! Abner Slade, porém conseguiria logo domar aquela moça que, apesar de meiga, parecia estar um tanto indócil por não ter sido recepcionada com toda a pompa pelo noivo.

Afastando-se das malas jogadas ao chão, Murdock dirigiu-se para a casa de Cândida, já sem lembrar de seus desejos pela jovem.

O ferreiro terminou de ferrar o alazão e cocou a cabeça perplexo.

— Nunca soube de nenhum cavalo seu que precisasse de ferraduras, sargento. É uma bela montaria, sem dúvida.

— Comprei-o de Abner Slade há menos de um mês. Ele já veio ferrado e, apesar de sua origem... é um bom cavalo.

— É mesmo? — o ferreiro não pôde evitar que a curiosidade sobrepujasse a prudência e insistiu: — Slade tem tido muito sucesso com a fazenda e o armazém, não acha? A maioria das pessoas em Greenwood o olha com admiração e respeito, mas... houve algum problema entre vocês dois? Ele o ofendeu?

— Esse comerciante respeitado vende mercadorias da mais ínfima qualidade para o Exército e carne estragada, praticamente podre, a índios

famintos... E esses são os seus pecados menos graves! Abner Slade me ofende pelo simples fato de estar vivo!

O tom de voz de LeBeau foi como o sopro de um vento do Ártico e o ferreiro arrependeu-se de ter tocado num assunto tão perigoso. Ele não gostaria, de modo algum, de despertar a fúria do sargento e muito menos o ódio de Slade!

— O cavalo está pronto...

LeBeau pagou o homem, pronto para partir. No entanto, uma estranha força o prendia ali, diante da jovem cujo ar de calma e segurança não o convenciam nem um pouco. Ele tinha notado as mãos fortemente contraídas, o olhar incerto. Já vira essa expressão muitas vezes em cavalos dóceis, segundos antes de empinarem como animais selvagens e incontroláveis.

Com movimentos calmos, LeBeau apoiou-se ao pilar de madeira, disposto a assistir ao desenlace daquela comédia humana.

Havia um outro par de olhos curiosos observando Norah com atenção. Do segundo andar da construção menos rústica do vilarejo, Cândida Michaels examinava por uma fresta das cortinas de veludo vermelho a jovem recém-chegada aos seus domínios.

A saleta de Cândida era escura e seu espaço reduzido parecia ainda menor, tal a quantidade de móveis pesados e enfeites rebuscados. O cheiro de bebida e perfume barato aumentava a cada dia, porém a dona do bordel já nem notava mais o odor de sexo furtivo que a rodeava.

Com uma gargalhada de desprezo, ela se afastou da janela, certa de que a jovem era magra e frágil demais para atrair qualquer homem.

A bonequinha delicada que vira na calçada jamais chegaria a sua altura! Tinha sido precipitação sentir-se ameaçada por uma rival que não conhecia, mas temia só pelo fato de ter vindo de uma cidade tão sofisticada como Boston.

Os cabelos tingidos de um vermelho gritante tornavam ainda mais duros os traços de Cândida Michaels. O sorriso maldoso demonstrava seu ódio pelo gênero humano.

O nome Cândida não era nem um pouco adequado à mulher dura e sem compaixão que administrava seus interesses com mãos de ferro. Não havia um coração naquele corpo fortemente comprimido pelo espartilho, numa tentativa de dominar as formas exuberantes que começavam a se tornar corpulentas demais.

Anos de vida dissoluta e bebida em excesso tinham desfigurado o rosto outrora atraente, e nem o pó-de-arroz e o ruge conseguiam apagar as marcas de uma dedicação total aos prazeres dos sentidos. Entretanto, apesar da beleza perdida, ela dominava o pequeno mundo de Greenwood. Sua influência chegara a tal ponto que ninguém ousaria lembrar diante dela,

fatos estranhos como a mi-dança de seu nome!

Alguns anos atrás, havia chegado a Greenwood uma jovem chamada Edna Freue, disposta a fazer fortuna num ambiente sem mulheres. Atraente e esperta, ela mudara de nome ao abrir o primeiro e único bordel da região e, desde esse dia, respondera a cada provocação ou atitude de desprezo com uma dose de violência que lhe dera a fama de perigosa, alguém a quem era loucura ofender, ale mesmo com o olhar.

Satisfeita por ter concluído que a noiva de Abner era inofensiva, Cândida percorreu o corredor sombrio até o quarto próximo à escada.

— Vamos logo, Sal! A diligência chegou, é melhor ir atrás daquela garota mexicana. Você sabe como Murdock gosta das mais novinhas!

A incerteza e o desânimo deram lugar a uma raiva incontável. Qualquer aluna de Norah O'Shea teria reconhecido os sinais que anunciavam a tormenta. Os olhos azuis se tornaram mais escuros, quase violetas e a boca perdeu sua doçura para se transformar num ricto decidido e rebelde. Com movimentos bruscos, ela caminhou pela calçada de tábuas soltas e o som de seus passos quebrou o silêncio profundo do vilarejo adormecido.

Por ter o olhar dirigido à porta do escritório das diligências, Norah não notou o bêbado cambaleante que saía do bar. Avançava com tanta determinação e pressa que o esbarrão a fez perder completamente o equilíbrio. Sem saber como, encontrou-se sentada no chão, com a saia coberta de poeira e tendo diante de si um homem mal encarado que fitava com atrevimento suas coxas totalmente expostas e cobertas apenas por finas meias brancas.

A roupa cheia de manchas escuras e o revólver à cintura daquele indivíduo ameaçador aterrorizaram Norah a ponto de tirar-lhe a capacidade de emitir um som ou sequer mover-se.

— Ora, ora! Quem é você, boneca? Uma nova atração para o salão florido de Cândida? Que pernas mais lindas...

Horrorizada e sem ação, Norah viu-se presa numa armadilha de onde não conseguiria fugir sem a ajuda de alguém. Mas como esperar algum auxílio naquele deserto?

Subitamente, um vulto sombreou a luz do sol. Ela teve apenas rápida visão de movimento e força, e o indivíduo inoportuno voou como uma bala de canhão para o meio da rua.

Um vulto ajoelhou-se, aproximando-se de Norah, que deparou com a imagem de seus sonhos mais românticos: diante dela estava a concretização das fantasias de todas as jovens à espera do homem perfeito.

Aquele rosto dourado não poderia ser considerado como o ideal de beleza clássica masculina, porém seus traços firmes e voluntariosos o tornavam infinitamente sedutor, uma escultura paga, onde os olhos cor de

prata contrastavam com os cabelos muito negros.

Por uma fração de segundo, o coração de Norah parou de bater. Estava certa de ter finalmente encontrado seu noivo. Mas sua ilusão fugaz dissolveu-se numa onda de desapontamento: Abner era loiro!

— Machucou-se com a queda, senhorita?

— Oh! Não! Estou perfeitamente bem, apenas meu amor-próprio foi ferido. Muito obrigada por sua intervenção oportuna, senhor... eu... Poderia me ajudar a levantar? — murmurou Norah, envergonhada com os pensamentos que tivera a respeito do desconhecido.

A mão forte a levantou num movimento rápido e sem esforço, e por alguns segundos os dois permaneceram imóveis e muito próximos. Uma necessidade incontável de apoiar-se naquele peito amplo apoderou-se de Norah, que lutou contra a sensação absurda de ter chegado ao fim de uma longa jornada e encontrado um oásis seguro.

Que outras mudanças estranhas ocorreriam em sua personalidade como efeito daquelas terras primitivas, tão diferentes de Boston?

LeBeau interpretou o longo silêncio da jovem como vergonha por ter sido surpreendida em uma situação desagradável e, apesar de uma relutância inexplicável em continuar por mais tempo perto dela, resolveu ajudá-la.

Como um homem marcado pelo destino, ele deu o primeiro passo de uma longa jornada de onde não haveria recuo ou saída.

— Não há ninguém à sua espera, senhorita?

— Sim, é claro... Qual é o seu nome, senhor?

— Sargento LeBeau, da patrulha de Rastreadores índios da Cavalaria do Forte Greenwood.

— Sou Norah O'Shea e meu noivo, Abner Slade, avisou-me em sua última carta que viria me receber, mas deve ter havido algum contratempo. Com certeza, ele chegará a qualquer instante.

— Pois então é melhor aguardá-lo na sombra ou acabará morrendo de insolação antes de seu afortunado noivo surgir por aqui. Seria um triste final para um romance, não acha? — Sem esperar pela resposta, ele a segurou pelo cotovelo e, com passos largos, dirigiu-se ao hotel.

Norah tentou detê-lo, mas aquele homem parecia não prestar a menor atenção às suas tentativas de permanecer onde estava, arrastando-se sem sequer fitá-la. Incapaz de fazer valer a sua vontade, ela se resignou a acompanhá-lo, aproveitando para examinar melhor o seu salvador.

LeBeau devia ter trinta e poucos anos e era alto e musculoso, embora esguio. O aroma de pinho que dele exalava a fez lembrar-se do pai e da época feliz em que ele ainda vivia. No entanto, não havia nada de filial nas emoções que se avolumavam em seu peito com a simples proximidade do

homem mais atraente que já vira em toda a sua vida.

O sol batendo em seu anel de noivado a fez corar de vergonha. Ela era uma mulher comprometida e na manhã seguinte iria se unir a outro homem, jurando fidelidade até a morte. Subitamente, Norah se apercebeu da situação terrível à sua espera: Abner era um completo desconhecido e em poucas horas se tornaria seu marido!

Ah! Se ela não tivesse sido tão impulsiva! A cada minuto que passava, Boston lhe parecia um sonho e Greenwood, um pesadelo! Como seria bom estar no quartinho estreito onde só cabia uma cama de metal dourado e sua estante!

Mas... de que adiantava pensar num passado já definitivamente encerrado? Não havia mais o Instituto Educacional Emerson para Jovens de Elite e, como seu fechamento, também deixara de existir a estudiosa e bem-educada professora Norah O'Shea. A jovem que entrara como aluna naquele templo de cultura e requinte social logo após a morte do pai tinha se tornado uma professora eficiente e cheia de bom senso, mas que sonhava às escondidas com aventuras fantásticas.

Por um golpe do destino, ela estava agora num mundo excitante, embora aterrador, e não havia como voltar atrás o relógio. O melhor era enfrentar o futuro com a mesma coragem e determinação com que sempre encarara os percalços de sua vida.

Suas recordações foram afastadas pelo som de uma gargalhada de mulher, vinda da casa em frente do hotel. Levantando os olhos, Norah percebeu que haviam chegado a um vestíbulo sombrio e com cheiro de mofo. Os poucos móveis espalhados na sala escura eram pesados e desgraciosos, mas alguns quadros chamavam a atenção por suas cores gritantes. Num deles, entre frutas e vegetais de tamanho exagerado, jaziam marrecos de penas multicoloridas.

— Pode admirar as obras de arte... eu farei as perguntas ao recepcionista.

— Céus! Eu sempre detestei quadros de natureza morta, mas estes... são pavorosos! O pintor nunca viu um pato, quanto mais um marreco, em toda a sua vida! Pelo desenho deduz-se que ele só encontrou... galinhas como inspiração!

O comentário de Norah demonstrava seu senso de humor, sempre pronto a vir à tona, e duas covinhas emolduravam a boca bem desenhada.

Por um segundo seu olhar e o de LeBeau se encontraram na comunhão da partilha de pensamentos, mas ambos desviaram os olhos, temerosos em admitir a atração crescente entre eles.

LeBeau se afastou bruscamente, indo ao encontro do homem com barba por fazer, que, atrás do balcão, encarava Norah sem disfarçar seu

interesse.

Ela sentou-se em uma cadeira próxima à janela suja, de onde mal se podia ver a rua, estava analisando, perplexa, suas emoções de segundos atrás, quando a voz pouco polida do hospedeiro a fez prestar atenção na conversa.

— Slade? Você está atrás dele outra vez, LeBeau? O que ele fez desta vez? Ouvi dizer que estava metido em uma tremenda confusão em Tucson há pouco e...

— Ele esteve aqui ou não? — interrompeu LeBeau, irritado.

— Não... ainda não chegou, mas tem um quarto reservado. É o melhor de todos, de frente para a rua, e está em nome de Sr. e Sra. Slade... apenas por uma noite.

Norah soltou uma exclamação de raiva e, disfarçando seu embaraço com uma atitude de autoridade, dirigiu-se até a recepção.

— Há algum engano, senhor! Sou a srta. O'Shea e um quarto deve ter sido reservado em meu nome.

O recepcionista ia protestar, mas, ao notar a firmeza de Norah, tornou a consultar o registro de reservas.

— Sinto muito, mas eu lhe disse a verdade, senhorita. O aposento está em nome do sr. e sra. Slade. Não há ninguém na lista além de um caixeiro-viajante e do médico do Forte Greenwood.

— Não é possível! Deve haver alguma explicação!

— Sem dúvida o motivo é a ansiedade de um noivo em conhecer bem sua jovem prometida — murmurou LeBeau, olhando-a de alto a baixo. — E ninguém seria capaz de condená-lo pela pressa.

— Pois eu não pretendo passar a noite num hotel cheio de homens! Com certeza há nesta cidade alguma mulher para fazer-me companhia!

LeBeau não pôde reprimir um sorriso diante da inexperiência e do puritanismo da jovem e foi acompanhado pelo recepcionista, que gargalhou abertamente.

— Não vejo nada de engraçado em meu pedido! — explodiu Norah, que cansara de lutar com o seu temperamento irlandês fogoso e rebelde. — Pois bem! Como vocês se recusam a me ajudar, agirei sozinha. Ouvi uma risada feminina quando entrei no hotel e vinha do outro lado da rua. Vou até lá!

Ela mal tinha dado dois passos quando LeBeau segurou-a pelo braço, agora sério e sem o menor sinal de bom humor na expressão dura.

— Seria uma grande imprudência, srta. O'Shea. Aqui não é Boston ou qualquer uma das cidades civilizadas a que está acostumada. Não há confeitarias ou grupos de senhoras reunidas em salões de chá. Greenwood é uma cidade rústica... Não existem damas neste fim de mundo.

— Ora! Eu ouvi...

— Aquela risada não veio dos lábios de uma dama. Há algumas mulheres aqui, mas em hipótese alguma podem ser consideradas... senhoras — concluiu ele, mantendo o braço de Norah firmemente preso, à espera de que a jovem compreendesse bem o sentido de suas palavras.

— Oh! Eu...

— É exatamente isso, senhorita. Mesmo contra vontade só lhe resta permanecer neste hotel, trancando bem a porta do seu quarto. Vou ficar por perto para evitar que a molestem e, com certeza, Slade logo virá ao seu encontro. — LeBeau admirou novamente as curvas delicadas do corpo de Norah, antes de concluir com uma ironia quase amarga: — Abner pode ter muitos defeitos, mas tolo ele não é!

Embora contrariada pela situação desagradável, Norah percebeu sua impossibilidade de lutar contra as circunstâncias. Ignorando o atraente sargento que permanecia a seu lado à espera de mais um comentário fora de propósito de sua parte, ela usou o tom de uma professora severa e altiva.

— Quando o sr. Slade chegar, dê-lhe um outro quarto, pois eu ficarei no que ele reservou... sozinha! — Norah se inclinou para assinar o registro com a pose de uma viajante acostumada a todo o tipo de dissabores. — Agora... poderia levar minha bagagem até o quarto, senhor? Estou exausta e... — Voltando-se para LeBeau, ela se despediu secamente: — Obrigada pelo seu auxílio, sargento.

Ele a acompanhou com o olhar, furioso por ter se envolvido com aquela jovem da cidade. Aliás, como tudo que se relacionava a Slade, desse encontro fatídico só poderiam surgir problemas!

Norah subiu as escadas atrás do recepcionista e ao passar pelo corredor escuro, constatou a repetição das diversas hospedarias sem conforto em que estivera desde o início de sua longa viagem. Paredes amareladas pelo tempo e tapetes gastos com o uso constante levavam a um quarto ainda mais desprovido de aconchego ou elegância. No centro do aposento, havia uma cama de casal gigantesca. Cortinas cor de chocolate deixavam entrar um raio de sol que tornava douradas as partículas de poeira suspensas no ar. O papel de parede, outrora desenhado com flores amarelas, descorara até alcançar tons de marfim e uma aparência de sujeira.

Percebendo o desagrado na expressão contrariada da jovem, o recepcionista jogou as malas ao chão com um ar ofendido.

— Este é o melhor quarto do hotel, moça! — Ele olhou para o vestido elegante de Norah, num contraste gritante com o desgaste do aposento. — Se tiver com fome, deve ter sobrado alguma coisa do almoço, mas o jantar será servido dentro de uma hora.

— Muito obrigada, eu espero. Só gostaria que mandasse alguém trazer água quente para eu tomar um banho — murmurou ela, ansiosa por ficar

sozinha.

Pela primeira vez em muitos dias, Norah estava sem qualquer presença humana a seu lado. Então abrindo o baú de couro, mergulhou no mundo interior.

Um aroma suave de rosas e violetas se espalhou pelo quarto, vindo dos pequenos buquês de flores secas colocados entre suas roupas. De um embrulho em fino papel de seda rosa, ela tirou um penhoar e uma camisola de cambraia, delicadamente bordados e com laços de cetim. Uma infinidade de pequenos botões e pérola fechava a frente do traje de dormir, tão casto que a fazia sentir-se menos mal por não ter peças luxuosas no enxoval.

Enquanto Norah admirava o bordado, uma senhora entrou no quarto carregando dois baldes de água quente. Ao ver a camisola nas mãos da jovem, aproximou-se, fascinada.

— Que coisa mais linda, moça! Parece a neve nas montanhas! Minha mãe sempre dizia que se conhece uma dama pela roupa íntima.

— Foram minhas alunas que bordaram — explicou Norah, escondendo um sorriso. Se a camareira pudesse ver sua lingerie, que embora cuidadosamente consertada, tinha anos e anos de uso!

— É tão emocionante ter uma noivinha no hotel... Só recebemos homens, caixeiros-viajantes...

Aquelas palavras a fizeram voltar ao presente, que se tornava a cada minuto menos agradável. Tentando lutar contra a aversão sempre crescente de enfrentar o que esperava, Norah tirou da mala o retrato de Abner.

— Oh! É esse o seu noivo? Posso ver? Não conheço o Slade, ele sempre fica do outro lado da rua, com Cândida e... — A camareira parou de falar, envergonhada e mudou de assunto: — Nossa! Ele tem um rosto tão duro, não acha? Olhe só esse queixo... E a boca? São traços de um homem acostumado a mandar. Bem... meu pai dizia que aqui é preciso ser mais duro, pois esta terra violenta ou enriquece ou mata! O meu velho morreu, não agüentou o baque! Bem, é só me chamar se precisar de mim, sou Ella Basley, a camareira.

Enquanto tagarelava sem parar, Ella despejou a água quente na banheira de madeira do canto do quarto.

Tão logo a camareira saiu, Norah pegou a foto de Abner e olhou-a como se a visse pela primeira vez. Haveria mesmo um traço duro no queixo? Seria a boca cruel? Teriam os olhos sempre aquela expressão agressiva? Como ela não notara nada antes? Sem dúvida era apenas um produto de sua imaginação, ou será que começava a ter uma crise de nervos típica de uma noiva às vésperas do casamento?

Decidida a não se deixar dominar por terrores infundados, despiu-se e entrou na banheira, evitando olhar-se nua no espelho, um hábito adquirido

da educação recatada que recebera. Mas a água morna, acariciando seu corpo, a fez lembrar-se de um fato terrível: na manhã seguinte, um outro ser humano iria vê-la despida, o que não acontecia desde sua infância!

Um homem que, apesar de ser legalmente seu marido, não passava de um desconhecido e que receberia, depois de algumas promessas à frente de um padre, o direito de olhá-la e tocá-la, desvendando as partes mais íntimas de seu corpo!

Contrariando o hábito arraigado, ela examinou os seios altos, a cintura fina e as pernas bem-feitas. Abner a acharia atraente?

A fisionomia máscula de LeBeau afastou a imagem do noivo ausente.

Norah saiu rapidamente do banho, disposta a dormir e esquecer tantas perguntas inquietantes e sem resposta. Entretanto, o sono não vinha, apesar da exaustão, e ela se levantou, angustiada.

O luar penetrava o quarto pelas cortinas entreabertas. Norah debruçou-se à janela, encantada com a paisagem transformada pelo brilho prateado. O milagre da luz pálida da lua afastara o ar ameaçador e esquelético de Greenwood.

— Com os diabos: Olhem! É uma mulher! — O som arrastado da voz de um bêbado rompeu a quietude da noite.

— Você está delirando, Ted! As mulheres ficam do outro lado da rua, no bordel!

— Eu vi, juro! Venham, vou provar...

Norah recuou, apavorada, lembrando-se tarde demais de que naquela cidade a presença de mulheres, a não ser prostitutas, era um acontecimento raro.

Desesperada, ela correu até a porta para verificar se estava trancada enquanto ouvia vozes e passos aproximando-se. Ao perceber o perigo que corria, tentou arrastar o baú.

Mas de repente o ruído se modificara e, entre os brados de indignação, ela ouviu a voz grave de LeBeau. Os sons foram se afastando e logo depois voltou o silêncio, rompido apenas pelos passos que vinham em direção de seu quarto.

— Srta. O'Shea.

Ao reconhecer a voz do sargento, Norah abriu a porta e viu uma mancha vermelha no rosto contraído de raiva. LeBeau nem parecia o mesmo homem, tal era sua expressão de fúria.

— Você é confiante demais, moça... ou tola demais! Costuma abrir a porta de seu quarto a qualquer um?

— Mas... eu reconheci a sua voz! Aliás, obrigada pela intervenção oportuna e pode ficar tranquilo. Sei cuidar muito bem da minha vida sozinha!

— Sem dúvida! Já tive dois exemplos, num único dia, de como você é

capaz de se defender bem!

A mão de Norah crispou-se sobre a maçaneta. O tom sardônico de LeBeau impeliu-a a tentar bater a porta com violência, mas foi impedida de fazê-lo pela força daquele homem ameaçador.

Ele entrou no quarto e, trancando a porta atrás de si, caminhou em direção a jovem dominada pelo pânico.

Havia algo de implacável nos olhos que percorriam cada detalhe de seu corpo e Norah percebeu o quanto era vulnerável e fraca diante de tanta determinação. Desorientada, afastou-se até bater de encontro à cômoda. Não tinha mais por onde escapar!

Norah lembrou-se, tarde demais de quão transparente era sua camisola e a percepção de seu estado de seminudez fez com que ela envolvesse o corpo com os braços, num gesto instintivo de proteção. Mas os dedos longos e fortes envolveram seus pulsos, forçando-a a afastá-los.

Com a respiração descontrolada, LeBeau percorreu com o olhar o corpo frágil, parando por um instante na curva suave do pescoço para deter-se um longo tempo no contorno dos seios delicados.

Norah não se atrevia nem a respirar. Estava alarmada diante das sensações que a proximidade daquele corpo másculo despertava nela. Confusa e desorientada, manteve-se imóvel, inexplicavelmente, à espera e algo mais.

LeBeau sabia o quão inocente e sem experiência era aquela mulher, porém um impulso primitivo o impelia a tocá-la. Sua intenção ao entrar no quarto tinha sido a de assustá-la, obrigando-a a perceber os perigos que a rodeavam, mas o tiro saíra pela culatra. Um desejo intenso se apoderara dele e nem toda uma vida de disciplina férrea e domínio sobre seus atos conseguiria impedi-lo de tomá-la em seus braços.

Mal os corpos se tocaram, uma onda de terror envolveu Norah. Na sua inexperiência, ela deduziu que as reações sentidas fossem de medo e aversão. Afinal um desconhecido tomara atitudes íntimas permissíveis apenas a um marido!

Percebendo sua tensão, LeBeau conseguiu voltar à realidade e afastar-se. Onde estava com a cabeça? Além da convicção de jamais envolver-se com mulheres brancas, iria sentir-se atraído justamente pela noiva de Abner Slade? Colocando toda a frieza de que era capaz em seu tom de voz, incitou-a a se virar de frente para o espelho do quarto.

— Olhe-se bem, srta. O'Shea! A mulher que vê lhe parece capaz de se defender?

Norah não reconheceu a imagem refletida à luz fraca do abajur. A figura à sua frente tinha uma cabeleira rebelde emoldurando o rosto pálido e seus olhos brilhavam como safiras. O calor e a umidade haviam colado o

tecido fino da camisola em seu corpo e, sob a transparência, a sombra rosada dos mamilos acentuava o brilho de alabastro da pele exposta pelo decote modesto.

Como sempre, numa defesa instintiva, ela usou a raiva para esconder de si mesma a surpresa do inesperado e o pavor de uma situação desconhecida e fora de seu controle.

— Solte-me! Se você não tirar suas mãos de cima de mim, eu começo a gritar até acordar todos neste hotel ordinário.

— É mesmo? — Ele a segurou firmemente pelo queixo, obrigando-a a encará-lo. — Gritaria até que algum daqueles bêbados resolvesse vir juntar-se a nós para participar da festa? Ou imagina que eles acreditarão nos gritos de uma donzela em apuros. Você deveria ser mais sensata, moça!

Sentindo as mãos fortes relaxarem, Norah correu para o canto do quarto e pegou uma escova como arma de defesa.

— Não se aproxime nem mais um passo! Eu detestaria agredir um outro ser humano, mas não hesitarei em me defender.

A figura delicada brandindo um objeto de toucador como se tivesse uma espada nas mãos era tocante e ao mesmo tempo cômica. LeBeau lutou para sufocar o riso, mas a jovem estava tão apavorada que nem sequer notou a mudança de sua atitude.

— Não há motivos para preocupações, senhorita. Não vim até aqui com o intuito de macular sua pureza. Pretendia apenas provar-lhe o quão perigoso é abrir a porta de seu quarto a um homem... a qualquer homem, entenda bem!

— Se foi apenas essa sua intenção, sargento, não havia necessidade de humilhar-me mais do que o necessário! — Norah se envolveu num xale, rubra de vergonha. — Como ousou levar adiante o seu aviso? Um cavalheiro jamais teria me tratado assim!

Inexplicavelmente, a perplexidade e a mágoa estampadas naquele rosto delicado encheram LeBeau de fúria. Era um ato vil deixar uma jovem frágil e ingênua como aquela sozinha numa cidade cheia de homens rudes e ávidos por mulheres. Havia mais um crime a ser acrescentado à longa lista de Abner Slade!

— Eu não sou um cavalheiro, senhorita — explodiu LeBeau, jogando sobre ela toda a sua raiva. Aproximando-se, sacudiu-a como se fosse uma criança teimosa. — Ouça bem e nem pense em me desobedecer, está entendendo? Mantenha-se longe da janela, não saia deste quarto a não ser que haja um incêndio e por motivo algum abra sua porta a ninguém, a não ser para a camareira. Há ainda alguma dúvida, moça? Talvez eu não esteja por perto na próxima vez para salvá-la de sua própria insensatez!

Apesar de sua raiva e de um medo que beirava o pânico, Norah não

podia desviar os olhos daquele rosto de uma beleza atemorizante, esculpido em mármore dourado. A expressão era de raiva, mas havia algo hipnótico e indecifrável nos olhos que pareciam prendê-la num transe.

Em algum lugar do hotel, uma porta bateu trazendo-a de volta à realidade. Uma loucura a mantivera presa como um pássaro frágil sob o domínio de uma águia. Logo ela, que se julgava tão sensata e equilibrada, estava agora de camisola e muito próxima de um desconhecido... no seu quarto! Lutando para esconder o tremor das mãos e da voz, Norah se afastou.

— Muito obrigada por sua preocupação, sargento. Serei mais cuidadosa para evitar-lhe maiores transtornos.

— E para não criar uma situação difícil e talvez sem saída... para si própria, senhorita. Não abra a porta a ninguém.

— Não precisa repetir! Não deixarei ninguém entrar no meu quarto... nem mesmo você!

O sorriso irônico nos lábios de LeBeau não alcançou seus olhos toldados por uma estranha amargura.

— Não abra, principalmente para mim, senhorita.

Tão silenciosamente quanto chegara, LeBeau desapareceu, deixando Norah confusa diante de suas reações contraditórias. Nunca tinha sido tratada com tanta rispidez em toda a sua vida! E nunca estivera tão próxima do corpo rijo de um homem, percebendo com tanta intensidade as diferenças entre as formas femininas e suaves e a angulosidade masculina!

Incapaz de analisar suas emoções ao reviver os instantes de um contato que a deixara perplexa, ela fechou a janela. Como seria bom poder encerrar com a mesma facilidade o encontro de poucos minutos atrás!

Na rua banhada pelo luar, uma figura alta estava encostada a um poste, olhando para a sua janela. Como deixar de reconhecer no seu guardião atento o sargento LeBeau?

Por um longo tempo, Norah vagou pelo quarto, arrumando mais uma vez a mala já perfeitamente em ordem. Desejos sem nome acordavam de um sono profundo, mas ela não era capaz de definir seus anseios. Algo informe tomava conta de seu corpo, pedindo para ser apaziguado, um vazio imenso que clamava para ser preenchido.

Muitas horas depois, Norah olhou novamente pela fresta da janela. LeBeau permanecia em sua vigília como um anjo da noite.

Ele a ofendera, insultando-a como ninguém havia feito antes, e, no entanto, sua presença próxima a enchia de paz. Talvez tivesse encontrado um amigo naquela terra hostil... mas como reagiria o homem com quem iria casar-se na manhã seguinte?

Ao recordar-se de tudo o que a esperava mal o sol despontasse, Norah

se esqueceu do encontro perturbador para pensar nas terríveis mudanças prestes a ocorrer em sua vida, transformando-a por completo.

No silêncio da noite, LeBeau se debatia contra uma sensação de perda. Por que motivo insensato tinha se deixado envolver pela fragilidade daquela mulher? Em poucas horas, ela seria a esposa de Abner Slade e em poucas semanas... sua viúva!

Pois, no instante em que as suspeitas sobre aquele homem inescrupuloso fossem confirmadas... Abner podia se considerar um homem morto. E seu executor seria o sargento LeBeau!

CAPÍTULO II

É milagroso como a luz matinal afasta os terrores e as preocupações, sempre desproporcionais e insolúveis durante as trevas da noite.

Pela fresta da cortina, o sol iluminou o quarto até então sinistro e hostil, transformando-o num mundo colorido e brilhante. Norah sentiu o ânimo renascer, sem lembrar que tal esplendor de luz pela manhã ocasionaria o mesmo calor sufocante da véspera à medida que as horas passassem.

A perspectiva de ter chegado o dia de seu casamento deixou de aterrorizá-la e, cheia de entusiasmo, escolheu seu melhor vestido. Afinal, era ela a noiva!

Uma dúvida preocupante surgiu e logo foi afastada: e se Abner não viesse a seu encontro? A fome porém foi mais forte e o temperamento pragmático de Norah a levou a procurar resolver em primeiro lugar os problemas práticos. Sua impaciência em receber notícias do noivo teria que esperar até depois de um saudável café da manhã.

O barulho de louça e talheres guiou-a até uma saleta estreita, onde ela deu graças a Deus por ser a única ocupante, pois todos os outros hóspedes do rústico hotel já haviam tomado seu desjejum.

Durante sua longa viagem, Norah se apercebera de como são necessários momentos de privacidade e solidão. Até Santa Fé, a presença da viúva Hay, tagarela e bem-humorada, tinha sido uma distração providencial, impedindo que seus pensamentos tomassem um rumo perigoso, mas, por outro lado, não lhe dera um momento de paz e recolhimento.

Se ao menos Abner chegasse, ela não seria obrigada a passar, mais uma vez, pela situação desagradável de dormir num hotel cheio de homens! A solução mais lógica que se apresentava naquelas circunstâncias era ir até a Missão de Santa Madalena e ficar sob a proteção do padre Ildefonso. Além de ser seu padrinho de batismo, ele podia ser considerado o arquiteto desse

casamento, pois insistira para que ela se correspondesse com Abner e iria casá-los na capela da missão.

O som de vozes no vestíbulo do hotel levou Norah a deixar sua xícara de café pela metade, aflita por notícias do noivo. No entanto, encontrou o mesmo indivíduo insolente da véspera, que continuava a fitá-la com um olhar cheio de curiosidade e descaramento.

— Sinto muito, dona, mas o sr. Slade não chegou nem mandou nenhum recado.

— Então o senhor poderia dizer-me onde encontrar uma condução para a Missão de Santa Madalena? — pediu Norah, tentando mostrar-se confiante apesar da inquietação que sentia e que aumentara consideravelmente ao notar a expressão maliciosa do porteiro.

— Bem... O sargento LeBeau apareceu por aqui bem cedinho e avisou que já tomou todas as providências.

— Mas como?! Que tipo de providências?

— Ah! Isso eu não sei, dona. Só disse para a moça ficar bem quietinha aqui até ele chegar.

— Transmita-lhe os meus agradecimentos, por favor — murmurou ela, lutando para controlar a raiva diante da ousadia de LeBeau. — Ele foi muito gentil, porém prefiro dispensar a ajuda de um desconhecido. Poderia informar-me qual o método mais rápido de conseguir uma condução por aqui?

— O ferreiro tem uma carroça para alugar, mas a missão é bem longe e, com o sol, o caminho parece ficar mais comprido... ainda mais quando a pessoa não conhece a região. — O homem olhou para as mãos brancas e sem calos de Norah com um ar caçador. — Alguma vez já segurou as rédeas de uma parelha em sua vida, dona?

Ela enrubesceu, mortificada, mas escondeu seu embaraço usando uma expressão altiva e fria.

— Realmente, senhor, minha educação não inclui esse tipo de atividade!

— Posso saber o que sua educação tão aprimorada lhe ensinou, afinal?

A voz de LeBeau, carregada de desprezo, provocou em Norah uma sensação de desapontamento e perplexidade. Onde estava o homem que a salvara tão galantemente na tarde anterior e se mantivera numa vigília silenciosa durante a noite? Ou LeBeau tinha se transformado em poucas horas ou ela se enganara completamente a respeito de suas atitudes cavalheirescas! De alguma maneira, uma necessidade de autodefesa sobrepujava todas as outras sensações quando se via diante daquele desconhecido. Mas, por que justificar-se, se ele não tinha direito algum de intrometer-se em sua vida?

— Minha educação, se é que isso lhe interessa, sargento LeBeau, foi mesmo bastante refinada. Aprendi tudo o que é necessário para tornar uma

mulher bem informada na nossa sociedade mais fina — replicou Norah, sem perceber que reagira exatamente como ele queria. — História, Francês e Latim eram minhas matérias preferidas, mas havia também Filosofia, Literatura, Matemática e Geografia, sem contar as disciplinas sociais, como Etiqueta e Artes.

— Mas nada disso a levará até Santa Madalena, não é verdade?

— Eu estava falando com este cavalheiro, não com o senhor, sargento LeBeau! — explodiu Norah, justificando sua grosseria pela atitude rude daquele homem, que parecia disposto a desvalorizar suas menores ações. — Poderia me dizer onde encontrar o ferreiro?

Antes que o porteiro respondesse, LeBeau novamente se fez ouvir, com um tom de voz propositalmente provocador.

— Se não quer ir até a missão, poderia, ter me avisado...

— Mas eu vou para lá! O padre Ildefonso é um velho amigo e me acolherá até a chegada do sr. Slade. E, se me der licença, tomarei as minhas providências a respeito de um transporte, sem necessidade de sua autorização.

— À vontade, senhorita! No entanto, não chegará nem perto de Santa Madalena se for sozinha. Sem dúvida, será mais um dos muitos esqueletos pelos quais os coiotes lutam... Um fim trágico demais para uma moça tão bonita, não concorda?

Norah empalideceu, sabendo que ele não estava apenas assustando-a. A vida naquela região era dura demais para uma mulher!

A expressão de LeBeau se suavizou ao perceber o terror na fisionomia de Norah. Ele não sabia por que sentia esse instinto protetor em relação àquela jovem. Afinal, ela era a noiva de Abner Slade e, durante a longa noite de vigília em frente ao hotel, decidira não se envolver mais. No entanto, lá estava ele.

— Estou de partida para o Forte Greenwood, que fica a uma pequena distância da missão, e poderei levá-la, se quiser, é claro. Chegaríamos perto do final da tarde e o capitão Gartner e sua esposa poderiam hospedá-la por uma noite. Na manhã seguinte alguém a acompanharia até a missão do padre Ildefonso.

— Bem...ficarei muito grata ao senhor — ela se forçou a falar com educação, pois detestava ficar devendo mais um favor a LeBeau. — Quando partiremos?

— Assim que estiver pronta, senhorita.

— Preciso apenas trocar de roupa. Peça ao porteiro para ir pegar minhas malas em exatamente cinco minutos.

LeBeau escondeu um sorriso de aprovação diante da firmeza da jovem. A srta. O'Shea era o tipo de mulher que ele mais desprezava: uma boneca

mimada, sem firmeza de caráter necessária para sobreviver no Oeste. No entanto, sabia tomar uma decisão e agir sem os rodeios ou falsos pudores tão comuns às jovens do Leste!

Ao vê-la subir as escadas com uma graça espontânea e sem artifícios, as mesmas imagens perturbadoras que o haviam mantido acordado durante toda a madrugada voltaram a tirar-lhe a paz.

Apesar da lona rústica servindo de capota e do chapéu de abas largas protegendo-a do sol direto, Norah tinha a impressão de estar atravessando o inferno. A luz se refletia no solo arenoso e nas pedras nuas à beira da estrada, transformando tudo à sua volta num mar de intenso calor. Como ela gostaria de não ter apertado tanto o espartilho! Mas nem mesmo o desconforto da carroça ou a sensação de falta de ar, a impediam de apreciar a beleza primitiva da paisagem.

A planície árida e monótona se transformara drasticamente. Rochas gigantescas e de formas estranhas brilhavam ao sol em tons do vermelho-sangue até o rosa-pálido, passando pelo laranja e violeta. Cactos e iúcas pareciam pincelados de tinta verde num quadro de cores gritantes, ela jamais imaginara a existência de um colorido tão intenso ou formas tão magníficas. Se não fosse aquele calor sufocante...

— Nunca chove por aqui? — perguntou ela, mais interessada em romper o silêncio pesado do que em conhecer o clima da região.

— Está se sentindo mal por causa do sol, senhorita?

— Absolutamente não! Só imaginava se é possível uma pessoa derreter como uma vela! Quando chegarmos ao forte haverá apenas um pouco de cera derretida em meu lugar! Afinal... chove ou não?

— Bem pouco, mas, quando a água molha o chão, o deserto se torna um jardim da noite para o dia.

LeBeau olhou para a jovem pela primeira vez desde que haviam deixado o vilarejo e notou a palidez do rosto, visivelmente afetado pelo calor. Como se estivesse hipnotizado, acompanhou com o olhar uma minúscula gota de suor que descia pelo pescoço esguio em direção ao decote. Seus olhos não viam mais nada além da pele sedosa exposta à luz do sol. Com um esforço sobre-humano, procurou desviar seus pensamentos de um rumo perigoso demais e, considerando que ela não suportaria aquele calor por muito tempo, dirigiu os cavalos para a sombra formada por uma rocha saliente.

— Tome um pouco de água — disse LeBeau, estendendo um cantil a Norah. — Não precisa morrer para provar nada a ninguém. Vamos descansar um pouco até você sentir-se melhor.

— Estou ótima! Pretendo alcançar o quanto antes o Forte Greenwood, e vou chegar lá!

— Sem dúvida! Só não quero entregar um cadáver ao padre Ildefonso.

— LeBeau segurou-lhe o braço com um movimento rápido. — Seu pulso está forte demais, deveríamos ter parado uma hora atrás.

Os olhares se encontraram e Norah sentiu os dedos de LeBeau deslizarem em seu braço numa carícia suave, como o roçar das asas de uma borboleta. Uma estranha magia transformou o deserto no local onde não havia passado nem futuro, onde apenas pulsava o momento presente.

Esquecido de tudo, os dois perceberam o instante exato em que suas personalidades se fundiram, perdendo a identidade e com os corações a bater na mesma cadência. A natureza primitiva e selvagem os transformara numa única força: o turbilhão violento e irresistível do desejo.

O relincho dos cavalos os trouxe de volta ao mundo. LeBeau soltou o braço de Norah com um gesto brusco e seus olhos evitaram os dela, fugindo em desespero do abismo de uma paixão desenfreada. Numa reação incontrolável, fitou-a depois como se fosse uma inimiga.

— Pegue o cantil, molhe-se um pouco e aproveite para tirar algumas dessas roupas ridículas!

O fato de LeBeau estar sendo sensato não impediu que a raiva de Norah crescesse diante do tom agressivo e cheio de rancor. Ela fez um esforço para não replicar no mesmo tom e seu bom senso conseguiu triunfar.

— Está bem, mas, por favor, vire-se de costas.

— Vou deixá-la sozinha enquanto seco minha camisa — declarou LeBeau, saltando da carroça com uma energia que deu inveja a Norah.

Ele se afastou como se estivesse sendo perseguido por demônio; Precisava sair de perto daquela jovem que o perturbava de uma maneira indescritível. Norah representava a mulher branca vim do Leste, acostumada a uma vida fácil demais e despreocupada para enfrentar os rigores da terra rude do Oeste. Seu ambiente ideal eram os salões requintados e seguros onde as senhoras se vestem de seda e rendas e bebem apenas chá.

Mas, num contraste inesperado, ela também demonstrava qualidades dignas de admiração e essa verdade era mais difícil de ser encarada por LeBeau. Inteligente e corajosa, Norah emanava uma sensualidade que ele ansiava em despertar. Não havia dúvidas em sua mente de que Norah jamais fora tocada por homem algum e reagiria com paixão às carícias de alguém com sensibilidade e percepção. No entanto, seria Abner quem tomaria nas mãos aquele corpo virgem, iniciando-o no mundo secreto das intimidades entre um homem e uma mulher.

A imagem de Slade acariciando a pele alva daquela jovem inocente com suas mãos criminosas provocava uma raiva incontrollável em LeBeau.

Rapidamente Norah tirou um dos saíotes e lutou contra a tentação de tirar o espartilho. Mas a força de costumes rígidos a impediu de dispensar aquela peça do vestuário, incômoda em qualquer ocasião e torturante com um calor intenso. Tirando as meias, ela molhou as pernas com o lenço de LeBeau. Mas parecia-lhe um ato íntimo demais tocar sua pele com algo que ele usava tão próximo do corpo!

Uma pressa irracional de voltar para a carroça e fugir o mais depressa possível da influência daquela situação perigosa, indo para a segurança da proteção do padre Ildefonso, impeliu Norah a se arrumar com toda a rapidez.

— Pode voltar, estou vestida!

A única resposta foi o silêncio do deserto. A idéia de que o calor tivesse finalmente atingido aquele homem, de aparência inalterável sob o sol causticante, deixou-a em pânico. O que faria sozinha naquela região árida e desabitada?

Saindo da sombra, Norah levou alguns segundos até se acostumar à luz intensamente branca do sol, refletindo sua claridade na imensidão da planície deserta.

Aos poucos, a silhueta de LeBeau surgiu diante de seus olhos, uma sombra negra recortada sobre o horizonte dourado.

Norah ficou imóvel e quase sem respirar diante da fascinante visão do torso másculo onde força e elasticidade se mesclavam num desenho harmônico. Ângulos enérgicos e músculos sinuosos se completavam num jogo de luz e sombra, e a beleza perfeita do corpo masculino seminu à sua frente a fez lembrar-se das magníficas estátuas gregas. Por um instante, ela sentiu uma curiosidade intensa de admirar não apenas uma parte mas o total daquela escultura.

Aborrecida, reconheceu que tentava inutilmente absorver o impacto da virilidade de LeBeau sob a proteção de seu lado intelectual. Mas o fato de saber que não estava diante de uma obra de arte em mármore frio, inofensiva em seu pedestal e sim frente a um homem, de pele quente e movimentos repletos de vigor animal, a transformava por completo.

Ao levantar os olhos, LeBeau viu a expressão fascinada de Norah e sua fisionomia ficou tensa.

Quando seus olhares se encontraram, nenhum dos dois teve forças para lutar contra a corrente que se estabeleceu entre eles. Tudo ao redor cessou seu movimento: o deserto e a infinidade de formas de vida animal daquele universo árido se imobilizaram, parados no tempo.

Nem mesmo quando ele se dirigiu até ela em passos rápidos, deixou de

fitar os olhos brilhantes, como turquesas cintilando ao sol.

— Por que não ficou me esperando na sombra? Você não tem juízo? — explodiu LeBeau, segurando-a com violência pelos ombros. — Tenho vontade de voltar para Greenwood e colocá-la na primeira diligência de volta a Boston!

O calor e o nervosismo causado pelos contratempos da longa viagem já haviam descontrolado Norah. O fato de estar tão próxima daquele homem perturbador e nu até a cintura foi a última gota d'água.

— Não! Eu não vou voltar! O que você sabe de minha vida numa cidade como Boston? Já viveu lá? A monotonia implacável de ver as mesmas casas e pessoas, ouvir as mesmas conversas, sabendo que cada dia, mês e ano de sua existência serão absolutamente iguais... sem ter como fugir...

Norah afastou os cabelos do rosto corado de raiva e levantou o queixo numa atitude belicosa.

— Nunca mais quero viver enclausurada! Você me criticou, censurou e humilhou a cada passo, mostrando seu desprezo sem disfarces. Pode continuar agindo assim o quanto quiser, mas não me convencerá a voltar.

— Foi essa a sua intenção ao vir para o Oeste, srta. O'Shea? Uma mudança de cenário para aliviar seu tédio? Veio nos ver como animais num zoológico?

Antes que LeBeau pudesse continuar, Norah enfrentou-o, mostrando no olhar sua perplexidade diante do ataque violento e inesperado.

— Por que quer que eu volte? Por que me detesta tanto? O que eu lhe fiz de mal?

Não foi com palavras que ele respondeu àquela pergunta, que oscilava entre o lamento e a acusação. A boca de LeBeau aproximou-se com a deliberação de uma águia cortando os céus para descer sobre a vítima indefesa e Norah não pode defender-se ou impedi-lo. Antes de que o choque diante da ousadia daquela ação a levasse a reagir, um outro impacto muito mais intenso derrubou suas defesas.

Sensações perturbadoras surgiam apenas para ser engolfadas por outras tão desconhecidas quanto inquietantes. O contato dos lábios, progressivamente mais intenso, as mãos de LeBeau em seus cabelos, tudo contribuía para que Norah não desejasse fugir e sim entregar-se por completo.

Protegida pelos muros castos de um colégio feminino, ela jamais tocara antes a pele cálida de um homem. Nem sentira a proximidade de um corpo másculo, amoldando-se ao seu. Os raios do sol já não importavam, ela estava se dissolvendo nos braços de LeBeau, tomada por um calor mais destrutivo!

O beijo se prolongou, desdobrando-se em carícias sempre mais ousadas, e Norah se deixava levar, como folha na torrente, quando, para sua

surpresa, ele a soltou.

— Será que isso responde a sua pergunta?

O rosto tomado de desejo refletia a luta entre o anseio de prolongar aqueles momentos ou ouvir a voz da razão. E finalmente a emoção vencedora foi a fúria de ter perdido o controle. Ele poderia desculpar a ignorância e a fragilidade de Norah, desacostumada aos rigores do Oeste, ou o fato de ser a noiva de um homem como Abner Slade. Afinal, ela não o conhecia. Mas imperdoável e inadmissível era o efeito que aquela mulher tinha sobre suas emoções!

Afastando-se silenciosamente, LeBeau voltou à carroça.

O silêncio os acompanhou por um longo tempo. Minutos tensos completaram horas e Norah pôde analisar seus pensamentos tumultuados. Mesmo sem se comunicar, ela percebia que as emoções de LeBeau espelhavam as suas.

A vergonha por ter se entregado com tal abandono aos beijos de um desconhecido a atormentava e o fato de ter sido ele a recuperar o controle a deixava inquieta diante de sua fraqueza.

As mãos fortes de LeBeau guiando a carroça despertavam o desejo de senti-las novamente acariciando-a. Ele tinha o poder de despertar seus sentidos de modo jamais imaginado, mas era o único culpado. O beijo fora tão perturbador que Norah tinha dúvidas se reagiria contra ele caso houvesse uma nova oportunidade.

Mas, no fundo, sabia que não seria prudente nem recatada e só podia rezar para LeBeau mantivesse o controle sobre as próprias emoções.

Na planície sem fim, a paisagem parecia repetir-se indefinidamente. Quando LeBeau apontou ao longe o Forte Greenwood, a imensidão dos canyons o tornavam uma mancha insignificante no horizonte. Só depois de uma hora, o posto militar deixou de ser uma construção frágil para se tornar um impressionante fruto do trabalho humano naquela região onde as imponentes muralhas eram obras divinas.

Perturbada pelo contato tão íntimo com uma natureza agreste e incontrolável, Norah entrou em pânico ao perceber a pequena nuvem de poeira amarela crescer, vindo rapidamente em direção à carroça.

— Céus! O que é isso? Há tornados ou ciclones por aqui?

— São apenas alguns curiosos do forte que vêm para recepcioná-la. É tão grande a falta de mulheres finas nesta região que não agüentaram esperar para saber quem é a minha acompanhante.

A nuvem os alcançou e, em meio a gritos e ao ruído ensurdecedor dos cavalos, Norah viu um oficial jovem cavalgando ao seu lado.

— Seja bem-vinda ao Forte Greenwood, senhorita. Sou o tenente Anthony Newcombe, às suas ordens.

Tão rapidamente quanto chegara, o redemoinho de sons e poeira os deixou e a carroça seguiu seu ritmo lento até alcançar os sólidos portões de enormes troncos que impedir a entrada de estranhos ao forte.

Mesmo sendo bastante pequeno em relação a outros postos militares, pois aquela região não apresentava grandes perigos, as construções internas do Forte Greenwood eram muito mais numerosas do que as do vilarejo, e diversas casas pintadas de um branco imaculado surpreenderam Norah.

— Que maravilha! É uma cidade!

LeBeau sorriu do entusiasmo da jovem e dirigiu a carroça até uma construção mais elaborada, onde um homem moreno e alto os esperava com uma expressão de curiosidade.

— Esta é a srta. O'Shea, capitão Gartner. Ela chegou em Greenwood ontem e não tinha como ir ao encontro do padre Ildefonso Como eu não poderia deixá-la sozinha lá, trouxe-a para o forte até que se encontre uma solução para os seus problemas — explicou LeBeau, descendo da carroça, como se a partir daquele momento já não tivesse mais responsabilidade alguma naquela situação.

— Seja bem-vinda ao forte, senhorita. — Enquanto falava o capitão a ajudou a descer da carroça. — Tomarei as providências necessárias para que chegue à missão, mas, até então, eu e minha esposa teremos todo o prazer de recebê-la em nossa casa.

Embora surpresa pelo fato de o posto mais alto ser ocupado por um militar tão jovem, Norah imediatamente confiou no sorriso franco daquele homem seguro e amigável. Sabia, sem dúvida alguma, ter encontrado alguém em quem confiar nos momentos difíceis.

— Agradeço a sua gentileza, capitão. Minha situação é realmente penosa, pois meu noivo, o sr. Abner Slade, que devia estar à minha espera em Greenwood, não apareceu. Com certeza teve algum contratempo, porém eu não poderia mais ficar naquele hotel e por isso decidi ir até a missão. Padre Ildefonso me conhece desde a infância.

Ao explicar a ausência do noivo, Norah percebeu que a fisionomia do capitão se transformou após ouvir o nome de Abner Slade. As feições abertas perderam a espontaneidade e, no olhar, surgiu uma sombra de suspeita.

— Conhece o sr. Slade, capitão?

— Sim. O forte já teve alguns contatos com ele no passado... comerciais, é claro... — Como se o assunto o incomodasse, o capitão segurou o braço de Norah. — Deve estar cansada depois de uma jornada tão longa, senhorita. Vou levá-la até o quarto de hóspedes, que, infelizmente, não é em minha casa. Começamos a construir um, mas a minha esposa está grávida e teve problemas de saúde nos primeiros meses, por isso interrompemos os

trabalhos. Aliás, ela não veio recebê-la junto comigo pois deve repousar o mais possível.

— Por favor, capitão, não quero perturbá-la — murmurou Norah, mas, ao divisar a construção a sua frente, esqueceu-se de tudo o mais. — Oh! É a primeira casa bonita que eu vejo há dias!

O capitão agradeceu com um sorriso de orgulho. Seu lar era realmente encantador e fonte de uma felicidade intensa.

— Logo ao lado são os cômodos que reservamos aos hóspedes. Mandarei um ordenança trazer sua bagagem e água quente. Jantaremos dentro de meia hora, mas não se apresse, nós esperamos. Virei buscá-la quando estiver pronta.

Vários quartos se abriam para um pequeno jardim inesperadamente verde naquela região árida. No interior, a penumbra e a temperatura agradável tornavam aconchegante o pequeno cômodo branco e mobiliado com simplicidade e bom gosto.

— Não haverá necessidade de atrasar o jantar por minha causa, capitão. Estarei pronta em meia hora e, como sua casa fica a menos de cinqüenta metros, posso ir sozinha.

Tão logo o ordenança trouxe a água, Norah tirou o vestido empoeirado e o espartilho, respirando aliviada por se ver livre daquela tortura. Vestida apenas com um corpete de algodão diáfano, soltou, os cabelos, que caíram como um manto negro sobre suas costas. Quando ouviu baterem à porta, abriu sem refletir.

À sua frente viu a silhueta inconfundível do sargento LeBeau!

O incidente daquela tarde estava ainda muito vivo na lembrança de ambos e, temerosa de sua fraqueza, Norah tentou fechar a porta. A mão dele no batente a impediu e um rápido olhar à fisionomia atraente e irônica trouxe de volta as mesmas emoções perturbadoras.

— Este é um acampamento militar, senhorita. Aconselho-a a pensar nisso até partir.

— O que deseja, sargento? Dar-me conselhos? Estou tentando vestir-me para o jantar e você...

— Então, sugiro que me deixe entrar, pois vim trazer a sua bagagem.

— Espere um momento. Eu... preciso vestir-me e... — Ela foi tomada de uma raiva imensa por fazer sempre papel de tola diante daquele homem. — Quer fazer o favor de fechar a porta?

— Se a senhorita deixar que eu tire a mão...

Norah viu o brilho divertido nos olhos de LeBeau e ergueu o queixo, indignada. Ele já zombara demais de sua inexperiência em um único dia! Tinha o dom de arrasar seu orgulho com uma única palavra e abalar seus conceitos de educação e solidez com um sorriso irônico.

O mais grave efeito daquele homem sobre ela, porém, era o de fazê-la esquecer-se de promessas com apenas um olhar, onde o desejo brilhava intensamente. Todos os seus planos de um futuro organizado e sem surpresas haviam desaparecido no momento em que seus lábios se tocaram. Nunca tendo recebido mais do que um beijo casto no rosto ou na testa, Norah não imaginara o poder existente em uma carícia tão íntima, capaz de mudar os rumos de uma vida.

Usando seu único vestido apropriado a um jantar, Norah atravessou o pequeno pátio que separava o alojamento de hóspedes da residência do capitão. Estava ansiosa por dar uma boa impressão à sra. Gartner que poderia irritar-se por ser forçada a receber uma hóspede inesperada.

Um ordenança abriu-lhe a porta e ela constatou que, se não fosse pelo calor sufocante, aquela casa poderia pertencer a qualquer família de Boston. Apenas um detalhe a diferenciava de tantos outros lares que Norah freqüentara: não havia plantas entre os móveis, pois não resistiriam ao calor!

Uma mulher frágil e de cabelos dourados ergueu-se para recebê-la. As faces muito rosadas e o sorriso tímido a faziam parecer ainda uma adolescente.

— Boa noite, srta. O'Shea. Sou Abigail Gartner, a esposa do capitão. Estou encantada por recebê-la em nossa casa.

A imagem de uma senhora de trinta anos, de formas amplas e pele queimada de sol, dissolveu-se diante da mulher muito jovem e evidentemente requintada. Sem dúvida aquele casamento tinha sido decidido pelos pais dos noivos, pois havia uma diferença de idade muito grande no casal.

— Seremos apenas quatro hoje. Nossa comida é muito simples, mas fico feliz por termos sua companhia.

— Depois do desjejum desta manhã naquele hotel rústico, nada poderia ser tão bem-vindo quanto uma comida caseira e saborosa. Nem pode imaginar como fico aliviada por estar numa casa de família.

— Nós sempre recebemos viajantes, mas nunca mulheres. Espero convencê-la a ficar mais tempo em nossa casa.

— Estou ansiosa por encontrar o padre Ildefonso, pois sem dúvida ele terá notícias de meu noivo. Enquanto isso, será um enorme prazer contar com sua hospitalidade.

Em muito pouco tempo, as duas conversavam como se fossem velhas amigas. Apesar de ser bem mais velha, Norah sentiu que havia encontrado uma amiga gentil e amorosa, com quem poderia contar nos primeiros e difíceis passos de sua nova vida.

O espelho lateral da cristaleira refletia a imagem tranqüila de duas

jovens amigas, mas Norah ficou intrigada com o contraste de seu rosto pálido, devido ao calor, e o corado intenso de Abigail. Onde ela já vira antes alguém de pele muito branca e faces tão rosadas?

A chegada do capitão a distraiu e, ao ver o olhar trocado entre o casal, constatou que suas conclusões quanto a um casamento arranjado, tinham sido apressadas demais. Havia muito amor entre os dois, uma ligação profunda e visível a qualquer observador. Como ela gostaria de estabelecer com Abner um relacionamento assim intenso e envolvente!

E, como sempre acontecia ao pensar em casamento, não foi a imagem de seu noivo que surgiu diante de Norah. Um rosto másculo e atraente a fitava com olhos sombrios e atormentadores. Olhos da cor de um lago profundo sob a tempestade...

Com a chegada do tenente Newcomb, o rapaz loiro e de olhos azuis que a recebera aquela tarde, os quatro se dirigiram para a sala de jantar, bastante formal e com velas à mesa.

Norah sentia-se de volta ao ambiente civilizado a que sempre pertencera. A excelente comida e o desembaraço de Abigail Gartner como anfitriã tornaram descontraída e agradável a reunião, durante a qual apenas os olhares insistentes e cheios de admiração do tenente perturbaram o bem-estar de Norah.

— Que tal programarmos alguns passeios? — sugeriu Newcomb. — Um piquenique num canyon pitoresco?

— Ótima idéia! — exclamou Abigail, entusiasmada. — E também um baile e...

— Por favor! Não façam planos contando comigo! Preciso ir para Santa Madalena o mais rápido possível, pois o padre Ildefonso está à minha espera. — Voltando-se para Newcomb, ela explicou-lhe a situação: — Eu ia casar-me hoje, mas, infelizmente, meu noivo não pôde chegar em tempo.

— Noivo?! — exclamou Newcomb, mostrando todo o seu desapontamento. — E quem é o felizardo?

— Abner Slade.

O som de cristal se partindo rompeu o silêncio da mesa com um eco às palavras de Norah. Choque, espanto e incredulidades sucederam na fisionomia de Newcomb, enquanto o copo que tinha nas mãos caía sobre o prato de porcelana espalhando o vinho tinto na toalha imaculada.

A entrada do ordenança com uma mensagem aliviou a tensão reinante na mesa, mas Norah percebeu claramente o olhar trocado por Gartner e Newcomb. Era mais do que evidente, pelos sinais à sua volta, que eles não apreciavam seu noivo e, mesmo sem saber o motivo, esperava que esse fato não prejudicasse sua amizade com Abigail.

— O sargento LeBeau avisou o padre Ildefonso de sua chegada. Ele lhe

mandou lembranças e, como não tem notícias de Slade, sugere que você fique aqui conosco, embora esteja ansioso por uma visita sua — informou o capitão.

— Fique, Norah! Por favor! Há tanto tempo não tenho uma amiga! Oh! Dentro de duas semanas é o meu aniversário, você não pode ir embora antes! Prometo-lhe que iremos várias vezes até a missão durante esse tempo!

Norah ficou comovida com o entusiasmo da jovem e, ao ver a insistência dela e do marido para que permanecesse, suspeitou que ambos gostariam de aproximá-la do tenente. Sem dúvida, eles ignoravam que um noivado era tão solene quanto um casamento para os católicos. Também era nítida a admiração do rapaz, fato que ela atribuía à falta de jovens solteiras naquela região. Se ficasse, poderia dar a impressão de estar encorajando-o... mas gostaria tanto de passar alguns dias com Abigail!

— Bem, se você prometer não se cansar demais por minha causa, eu adoraria ficar aqui até ter notícias de Abner.

— Que maravilha! Podemos ir até a missão depois de amanhã, está bem?

— Convocarei alguém para escoltá-las — interveio o capitão Gartner, sorrindo diante da euforia da esposa.

— Charles querido! Você é preocupado demais! Não há a menor necessidade de escolta. Seus homens patrulham constantemente a área entre o forte e a missão e já não temos tido nenhum problema com índios há meses. Estaremos bem. Afinal... o que pode acontecer de perigoso em plena luz do dia?

Uma brisa gelada pareceu soprar sobre Norah, que olhou à sua volta, surpresa. As cortinas continuavam imóveis, sem o menor sinal da existência do mais débil sopro de vento. Não podia ser medo, pois ela estava ansiosa para ir até Santa Madalena e não duvidava da segurança da região patrulhada pelos homens do capitão Gartner. E, afinal, nada de perigoso poderia acontecer em plena luz do dia. Ou poderia?

Na mente de Norah não surgiram visões de acidentes terríveis ou ataques de índios. Seu maior temor, impossível de ser admitido, era ver aquela atração perigosa e indescritível crescer até atingir um ponto em que não houvesse como controlá-la.

Um homem fascinante, de olhos cor da chuva de inverno, tomara conta de seus pensamentos e, se não lutasse contra isso, se apoderaria também de seu coração.

E ela estava noiva de outro...

CAPÍTULO III

A brisa fresca da manhã agitava os vestidos primaveris de Norah e Abigail, fazendo-os tremular como bandeirolas coloridas na paisagem de tons amarelados do deserto.

Como a Missão de Santa Madalena era bem distante, Abigail aproveitou para dar a Norah algumas lições de sobrevivência frente àquela natureza inóspita.

— Se você se perder algum dia, precisa conhecer quais as plantas que podem ajudá-la a permanecer viva até ser encontrada.

— Por Deus! As suas informações estão tendo um efeito contrário! Não pretendo arriscar-me sozinha nesta região onde só há pedras e cactos. Nunca!

— São exatamente esses cactos que irão salvar sua vida. Está vendo aqueles menores e redondos?

— Os mais feios?

— Pois dentro deles há água e impedirão que morra de sede. Mas preste bem atenção, os mais escuros são venenosos.

— Parecem exatamente iguais! — Norah balançou a cabeça, desanimada. — Ainda ontem, o sargento LeBeau afirmou que minha educação refinada não me preparou para sobreviver aqui no Oeste, e fiquei furiosa. Mas suspeito que ele tenha toda a razão!

— É preciso tempo para entender esta região agreste e eu sei muito bem como pode ser difícil. Quando cheguei ao forte, há pouco mais de um ano, estava tão despreparada quanto você. Até então, acreditava que hortelã e camomila eram os únicos remédios não comprados em farmácias. Depois que a irmã Tomasina começou a me ensinar as propriedades medicinais das plantas é que fui me tornando uma verdadeira mulher do Oeste.

— Ah! Mas eu sou ainda mais inexperiente, Abigail! Jamais dirigi uma charrete quanto mais estas pesadas carroças. Nunca houve necessidade, pois a srta. Emerson, a dona da escola, tinha uma carruagem com cocheiro à nossa disposição. Há muito que aprender.

— Ficarei feliz em ajudá-la!

Norah se voltou para Abigail a fim de agradecer-lhe e notou como a jovem estava corada. Novamente a imagem de um rosto de colorido semelhante veio à sua mente, porém não conseguia lembrar-se de quem era nem por que essa recordação a angustiava tanto. E, como na véspera, ela não forçou a memória, pois ao longe já se podia avistar Santa Madalena.

O apogeu das missões espanholas dominando a região do Novo México e Arizona já findara, porém restavam as sólidas edificações que haviam abrigado os enormes conventos.

Uma grande parte das construções da Missão de Santa Madalena ruíra por falta de mão-de-obra humana para mantê-las, mas a torre da igreja ainda se erguia imponente e os frondosos cedros ladeavam a estreita estrada até o pesado portão de carvalho, bem no centro dos muros de proteção.

Uma garota de olhos escuros e amendoados abriu-lhes o portão, surpreendendo Norah por sua beleza perfeita.

— Quem é essa moça? Alguma das noviças?

— Santa Madalena já não é mais um convento e restaram apenas o padre Ildefonso e três freiras que dirigem a escola. Essa garota é uma das alunas, "Gazela Arisca", e irmã Cecília se preocupa demais com ela. A pedido da irmã, tentei ajudá-la com suas tarefas, esperando que a menor diferença de idade entre nós facilitasse a comunicação. Mas ela continuou tão arisca quanto indica seu nome. A única esperança é encontrar logo um homem que a aceite para esposa, apesar de não ter dote.

Norah olhou novamente para a jovem em pé ao lado do portão e ficou fascinada com os traços perfeitos e a longa cabeleira negra em contraste com a pele dourada. Apesar do uniforme quase infantil, o corpo esguio já se tornara provocante e no rosto, ainda juvenil, os olhos eram os de uma mulher experiente.

— Sendo tão linda e com tanta falta de mulheres nesta região, quem irá preocupar-se com a falta de um bom dote? Algum homem se apaixonará só ao ver tanta beleza!

— Não tenho tanta certeza... — murmurou Abigail com um ar de dúvida e apontou a construção à sua frente. — Ali é o antigo convento e os dormitórios onde ficam as internas. Depois que você conversar com o padre Ildefonso, eu a levarei até lá para conhecer as irmãs.

Norah e Abigail atravessaram o amplo pátio sombreado por velhos plátanos, à volta dos quais ficavam as construções da missão: a igreja bem ao centro, a reitoria, a escola e o convento. Através das janelas abertas, podia-se ouvir a voz de uma freira ensinando geografia e ver um grupo de garotas, de peles em diversas nuances de moreno, mas nenhuma tão bela quanto "Gazela Arisca".

— Quem está com as alunas hoje é a irmã Tomasina, a enfermeira, pois a irmã Imaculada ficou doente. Além das duas, há a irmã Cecília, a predileta de todos. — Abigail teve uma súbita inspiração. — Você poderia dar aulas às garotas enquanto o sr. Slade não chega!

— Já havia pensado nisso, porém não sei uma palavra de espanhol.

— Eu sei e nós duas trabalharíamos juntas. Ah! Seria uma atividade a mais. Minha vida é tão monótona no forte! Nenhum dos outros oficiais tem esposa e, pelo menos por alguns meses...

O sorriso de Abigail estampava o encanto de pensar no filho por nascer, sua dádiva de amor e devoção ao marido.

Norah sentiu uma emoção profunda ao ver a felicidade que transformava o rosto da amiga. Quem sabe também ela teria esse mesmo brilho interior dentro de poucos meses? Pensando num filho, ela fez o firme propósito de se esforçar ao máximo para criar um lar feliz e cheio de amor. Abner jamais se arrependeria de ter se casado com uma mulher vinda do Leste, pois faria o impossível para viverem em harmonia. Ao imaginar-se com um bebê nos braços, todos os seus temores e dúvidas se desvaneceram como por encanto. E, com eles, a visão do rosto fascinante de LeBeau, que se gravara em sua mente, também esmaeceu.

Entre os prédios singelos e muito brancos da missão, pairava uma paz infinita, uma serenidade nascida da comunhão de almas visando atingir algo acima das vaidades humanas.

— O padre Ildefonso deve estar na igreja. Vá ao encontro dele, Norah, enquanto levo estas geléias para a irmã Cecília. Depois de tantos anos de separação, vocês dois devem ter muito para conversar a sós.

— Às vezes fico imaginando se ele não terá mudado muito — murmurou Norah, deixando transparecer sua preocupação com o velho amigo.

Depois da morte de seus pais num acidente de trem, o padre Ildefonso ocupara o lugar deles, participando na educação da garota órfã e desorientada com a tragédia. Nem o tempo nem a distância haviam enfraquecido esse laço de afeição profunda. Na verdade, saber que em Greenwood ela estaria mais próxima dele a influenciara muito a aceitar a proposta de Abner.

Atravessando o pátio ensolarado, Norah foi levada de volta ao passado, quando era estudante no Instituto Emerson. Lembrou-se do cheiro das mesas de pinho sempre polidas com cera e limão, reviu as filas de carteiras, as estantes cheias de livros e dezenas de garotas com o tão odiado uniforme azul-marinho e blusa branca.

Imagens mais pessoais e infinitamente penosas também vieram à tona. Sentiu-se outra vez no primeiro dia de aula: uma garota tímida e com saudade de seu lar cheio de amor, tentando se adaptar a um grupo já formado e sem lugar para novatas.

Como havia sido horrível quando uma das professoras viera retirá-la da aula para ir à sala da srta. Emerson, que lhe dera a notícia do terrível acidente! A adolescente de quatorze anos tinha se refugiado na capela para chorar sua perda só e rezar, pedindo a Deus que lhe devolvesse a mãe e o pai, alegres e bonitos como os vira naquela manhã. O milagre esperado por Norah não acontecera, mas o padre Ildefonso entrara em sua vida, enchendo-a de sabedoria, paciência e muito amor.

E, subitamente, ela viu a figura robusta e ágil do velho amigo caminhando em sua direção.

— Oh! Padre! O senhor não mudou nada!

— E eu só posso dizer que você ficou ainda mais bonita e graciosa! — Os olhos dele a fitavam com afeto e preocupação. — Em parte, sinto-me culpado por sua longa jornada através do país, e, quando recebi a mensagem do capitão Gartner... nem sei o que lhe dizer.

— Não diga nada. Só fique contente por estarmos juntos outra vez. Logo teremos notícias do sr. Slade. Ou acha que eu fui abandonada?

— Oh, não! Abner mal podia esperar por sua chegada. Só espero que não tenha havido nenhum acidente... Houve problemas em Tucson, os apaches...

— Índios? Será que... — Norah pensara apenas num compromisso de negócios como sendo a causa do atraso, mas agora estava apavorada. — Como fui egoísta e sem consideração! Julguei-o pouco cortês e desinteressado a ponto de esquecer o dia de minha vinda, sem pensar que poderia haver uma causa grave por trás de sua ausência. Ele pode estar ferido... ou pior!

— Não tire conclusões apressadas, imaginando uma tragédia, Norah. Há motivos sem conta para explicar o atraso: uma carroça quebrada, algum dos cavalos cansado demais ou necessidade de um desvio inesperado. Fique calma, deve haver uma explicação, mas, se algo mais grave tiver acontecido, eu a ajudarei a voltar para o Leste.

Se as primeiras palavras do padre Ildefonso tinham deixado Norah inquieta a respeito de Abner, sua derradeira afirmação provocou-lhe pânico. Ela abandonara tudo para vir até o Arizona casar-se: amigos, uma cidade onde se sentia em casa e a chance de lecionar em alguma escola particular. Nada disso lhe parecera importante diante da oportunidade de iniciar uma vida nova e cheia de esperanças ao lado de um marido e rodeada de filhos. Ao aceitar o pedido de casamento, não tinha mais pensado no futuro incerto à espera de uma mulher sozinha e sem família.

Mas, se Abner não voltasse, ela se encontraria numa situação bastante difícil: sem dinheiro, sem trabalho e sem marido! Em Boston estaria sozinha, mas ali o desamparo seria ainda maior, pois não tinha amigos e conhecia apenas o padre Ildefonso, o casal Gartner... e LeBeau.

— Quer aproveitar sua visita à Santa Madalena para confessar filha?

— Não... eu... confessei-me em Santa Fé — gaguejou Norah percebendo o quanto se iludira ao pensar que havia tirado aquele homem fascinante de sua mente.

Como desnudar os segredos de seu coração? Como revelar as noites insones atormentadas por sonhos inatingíveis? Seria impossível confessar

seu único pecado: um profundo arrependimento por ter-se comprometido com Abner. Ela jamais diria em voz alta que o único responsável de todo o seu sofrimento era um homem de olhos cinzentos que conhecera há apenas dois dias.

A tarde chegava ao fim quando as duas jovens iniciaram a viagem de volta ao forte. A planície se estendia até o horizonte longínquo, sem qualquer característica que indicasse qual seria a direção correta.

— Não há um sinal, uma pista para nos indicar o caminho de volta. Como você consegue se orientar, Abigail? Não há nem mesmo marcas das rodas no chão!

— Não tenha medo. Já percorri este trecho centenas de vezes, não nos perderemos. Mas, se eu não soubesse voltar, a nossa égua iria direitinho para o estábulo.

Apesar da fragilidade e juventude, Abigail manjava as rédeas com habilidade e firmeza. Ao observá-la, Norah teve uma súbita inspiração.

— Você me ensinaria a dirigir este tipo de carroça, Abigail? Nunca tive o menor interesse antes, porém percebi que nesta região esse conhecimento é essencial ou não há como ir de um lugar a outro, não é verdade?

— Será um prazer ensiná-la e não há por que não começar hoje mesmo. Dulcey é uma égua bem mansa e perto do forte há um campo sem muitos buracos, o lugar ideal para uma principiante aprender. Eu tive minha primeira lição ainda muito jovem.

— Está se achando velha agora? Que absurdo!

— Sempre fui amadurecida demais para minha idade, talvez por ser filha única. Todos na família me tratavam como se eu fosse um adulto, por isso, quando conheci Charles, que me olhou como se eu tivesse seis anos, fiquei furiosa. É lógico que já estava apaixonada por ele... desde o primeiro olhar! Só tinha medo de ser vista apenas como uma sobrinha!

— O que evidentemente não aconteceu, certo?

— É, mas na época eu não podia adivinhar. Depois soube que ele também tinha se apaixonado e se mantivera calado, pois acreditava que eu iria me interessar por um dos oficiais mais jovens. Mesmo quando percebi o quanto ele disfarçava seus sentimentos, foi preciso um esforço enorme da minha parte para fazê-lo declarar o seu amor. Até hoje acredito que Charles não teria se declarado se eu não o forçasse!

— Você está brincando comigo!

— Julgue você mesma se não tive um comportamento impróprio para uma dama! Na véspera da sua partida para San Francisco, dei um jeito para que Charles me levasse para casa após um baile. Temia vê-lo partir sem uma única palavra, sacrificando nosso amor, ao que ele julgava ser o mais certo. Então, ao pararmos diante de casa, joguei-me em seus braços e o beijei.

Desse modo, eu estava comprometida, e como salvar minha reputação a não ser pedindo-me em casamento?

— Não acredito!

— Se algum dia já estive apaixonada, sabe como me senti. Nada é mais importante do que o amor...

— Então, agradeço aos céus por não ter passado por uma experiência tão angustiante.

— Se você se sente realmente assim, é porque não estive mesmo apaixonada, querida.

Norah continuou a agradecer a falta dessa emoção em sua vida, mas apenas para si mesma. Suas noções sobre o amor vinham dos livros que havia lido: um galante enamorado e sua amada trocavam juras de amor e o casto beijo era o final do romance. Em sua mente, longas declarações poéticas e duelos eram parte integrante do lírico relacionamento entre um homem e uma mulher. Ao constatar o olhar ao mesmo tempo doce e amargo de Abigail, desconfiou que a expressão "sofrer por amor" não era simplesmente um exagero poético.

Norah procurou concentrar-se na paisagem e apagar de sua mente a imagem perturbadora de LeBeau, que sempre surgia quando ela pensava em amor.

Como estavam chegando ao forte, logo viu à sua frente o local onde teria sua primeira lição: um espaço plano, coberto de relva macia e ladeado por pedras e capim alto.

— Chegamos! Preste bem atenção às rédeas, Norah! Nunca as deixe frouxas ou o cavalo sentirá a sua insegurança. Você precisa mostrar quem está no comando.

A primeira volta provocou acessos de gargalhadas nas duas jovens. Dulcey, a égua, andava em círculos, sem que Norah atinasse como fazê-la seguir em linha reta. Depois da terceira tentativa, ela finalmente conseguiu manter as rédeas firmes, e, mais confiante em sua habilidade, deixou a égua aumentar a velocidade.

— Não é tão difícil quanto eu...

Norah não terminou de falar, pois os acontecimentos se precipitaram, escapando ao seu controle. Talvez por ter sentido insegurança em quem a dirigia, Dulcey saiu do relvado em direção às pedras e ela, temendo que a égua se ferisse, desviou-a para o lado oposto. Mas, por entre os tufo de capim alto, surgiu uma mortífera cascavel. Como uma serpente alada, a cobra preparou o bote e, num piscar de olhos, investiu em direção às patas do animal.

Assustada, Dulcey empinou como um cavalo selvagem e, ao pousar novamente as patas dianteiras no chão, pisoteou a cascavel até cortá-la ao

meio. Mas o pânico já tinha tomado conta do animal, que desembestou, cortando o relvado na direção oposta ao forte. Sem controle e com as rédeas fora de seu alcance, Norah só podia rezar. Agarrada ao banco, pedia a Deus que poupasse Abigail e o bebê de uma tragédia provocada por sua inexperiência.

A todo instante, a carroça ameaçava tombar e a nuvem de poeira à volta das duas jovens quase as impedia de respirar.

Subitamente, uma sombra cortou a visão de Norah e emparelhou com a carroça, acompanhando-as naquela corrida desenfreada. Centímetro a centímetro, o cavaleiro avançava, tentando alcançar a égua. Um braço musculoso tentou segurar o cabresto, mas o animal se assustou, rumando para o barranco que descia em direção a um despenhadeiro.

No mesmo instante em que Norah viu o precipício à sua frente, reconheceu o intrépido cavaleiro: era LeBeau, que, com a agilidade de um felino, saltava sobre o lombo da égua e retomava as rédeas, parando a carroça à beira de uma tragédia.

Enquanto ele acalmava a égua, ignorando as duas passageiras, Norah pulou ao chão, trêmula, e estendeu a mão para ajudar Abigail a descer.

— Por Deus, desculpe-me... Jamais me perdoaria se algo lhe acontecesse — murmurou Norah, segurando as mãos geladas da amiga.

Aproximando-se, LeBeau a afastou como a um inseto importuno e, segurando Abigail pela cintura, colocou-a sobre a relva macia.

— Está bem, sra. Gartner? Sente-se à sombra da carroça, por favor.

— Não se preocupem — afirmou ela, mas os tremores e a palidez intensa desmentiam sua tentativa de mostrar-se calma.

LeBeau ajoelhou-se ao lado de Abigail e ofereceu-lhe água. E, com toda a atenção concentrada nela, passou o cantil a Norah, sem se dignar a olhá-la.

— Quer que eu dirija a carroça até o forte ou sente-se em condições de fazê-lo? Se conseguir segurar as rédeas, seguirei ao lado de Dulcey, controlando-a pelo cabresto.

— Acho que posso. Eu...

— Por favor, Abigail! Você não me parece bem. Mal consegue se manter em pé, quanto mais controlar um cavalo. É tão perto, eu mesma poderia...

— Você? — LeBeau explodiu, ficando em pé e olhando-a com ódio. — Você é incapaz de controlar um cavalo de brinquedo! Dulcey é a égua mais mansa do mundo e o modo como foi levada a empinar como um cavalo selvagem será sempre um mistério para mim!

— Não foi por minha culpa! Eu não fiz absolutamente nada para assustá-la e posso muito bem conduzir a carroça até o forte. E tão perto...

LeBeau não tinha tempo para analisar por que sentia uma raiva tão intensa e nem sequer imaginava o motivo de ter perdido o controle.

— Só lhe resta um caminho a tomar, moça! Sente-se naquela carroça e mantenha suas "mãozinhas" longe das rédeas!

Norah estava enfurecida demais para retrucar à mesma altura e afastou-se de LeBeau, caminhando em direção à carroça com passos cheios de determinação. Mas ainda não se distanciara muito quando ele parou à sua frente, segurando-lhe os braços.

— Eu falei a sério! Você não vai pôr as mãos nas rédeas! Os olhos de Norah se encheram de lágrimas de humilhação e o temperamento explosivo, mantido por tantos anos sob um controle rígido, veio à tona, dando rédeas livres à sua fúria.

— Como ousa? Tire essas mãos de cima de mim!

LeBeau não se dignou a responder e seu silêncio aumentou ainda mais a raiva de Norah. A respiração ofegante e as tentativas frenéticas de soltar seus braços só serviram para aumentar a tensão entre os dois, como acontece com as primeiras fagulhas prestes a se tornarem um incêndio incontrolável.

O olhar de LeBeau se transformou e a nova luz que havia neles assustava e ao mesmo tempo deixava Norah ansiosa por enfrentar perigos apenas vislumbrados. Ela sentia o calor das mãos firmes através do tecido fino da manga do vestido e a emoção que passou a envolvê-los, dissolveu toda a raiva. Agora, apenas a sensação intoxicante de proximidade os prendia em sua magia. Mas, ao perceber que se entregava ao prazer de ter as mãos daquele homem em seu corpo, Norah reagiu.

— Você não tem direito algum de falar comigo neste tom! Não é meu irmão, pai ou marido! Tire as mãos de mim!

Em resposta às palavras agressivas, LeBeau a puxou de encontro ao corpo num abraço envolvente, porém rápido demais. Ele soltou Norah tão abruptamente que quase a fez perder o equilíbrio.

— Realmente, srta. O'Shea! Graças a Deus não sou seu pai nem seu irmão! E, quanto às responsabilidades de marido, deixo essa carga ao sr. Slade! — Sem dirigir-lhe mais um olhar ou palavra LeBeau montou em seu cavalo, pronto a levá-las em segurança até o forte.

Se Norah não subisse rapidamente na carroça, teria sido deixada em pleno campo. Sentando-se ao lado de Abigail, procurou controlar a raiva, emoção só suplantada pela perturbação que LeBeau sempre provocava nela.

O enorme portão de madeira do Forte Greenwood se abriu pouco antes da chegada da carroça e o capitão Gartner galopou de encontro a elas. Saltou do cavalo para o lado da esposa, abraçando-a com carinho e tomando as rédeas em suas mãos fortes.

— Por favor, aceite minhas desculpas, capitão Gartner — murmurou Norah, desesperada. — Vocês foram tão bondosos comigo e por pouco eu

retribuo tanta hospitalidade com uma tragédia, fico em pânico só de pensar nas terríveis conseqüências de minha inexperiência.

— Oh, não! Não foi assim! — interrompeu Abigail, num fio de voz. — A culpada não é Norah. Eu vi uma cascavel dar o bote em Dulcey e por isso ela desembestou.

— Graças a Deus está tudo bem, querida. No entanto, aconselho a ambas que esperem alguns dias até recomeçarem os passeios até a missão. Este episódio foi um choque para vocês duas.

As palavras sem rancor de Gartner fizeram Norah sentir-se ainda pior e o desprezo claramente revelado na fisionomia de LeBeau aumentou seu mal-estar.

Mas o temperamento irlandês intrépido e lutador venceu o desespero e ela jurou que iria mostrar àquele homem a sua capacidade de se adaptar à vida rústica do Oeste. LeBeau a mandara volta para Boston, mas provaria a ele que tinha condições de fazer tudo o que Abigail ou qualquer outra mulher faziam!

Em poucos minutos, a carroça parou diante da residência dos Gartner e o capitão tomou a esposa nos braços, carregando-a para dentro da casa.

Após alguns segundos de hesitação, LeBeau não teve outra escolha a não ser ajudar Norah. Vendo os olhos frios e a expressão severa, ela sentiu-se impelida a dar explicações, pois a culpa não lhe pertencia por inteiro.

— Foi a cobra... uma cascavel assustou Dulcey.

LeBeau a colocou no chão, mas manteve as mãos na cintura delgada. A visão daquele corpo frágil sobre as pedras tomou conta de sua mente e ele lutou para não pensar na verdadeira causa de sua raiva incontrolável. Aquela mulher não seria dele... nunca! Suas mãos apertaram-se na carne macia de Norah e ela soltou uma exclamação de surpresa.

Tão delicada quanto uma flor! Seu perfume lembrava o da primavera nos campos da brisa da manhã entre os vales floridos...

Imóveis e em silêncio, eles se fitaram, sentindo prazer e receio de saborear aqueles preciosos momentos de comunhão completa.

As mãos de LeBeau deslizavam suavemente nas costas de Norah e ela percebia o despertar de seu corpo, pedindo mais e mais carícias.

— Norah... por favor, volte para casa — murmurou LeBeau, tentando livrar-se daquele encanto envolvente e perigoso. — Esta terra não foi feita para mulheres como você, delicadas e frágeis. Vá embora antes que seja tarde demais.

— Eu não tenho ninguém à minha espera nem uma casa para onde voltar. Agora este é o meu lar.

Norah sentiu seus olhos se encherem de lágrimas diante da inesperada doçura no tom de voz de LeBeau e o fascínio perigoso deu lugar à ternura e

à gratidão.

— Sinto muito se fui grosseira. Já é a segunda vez que você me salva de situações difíceis. Sou-lhe muito grata.

— Se pensar bem, esta já é a terceira.

Por entre as lágrimas, Norah deu uma risada alegre e o som musical provocou em LeBeau uma onda de ternura e desejo. A dignidade e a pureza daquela mulher já haviam conquistado sua admiração, mas a beleza e a sensualidade levavam seu desejo à limites jamais alcançados antes. Há quanto tempo ele não tinha uma mulher em seus braços? E como seria possuir Norah? Ele queria destruir o fino verniz de frieza e distanciamento em sua aparência, que a envolviam como os ventos frios do Leste, impedindo o acesso a uma chama interior. Sonhava despertar paixões incontroláveis naquele corpo virgem...

A voz preocupada do capitão Gartner rompeu o silêncio e desfez a magia que, como as cores mágicas do crepúsculo descendo sobre o forte, os envolvia num universo único e inviolável.

Imediatamente preocupada com Abigail, Norah se afastou de LeBeau, que sempre alerta, percebera no tom de seu superior o sinal de más notícias. Ambos entraram na sala abafada, que ainda mantinha o calor sufocante do dia. Nem a brisa movia as cortinas e só muito tarde o frescor da noite tornaria aquele aposento mais agradável.

Abigail estava mesmo pálida e Gartner, em pé ao lado do sofá onde repousava a esposa, mostrava claramente em sua fisionomia o quanto estava tenso,

— O que houve? Abigail...

— Ela está bem, Norah. Nossos problemas agora são outros. Não quero que saiam do forte sem uma escolta, em hipótese alguma! — Voltando-se para LeBeau, o capitão explicou a situação: — Recebi notícias bastante desagradáveis através de "Urso Manco" assim que cheguei em casa. Uma grande quantidade de bebida adulterada, feita em destilaria clandestina, foi vendida na Reserva Indígena de Jicarilla e era de péssima qualidade. Muitos morreram depois de um sofrimento atroz e sobreviveram apenas três, que ficaram cegos.

— Só pode ter sido o miserável do...

— Cale-se, LeBeau! Não é hora de procurar o culpado e sim de tentar resolver uma situação crítica. Um grupo de índios enfurecidos fugiu da reserva esta manhã, disposto a punir o assassino de seu povo. Enquanto não encontrarem quem fabricou aquele veneno, não pouparão a vida de ninguém que cruzar o seu caminho.

Norah mal podia acreditar naquele relato de violência. Achava dramático demais que uma região tão bela e agreste, ainda livre da

destruição causada pelos homens, fosse o palco de tanta corrupção e morte. Só uma mente deformada pela ambição desmedida seria capaz de provocar tanto sofrimento por dinheiro!

— Você não sairá daqui em missão alguma até recebermos a notícia de que esse grupo já foi encontrado e está de volta à reserva, LeBeau.

— E como irão descobrir as pistas se eu não for? Afinal, por que devo permanecer no forte?

— Quero que escolte Norah e Abigail a toda parte.

— Como?! Sou um soldado, não uma dama de companhia! — explodiu LeBeau, transfigurado por uma raiva incontável.

— Não preciso de sua ajuda para explicar-me os regulamentos do Exército, sargento! — replicou Gartner, com a autoridade conferida pelo seu posto aliada a uma liderança indiscutível.

— Peço desculpas... capitão.

— Se você controlasse seu temperamento, LeBeau, teria percebido que eu não lhe dei uma ordem como superior. Apenas pedi a ajuda de um amigo.

Um silêncio profundo tomou conta da sala. Podia-se ouvir o relógio e, ao longe, os gritos de comando de um batalhão em manobras. Inclinação sobre Abigail para abaná-la com um leque, Norah estava de costas para os dois homens, porém percebeu a tensão entre eles. Quando LeBeau respondera, ela parecia estar vendo sua fisionomia dura e rígida de raiva.

Sem dúvida, ele sentia-se humilhado por não partir junto com a Patrulha de Rastreadores para perseguir os índios fugitivos. Mas devia haver uma outra razão ou LeBeau não reagiria com tanta intensidade. Seria ela?

— Está bem, capitão. Obedecerei as suas ordens.

A porta bateu após a saída de LeBeau e foi o único som a desfazer o silêncio.

Norah só podia concluir que aquele homem às vezes tão cheio de uma ternura inesperada, outras emanando uma atração perigosa, a via apenas como um problema a ser evitado!

Só quatro dias após o incidente, Norah pôde recomeçar suas aulas. Conforme afirmara, o capitão Gartner não deixou Abigail sair de casa, pedindo-lhe que fizesse repouso após o choque sofrido.

Na manhã combinada para reiniciarem as lições, ela viu a carroça sendo trazida por um ordenança até diante do alojamento de hóspedes. Dulce parecia impaciente para partir, mas Abigail ainda não chegara.

Procurando o vestido mais leve a fim de suportar o calor, Norah escolhera um traje de algodão muito fino, decotado e primaveril. Estava ansiosa por aprender logo a dirigir uma carroça, pois sonhava com o dia em que ultrapassaria LeBeau na estrada, deixando-o em meio a uma nuvem de

poeira!

Ela mal terminara de se acomodar no banco à espera de Abigail, quando o personagem mais presente em seus pensamentos surgiu. Não houve nem tempo para perguntar o que queria, pois Dulcey começou a trotar, dirigida por LeBeau.

— Mas... O que está fazendo aqui, sargento?

Ele ignorou a pergunta, continuando a conduzir a carroça por entre inúmeras outras, sem a menor hesitação.

— Por acaso vai me raptar? Faça o favor de voltar imediatamente! A sra. Gartner é quem vai comigo. Ela disse que hoje não precisaria mais repousar, portanto teríamos nossa aula.

— Pois ela não poderá vir. A sra. Gartner teve uma noite agitada e maldormida. Mas, mesmo que não fosse assim, o capitão Gartner já havia decidido que seria eu a ensiná-la... É mais seguro.

A visão do portão fez com que Dulcey aumentasse a velocidade e LeBeau não a impediu de alcançar a estrada num galope desenfreado. Norah se agarrou ao banco, apavorada, mas em pouco tempo o temor transformou-se em raiva. Quando LeBeau parou a uma distância grande do forte, ela lutava para controlar-se.

— Pois bem! Agora podemos começar.

— Agora que você conseguiu controlar a égua, não é?

— Nunca perdi o controle, srta. O'Shea! Apenas deixei Dulcey gastar suas energias e ficar mais cansada para que você possa manejá-la melhor.

— Então gastou seu tempo, seu esforço e minha paciência por nada, sargento. Não tenho a menor intenção de ter aulas com uma pessoa que não perderá a menor chance de ridicularizar-me. Você já se divertiu demais às minhas custas!

Norah arrumou os cabelos despenteados pelo vento, ajeitou o vestido, sempre ignorando as rédeas que LeBeau lhe oferecia.

— Está uma manhã lindíssima, não acha? — comentou ela, com um sorriso exageradamente gentil. — Nem parece que teremos aquele calor sufocante de todas as tardes.

— Deixe de teimosia e segure estas rédeas!

— E o senhor deixe de dar-me ordens!

Olhando a paisagem à sua volta com um interesse excessivo, Norah estava disposta a mostrar àquele homem que sua teimosia estava à altura da arrogância dele.

Os minutos passavam sem que se resolvesse o impasse, e o sol, começando a ficar mais forte, queimava os braços descobertos de Norah. No entanto, ela permanecia imóvel como se estivesse numa igreja sombria e fresca.

— Pois bem! Há algumas mulas que aprendem logo a aceitar ordens, outras precisam ser ensinadas!

— Mulas?!

LeBeau rodeou a cintura de Norah com os braços, prendendo-a num círculo de ferro contra o qual não havia como escapar.

Sentindo o corpo musculoso colado ao seu, Norah ficou ainda mais decidida a não ceder. Suportou duas longas voltas em torno do forte enquanto, a cada minuto, seu embaraço crescia. Estavam ao alcance da vista e todos presenciariam a lição que LeBeau queria lhe dar.

Mas ele não pensara nas conseqüências daquele jogo de vontades fortes. Aos poucos, o contato com o corpo macio, o aroma suave dos cabelos e a visão da pele muito branca exposta pelo decote do vestido o levaram a esquecer tudo. Se não terminasse com aquela brincadeira, o desejo tomaria conta de sua cabeça!

Subitamente, Norah viu as rédeas sendo jogadas em seu colo e, instintivamente, as segurou. Apesar de suas tentativas de parar a carroça, Dulcey continuou a trotar até que parou por vontade própria.

— Eu tinha razão! — exclamou LeBeau. — Algumas mulas precisam ser ensinadas, mas, quando se comportam bem, merecem um prêmio!

Descontrolada e a ponto de romper em lágrimas, Norah reagiu, esquecendo-se de todas as regras que controlam o comportamento de uma jovem dama bem-educada, e tentou agredi-lo com socos sem direção.

Ao segurar os pulsos delicados entre suas mãos, LeBeau se viu diante de uma tentação à qual seria incapaz de resistir. Os lábios rosados e entreabertos daquela mulher pediam para ser beijados. O tecido fino do vestido moldava os seios firmes, revelando os desejos daquele corpo que atormentava suas noites insones.

Norah sentiu os lábios firmes se apoderarem dos seus e, embora o beijo fosse muito breve, despertou sensações intensas e perturbadoras. Mas saber que tinham sido vistos a impediu de deixar-se levar pelas emoções. LeBeau a tratara como uma mulher qualquer, beijando-a diante dos olhares dos curiosos que costumavam ficar no portão do Forte Greenwood!

Os dois não trocaram mais nem uma palavra até chegarem ao alojamento de hóspedes e, só quando ajudou-a a descer da carroça, LeBeau viu as lágrimas contidas naqueles olhos azuis. Ele não tivera intenção alguma de magoá-la, muito menos de beijá-la em público!

— Srta. O'Shea... Norah? Desculpe-me. Eu...

— Afastede-se de mim! Serei obrigada a suportar sua presença quando acompanhar a sra. Gartner em seus passeios, porém não pretendo agüentar a insolência de indivíduos como você!

Norah não o olhou enquanto falava e correu para o quarto, sabendo que

não tinha mais forças para controlar o pranto.

LeBeau permaneceu imóvel, o olhar fixo na figura elegante e fina que desaparecia à sua frente. Quantas vezes e de quantas maneiras diferentes ele já ouvira aquelas palavras no passado? Uma mulher branca, altiva e desdenhosa, insultando com sua frieza o mestiço de sangue índio que queria passar por branco!

Norah era uma dama e ele não passava de um comanche! Não havia lugar para ele na vida requintada da srta. O'Shea e ela deixara isso bem claro! E não havia lugar na vida de um guerreiro índio para uma mulher mimada e cheia de caprichos!

Logo "Faca Afiada" seria escoltado até Tucson, onde aguardaria seu julgamento. Ele tinha sido capturado quando chegava à fronteira do território do Arizona. O Exército quisera evitar uma rebelião dos índios e decidira levá-lo até a cidade que ficava o mais distante possível dos acampamentos comanches. Mas Quanah Parker, o chefe guerreiro mais destemido entre todos, previra essa medida! Quando a escolta estivesse a caminho de Tucson, "Chifre de Búfalo" e seus bravos atacariam, libertando o prisioneiro.

No dia em que "Faca Afiada" finalmente se colocasse ao lado de Quanah contra os brancos, a grande batalha começaria!

CAPÍTULO IV

Graças a sua profunda capacidade de adaptação, Norah amoldou-se à vida de uma mulher branca residindo num forte bem protegido no território do Arizona. Nem por um instante ela suspeitou que aquela tranquilidade não existisse nos ranchos isolados e distantes como o que seria seu lar no futuro.

Duas vezes por semana, acompanhava Abigail à Missão de Santa Madalena, cheia de entusiasmo, e nem mesmo a fisionomia taciturna do sargento LeBeau, sempre ao lado delas, diminuía seu amor nascente pela terra primitiva que a rodeava numa sinfonia de tons acobreados e vividos.

Desde o último encontro, ambos vinham se evitando ao máximo, fugindo de situações em que fossem obrigados a se falar. Norah se esforçava para não encontrar os olhos fascinantes de LeBeau ou permitir os mais insignificantes contatos físicos, pois um mero aperto de mãos desencadeava nela um tumulto de sensações incontroláveis. A cada dia a atração crescia, transformando-se num verdadeiro tormento.

Durante as calmas tardes em Santa Madalena, quando Abigail e ela davam aulas às garotas da missão, Norah fazia um esforço supremo para

concentrar-se e não pensar em LeBeau. Mas seus nervos à flor da pele pareciam indicar-lhe sem erro onde ele se encontrava.

A voz melodiosa de Abigail, ressoando entre as paredes alvas da sala de aula do convento, trouxe-a de volta à realidade.

— A srta. O'Shea vai entregar a cada uma de vocês um cartão com seu nome escrito. Quero que copiem com todo o capricho.

Norah viu as cabeças se inclinarem, mas seu olhar foi atraído pela figura máscula encostada à madeira envelhecida da janela. Por uma fração de segundo, seus olhares se encontraram, provocando nela a habitual perturbação e impedindo-a de prestar atenção em Abigail.

— ...é uma garota orgulhosa e cheia de caprichos, mas, se fizesse um mínimo de esforço, "Gazela Arisca" seria a melhor aluna desta turma.

Afastada das outras, "Gazela Arisca" tecia uma guirlanda com flores rubras e o pequeno quadro-negro, ao seu lado, permanecia sem uma única letra. O rosto perfeito demonstrava uma expressão sonhadora e a boca delicada curvava-se num sorriso de encantamento.

— Desculpe-me, Abigail... só ouvi o final de sua observação, mas concordo plenamente. Ela é brilhante, porém não se interessa em aprender nada. Parece ter construído uma muralha, isolando-se do resto do mundo, e nada a faz participar do que a rodeia.

A conversa foi interrompida pela chegada da jovial irmã Cecília, que trazia o lanche das garotas. Depois de colocar a bandeja sobre a mesa, a freira olhou à sua volta e o sorriso desapareceu-lhe dos lábios.

— Ah! Deus... Essa garota vai me deixar louca! Onde terá ido agora? Já é a segunda vez que desaparece hoje!

Imediatamente, Norah olhou para o lugar onde "Gazela Arisca" estivera até há poucos minutos, mas apenas algumas pétalas rubras restavam no chão, como gotas de sangue sobre a madeira escura. Abrindo a porta de ferro, ela ainda viu uma figura vestida de branco desaparecer por detrás da capela.

— Pode deixar que eu a chamarei de volta, irmã Cecília. Vi por onde ela foi.

O sol impiedoso da tarde transformava o amplo pátio numa fornalha e Norah o atravessou quase correndo para alcançar logo aquela garota rebelde e sem consideração pelas freiras que a haviam acolhido com tanto amor. Porém, ao virar o muro que rodeava a capela, ela parou, incapaz de dar mais um passo.

À sombra dos frondosos plátanos próximos ao muro, LeBeau inclinava a cabeça para ouvir melhor as palavras da jovem que sorria para ele. Os dois pareciam fazer parte daquela paisagem de cores vivas e primitivas e se completavam na beleza e perfeição de traços.

Uma onda de raiva tomou conta de Norah e, para sua surpresa, também sentiu a dor causada por uma perda incalculável. Sua vontade era fugir antes que a vissem, mas LeBeau já percebera sua aproximação e encarou-a, sem soltar o braço da moça. Ela viu então que precisava explicar-se ou aquele homem pensaria que estava sendo espionado!

— "Gazela Arisca" não terminou suas tarefas de hoje nem esperou pela chegada da irmã Cecília com o lanche, sargento LeBeau. Ela...

— Só voltarei quando eu quiser! — interrompeu a jovem com insolência e, voltando as costas para a professora, continuou a falar com LeBeau, ignorando-a por completo.

Mas, antes que Norah pudesse continuar, LeBeau soltou a garota, falando em tom baixo, mas autoritário, sem que ela pudesse entender suas palavras. Viu apenas a fisionomia de "Gazela Arisca" se transformar numa máscara de desapontamento e raiva.

— Não preciso obedecer a essa... mulher branca! Ela não tem direito algum sobre mim! Estávamos falando de algo muito mais importante do que uma ridícula aula e só voltarei para a sala quando tivermos terminado nossa conversa!

Uma emoção estranha e inexplicável tomou conta de Norah impelindo-a a tocar aquela garota tão rebelde antes que fosse tarde demais. Mas... tarde demais para quê?

E, tão rápido quanto viera, a emoção desapareceu, deixando apenas raiva em seu lugar.

— "Gazela Arisca" está aqui para aprender e não para ficar pelos cantos cochichando. Já é uma tarefa fora do normal tenta fazê-la interessar-se pelos estudos sem que alguém a ajude a evadir-se dos deveres. Eu lhe agradeceria muito se não a encorajasse fugir da aula. Passei duas semanas dando o máximo do meu esforço e foi tão proveitoso como bater com a cabeça na parede.

— Obedeça à srta. O'Shea, "Gazela Arisca" — disse LeBeau, empurrando-a delicadamente em direção da sala de aula.

A jovem o encarou, desafiante, mas, ao ver-lhe a expressão decidida, resolveu não contrariá-lo. Com uma rapidez surpreendente, virou-se e correu para o pátio, quase derrubando Norah a sua passagem.

— Não seja severa demais com ela, srta. O'Shea. É apenas um criança e, sem dúvida, você pode perceber o quanto se sente infeliz.

— Está completamente enganado, sargento LeBeau. Sem dúvida, você pode perceber o quanto ela é feminina e cheia de artifícios! Não pode ser tão cego assim! — explodiu Norah e, envergonhada de sua reação violenta, correu de volta para a sala antes que ele pudesse responder às suas insinuações.

À porta de entrada da sala de aula, a irmã Cecília a esperava com uma expressão de ansiedade.

— Conseguiu encontrá-la? Onde estava desta vez? — Perto da capela, usando seus encantos com o sargento LeBeau.

— Oh! Graças a Deus! Ele é de confiança, não há motivo para preocupações. — A irmã Cecília bateu palmas para reunir as garotas. — Vamos, crianças! É hora da palestra diária com a madre superiora!

Depois que as garotas saíram atrás da freira, como uma revoada de pássaros alegres por fugir do cativeiro, Abigail se aproximou de Norah.

— Você deve estar bastante surpresa com a grande preocupação em torno de "Gazela Arisca", não é? Ela rompeu várias leis de sua tribo ao fugir com um homem branco. Conseguiram trazê-la de volta, mas logo o episódio se repetiu. Desde garota, ela se comporta de modo inaceitável e seus pais julgaram que uma temporada junto com as freiras da missão só lhe poderia ser benéfica. Pelo menos, fica bem mais fácil vigiar os seus passos num local rodeado de muros.

— Não há como mantê-la presa aqui por muito mais tempo "Gazela Arisca" é uma mulher e logo tomará suas próprias ceei soes.

— Mas a irmã Imaculada tem esperanças de encontrar-lhe um marido. Há muita falta de mulheres e o problema do dote já foi resolvido. A família dela conseguiu reunir uma boa quantia em dinheiro e ela é muito bonita. Só resta saber se esquecerão a quantos homens "Gazela Arisca" se entregou.

Então Norah compreendeu o porquê da tranquilidade da irmã Cecília ao saber onde estivera a jovem há poucos minutos. Sem dúvida estavam planejando casar "Gazela Arisca" com o sargento LeBeau!

— Talvez fosse melhor eu falar com essa garota... — murmurou Abigail, preocupada.

— ...ou Charles Gartner devesse conversar com o sargento. Ela não é mais uma menina e...

— Por Deus! LeBeau é um homem decente e Charles confia plenamente nele! Jamais seduziria uma das protegidas do padre Ildefonso. Além disso tenho certeza de que a julga apenas uma criança encantadora.

Norah ficou preocupada com a alegria causada pelas palavras de Abigail. As alterações súbitas de seu estado de espírito estavam começando a perturbá-la. Sem dúvida, essas mudanças bruscas originavam de estar à espera do noivo há tantos dias. Tornava cada dia mais difícil lembrar-se dele. Mas, quando Abner estivesse a seu lado, ela voltaria a ser a pessoa equilibrada de sempre. O que não podia acontecer era pensar no sargento LeBeau a todo instante e sem concentrar-se em outros assuntos!

— Como estão progredindo os planos de sua festa de aniversário, Abigail?

— Oh! Tenho excelentes novidades! O coronel Boyle e sua esposa já aceitaram o convite e trarão consigo a srta. Toms, que está passando um tempo na casa deles. O major Kendrik virá com a esposa e as duas filhas e também trará um convidado, um tenente solteiro e atraente! E é lógico que o primeiro a chegar vai ser o tenente Newcomb. — Abigail não resistiu ao desejo de provocar Norah. — Você conquistou um coração, querida. Se o sr. Slade demorar muito, acabará perdendo a noiva!

— Não há o menor perigo de que eu perca a cabeça com os encantos do tenente Newcomb! Além disso, aos olhos da Igreja, um noivado formal é um compromisso tão sério quanto o casamento,

A chegada de uma das alunas impediu Abigail de continuar com a brincadeira. A garota trazia o pequeno quadro-negro e o entregou a Norah.

— "Eu te amo"? Foi você quem escreveu assim tão bem, "Borboleta Amarela"?

— Oh, não! "Gazela Arisca" me entregou...

— Ora! Essa menina não sabe nada! — interrompeu "Gazela Arisca" com um sorriso de escárnio. — Eu escrevi estas palavras

— Que maravilha! Então minhas aulas não foram em vão! — exclamou Norah, satisfeita. — O esforço sempre é recompensado não acha?

— Seu esforço? Eu as aprendi com outra pessoa.

— Então foi com Abigail?

— Não. Meu amante ensinou-me muitas coisas e, entre elas, escrever!

A expressão de "Gazela Arisca" refletia triunfo e orgulho. Seus olhos, negros como ônix, eram os de uma mulher vivida e não tinham a ingenuidade de uma jovem sob os cuidados de freiras!

A garota deixou Norah e Abigail ainda em choque diante de sua revelação e desapareceu mais uma vez entre as videiras ao longo das paredes muito alvas do convento.

— Deus do céu! Não é à toa que a irmã Cecília vive angustiada com o problema desta moça. Sem dúvida, "Gazela Arisca" está se encontrando com um homem branco — murmurou Abigail, per-; turbada. — Ela deve estar fugindo de seu quarto à noite.

As duas haviam perdido todo o interesse em discutir os planos para a festa diante dos perigos que "Gazela Arisca" estava correndo e caminharam para a carroça, pensando numa maneira de resolver aquele problema.

Vidas humanas valiam muito pouco naquela região violenta e a de uma mulher ainda menos. Apesar da falta de esposas adequadas, uma jovem índia não seria considerada aceitável nem por um dos mais pobres agricultores brancos. Na verdade, uma índia estava sujeita a todo o tipo de abusos por parte de homens brancos. Constantemente caçadas como se fossem animais, elas eram violentadas e, na maioria das vezes, assassinadas para não criarem

problemas. Se "Gazela Arisca" se arriscasse no mundo dos brancos sem a proteção das freiras, estaria se expondo a grandes riscos.

O sargento LeBeau estava junto à carroça, esperando-as. Enquanto ele ajudava Abigail a subir, Norah correu para o outro lado para evitar qualquer contato com ele. Não queria sentir o toque daquelas mãos perturbadoras em seu corpo nem fitar os hipnóticos olhos cinzentos que faziam nascer emoções surpreendentes em seu peito. Pelo menos, não o suportaria depois daquele choque!

O crepúsculo transformava a paisagem numa explosão de cores, e o rosto de LeBeau, numa escultura em mármore, onde brincavam luz e sombra.

Calmo e impassível, ele escondia com perfeição a agitação de seus pensamentos. Tinha percebido a perturbação de Norah, mas sabia que não fora provocada pela raiva. O que a teria aborrecido? No entanto, admitia que o estado de espírito daquela mulher não devia preocupá-lo. Ela ia casar-se com Slade e com certeza o considerava apenas um mestiço! Além disso, não havia lugar em sua vida para Norah nem para mulher alguma!

"Urso Manco" o pusera a par do plano de libertar "Faca Afiada" da prisão do Exército. Quando isso acontecesse, os batalhões acantonados no Forte Greenwood seriam envolvidos. Então ele seria obrigado a escolher seu lado!

Quannah Parker e seu bando de comanches estavam escondidos em algum lugar do Texas. Tão logo se encontrassem com "Faca Aliada", os índios estariam prontos para uma última e desesperada batalha pela liberdade de seu povo!

Nada mais importava, agora, a LeBeau a não ser a escolha prestes a ser feita: renunciar a sua herança e viver entre os homens brancos, a quem tanto desprezava, ou lutar até a morte por sua honra e morrer como um bravo guerreiro comanche.

Tão perturbada quanto ele, Norah repetia incessantemente as palavras de "Gazela Arisca". Ao lembrar-se da intimidade entre ela e LeBeau, só podia concluir que o amante da jovem era aquele homem sedutor. Embora houvesse uma grande diferença de idade entre eles, que mulher escaparia a encantos tão másculos e evidentes?

Lutando contra as lágrimas, Norah manteve seu olhar fixo nas pedras à beira do caminho e, até chegarem ao forte, não olhou para LeBeau nem por um instante.

A vida tranqüila e agradável das primeiras semanas passadas no Forte Greenwood desapareceu com a chegada dos ventos quentes vindos do deserto. A rapidez da mudança surpreendeu Norah e deixou claro quão frágil e ilusória era aquela serenidade.

A ventania varrendo a planície dia e noite uivava como um bando de

coiotes, levantando nuvens de areia e isolando o forte do resto do mundo. Homens e animais demonstravam uma irritação e um nervosismo que o lamento plangente do vento somente ajudava a aumentar e ninguém se aventurava mais do que alguns passos além do enorme portão. E subitamente uma série de acontecimentos desagradáveis começou a acontecer.

Uma briga violenta deixou o soldado Peterson gravemente ferido, dois outros desertaram e foram devolvidos ao forte, onde sofreram o temível castigo dos açoites. Ao som do vento, faziam eco os gritos angustiados dos castigados.

No final da semana, todos estavam ficando perturbados com a má sorte reinante. O cavalo de raça do capitão quebrou a perna e teve que ser sacrificado, um cachorro sob suspeita de raiva mordeu duas crianças e, para abalar ainda mais as duas mulheres, o soldado Peterson não resistiu aos ferimentos.

Quando finalmente o terrível vento deixou de soprar, Abigail e Norah sentiam uma necessidade incontornável de escapar por algumas horas do ambiente opressivo do forte. Depois de muita insistência, o capitão Gartner permitiu que elas fossem até Santa Madalena acompanhadas por uma escolta, pois o sargento LeBeau ainda não voltara de uma missão.

As duas não haviam partido há muito tempo quando notícias graves chegaram ao forte. Uma família que se dirigia para a proteção do Forte de Campo Verde tinha sido massacrada por um grupo de apaches, e o famoso comanche "Faca Afiada" conseguira fugir da prisão!

Extremamente preocupado, o capitão mandou uma escolta para trazer as duas jovens de volta e alertar o padre Ildefonso quanto a possíveis ataques de índios. Mal ele se desincumbira desta tarefa, foi chamado para a enfermaria, onde vinte soldados tinham sido internados devido a uma intoxicação alimentar.

O forte estava tomado de uma agitação nervosa quando LeBeau cavalgou em direção aos portões. No entanto, ele nem percebeu o estado de ânimo de seus companheiros, pois via diante de si a face torturada do velho índio navajo, que murmurou em sua agonia:

— Foi el gato!

Só ao entrar no escritório do capitão e ver as rugas marcadas no rosto habitualmente sereno foi que LeBeau se deu conta de que ali também não haveria boas notícias à sua espera!

— Problemas sérios, sargento LeBeau?

— Um novo carregamento de bebida falsificada foi vendido aos índios da reserva de Rio Muerto.

— Conseguiu alguma informação sobre quem seria o culpado,

— Infelizmente, não. Cheguei em tempo de presenciar a agonia atroz

de uma mulher e três jovens. — A voz de LeBeau era amarga e cheia de ódio. — Os três morreram antes de poderem dizer nada. O responsável por estas barbaridades não só é ambicioso como muito esperto. Ele troca a bebida por prata, turquesas e peles preciosas, escolhe sempre locais isolados para levar o seu veneno e depois desaparece, sem voltar duas vezes ao mesmo lugar.

— Bem, pelo menos você está de volta, sargento. Temos problemas ainda mais graves. Um prisioneiro escapou da prisão e os rumores indicam que ele se dirige para cá.

LeBeau não precisava perguntar quem seria esse fugitivo, pois já soubera da fuga de "Faca Afiada" pelos índios, antes mesmo de o Exército tomar conhecimento do fato.

— Suponho que seja um homem perigoso, não?

— Extremamente! É chamado pelos comanches de "Faca Afiada" e seus companheiros mataram dois delegados durante a fuga. Correm boatos de que ele pretende unir-se ao bando de Quanah Parker em algum lugar próximo à fronteira do Texas. Vão reunir os índios e procurar unir todas as tribos. — O capitão enxugou o suor da testa, preocupado e tenso. — Não podemos deixá-los livres! Se estourar uma outra revolta, haverá tantos protestos que Washington será obrigado a dar ordens de exterminar os índios! Você sabe muito bem como me sinto a este respeito. Quero evitar a todo custo a repetição do massacre de "Sand Creek", onde foram mortos milhares de apaches. E a única maneira de impedir tal tragédia é capturar "Faca Afiada".

LeBeau percebeu claramente a intenção de Gartner. Estava sendo dada a ele a possibilidade de oferecer-se ou indicar outro nome para essa missão e tal procedimento não era costumeiro. Embora o capitão não deixasse perceber suas intenções, um rubor bastante revelador cobriu o rosto controlado. Então tinha chegado o momento da escolha! Gartner desconfiaria de seu sangue índio e o colocava numa posição em que deveria mostrar a quem devia ser leal. E que vida iria escolher? A dos brancos ou a de seus antepassados?

Não havia lugar para indagações, pois sua decisão fora tomada anos atrás. Sempre soubera que o sangue comanche falaria mais alto no momento de confronto. "Faca Afiada" representava seu povo, o símbolo de homens lutando em desespero num último esforço de resistência diante do aniquilamento total do mundo das peles-vermelhas.

— Se quer minha opinião, considero o sargento Waters o homem indicado, capitão — replicou LeBeau com a voz firme e olhando Gartner bem nos olhos.

Em sua fisionomia controlada estava escrito que ele não lutaria contra o grande chefe comanche. Sem palavras, LeBeau declarava sua lealdade ao

povo índio.

Gartner suspirou, desanimado, embora a posição tomada pelo sargento não lhe causasse surpresa alguma. Sempre suspeitara de que LeBeau tinha sangue índio, embora ninguém o soubesse com certeza. Além disso, presenciara muitas vezes a impossibilidade de fazê-lo cumprir uma ordem contrária a seus princípios, mesmo se arriscando a enfrentar uma corte marcial. Não adiantaria insistir nesse assunto!

— Já soube do massacre em Campo Verde? Não vejo a hora de Abigail e Norah voltarem da missão!

— Elas saíram do forte? Há quanto tempo? Quem está com elas?

Gartner ergueu os olhos, surpreso com a intensidade contida na voz de LeBeau.

— Não há motivos para preocupações, sargento. Já mandei uma escolta para trazê-las de volta.

— Eu irei ao encontro deles!

LeBeau tinha chegado ao forte no limite de suas forças, porém uma nova onda de energia impeliu-o a partir a fim de evitar outra tragédia. Ele saltou em seu cavalo, mas chegou apenas até o portão, pois viu a carroça se aproximando.

Mesmo a distância, pôde ver que algo acontecera. As fisionomias dos soldados demonstravam tensão, um dos homens dirigia a carroça e Norah se inclinava sobre a amiga deitada sobre as tábuas empoeiradas da parte traseira.

— Problemas, sargento?

— Muitos! A sra. Gartner sentiu-se mal pouco antes de chegarmos à missão. Logo depois, encontramos um corpo mutilado pelos índios e foi impossível impedi-las de vê-lo. E, para completar, o padre Ildefonso estava histérico. Uma das suas protegidas fugiu há dois dias.

O sargento nem notou a terrível transformação no rosto de LeBeau e continuou o seu relato arrasador.

— No início, as freiras acharam que ela tinha se perdido quando saiu dos portões da missão, mas uma outra jovem finalmente confessou tê-la visto falando com um homem por várias noites seguidas. O padre está com medo de um rapto, mas sabe-se que não é a primeira fuga dessa moça com um homem! Aposto que o tal lhe ofereceu algumas bugigangas e ela deu o que podia para pôr as mãos nos berloques, são todas assim...

— O nome da moça! Qual é o nome dela?

Norah levantou a cabeça ao ouvir o grito rouco e angustiado, de LeBeau. Como o sargento não lembrasse do nome, ele se aproximou da carroça, seu rosto refletindo uma angústia profunda.

— "Gazela Arisca"?

Ela nem precisou responder, pois LeBeau soubera no instante em que a tinha fitado.

Norah o viu partir num galope desenfreado, porém não tinha tempo para preocupar-se com mais nada, tal sua angústia com relação a Abigail, que tossia sem parar. A pobre jovem começara a sentir-se mal e ela julgou ter sido a poeira a responsável pelos ataques de tosse. Mas, ao ver as manchas rubras no lenço da amiga, lembrou-se de onde já vira uma pele tão branca e um corado tão intenso!

A srta. Lilian Silver dava aulas na mesma academia e logo se soube que ela sofria de tuberculose. A terrível doença caminhava muito rápido e não havia como detê-la. A jovem morreu pouco antes de fazer vinte anos! A mesma cor que dava essa aparência saudável a Abigail também brilhara nas faces de Lilian e significava o florescer da morte!

Um desespero profundo tomou conta de Norah, mas foi logo suplantado por uma raiva impotente. Por que alguém tão jovem como Abigail? E o bebê? Alguém com tanto para viver, tanto amor...

— Não... é... nada, Norah — murmurou Abigail, entre um acesso e outro ao ver o horror estampado na fisionomia da amiga. — Tenho... sempre... esses problemas.

Nesse instante, o capitão chegou até elas e carregou a esposa nos braços com um sorriso que lhe custava muito manter.

— Você exagerou, como sempre, querida. Ainda não está acostumada a este clima terrível.

Ele a levou para dentro de casa, seguido por Norah, cujo pânico aumentara ao ver o medo nos olhos daquele homem corajoso. Ele continuava a sorrir, mas os músculos de seu rosto demonstravam a terrível tensão daquele momento.

— Acho melhor vocês duas não se afastarem do forte por alguns dias. Há um bando de índios renegados vagando pelas redondezas e enquanto não os capturarmos esta área não voltará a ser segura. Aproveitem para descansar de tantos passeios!

— Tem razão, querido. Vou descansar o dia inteiro amanhã! — A voz de Abigail mais parecia o sopro da brisa. — Espero que me impeça de inventar novas aventuras até depois da festa do meu aniversário, Norah! Preciso estar bem-disposta para aproveitar cada minuto.

O capitão olhou para o seu lenço, onde havia agora uma pequena mancha rubra, e abriu a boca para protestar, mas foi impedido pela reação da esposa. Num gesto de defesa que impedia qualquer tentativa de pena ou consolo, ela ergueu a cabeça num desafio.

— Eu estou ótima! Foi apenas um mal-estar e não me impedirá de festejar meu aniversário entre amigos. Isso só me trará mais alegria.

Norah lutou para controlar-se e não impedir a amiga de continuar com aqueles planos que acabariam causando sua morte. O apelo silencioso e insistente nos olhos de Abigail não podia ser ignorado. Não havia dúvidas de que o casal tinha pleno conhecimento da doença, embora vivessem como se o terrível desenlace jamais fosse acontecer. Se ignorar a ameaça os fazia levar uma vida mais fácil, ajudando-os a suportar tanta tristeza, ela não iria negar-lhes esse único consolo.

Mas para Norah o fato era ainda muito recente e se tornava impossível esconder sua tristeza. Ajudando a colocar almofadas sob a cabeça de Abigail, ela escondeu o olhar com medo de deixar transparecer todo o seu desespero.

O sol atravessava as cortinas muito leves da sala, banhando de dourado as paredes e os móveis. No entanto, Norah sentia-se envolta por uma nuvem fria que tornava o ambiente sombrio, gelando-a até os ossos. Ela se afastou do sofá, indo até a janela para aquecer-se. Mas um novo acesso de tosse às suas costas impediu que o calor voltasse às suas mãos.

Norah só pedia a Deus que permitisse a Abigail a alegria de uma festa de aniversário. Esta seria provavelmente a última oportunidade antes da tragédia abater-se sobre aquela casa onde o futuro parecia trazer apenas promessas de felicidade...

CAPÍTULO V

A luz oscilante de lanternas chinesas espalhadas pela enorme tenda transformava a noite num espetáculo de magia e encantamento. Risos e o eco da música se misturavam ao sussurro da brisa que ondulava os vestidos coloridos das mulheres. A penumbra que realçava as medalhas dos galantes oficiais suavizava os contornos duros daquela terra ainda selvagem, transportando todos para um mundo mais suave, onde os perigos não os ameaçava a cada minuto do dia. Era hora de esquecer e usufruir o momento presente.

Quem olhasse para Abigail, resplandecente e com os olhos brilhantes, jamais acreditaria na crise de poucos dias atrás. O vestido de cetim e rendas era cor-de-rosa e o reflexo do tecido lhe dava uma aparência ainda mais saudável. Se Norah não tivesse visto com seus próprios olhos as flores rubras da morte sobre um lenço branco, juraria que só existia felicidade naquele lar!

Nem a beleza de Norah indicaria a ninguém sua ansiedade. O vestido de seda azul-noite tornava sua pele ainda mais alva e os cabelos mais negros, e os olhos pareciam ametistas a brilhar misteriosamente. Quem suspeitaria

que ela havia se arrumado com tanto esmero para impressionar apenas a um homem? No entanto, ainda não encontrara a fisionomia ativa e fascinante do sargento LeBeau!

Os músicos tocaram os acordes da valsa de abertura e Norah viu alguém de uniforme vindo em sua direção. Seu coração bateu mais forte, mas, quando distinguiu entre tantos rostos o sorriso de admiração do tenente Newcomb, sentiu o desapontamento tomar conta dela. O rapaz era simpático e não tinha defeitos aparentes, exceto, talvez, uma ansiedade exagerada em mostrar-se agradável. No entanto, não queria encorajá-lo, pois já ouvira diversos comentários sobre ter feito a conquista de um coração.

— Srta. O'Shea, dá-me a honra da primeira valsa?

Enquanto deslizavam pelo salão improvisado no pátio do forte, que fora recoberto de tábuas enceradas, Norah mal prestava atenção às palavras lisonjeiras do tenente, mais interessada em observar os outros pares que começavam a dançar.

O coronel Boyle, sendo o mais alto oficial presente, conduzia a aniversariante à dança de abertura e Charles Gartner iniciava o baile como par de Cora Boyle, uma senhora de opiniões fortes e pouco propensa a discutir banalidades ou ouvir tolices.

Mesmo durante a dança com outros pares, Abigail e Charles trocavam olhares apaixonados. O destino tinha sido cruel demais, unindo-os com uma profunda paixão apenas para desferir um golpe fatal que destruiria toda a felicidade do casal depois de tão pouco tempo de convivência!

Música após música, Norah deslizou pelo salão, conduzida pelo tenente Newcomb, embora seu olhar buscasse sem cessar um vulto alto e de ombros largos, em vão. À medida que as horas passavam, seu parceiro foi se tornando mais possessivo e demonstrou toda a sua irritação quando ela aceitou o convite do major Van Hever.

— Creio que o tenente vai me desafiar para um duelo tão logo acabe esta dança! Acabei de roubar-lhe a dama, a beldade do baile!

— O senhor é um perito na arte de lisonjear, major.

— Longe disso! É sua beleza que me torna um poeta.

— Por acaso tem parentes irlandeses, major Van Haver? Eles são agraciados com o dom da palavra.

— Se eu tivesse, poderia alimentar esperanças a seu respeito?

— Infelizmente não. Minha mão já foi tomada.

— E o coração? Ainda permanece livre?

— Dei minha palavra, o que torna o compromisso mais forte do que a entrega do coração.

A fisionomia do major mostrou, apenas por um segundo, o homem

solitário e triste sob o exterior jovial e galante. Havia uma falta enorme de mulheres no território do Arizona e a presença feminina era tão necessária para suavizar a aridez daquela região!

Mas Norah não queria pensar em nada, sentindo-se como se tivesse apenas dezoito anos. Há quanto tempo não se divertia tanto, sem preocupações ou angústias? Era tão bom ser jovem outra vez, dedicar-se apenas a saborear o momento presente!

Depois de várias danças com o major, a expressão do tenente Newcomb refletia fúria e, para evitar um novo confronto, Norah sentou-se entre Abigail e Cora Boyle. Por cortesia, nenhum dos dois homens poderia tirá-la para dançar antes de conduzir uma das duas senhoras mais velhas.

Próximo a ela estava a srta. Tooms, a convidada dos Boyle, uma mulher de quarenta e poucos anos que se vestia como se fosse uma garota de quinze e olhava a tudo e a todos com um ar de superioridade.

Subitamente Cora Boyle sentou-se mais ereta na cadeira, demonstrando surpresa e admiração no olhar.

— Céus! Quem é esse homem magnífico?

LeBeau estava parado à entrada, observando os dançarinos. Com o uniforme de gala, ele ficava ainda mais fascinante. O vermelho da túnica militar realçava o tom dourado de sua pele e as calças justas evidenciavam as pernas longas e musculosas.

— Oh! Ele veio, afinal! — disse Abigail, entusiasmada. — É o sargento LeBeau, da Patrulha de Rastreadores, e um amigo particular de Charles... e meu, é claro.

— Que estranho! Ele deve ser o único sargento presente a um baile de oficiais, não? — comentou Hannah Tooms, com uma expressão de censura.

— Que tolice! Estamos nos confins do Arizona e não na formal Academia Militar de West Point. Aqui as regras são outras, minha cara — retrucou Cora Boyle, sem dar maior atenção ao comentário ferino de sua hóspede.

— Exatamente! O sargento LeBeau salvou minha vida e a de Norah há poucas semanas. Charles e eu insistimos para que ele viesse, mas sua recusa se baseava justamente no fato de não ser um oficial. Meu marido prometeu que o faria mudar de idéia — explicou Abigail.

A música cessou e LeBeau atravessou o salão em direção às senhoras. Não havia uma única mulher insensível à masculinidade daquele homem ou imune à sua atração. Desde Cora Boyle até a filha caçula do major Kendrik, todas mostravam um sorriso mais doce e olhos mais brilhantes.

Os olhos cinzentos encontraram os de Norah por uma fração de segundo, pois ela os desviou, temendo revelar demais. E, para seu desapontamento, viu-o tirar Abigail para dançar.

— Vim reclamar minha dança, madame.

— Sinto-me muito feliz por ter se dignado a nos fazer companhia, sargento LeBeau.

Os dois mal haviam se afastado alguns passos quando Hannah Tooms fez seu comentário crítico, num tom de voz bastante agudo:

— Não posso crer! Jamais vi um sargento convidar a esposa de um capitão para dançar em toda a minha vida! E um sargento da Patrulha de Rastreadores, um batalhão sem classe e sem disciplina!

— Você deve ter ido a poucos bailes então!

Norah apenas ouvia a discussão entre Cora e Hannah, esperando ansiosamente pelo final da música. Talvez LeBeau a convidasse... Mas foi o coronel Boyle a tomá-la nos braços para a valsa seguinte e, depois dele, o capitão Gartner. Quando finalmente voltou ao seu lugar, LeBeau já não se encontrava no salão. Toda a sua alegria naquela festa se dissipou diante da ausência do único parceiro com quem realmente queria dançar. Para Norah, o baile já não representava uma ocasião festiva.

Sem coragem de enfrentar o olhar de Abigail, que, sem a menor dúvida, percebera sua atração pelo fascinante sargento ela fugiu em direção à noite escura. Fora da tenda, viam-se apenas as estrelas num céu negro.

Uma onda de saudade invadiu Norah. Ah! Como seria bom estar de volta ao seu quarto na escola, ouvindo o som da gaita do jardineiro! Se ela não tivesse sido tão impulsiva e, como uma criança gulosa, se lançado em busca de aventuras! Lá não existiam tormentos e dúvidas, tudo era sereno e sem grandes emoções.

— Srta. O'Shea?

Norah reconheceu a voz do tenente Newcomb, vinda de algum ponto atrás dela. Não queria se expor a uma declaração de amor, agora iminente no olhar ardente do rapaz. Deslizando por entre alguns arbustos, ela se afastou da tenda e, em plena escuridão, bateu no corpo musculoso de um homem.

— Com os diabos!

A lua reapareceu por detrás de uma nuvem, cobrindo de prata as duas figuras imóveis. Era LeBeau quem a abraçava, num gesto instintivo, impedindo-a de cair. Muito próximos, Norah podia sentir as batidas do coração dele e o aroma de pinho que emanava dos cabelos brilhantes como ônix ao luar.

Quando LeBeau viu a mulher em seus braços, percebeu a ironia do destino. Ele se afastara do salão para controlar emoções proibidas e agora sentia sob suas mãos a maciez do corpo que desencadeara as sensações perturbadoras. Norah era a última pessoa que queria ver, mas nada o faria soltá-la.

Aquele momento pedia o silêncio profundo da noite. Os braços musculosos de LeBeau mantinham Norah de pé e, embora firmes, as mãos mais pareciam acariciar a pele sedosa. Nenhum dos dois queria se afastar e quebrar o encanto, mas ela se lembrou de que estavam ao alcance de olhares curiosos e recuou.

— Por que saiu do baile? — perguntou LeBeau.

— Precisava de um pouco de ar fresco. Não tinha intenções de afastar-me tanto — explicou Norah, tentando recuperar a calma. Seu coração batia tanto que ela agradecia à escuridão da noite por ocultar de LeBeau sua agitação. — E qual o motivo da sua saída, sargento?

— A dança não passa de uma desculpa para o homem tomar em seus braços a mulher que ele quer, nada além disso. Eu não sou do tipo que precisa desse pretexto para abraçar a quem deseja.

Norah não sabia como responder ou se deveria fugir daquela voz profunda e hipnótica que se aproximara novamente dela.

— Não devia sair sozinha, senhorita. Está num quartel do Exército e, embora disciplinados, os soldados são homens e sem mulher há muito tempo. Você é bonita e jovem, arrisca-se demais em afastar-se tanto e sem companhia. Não é seguro.

— Ora, que absurdo! Sinto-me completamente segura com você. Com uma rapidez estonteante, LeBeau a abraçou novamente, forçando os seios macios a se amoldarem ao seu peito amplo. Através do vestido, ele sentia as pernas de Norah colando-se às suas e foi preciso um esforço sobre-humano para não beijá-la.

— Acha que está realmente segura? Tem certeza?

Norah sabia dos perigos a que estava se expondo, mas as mãos de LeBeau acariciando suas costas nuas provocavam um tumulto de sensações, contra as quais não queria lutar. Ela ergueu o rosto à espera de um beijo, perdida num doce tormento.

LeBeau viu os lábios rosados se entreabrindo e, sentindo o tremor do corpo em seus braços, apertou-a ainda mais, num misto de paixão e raiva.

— E agora? Ainda se sente segura, Norah?

A voz rouca sussurrando ao seu ouvido a deixou ainda mais sem defesas. Ela apenas moveu a cabeça, certa de que não tinha nada a temer. O corpo colado ao seu era-lhe totalmente desconhecido, ângulos e músculos completando suas curvas suaves, e a virilidade evidente de LeBeau a arrastava para uma situação irreal, para o mundo onde só existem os sentidos. Sua visão absorvia os traços másculos; o aroma e o toque da pele morena dominavam sua mente.

— Não tenho medo de estar com você — murmurou Norah, temendo unicamente os desejos desconhecidos a comandarem seu corpo, anseios de

cuja existência jamais desconfiara antes e que a impediam de agir como sempre fizera: fria e equilibradamente.

LeBeau procurou os olhos azuis para certificar-se de que não havia mentira alguma naquelas palavras e viu um desejo tão intenso quanto o seu. Dor e desespero tomaram conta dele diante da confiança e da entrega absoluta de Norah.

Se ela tivesse gritado, se debatido ou desmaiado como uma jovem recatada, seria fácil rir e considerá-la uma tola. Se retribuísse seu abraço, colando-se a ele com ousadia e volúpia, não seria difícil recuar e deixá-la sem um único olhar de arrependimento. Mas Norah nunca fora igual a nenhuma outra mulher, era uma jóia rara e que não lhe pertencia.

Como se o tempo tivesse cessado seu caminhar ininterrupto, ele continuou a abraçá-la, sentindo a fragrância doce e pura dos cabelos negros e deixando o desejo crescer a limites intoleráveis. Com um gemido rouco, buscou a veia pulsando sob a pele alva e colocou os lábios ávidos no pescoço esguio. Não havia lugar em sua vida para uma paixão, mas era impossível resistir!

Norah contemplou o rosto másculo, absorvendo a beleza de cada traço perfeito exposto ao luar. A magia da noite se apossara dela e uma barreira de raios prateados os isolava do mundo. Seria a lua, o perfume da primavera ou uma espécie de loucura a força que a induzia a tocar o rosto altivo inclinado sobre o seu? Ela queria sentir sob seus dedos a textura da face, dos lábios...

LeBeau a fitou. A seda brilhante do vestido deixando à mostra os ombros perfeitos, a curva suave dos seios o impelia a afastar o vestido até encontrar a pele cálida e mais suave do que o tecido macio. Como se Norah também partilhasse de sua visão, ele percebeu os mamilos se enrijecerem, revelando sem disfarces o desejo daquele corpo ainda inexperiente.

O rosto delicado, parecia o de uma mulher ao despertar de um sonho: os olhos azuis fitavam-no por entre negras pestanas; os lábios ofereciam-se entreabertos e úmidos.

Se ele pudesse vê-la em completo abandono, apenas com a cabeleira revolta a cobrir sua nudez!

— Por que me olha assim? O que está pensando, LeBeau?

— Imaginava os seus cabelos soltos e...

Ele se calou diante da inocência daquela jovem, mas não pôde silenciar seu desejo, a cada segundo mais potente.

Sorrindo, Norah esperava suas palavras, esquecida dos perigos da paixão ou da necessidade de guardar-se para o noivo. A mão de LeBeau em seu ombro queimava e ela apenas pensava no instante em que a sentiria mover-se sobre sua pele. Já não existia nada, a não ser as ondas de

sensualidade que a atingiam como raios, provocando em seu corpo um impulso primitivo e até então desconhecido.

Muito lentamente, a mão de LeBeau deslizou pelo colo macio e afastou a seda fina. Olhou por um longo tempo os seios rijos e perfeitos, sem tocá-los. Queria saborear a visão que só tivera em seus sonhos.

Fechando os olhos, Norah suspirou de prazer. Não se lembrava mais de onde estavam ou de quem eram, apenas ansiava pelo calor ardente daquelas mãos que podiam ser firmes e tão suaves. Mas, ao senti-las se apoderarem de seu mamilo, ela recuou em pânico. Era um temor nascido da intensidade das emoções que aquele toque sensual despertara nela!

Ao perceber a reação instintiva de Norah, LeBeau afastou a mão. Mas o murmúrio de protesto e o corpo se aproximando em busca do seu o levaram a tomar uma atitude da qual se lamentaria por dias sem fim. Tocou a pele macia, cuja textura jamais se apagaria de seus dedos, mergulhou o rosto nos cachos rebeldes e sentiu o aroma fugaz dos cabelos. Não podia saber que seria perseguido pela angústia de não tê-los mais entre suas mãos.

Mas era impossível deter a chuva, os ventos ou o fogo, e o desejo se alastrou como uma labareda incontrolável. Ele jamais desejara tanto uma mulher! Será que Norah sabia os efeitos que provocava nele? Pela primeira vez na vida, LeBeau perdera a capacidade de afastar-se de uma tentação!

Só o controle rígido, exercitado em todos os dias de sua vida entre os brancos, o fez voltar à realidade e afastá-la antes que fosse tarde demais.

— Não se arrisque tanto, Norah. Está brincando com fogo e sairá queimada. Você é ingênua e sem experiência, jamais conseguirá resistir a seus próprios desejos, quanto mais conter os meus. Se estivéssemos em outro lugar e não rodeados por pessoas com as quais você terá que conviver, eu não pensaria duas vezes. Nós dois desejamos nos entregar à paixão mas...

O corpo de Norah parecia ter voz própria, implorando em sua linguagem muda que LeBeau a levasse pelos caminhos do prazer.

Ao lado deles, as sombras do estábulo acenavam convidativas. Ali ninguém os veria ou ouviria os murmúrios de paixão. Isolados, seriam apenas um homem e uma mulher e ele poderia ter diante de seus olhos o corpo sonhado em sua nudez gloriosa.

Tomando-a nos braços, LeBeau caminhou em direção ao único refúgio possível. Deitou-a sobre a palha dourada e afastou sedas e rendas para encontrar a essência de seus sonhos. Como alguém há longo tempo perdido num deserto, ele mergulhou o rosto entre os seios túrgidos, buscando delirante cada milímetro da pele distendida pela paixão. Ávido, tomou entre os lábios dos bicos eretos, sugando-os com a ânsia de um homem cuja sede jamais seria saciada a não ser naquela pele sedosa.

Quando sentiu os dentes se cerrarem em sua carne, Norah ouviu pela primeira vez na vida seu próprio gemido de paixão. Já não tinha mais forças para pensar ou lutar contra os desejos de ambos, que se completavam numa ânsia incontável.

As mãos morenas de LeBeau, movendo-se em sua pele alva, aumentavam seu prazer e, quando ele tocou seus lábios, Norah estremeceu diante do tumulto das emoções que a envolviam.

Bocas se roçando levemente, línguas se buscando com o beijos dentro de outros beijos... A doçura do contato terno se perdeu diante de uma urgência primitiva.

Só alguns raios esparsos do luar coloriam as sombras, banhando de prateado o corpo pouco a pouco revelado diante dos olhos fascinados de LeBeau. A realidade suplantara o sonho: ele jamais vira formas tão delicadas e ao mesmo tempo tão sensuais. Entre as anáguas de renda, estavam pernas perfeitas, cobertas por meias diáfanas e que logo seriam afastadas. Ao senti-las tocadas, Norah gemeu e o som de intenso prazer o atingiu como um raio. Lutando desesperadamente contra o desejo, ele se afastou, mas Norah, entrelaçando os dedos em seus cabelos, o puxou de volta.

Com um impulso sobre-humano, ele se levantou num salto. Jamais deixaria de desejar aquela mulher, mas, mesmo enlouquecido pela paixão, sabia que iria destruir-lhe as chances de felicidade se dessem mais um passo em direção ao abismo da volúpia.

— Arrume seu vestido e volte para o salão. Depressa! Retorne antes que sintam a sua falta!

Norah o fitava, atônita, sem compreender mais nada. Ainda envolta pelas sensações, não sabia por que ele mudara. Num momento, LeBeau a tinha nos braços, arrastando-a para um mundo desconhecido onde só havia ternura e paixão. No outro, a fitava com ódio, a fisionomia tensa e transtornada. Tentando cobrir os seios nus, onde ainda sentia o calor dos lábios dele, Norah sentiu-se rejeitada e traída por alguém em quem confiara tanto.

— O que houve? Fiz algo errado?

— Quem é você? Uma feiticeira, uma fada ou um demônio em forma de mulher? Por que me atormenta dia e noite? Não tive mais um momento de paz desde que a conheci! Só peço a Deus para que Slade venha logo e a leve daqui. Quisera jamais tê-la visto!

— Por quê? Eu jamais o ofendi, eu...

Ele não respondeu nem a ajudou a levantar-se. Não confiava em seu autocontrole e a visão da jovem trêmula, de olhos assustados, com a longa cabeleira negra onde brilhavam pedaços de palha dourada, o deixava à beira do descontrole. Não podia tocá-la mais ou os dois se perderiam no fogo de

um desejo proibido.

Como fazê-la compreender o perigo daquela situação sem saída? Ele era um homem nascido naquele território selvagem e primitivo, podia dormir ao relento e sozinho suportar a inclemência da natureza. Não aprendera a dourar as palavras, nem controlava suas paixões como os oficiais a que ela estava acostumada.

— Por quê? Posso lhe dar centenas de motivos! Você é uma mulher feita para viver em camas macias e lençóis de seda ouvindo palavras doces! Sua vida se baseia em regras fixas, e teme acima de tudo a opinião da sociedade. Por Deus! Eu poderia ter destruído o seu futuro se não tivéssemos parado de fazer amor e ainda me pergunta por quê? — LeBeau cerrou os punhos em desespero. — Você merece algo melhor do que um ato de amor apressado, sobre a palha de um estábulo, Norah! E eu só lhe daria sexo furtivo e sem futuro. Não há lugar em minha vida para ninguém, nunca poderá existir nada entre nós! Volte para seus salões bem decorados e para os tenentes polidos e cheios de cortesia!

Norah não teve chance de retrucar, pois LeBeau se afastou rapidamente e logo era uma sombra distante. Ela estava só e perdida num pesadelo terrível! Envergonhava-se de sua atitude de abandono e lhe doía ainda mais o fato de ter sido LeBeau quem a rejeitara. Se ele não se controlasse a tempo, agora já não haveria mais um futuro à sua espera. Infelizmente, nada voltaria a ser como antes! Ela provaria o fruto proibido e sua inocência deixaria de existir para dar lugar à volúpia.

Chocada demais até mesmo para chorar, Norah tentou recompor-se, sabendo os efeitos terríveis de um boato maligno num grupo tão reduzido de pessoas. Mesmo imaginando a onda de comentários que sua entrada provocaria, devia dizer boa noite a Abigail antes de se retirar. Procurando qualquer indício revelador, ela se julgou outra vez apresentável e entrou disfarçadamente no salão.

— Abigail?

— Graças a Deus! Ia mandar Charles procurá-la. Está se sentindo bem?

— Foi apenas uma dor de cabeça e saí para tomar um pouco de ar.

— Quer um dos meus comprimidos, Norah?

— Obrigada, já melhorei um pouco, porém apenas o sono me curará definitivamente.

Norah desejava acima de tudo ficar sozinha com seus pensamentos, bem longe do barulho e dos olhos alertas de Abigail. Só pensar nas conversas banais e sorrisos vazios lhe era intolerável.

— Vá descansar, querida. Eu transmitirei suas despedidas aos demais — murmurou Abigail, suavemente. Não acreditara nem por um momento na hipótese de uma dor de cabeça, mas sabia como podia ser benéfico chorar e

aliviar a tensão.

Como nunca, Norah apreciou a solidão de seu quarto, pois os pensamentos continuaram a se suceder sem seqüência lógica em sua mente. Ao tirar o vestido, percebeu o quanto estava amarrotado. Com certeza Abigail não acreditara em sua desculpa esfarrapada e tinha agido com muita percepção ao evitar que ela se mostrasse diante de outros em tal estado!

Norah apagou logo o lampião, ansiosa por analisar as emoções lidas na expressão de LeBeau. Ou teria tudo sido apenas um produto de sua imaginação romântica? Durante os minutos preciosos nos braços dele, julgara ter certeza de que entre os dois existia uma atração mútua e não apenas superficial. Sentira uma entrega profunda e verdadeira de ambas as partes e não teria recuado como ele o fizera. A descoberta de seus próprios desejos a chocava profundamente, pois via-se obrigada a admitir a existência de uma sensualidade intensa!

Seu olhar pousou sobre a fotografia de Abner e ela acreditou ter descoberto o motivo da rejeição de LeBeau. Teria sido a lembrança de seu noivado que o fizera mudar tão bruscamente?

Era vergonhoso demais pensar que esse fato nem sequer tinha passado em sua mente naqueles momentos de delírio.

O sono custava a vir e Norah se fazia perguntas sem respostas, ainda torturada pelas dúvidas. LeBeau teria agido de modo diferente se ela não estivesse noiva? Iria cortejá-la com a assiduidade do tenente Newcomb se Abner não voltasse em busca da esposa prometida?

Ela adormeceu, ouvindo a melodia plangente de um soldado solitário que lamentava um amor perdido, e seu travesseiro amanheceu úmido de lágrimas. A primeira notícia daquele dia quente foi a da chegada do sr. Slade ao Forte Greenwood, à procura da noiva!

CAPÍTULO VI

A sala de visitas da casa dos Gartner parecia pequena demais para conter a ansiedade crescente de Norah, que caminhava de um lado para o outro enquanto tentava controlar o tremor de suas mãos úmidas de suor. A notícia da chegada de Abner Slade a tomara de surpresa. Já havia chegado há tantas semanas ao território do Arizona e tantos acontecimentos importantes tinham mudado sua visão da vida que tudo o que se relacionava ao noivado passara a ser um sonho longínquo e irreal.

Passos aproximando-se da sala a assustaram e Norah verificou, pela décima vez, se os seus cabelos continuavam bem presos e suas mãos pareciam mais firmes.

— Sou eu, Norah — murmurou Abigail, parando à porta. — O sr. Slade já está aqui no forte e em poucos minutos chegará à nossa casa. Achei que você gostaria de saber.

— Oh, Deus! Por que está com os olhos tão vermelhos, Abigail? Aconteceu outra tragédia?

— Sim. Mais um rancho foi atacado, o da família Hazlet. Eles eram nossos amigos e morreram todos, até as crianças.

Apesar de seus problemas pessoais, Norah se preocupava profundamente com a situação daquela região agreste. As notícias corriam tão rápidas quanto o fogo em capim seco e no forte só se comentava sobre o ataque dos comanches à diligência ou a presença do famoso guerreiro "Faca Afiada" nas redondezas. Duas garotas mexicanas tinham sido raptadas perto de Tucson e o pânico se alastrava sem controle.

— Sinto muito perturbá-la com notícias tão desagradáveis logo agora, Norah querida. Mas o sargento LeBeau já saiu à procura dos culpados e logo mais o tenente Newcomb partirá, pois... o major Hever não resistiu aos ferimentos recebidos ontem à noite.

— Não é possível! O major Hever? Ele era tão cheio de vida...

— Na noite passada os oficiais dançavam conosco e hoje podem morrer!

Num gesto carinhoso, Norah abraçou a amiga, adivinhando o quanto se preocupava com a segurança do marido.

— Fique tranqüila, Abigail. Charles voltará para o seu lado como sempre.

— Não se preocupe comigo, Norah. Sou mulher de soldado e tenho que dominar meus temores, mas... nós dois tivemos tão pouco tempo juntos... Desculpe-me, vou deixá-la a sós para receber seu noivo.

Quando Abigail saiu da sala, ela correu para a janela, a tempo de ver um vulto alto atravessar o pequeno jardim, vindo em direção à porta de entrada.

Quando o homem entrou na sala, não teve necessidade sequer de dizer, seu nome. Norah conhecia cada traço daquele rosto arrogante, visto e revisto mais de cem vezes na fotografia amarelada e quase gasta. Os cabelos loiros e os olhos azuis não tornavam menos dura a boca sensual ou menos aterrorizante o olhar ávido que a percorria da cabeça aos pés. Ela sentia-se examinada como se fosse um objeto exposto numa vitrine e não estava gostando nem um pouco do sorriso insistente que se formava nos lábios de Abner.

— Minha querida noiva! Sou Abner...

— Como vai, sr. Slade? Estivemos bastante preocupados com sua segurança nestas últimas semanas.

Mesmo sabendo o quanto agia mal, Norah não pôde impedir-se de

compará-lo a LeBeau. Onde havia orgulho e altivez, ela encontrava agora arrogância e obstinação. Se esperava força e firmeza, iria apenas ter agressividade e autoridade!¹

— Espero que não tenha sido maltratada aqui, minha querida — disse ele, olhando com desdém para os móveis da sala. — Tenho o firme propósito de construir uma casa pelo menos três vezes maior do que este casebre! Vou encher as salas com móveis luxuosos e você sentirá orgulho de possuir objetos que nenhuma mulher no território terá iguais. Então quero que convide essa sua amiga para nos visitar! São uns esnobes, ela e o marido!

Norah ficou tão chocada com a falta de polidez de Abner ao criticar aquelas pessoas que a haviam recebido com tanto carinho que não conseguiu ocultar seu espanto e desagrado.

— Tenho muito orgulho de meu sucesso, moça! Quanto perdi meu pai, eu tinha apenas nove anos e trabalhei como um escravo em todo o tipo de serviço. Vim de Kansas City para cá com uns míseros dez dólares no bolso e criei um império. Não existe um único homem neste território que não tenha ouvido o meu nome e, com o tempo, o Oeste inteiro saberá quem é Abner Slade! E nos meus sonhos desejei três coisas: ser dono do maior rancho de gado do Oeste, tornar-me o maior comerciante desta região e possuir uma esposa fina e educada. Os dois primeiros eu já consegui...

— Pois o terceiro está além do seu alcance, sr. Slade. Não sou um objeto que possa ser possuído e recuso-me a ser tratada como propriedade de alguém!

— Bem, talvez eu tenha me exprimido mal. Você será a minha jóia mais preciosa, está melhor assim?

Norah não se sentia menos preocupada com as palavras de Abner, mas precisava esforçar-se em aceitá-lo como era. Afinal prometera que se casaria com ele!

— Gostaria de tomar um chá, sr. Slade?

— Não! E prefiro que me chame de Abner — explodiu ele, irritado. — Afinal vamos nos casar amanhã. Podemos deixar de lado tanta formalidade.

— Amanhã? Mas... é cedo demais, eu...

— Cedo? Você ficou doida? Estamos noivos há mais de oito meses e, agora que a vi, meu único desejo é levá-la para a cama o mais rápido possível!

Uma expressão de desejo transformou as feições de Abner e ele a puxou de encontro ao peito musculoso, cobrindo-a de beijos ávidos. A boca quente buscava os lábios de Norah enquanto as mãos subiam da cintura fina em direção aos seios.

— Vai ser difícil aguardar uma hora, quanto mais um dia! Mal posso esperar o minuto de possuí-la!

Os dedos finalmente encontraram a pele macia exposta pelo pequeno

decote e, com uma rapidez assustadora, deslizaram sob o vestido, rasgando-o em sua urgência.

Norah o empurrou com toda a sua força, completamente esquecida da reação sensual provocada nela pelo mesmo gesto de LeBeau.

Mas Abner nem percebeu seu recuo, tal a fascinação com que fitava o seio surgido de um corpete de renda. Sem tomar conhecimento do terror nos olhos de Norah, ele puxou a alça delicada, que se rompeu em sua mão, deixando o seio completamente exposto.

— Você é melhor do que eu imaginava, querida. Vou comprar-lhe sempre vestidos decotados e os homens do território do Arizona morrerão de inveja. Quero mostrar a todos o que só eu posso tocar!

Aflita, Norah tentou recompor-se, temerosa de que ele perdesse o controle e a forçasse a cometer atos indignos em plena sala de visitas da casa de Abigail.

— Como você ousa me tratar assim? Recuso-me a ser humilhada!

— Uma mulher, ainda mais uma virgem como você, pouco ou nada sabe da força do desejo masculino. Seu corpo agora é meu e tenho muito pouca paciência com pudores e receios puritanos!

Abner a puxou para mais perto e cobriu o seio rijo com a mão. A aparência frágil e o ar altivo de Norah ocultavam um temperamento fogoso e ele gostava dessa combinação. Iria ser um grande prazer domar essa mulher. Prendendo o mamilo rosado entre os dedos, apertou-o até perceber que Norah mordida os lábios para não gritar.

— Vou fazer assim em seu corpo inteiro, Norah... E você vai gostar! Eu marco tudo o que é meu. Olhe!

Segurando-a com violência pelo queixo, ele a obrigou a fitar o próprio corpo. Na pele muito branca, marcas daquela brutalidade formavam um desenho estranho mas muito nítido.

Norah sentiu o mundo girar à sua volta. Aquilo não estava realmente acontecendo com ela! O padre Ildefonso jamais teria escolhido um homem cruel para ser seu marido! Sem dúvida, Abner tinha razão ao dizer que os homens têm desejos mais intensos. Sua única experiência, com LeBeau, aos poucos se tornava um sonho irreal, o produto da fantasia de uma jovem romântica.

Uma providencial batida à porta a salvou da situação a cada momento mais constrangedora e sobre a qual já perdera o controle. Estava nos braços do homem que muito em breve seria seu marido, mas cujo toque só lhe causava repugnância e temor! Empurrando-o para longe, Norah tentou recompor-se para que ninguém desconfiasse dessa cena humilhante.

Quem entrou foi o capitão Gartner, que acabara de receber um recado destinado a sua hóspede

— O padre Ildefonso pediu-me para enviar-lhe um mensageiro tão logo você decida sobre a data do casamento, Norah. Como há um grupo de homens partindo na direção de Santa Madalena, pensei em aproveitar essa oportunidade.

Os olhos alertas do capitão perceberam imediatamente o que acontecera há poucos instantes e suas feições endureceram. Norah só rezava para que ele não notasse o rasgo do vestido nem seus lábios inchados dos beijos violentos de Abner.

— Já resolvemos tudo, capitão. Eu e Norah vamos nos casar amanhã cedo.

Gartner olhou para a jovem e compadeceu-se ao ver tanto desconforto e angústia refletidos naquele rosto ingênuo e ainda não tocado pela dura realidade.

— Eu... preferia esperar mais algumas semanas. Precisamos nos conhecer melhor e...

— Ora, que bobagem! Devíamos ter casado há mais de um mês, não vejo motivo algum para adiar a cerimônia por mais tempo. Esta região anda muito cheia de problemas causados pelos índios e esta situação vai agravar-se ainda mais. Pretendo voltar ao meu rancho antes de os ataques impossibilitarem nossa viagem.

Norah ansiava desesperadamente por mais algumas semanas para decidir-se, mas não conseguia pensar em nenhuma desculpa válida para justificar um adiamento da data marcada. Na verdade, não via como fugir de um compromisso como o noivado, quase tão importante quanto o casamento, diante dos olhos da Igreja. Além disso, Boston estava distante demais e ela cortara todos os seus laços com o passado no Leste. Já não tinha família nem amigos a não ser Abigail e Charles Gartner. Sua fascinação por LeBeau não passava de um sonho impossível, talvez o resultado de semanas de muita proximidade com um homem atraente. Sem dúvidas, ele só se aproximara dela para humilhá-la!

"Nunca haverá nada entre nós! Jamais!"

Aquelas palavras finais soavam em seus ouvidos como o estalido de um chicote e Norah não emitiu um som de protesto ao sentir o braço de Abner na sua cintura nem quando o ouviu pronunciar sua decisão.

— Eu e Norah nos casaremos amanhã, às dez horas.

E ela apenas baixou a cabeça, num gesto afirmativo.

Na sacristia da capela de Santa Madalena, Abigail dava os últimos retoques no penteado de Norah, que olhava para as próprias mãos, muito frias e já sem nenhum tremor.

Se ela pudesse salvar a amiga daquele casamento desastroso! Não havia simpatizado com Abner Slade no minuto em que o vira. Um sentimento vago

lhe dizia que não seria um bom marido. Além disso, tinha sonhado com outro homem para Norah, alguém mais educado, pertencente ao mesmo nível e com o qual poderia conviver sem atritos.

Norah percebia a inquietação de Abigail, porém não tinha ânimo para mostrar-se mais entusiasmada. Passara a noite toda em claro e a jornada do forte até a missão tinha sido um pesadelo. Desta vez quem a acompanhava era Abner, seu futuro marido... e LeBeau não estava a seu lado como sempre.

O sargento havia partido com seus homens há mais de dois dias, à procura do bando de apaches que massacrara a família Hazler, e a certeza de que seus caminhos jamais se cruzariam outra vez provocava uma angústia profunda em Norah. Por mais que lutasse contra pensamentos tão pecaminosos, ela não conseguia afastar a imagem daquele homem fascinante. Como podia pensar em outro a poucas horas de seu casamento?

Ao levantar os olhos, Norah viu a imagem dourada sorrindo para ela e lembrou-se daquela tarde em Boston, quando tinha jurado diante de Nossa Senhora que se esforçaria para ser uma esposa dedicada e uma mãe amorosa. Agora só lhe restava cumprir o juramento! Esqueceria tudo, abafando seus segredos cheios de culpa, e lutaria contra essa insensatez absurda. E, quando uma certa paz voltou a reinar em seu coração, Norah ergueu a cabeça, pronta a levar adiante sua obrigação.

As duas garotas que a precederiam até o altar já estavam à sua frente e ela as seguiu, caminhando como num transe onde nada via a não ser o brilho das velas tornando mais vividos os bordados da batina do padre Ildefonso.

Entre as jovens, sentadas nos bancos, faltava "Gazela Arisca", mas ela fugira com seu amante há semanas e Norah sentia apenas inveja de alguém capaz de lutar contra regras impostas pela sociedade e fugir ao encontro da própria felicidade. Ah! Se ela tivesse essa coragem!

Já não havia tempo para arrependimentos. Era preciso enfrentar a realidade com uma fortaleza de ânimo. O padre Ildefonso sorria e Abner, tomando sua mão entre as dele, também mostrava sua satisfação em ver finalmente a cerimônia se iniciar. E, em poucos segundos, Norah passou a ser a sra. Slade.

Os sinos encheram a planície com seus sons graves no momento em que LeBeau chegava ao portão do Forte Greenwood. Coberto de poeira e com os olhos se fechando de exaustão, ele saudou o vigia que olhava para a missão distante com um ar de excitação contida.

- O que está havendo em Santa Madalena? Mais algum funeral?
- Não! Desta vez é um casamento, graças a Deus!
- Casamento?
- Ora! Aquela moça, a hóspede do capitão Gartner, lembra-se? Ela

finalmente recebeu a visita do noivo ontem e hoje já estão diante do padre. Rápidos, não concorda?

A expressão de LeBeau se transformou num máscara de pedra sem a menor expressão. Ele nem se deu ao trabalho de responder ao soldado que o informara e disparou num galope desenfreado. Queria fugir para um lugar distante onde não ouvisse o som alegre daqueles sinos que soavam aos seus ouvidos como o dobre de finados.

Ao sair da penumbra agradável da capela, Norah ficou quase cega diante da claridade do sol. Aos poucos, sua visão foi se adaptando a luz e ela viu ao longe uma silhueta recortada em negro no horizonte.

Por uma fração de segundo, julgou reconhecer o cavaleiro solitário a galopar na planície. Os ombros pareciam tanto com os de LeBeau... Mas ela afastou o olhar, certa de que jamais tornaria a vê-lo. Lutou para conter as lágrimas, porém, pelo sorriso de Abner, percebeu que não tivera êxito. Sem dúvida o pranto era uma reação normal de qualquer jovem no dia de seu casamento.

Ao fitar o horizonte ainda uma vez, nada mais havia. Como sempre, fora iludida por seu romantismo...

Os acontecimentos perderam sua seqüência na mente de Norah. Sem saber o que sucedera desde sua saída da igreja, ela se viu novamente no hotel do vilarejo. O mesmo quarto em que passara sua primeira noite em Greenwood, e tão descuidado e sujo quanto se lembrava. Só a cama dava-lhe a impressão de ser maior e mais ameaçadora.

A efusiva camareira a recebeu com um sorriso e oferecendo-se para lhe trazer algo para comer, além da água quente que logo mandaria para o quarto.

Como sentir alguma sensação a não ser pânico?

Em poucos segundos, Abner viria ao seu encontro, mas, apesar de ser agora seu marido, continuava sendo um completo desconhecido para ela! E, pela primeira vez, ficariam completamente a sós.

Norah não queria pensar na noite à sua espera e procurou distrair-se. Soltou os cabelos e, sentada ao pé da cama, começou a penteá-los. Não havia a menor necessidade de escová-los tanto, mas o desespero a impelia a continuar.

Abrindo a porta com estrondo, Abner deu um sorriso de satisfação ao ver a longa cabeleira brilhante solta sobre os ombros delicados da jovem. Sem ao menos fechar a porta, ele atravessou o quarto com passos rápidos e segurou os fios sedosos e perfumados entre as mãos.

— Ah! Tenho a impressão de que fiz um ótimo negócio!

A fisionomia de Abner refletia tão bem suas intenções que Norah entrou em pânico. Não pôde porém protestar, pois ele a empurrou

rudemente de encontro ao colchão e começou a beijá-la. Nem o som de passos se aproximando o impediu de continuar a acariciá-la com as mãos pesadas.

Uma gargalhada maliciosa tirou Norah de seu estado de choque e ela tentou empurrá-lo, em vão.

— Ei, amigo! Se precisar de ajuda para domar essa potranca arisca é só pedir!

Enfurecido com o comentário do viajante curioso que permanecia em frente ao quarto, Abner soltou Norah e fechou a porta, trancando-a com a chave.

Aquele som era tão aterrorizante que ela saltou da cama, recuando até a janela, no outro extremo do quarto. As ações de Abner lhe pareciam estranhas, muito além de sua experiência, e a luz brilhante nos olhos dele chegava a ser diabólica!

— Vai ficar tudo muito mais fácil se você não agir como uma criança apavorada, Norah. Com o tempo, as mulheres se acostumam...

Ela se encostou ainda mais de encontro à parede, trêmula e desesperada por não ter para onde fugir.

— Espero por este momento há meses e nunca fui um homem paciente. Como você já deve ter percebido! Talvez eu tenha exagerado um pouco, mas esqueci-me de que estou com uma dama. Minha experiência com mulheres se limitou a prostitutas e evidentemente não iria casar-me com nenhuma delas, não acha? Escolhi uma moça fina... e virgem! Apesar de seus receios, lembre-se de que sua obrigação é ceder aos meus desejos. Uma esposa só deve pensar na satisfação do marido!

— Estou disposta a cumprir as obrigações conjugais, Abner. Mas recuso-me a ser humilhada diante de estranhos na minha noite de núpcias.

Ele não respondeu, ansioso por usufruir o que lhe pertencia agora. Forçando-a de encontro à parede, beijou-a, deslizando as mãos pelo decote do vestido. Ao sentir a resistência de Norah em entregar-se a um simples beijo, perdeu a paciência.

— Deixe de tolices e beije-me!

— Como? — murmurou ela, confusa.

Abner não perdeu a oportunidade oferecida pela pergunta da jovem e mergulhou a língua por entre os lábios macios, enquanto tentava alcançar os seios de Norah com as mãos.

— Droga! Você usa um mundo de roupas! Tire logo tudo, o que está esperando?

Desesperada, Norah lutava para manter sua dignidade diante da atitude grosseira do marido. Precisava salvar sua primeira noite de casada de um desastre!

— Por favor, Abner, espere um pouco! Não foi assim que imaginei esta noite. Gostaria de tomar um banho, colocar minha camisola... você me entende?

— Droga! Então você é uma dessas mulheres cheias de bobagens românticas? Esta bem! Se quer bancar a moça inocente, seduzida pelo marido, eu lhe faço o gosto. Mas apenas desta vez! A partir de hoje esteja sempre preparada para satisfazer os meus desejos, entendeu?

A voz da camareira avisou que trazia a água quente e, soltando Norah, Abner se dirigiu para a porta.

— Tenho negócios do outro lado da sua rua, mas volto logo: Depois da saída da camareira, Norah se despiu rapidamente, com medo que Abner cumprisse sua promessa e voltasse depressa demais. Sua vontade era ficar na água morna por horas, mas, ao imaginar a chegada do marido, saiu logo do banho e enxugou-se. Depois de vestir a camisola bordada por suas jovens alunas, ela fechou os minúsculos botões de pérola que fechavam o traje de dormir da cintura até o pescoço.

Apesar do modelo severo, o tecido era transparente e, quando ela se viu refletida no espelho do quarto, enrubesceu de vergonha. Jamais havia visto antes seu próprio corpo e sentia-se embaraçada. Sem o espartilho, sua cintura continuava muito fina, mas os seios pareciam maiores. Fechando os olhos de vergonha, Norah se jogou na cama e puxou o lençol até o queixo.

O ruído de passos vindo em direção ao quarto a fez estremecer, mas o som ultrapassou sua porta e ela suspirou aliviada. Entretanto o tempo passava... Onde estaria Abner?

Finalmente a exaustão sobrepujou o nervosismo e a expectativa e Norah adormeceu, esquecendo-se do que a esperava.

No quarto havia apenas a luz fraca de um lampião e, quando ela acordou, assustada, não conseguiu ver nada. O que a teria despertado? Mas um cheiro forte de bebida enchia o quarto, certificando-a de que não se encontrava mais sozinha.

— Abner?

— Ah! A minha mulherzinha estava muito ansiosa pela chegada do marido, não é?

Norah percebeu o colchão cedendo sob o peso de Abner e logo sentiu as mãos pouco gentis tentando abrir os botões, pregados com tanto carinho e fechados com tanto desespero! Pequenos demais para um homem impaciente, provocaram uma reação de violência em Abner. Com um gesto brusco, ele abriu a frente da camisola sem desabotoá-los.

Norah ouviu o ruído do tecido ao ser rasgado e o som das pequenas pérolas caindo ao chão.

— Você ficou louco? Eu...

— Fique quieta, mulher!

Ele não estava disposto a perder tempo com as atitudes puritanas de Norah. Escolhera uma jovem educada e virgem para casar-se, mas não iria tratá-la como se fosse de porcelana! Tinha tido muita sorte, pois ela era atraente e bem-feita de corpo, agora queria tomar posse do que lhe pertencia!

Abner mergulhou o rosto entre os seios rijos de Norah e, ao mesmo tempo, ergueu a camisola para buscar a cintura fina e o ventre liso.

Mordendo Os lábios para não revelar a repugnância que aquele contato lhe causava, Norah suportou a invasão de seu corpo por mãos insensíveis e rudes, sem se mover. Algo estava errado!

Na noite em que LeBeau a tocara, tinha sentido emoções atordoantes, um desejo intenso e incontrolável. Por que não acontecia o mesmo agora? Quando Abner a soltou, ela não sabia se ficava feliz por ser poupada de tanto sacrifício ou receosa por não ter agradado.

Abner ficou de pé para despir-se e, ao terminar, olhou triunfante para a jovem encolhida na cama.

— Eu já lhe disse antes que fiz um bom negócio ao casar-me com você, não foi? Agora é a sua vez de falar!

Pela primeira vez diante do corpo nu de um homem, Norah foi invadida pelo pânico e tentou fugir. Mas ele se moveu com maior rapidez e segurou-a com firmeza. Prendendo-lhe os dois braços sobre a cabeça, terminou de rasgar a preciosa camisola, jogando-a longe como se fosse um trapo sem valor.

— Ouça bem, moça! Trate de ficar quieta ou vai ser bem pior! Sabe que eu sou pouco paciente e agora meu único desejo é possuir a minha esposa!

A passagem de jovem para mulher foi um pesadelo sombrio e infundável para Norah. Mãos ávidas e brutais desvendaram todos os segredos de seu corpo, explorando cada curva, enquanto ele soltava expressões guturais de prazer. Sua pele delicada e jamais tocada antes recebeu o impacto de lábios e dentes que pareciam querer destruí-la. Controlando-se para não gritar, ela imaginou não haver nada pior ainda por vir.

Mas, quando Abner finalmente se cansou de brincar com aquelas curvas excitantes, olhou-a com um sorriso de triunfo e forçou o corpo inexperiente a recebê-lo. Penetrando-a com um movimento brusco, ouviu satisfeito um grito de dor escapar dos lábios de Norah.

Só muito tempo depois, ela ousou mover-se. Abner parecia realmente adormecido e Norah se levantou da cama. Seu corpo estava dolorido, mas não doía tanto como a realidade que via agora diante dela. A vida de casada tinha começado há poucas horas e já descobrira que seria obrigada a submeter-se a um homem grosseiro e brutal pelo resto de seus dias! Por que

o vilarejo sob o luar parecia o mesmo se ela mudara tanto?

Encolhendo-se de encontro à parede, Norah chorou até secarem suas lágrimas e então admitiu que não tinha outra saída a não ser suportar! Como tantas outras mulheres, lutaria para ver apenas o lado bom, procurando fazer de seu casamento uma união verdadeira e sólida.

Vazia e sem grandes esperanças, ela se aproximou da cômoda onde havia uma jarra de água fria. Ao passar do lado da cama, uma tábua rangeu sob seus pés, soando como um trovão no silêncio da noite.

Abner abriu os olhos e fitou a mulher à sua frente. A pele muito branca mostrava claramente as marcas de seu ardor, mas ainda faltava muito para que Norah soubesse o quanto ele era viril! E, quanto antes demonstrasse à esposa quem iria dar as ordens naquele casamento, melhor seria! Ele sentira um prazer imenso ao encontrar uma mulher capaz de lutar para não ser dominada, porém não pretendia passar o resto da vida perseguindo-a pelo quarto quando quisesse possuí-la. E, enquanto aquele corpo esguio não se deformasse com um gravidez após a outra, como era sua intenção, iria desejá-la com muita frequência.

Norah sentiu a mão de Abner em seu braço, puxando-a de volta para a cama. Por um segundo, pensou em reagir, mas seu momento de rebeldia foi muito breve. Sem resistir, ela se deixou levar pela força do destino. E, imóvel, suportou a violência e a humilhação daquele homem. Submeteu-se aos desejos e caprichos de Abner, que a subjugava, forçando-a ceder a um desejo brutal e destrutivo. De seus lábios fortemente cerrados não escapou nenhum gemido e de seus olhos não correu mais nenhuma lágrima.

Quando a luz da madrugada invadiu o quarto, banhou de tons rosados os traços delicados de um rosto de mulher. Ali já não havia mais a expressão alegre de uma jovem romântica e sim a fisionomia conformada de uma mulher sem sonhos de um futuro cheio de amor. No olhar ausente, já não mais brilhava a chama da ilusão...

CAPÍTULO VII

O nascer de um novo dia sempre traz de volta a esperança e a coragem perdidas durante a noite. Com o sangue indomável de seus antepassados irlandeses correndo em suas veias, Norah se recusou a se dar por vencida. Faria como tantos oprimidos, curvando-se sob a forte ventania mas reerguendo-se depois, sem nunca quebrar. Ela concentrou toda a sua atenção à paisagem para não pensar nas terríveis obrigações conjugais.

Abner, que até então não dissera uma única palavra, parou O carro à beira de um barranco de onde se descortinava um vale verdejante, cortado

por um rio que desaparecia no horizonte..

— Olhe bem, Norah! Aqui começa o meu território. O que acha?

Surpresa, Norah fitava o primeiro sinal de água corrente que vira em todo o Arizona. Entre pedras altas e cobertas de vegetação, via-se a nascente e, alguns quilômetros adiante, um grupo de casas rústicas e pintadas de branco. Mais ao longe ficavam os celeiros, as coqueiras e inúmeras carroças à sombra de gigantescos carvalhos. Era difícil imaginar uma extensão tão grande de terras pertencentes a um único homem.

— Não tinha a menor idéia de que você fosse um grande proprietário, Abner!

— E não está vendo nem a metade do que possuo, Norah! Daqui até o horizonte, e além dele, a terra é minha! — exclamou ele com orgulho. — Já sou rico mas pretendo tornar-me o homem mais poderoso do território do Arizona. Por esse motivo, eu precisava de uma mulher como você, alguém capaz de suavizar os hábitos rústicos e mostrar-me como se age em meio a gente fina.

Norah ficou agradavelmente surpresa com as palavras do marido. Era gratificante sentir-se necessária a alguém, ser considerada importante e não apenas objeto para dar prazer ou causar inveja aos demais. Talvez nem tudo estivesse perdido e ainda houvesse chances de salvar seu casamento.

— Farei o possível para ser a esposa ideal, Abner. Eu lhe prometo.

— Lógico, lógico! Um homem poderoso e que conseguiu galgar até o topo precisa de uma esposa fina a quem todos admirem. É mais uma prova do sucesso!

Abner voltou a dirigir a carroça e Norah percebeu que eles dois jamais falaria o mesmo idioma. Suas ambições se resumiam em um lar feliz, onde filhos e pais vivessem em paz e harmonia, e as dele eram dinheiro e poder! Mas um imenso portão de madeira já bem próximo chamou a atenção de Norah. Gravado na placa que pendia do arco sobre a entrada havia um puma, o leão da montanha.

E logo à sua frente surgiu uma construção baixa, em estilo espanhol. Toda pintada de branco, estava com as portas e janelas verdes cerradas para impedir a entrada do calor sufocante da tarde. A casa tinha um ar hostil e pouco acolhedor, mas Norah se negava a ser intimidada por detalhes sem importância. Ajudada por Abner, ela desceu. Mal dera os primeiros passos e a porta se abriu.

Uma jovem morena de cabelos negros muito lisos a encarava com curiosidade e insolência. Apesar do vestido pouco limpo e dos cabelos em desordem, notava-se o corpo esguio e bem feito.

— Esta é Elena. Ela faz a limpeza da casa e cozinha para nós — explicou Abner, sem fitar a jovem. — Cumprimente sua nova patroa, Elena.

— Buenos dias, sra. Slade.

— Obrigada, Elena.

Norah sorriu, mas notou de imediato o olhar da moça dissimulado e hostil. Havia um aroma estranho no ar e ela logo supôs que fosse alguma bebida. Seria um problema sério ficar sozinha num local tão distante, só com a companhia de alguém não confiável!

No vestíbulo escuro e fresco, Elena pôs a mão no braço de Abner, falando rapidamente em espanhol. Norah parou à porta. Por algum motivo inexplicável, não queria revelar aos dois que compreendia bem esse idioma graças às aulas da missão. Manteve uma expressão ausente, olhando à sua volta como se estivesse observando os móveis da sala à sua frente.

— Surgiu um problema sério e Kincaid quer vê-lo imediatamente — disse Elena e, olhando para Norah, indagou: — Essa... a sua esposa sabe de tudo?

— Não, e fique de boca fechada ou vai se arrepender. Ela não deve saber de nada, entendeu? Agora saia e vá dizer a Kincaid que logo irei ao encontro dele.

A resposta de Elena foi num tom muito baixo, mas Norah escutou uma única palavra: LeBeau.

— Não se preocupe com ele. Vou tomar providências para que não nos perturbe mais. — Abner se voltou para a esposa, sem sorrir. — Elena voltará em pouco tempo e lhe mostrará a casa. Eu tenho que sair.

— Aconteceu algo errado?

— Não, apenas um problema com o gado no sul do vale e precisarei ir até lá. Estarei de volta na hora do jantar. Mas, antes de ir, quero mostrar-lhe algo.

Segurando-a pelo braço, ele a conduziu até o outro lado da sala, onde, sobre uma cômoda pesada, estava pendurado o quadro de uma casa. Cheia de janelas e portas de vidro, era a moradia ideal para um local frio, pois deixava o sol entrar e aquecer os cômodos. Ali no Arizona seria uma verdadeira tortura! O estilo perfeito para Boston jamais seria adequada para o Oeste!

— Talvez seja uma moradia pobre para você, Norah. Mas aqui para nós é um palácio. No próximo ano, estaremos vivendo numa casa igualzinha a esta! Afinal, toda jóia preciosa precisa de um bom estojo para guardá-la, não acha, querida?

— É muito bonita, Abner. Mas não será grande demais para nós? — perguntou Norah, tentando esconder sua falta de entusiasmo.

— Não lhe expliquei toda a história, por isso não me entendeu. Quando eu não passava de um garoto sem eira nem beira, fui trabalhar para Félix Gentry. Este é o quadro de sua casa e ficava ao lado de sua escrivaninha. —

A expressão de Abner refletia ódio. — Ele me tratava como se eu fosse lixo, fazendo-me trabalhar duro. E à noite, eu adormecia repetindo um juramento: iria ter uma casa tão bonita quanto a dele e o arruinaria se houvesse a menor chance! — Um sorriso maligno curvou-lhe os lábios finos. — Quando nossa casa estiver pronta, terei cumprido as duas partes da minha promessa. No mês passado, Félix Gentry entrou em seu escritório e deu um tiro na cabeça, pois não tinha mais um tostão. Estava arruinado!

Norah não podia acreditar nas palavras de Abner. Aquele homem fora dominado pela sede de vingança e destruíra seu antigo patrão sem o menor remorso. Até mesmo parecia sentir prazer na tragédia de Felix Gentry. Tanta maldade num ser humano era terrível demais, mas em seu marido se tornava intolerável. Como não percebera nada desse aspecto da personalidade dele nas cartas que haviam trocado durante o noivado?

A voz de Elena, ao seu lado, trouxe Norah de volta à sala. Abner já havia saído e a jovem a fitava com um ódio inexplicável.

— Vou mostrar-lhe o resto da casa.

Sem esperá-la, Elena atravessou a sala e entrou por um corredor escuro. Norah decidiu ignorar a insolência da garota, ansiosa por conhecer melhor o marido através de seus objetos pessoais. No entanto, tinha a impressão de que ninguém usava aqueles cômodos onde os poucos móveis eram escuros e pesados. Não havia nenhum enfeite, e camadas de pó cobriam as mesas e cadeiras.

Tudo ali necessitava da presença firme de uma dona de casa, mas já de antemão Norah sabia que não ia ser fácil dar ordens à Elena.

A jovem parou em um dos quartos, mas esticou o braço impedindo a entrada. Pela porta aberta, via-se uma escrivaninha e duas estantes cheias de pastas.

— Este é o escritório do señor. Aqui ninguém entra, são ordens dele!

— Oh! Como na torre do Barba Azul?

— Não sei quem é esse, mas aqui só o señor e eu podemos entrar. Ele confia em mim, o señor é um homem muito bom.

A expressão de Elena era indecifrável, mas Norah julgou ter percebido algo de clandestino e furtivo nos rápidos momentos em que seus olhares se cruzavam. Ela continuava barrando a entrada numa pose inconscientemente sensual que irritou Norah profundamente.

Disposta a mostrar desde o início sua autoridade empurrou o braço de Elena e entrou na sala. Levou um longo tempo examinando cada uma das peças também cobertas de pó e quando se cansou do jogo, deu a primeira ordem em seu novo lar.

— A próxima vez em que você entrar nesta sala, o que será logo após o almoço, vai limpar tudo. A poeira impede que se respire.

Mas Elena já tinha voltado ao corredor e abrira a última porta.

— Este é o quarto.

O aposento tinha poucos móveis. Além da cama, havia uma cadeira e uma mesa rústica. Como em todos os outros cômodos, a poeira cobria tudo e Norah sentiu sua irritação crescer diante do ar indiferente de Elena.

— Vou esperar para abrir minhas malas até que você tenha feito uma boa limpeza. Esta casa está num estado lastimável e...

Um som estranho fez com que Norah se calasse, virando-se para o lugar de onde viera o ruído. Surpresa, viu Elena deitada sobre a colcha da cama, com um sorriso malicioso nos lábios. O vestido descorado já não cobria as coxas douradas e bem-feitas e os seios rijos e fartos quase escapavam da blusa mal abotoada.

— Vai gostar deste colchão, señora. É muito confortável!

Tudo ficou muito claro para Norah naquele instante. A hostilidade da jovem não tinha outro motivo a não ser o ódio causado pela chegada da esposa de Abner: Elena perdera seu lugar na cama dele!

Norah fez um esforço supremo para suportar mais um choque. Afinal, o Arizona era um lugar isolado onde quase não existiam mulheres. Se Abner cedera à tentação, procurando uma companheira para aliviar sua solidão, apenas agira como um homem normal. Com que direito censurá-lo por um acontecimento do passado? Agora tudo mudaria, ele tinha uma esposa. No entanto, ela precisava deixar bem definida a situação a partir de sua chegada e, com o tom de voz mais severo que usava para censurar suas alunas indisciplinadas, dirigiu-se à jovem, que a fitava insolente.

— Não tenho o menor desejo de saber qual a sua posição nesta casa antes de minha chegada, mas fique certa de que tudo mudou. Se tem alguma pretensão em manter o que houve no passado, pode fazer as malas e sair daqui.

— Não compreendo, señora!

— Compreende sim! Aliás, só agora começamos a nos entender. Haverá apenas uma mulher mandando nesta casa, eu! Se quiser ficar, faça o seu trabalho bem-feito, pois, se tudo não estiver a meu gosto, será substituída e rapidamente. Agora irei ver o resto da casa sozinha, porque você vai começar a limpar tudo!

Elena saiu do quarto enfurecida, mas sem responder a Norah.

— Você não vai durar muito na cama do señor. Ele logo a deixará grávida e não gosta de mulheres gordas. E quando ele se cansar... você aprenderá o que é medo! Então fugirá como um rato assustado e eu voltarei a ocupar esta cama! O señor gosta do meu corpo moreno, não da sua pele descorada — murmurava Elena enquanto ia buscar a vassoura e panos de chão.

Norah sentou-se na cama, pensando em como o dia ainda lhe revelaria outras inúmeras verdades! Ainda não era nem hora do almoço e ela já aprendera grandes lições. Os delírios de amor não passavam de exageros poéticos feitos para enganar almas românticas e ignorantes das agruras do mundo. Seu marido era um homem violento e sem a menor consideração pelas mulheres. E a última revelação vinha confirmar tudo: seu lugar ao lado de Abner já fora ocupado por uma jovem insolente que lhe tornaria os dias muitos desagradáveis.

No entanto, Norah já não se ressentia mais como a dura realidade. Conformara-se em aceitar a vida que tinha escolhido e se esforçaria ao máximo para ser uma boa esposa. Iria tornar aquela casa um lugar aconchegante e hospitaleiro, onde crianças se sentissem bem. Pensando no futuro, ela se esquecia dos problemas ainda por enfrentar.

O cheiro de comida despertou-lhe a apetite, causando-lhe uma grande surpresa. Ela mudara muito desde sua chegada ao Arizona. Semanas atrás, revelações como as de Elena teriam causado uma crise de desespero e lágrimas. Hoje, Norah já conseguia afastar o fato de sua mente para pensar no que iria almoçar!

Dois meses de convivência com Abner, transformara Norah por completo, apagando de sua lembrança a garota esperançosa que chegara a Greenwood com um futuro à sua espera.

A destruição de seus sonhos, que começara na noite de núpcias, tinha prosseguido sua marcha impiedosa. Dia a dia, uma ilusão se desfazia diante dos olhos sempre mais frios e desiludidos de Norah.

O amor não surge necessariamente após o casamento, mas o ódio precisa ser abafado ou se espalha como uma erva daninha. A vida estava muito longe de ser um conto de fadas e seu marido não tinha um único ponto de semelhança com os heróis dos romances que ela lera.

No entanto, Norah também descobriu sua própria força e coragem para suportar um relacionamento físico brutal e humilhante e encontrou ânimo para enfrentar a visão de um futuro sem esperança de melhora. Mas foi outra a descoberta que mudou sua vida.

O dr. Porter, em sua visita mensal à fazenda, confirmou as suspeitas de Norah. Finalmente ela estava grávida! Uma alegria imensa a invadiu. Agora tudo lhe parecia perfeito. Iria ter um filho e a maternidade sempre fora seu maior sonho. Até sua raiva por Abner diminuiria. Ao ouvir os passos do marido aproximando-se do quarto, mal pôde conter sua impaciência em vê-lo entrar.

- Então? O que disse o dr. Porter sobre o seu mal-estar?
- Oh, Abner! Ele... eu estou grávida. Vamos ter um bebê!
- Tem certeza? Que notícia maravilhosa!

Norah sentiu um impulso de afeição pelo marido. Um homem que tinha amor para dar aos filhos poderia aprender o significado da ternura. Talvez o ódio e a brutalidade de Abner resultassem dos anos de privação e miséria e, com o tempo, seriam substituídos por afeição. Ainda havia esperanças!

— Quando ele nascerá?

— No fim de abril ou começo de maio... na primavera.

— Mal posso esperar! E as suas tonturas, a dor de cabeça?

— Bem, o médico pediu-me para repousar bastante e... bem... devemos evitar...

Norah tinha ficado em pânico ao saber que não haveria possibilidades de um relacionamento físico sem prejuízo para a criança. Temia a reação violenta de Abner, que se mostrava insaciável em seus desejos. Aquele aspecto de sua vida era tão humilhante que ela procurava não se lembrar de que existia. O marido continuava a procurar apenas sua própria satisfação, usando-a com brutalidade.. As marcas em seu corpo, ocultas sob o vestido, eram a prova concreta de muitas noites de degradação.

— Não posso tocá-la, é isso? Pois não se preocupe. Jamais eu faria algo prejudicial ao bebê. Um homem precisa de um filho e eu, ainda mais. Quero um herdeiro para o meu império!

Os olhos de Norah se encheram de lágrimas de desapontamento. Para Abner, aquela criança não era um ente querido e sim uma extensão da personalidade dele, que só aumentaria seu poder.

Nesse instante, Elena entrou sem bater e parou ao lado de Abner.

— Droga! O que está fazendo aqui? Já lhe disse mais de mil vezes para não se esgueirar pelos cantos como um gato ladrão, Elena!

— Sinto muito, señor Kincaid quer vê-lo logo. Ele está no canyon da "Árvore Seca" à sua espera.

— Que diabo! Ele não é capaz de fazer nada sem a minha ajuda? Qual é o problema agora?

— Alguns índios apareceram por lá fazendo perguntas sobre a garota. Estão procurando por ela.

Abner ficou pálido e, despedindo-se apressadamente da esposa, saiu correndo do quarto.

Só então Norah percebeu o olhar de Elena, cheio de suspeitas, recair sobre ela. Ainda não queria revelar seus conhecimentos de espanhol e forçou-se a parecer indiferente a tudo. Mas havia algum mistério! Quem era a garota e o que tinha a ver com seu marido?

— Por que ainda não foi embora, Elena? Tem algo a me dizer?

— Não fique tão feliz porque vai ter um bebê!

— Você estava escutando a nossa conversa?

— Estou só lhe avisando. — A jovem tinha um olhar maldoso e cruel. —

Até abril muita coisa pode acontecer, um tombo, uma febre... Quem sabe?

— Vou mencionar seu "aviso" ao sr. Slade — retrucou Norah, tentando abafar o pânico que a invadiu. — Se algo acontecer, ele se lembrará de suas "predições". O maior desejo do meu marido é ter um filho, ele não perdoará quem o impedir!

— Não se preocupe comigo, señora. Se houver problemas, garanto que não virão de mim!

Como sempre, Elena recuava diante de um confronto direto, mas seu ódio crescia a olhos vistos. Norah temia que a jovem usasse alguma erva maligna e provocasse um aborto. Precisava aconselhar-se com Abigail e, graças a Deus, iriam até o forte na semana seguinte para o Festival de Verão.

Por que a imagem de LeBeau surgia diante de seus olhos quando pensava no forte? Nunca se livraria desse tormento? No entanto, como gostaria que ele estivesse entre os cavaleiros que disputariam as corridas... Será que também pensava nela?

Numa resposta ao seu devaneio, Norah ouviu uma voz inconfundível vinda do pátio em frente à sua casa.

— Diga a Slade que estou à procura dele. Ele já adivinhou que eu viria, tenho certeza.

Norah se levantou de um salto e correu para a porta. Aquele homem tornava suas noites em um tormento ainda maior, fazendo-a lembrar-se de algumas horas roubadas e de uma paixão inesquecível.

Sob o sol forte, a figura familiar de LeBeau se fundia ao brilho dourado da tarde. Os cabelos estavam mais longos, o rosto, mais magro, e os olhos continuavam a emitir uma luz letal e perigosa. Com os braços presos por dois vaqueiros de Abner, ele parecia uma pantera prestes a destruir tudo à sua volta.

— Sargento LeBeau! O que houve?

— Nós o prendemos perto do celeiro, madame.

— Solte-o, Francisco.

— Mas o señor...

— Eu lhe dei uma ordem, Francisco! Solte esse homem imediatamente.

— Ignorando a expressão indignada dos empregados, ela sorriu para LeBeau.

— O sargento é um amigo, conheci-o no Forte Greenwood. Gostaria de tomar um refresco?

— Sinto não aceitar seu convite, mas tenho que conversar com seu... marido.

Haveria tanto para dizer àquela mulher se não fosse a barreira intransponível do casamento! Não se passava um dia sem que ele se lembrasse dos olhos azuis fitando-o com confiança. Mas não quisera ser

lembrado como o homem sem controle que a possuía num estábulo, tratando-a com as desconsideração de uma prostituta!

— Ele não está em casa. Foi chamado a um lugar. Oh! Não me recordo... talvez seja algo relacionado a "Árvore Seca"...

A mudança na expressão de LeBeau deixou Norah horrorizada. Os traços se transformaram em linhas duras e a boca se contraiu num rio de ódio. Os olhos pareciam contas de vidro, faiscantes e inexpressivos, mas extremamente perigosos. Ela recuou assustada, porém uma mão de ferro prendeu seu pulso e ela gritou.

Só então LeBeau percebeu a mancha roxa sobre a pele delicada e, abrindo os botões da manga, viu ainda mais outra.

— O que aconteceu com seu braço?

— Não tenho idéia. Eu fico assim só de esbarrar num móvel e...

— Não minta para mim! Foi Abner?

LeBeau não tinha direito de fazer aquela pergunta. Ele a rejeitara, pois tinham se conhecido quando já pertencia a outro homem e não rompera sua palavra. Agora havia o bebê e Norah precisava esquecer esse sonho absurdo a qualquer custo!

— Minha vida particular não lhe diz respeito, sargento LeBeau!

Ele cerrou os dentes diante dó tom altivo de Norah. No entanto, merecia aquelas palavras. Não a tomara para si porque nada tinha a lhe oferecer e ainda continuava preso ao mesmo dilema. Não existia lugar para uma mulher em sua vida.

— Tem toda a razão, madame. Vim até aqui apenas para ver seu marido. Avise-o de que voltarei muito em breve para um acerto de contas. Ah! Antes que eu me esqueça... Já viu Slade com um anel de ouro sobre o qual há um leão da montanha em alto-relevo?

— Não. Ele usa apenas a aliança e não creio que esse assunto seja da sua conta.

— Então não há mais nada a dizer. Adeus, sra. Slade!

Norah permaneceu imóvel até ouvir o som do galope sumir a distância. Então, tomada por uma energia nervosa, correu para o escritório de Abner, onde sabia estarem as jóias do marido. Ao abrir a caixa, encontrou o relógio de ouro, um par de abotoaduras e mais nada. Mas no veludo negro, havia uma marca circular, sem dúvida causada pelo peso do anel. E por que LeBeau se interessaria por uma jóia?

Preocupada com tantos mistérios sobre as atividades de Abner, Norah foi para o quarto a fim de repousar. Sem perceber, ela adormecera e Elena não veio acordá-la para o jantar. Quando abriu os olhos, a lua já iluminava a metade do quarto. Devia ser muito tarde! Onde estava Abner?

Já passava da meia noite quando ele entrou no quarto, recendendo a

bebida e a perfume barato. Norah conhecia aquele aroma adocicado e sabia que vinha de alguma das garotas de Cândida. Nunca encontrara pessoalmente a dona do bordel, porém seu marido devia conhecê-la muito bem! Como se não bastasse a humilhação de um ato degradante e sórdido. Abner a possuía inúmeras vezes tendo em si o perfume de outra mulher! Pelo menos agora seria poupada de tal vergonha, pois a gravidez o impedia de tocá-la.

Norah continuou de olhos fechados, pensando se devia ou não falar da visita de LeBeau. Decidiu deixar para o dia seguinte. Contar um fato que talvez o desagradasse depois que ele tinha bebido poderia provocar uma reação violenta e não estava disposta a ouvir gritos. Só queria dormir e aproveitar a paz de um repouso completo, graças à sua gravidez.

Sonolenta, ela ouviu o som das botas de Abner caindo ao chão e logo o colchão cedeu sob seu peso. Subitamente, foi puxada de encontro ao corpo musculoso do marido.

— Abner! Você não pode...

— Cale a boca, mulher! Ainda não aprendeu a respeitar os meus desejos?

As mãos rudes deslizaram pelo ventre de Norah, buscando a pele macia do interior das coxas e forçando-as a se abrirem.

— Pelo amor de Deus! Lembre-se do que o dr. Porter disse!

Ele a soltou como se fosse um ferro em brasa.

— Com os diabos! Eu esqueci!

Norah suspirou, aliviada. Tinha sido poupada de mais um ato torturante! Mas por que Abner não se afastava logo? A risada diabólica do marido mostrou-lhe que seu alívio fora antecipado.

— Ah! Minha esposa é inocente demais e eu negligenciei a sua educação. Você vai descobrir que há uma infinidade de maneiras de se chegar a um mesmo fim, querida!

Norah tinha se julgado livre de surpresas. Já passara por tudo e não lhe restava mais nenhum sofrimento desconhecido, mas a voz rouca de excitação de Abner provocou-lhe um pânico incontável.

— Você ainda tem muito que aprender e eu vou sentir um prazer imenso em ensiná-la.

Mãos cruéis desceram sobre o corpo delicado, forçando-o a degradações ainda não sofridas, e Norah escondeu o rosto no travesseiro para abafar os gemidos que rompiam o silêncio da noite.

CAPÍTULO VIII

Na planície ao redor do Forte Greenwood estavam reunidos os batalhões que iriam disputar as corridas do Festival de Verão. Aquela festa atraía gente de todos os pontos do território do Arizona e nem o sol inclemente de setembro tirava o entusiasmo de todos. Apenas as mulheres tinham sido protegidas por uma tenda improvisada e seus vestidos claros davam um toque colorido entre tantos uniformes.

Entre uma corrida e outra, as senhoras ocupavam seu tempo bordando, a atitude correta para uma dama. Abigail tinha nas mãos uma delicada peça de enxoval de seu filho, mas Norah, que jamais vira antes um espetáculo tão emocionante, nem retirara seu bordado da bolsa. Junto a elas, estava a decidida Cora Boyle e a hóspede que ameaçava tornar-se permanente, Hannah Tooms.

Abigail se inclinou para a amiga com uma expressão preocupada.

— Você não está com bom aspecto, Norah. Quando chegou, eu a achei muito pálida e, ao ver sua falta de apetite no almoço, cheguei a uma conclusão. Por acaso não há um bebê a caminho?

— Oh? Você adivinhou meu segredo! Pretendia contar-lhe, mas não ficamos a sós nem por um minuto. Precisamos tanto conversar... Abner vai para o México no começo de novembro. Gostaria que eu viesse lhe fazer companhia e ficar ao seu lado durante o nascimento do bebê?

— Seria tão bom! A cada dia que passa percebo como é confortante ter uma presença feminina para dar-me forças nesse momento. Charles insistiu em mandar-me para Santa Fé, mas eu me recusei a deixá-lo. E agora o dr. Porter proibiu-me de fazer qualquer tipo de esforço, quanto mais viajar!

Olheiras profundas marcavam o rosto delicado de Abigail e sua pele perdera o brilho da juventude. Norah sentia-se grata a Abner por tê-la trazido ao festival. O aspecto de sua jovem amiga a preocupava demais. Muito mais magra, já não tinha o rubor costumeiro que, embora causado por uma doença terrível, ao menos criava uma impressão de saúde.

Uma agitação ao redor da pista indicava o início de outra corrida e todas se levantaram para ver os cavalos velozes surgirem entre nuvens de poeira. Entre os participantes, havia um cavaleiro que cavalgava sem sela e atraía todos os olhares. Sem camisa, o torso magnífico brilhava ao sol e uma turquesa pendia da tira de couro na cabeça como único enfeite. O coração de Norah disparou ao ver aquela figura que ainda a perturbava tanto.

LeBeau escorregou pelo lado do cavalo até tocar o pé no chão e repetiu a façanha diante dos olhos incrédulos de todos.

— Nunca vi nada igual! — exclamou Abigail.

— Não há cavaleiro comparável ao sargento LeBeau — acrescentou Norah. — Ele faz verdadeiros milagres sobre um cavalo. — Não sabia que o conhecia, sra. Slade — interveio Hannah, com uma expressão de censura.

— Talvez tenha esquecido, Hannah, mas ele nos salvou a vida. Recordasse do episódio da carroça que lhe contei no dia do meu aniversário? — interrompeu Abigail.

— Não importa. Esse homem não é um oficial de carreira e faz parte de um batalhão irregular. Nem sei por que não os obrigam a usar uniformes do Exército. Parecem índios com esse trajes bárbaros.

— É exatamente este o motivo, minha cara! — comentou Cora Boyle, irritada com as críticas constantes de sua hóspede, a quem já não podia mais agüentar. — Os índios não respeitariam um homem que não demonstrasse sua individualidade no momento de vestir e os patrulheiros lidam com peles-vermelhas, por isso, o general Crook lhes dá toda a liberdade.

— Mesmo assim acho revoltante ver um homem sem camisa, como um selvagem. Veja esse tal de LeBeau. É difícil dizer se é branco ou índio. Não tolero esses pagãos! Vivem cobertos de penas e ossos de animais como se fossem enfeites.

Norah fitou o rosto cheio de ódio de Hannah e não conseguiu controlar-se.

— Acha mesmo que sejam muito diferentes de nós? Há plumas no seu chapéu e vieram de algum pássaro, não é? Quanto ao seu colar... parece-me ser de marfim, estou certa? Qual a diferença entre os dentes de um animal e os ossos de outro?

Hannah enrubesceu diante da censura de Norah e não ergueu mais os olhos de seu bordado. Mas Cora Boyle deu uma gargalhada pouco apropriada para uma dama.

— Só tenho uma grande certeza, minhas amigas. Nunca vi um homem tão atraente quanto LeBeau em toda a minha vida. Se ele é ou não é índio, não tem a menor importância diante de sua perícia em montar!

A atenção de Norah já não mais estava na discussão. Seus olhos seguiam um único cavalo. LeBeau voltava para a linha de partida, recebendo os cumprimentos por ter ganho aquela prova. Ela sentia-se envergonhada por continuar tão fascinada, mas era impossível lutar contra aquela atração. Procurava encontrar uma justificativa para sua atitude pecaminosa, acreditando que uma mulher jamais se esquece do primeiro beijo, embora não se lembre do rosto de quem a beijou.

Como se um raio de sol mais quente tocasse sua pele nua, LeBeau sentiu o olhar de Norah sobre ele. Mesmo parecendo ignorar a presença dela, não perdera um único movimento daquela mulher. Numa tortura constante, ela povoava seus sonhos e perturbava seus dias, sempre desejável e fora de seu alcance. Vê-la em plena luz do sol obrigou-o a admitir as mudanças naquele corpo que ele tocara por tão breves minutos.

A jovem se transformara numa mulher plena e as curvas haviam-se acentuado, tornado-se ainda mais provocantes. Até o olhar mudara: Norah o fitava com os olhos sem inocência. Parecia avaliá-lo como amante. Sem dúvida, era agora igual às outras mulheres brancas que imaginavam como seria excitante ter um amante selvagem, um índio!

A garota assustada que desconhecia sua sensualidade intensa fora tocada por outras mãos. Os sentidos já não mais jaziam adormecidos! Quando seus olhares se encontraram, LeBeau viu o mesmo desejo incontrolável que o atormentava refletido nos traços delicados de Norah e cumprimentou-a com um sorriso irônico. Ela agora tinha um marido e procurava um amante? Saberia de seu sangue comanche e estava ansiosa por novas emoções?

Se fosse possível afastar aquela presença de sua vida, lembrando-lhe a cada momento do que poderia ter sido o paraíso!

Um homem parou diante de seu cavalo, impedindo-o de continuar. Era a outra presença constante em seus pensamentos: Abner Slade!

— Faça-me o favor de não insultar minha esposa com suas atenções, mestiço!

Os olhos de Abner refletiam uma fúria alucinada. Ele notara os olhares trocados entre Norah e LeBeau e uma suspeita envenenara-lhe a alma. Era aquele homem o responsável pela falta de desejo de sua esposa? Era LeBeau quem a levava a fugir de suas carícias? Norah passara algumas semanas no forte e teria sido possuída por LeBeau antes de se entregar a ele?

— Estou falando com você, mestiço. Se o vir falando ou mesmo olhando na direção dela, nada o salvará de uma bala de meu revólver!

LeBeau continuava impassível como se não houvesse ninguém à sua frente e o seu silêncio enfurecia ainda mais o homem que tentava agarrar as rédeas de seu cavalo. Ainda não chegara sua hora!

Os gritos começavam a atrair curiosos, que se reuniam em volta do cavaleiro impassível e do homem rubro de ódio.

— Responda, mestiço sem-vergonha! Ou será que ficou muito tempo entre os índios e virou tão burro quanto eles?

Abner nem percebeu quando LeBeau saltou do cavalo como um raio e derrubou-o no chão, levando as mãos a volta de seu pescoço. Só sentiu o ar fugir de seus pulmões e a impossibilidade de gritar pedindo ajuda.

— Que tal não poder respirar, Slade? Foi assim que morreram os pobres coitados que compraram a bebida envenenada de Abner Slade. Está surpreso? Não imaginava que eu soubesse, não é? Suspeito de você há um longo tempo como sendo o responsável pelas mortes de muitos índios.

— Loucura! Você não tem provas... — A voz de Abner era muito baixa, tal a pressão dos dedos de ferro em sua garganta.

— Para um júri branco, eu não tenho... ainda! Seu trabalho é bem-feito, mas amanhã termina meu período como patrulheiro e terei todo o tempo do mundo para descobrir muitos detalhes suspeitos. Então reunirei provas suficientes para pôr uma corda em volta do seu pescoço.

Abner já estava começando a perder a visão e a chegada providencial do capitão Gartner impediu que a situação se agravasse ainda mais.

— O que está fazendo, sargento? Solte-o!

— Tenho contas a ajustar com Slade.

— Então faça isso amanhã, quando não estiver mais sob o meu comando. Você é um dos meus homens ainda! Fora do forte podem até se matar, mas dentro do meu campo de autoridade, não!

— Acato suas ordens, capitão — disse LeBeau, fitando-o com um olhar frio, antes de saltar sobre seu cavalo e afastar-se de Slade. O sangue fervia em suas veias por ter perdido o controle antes do momento certo, quando teria certeza de tudo!

Levantando-se do chão, Abner investiu contra o capitão exigindo satisfações imediatas.

— Quero esse homem diante de uma corte marcial! Apenas perguntei-lhe por que se vestia como um índio e ele quase me matou. Não havia motivos para um ataque tão violento!

— Você começou todo o problema, Slade. Agora agüente as conseqüências. — Gartner não conseguia evitar uma antipatia profunda por aquele homem de olhos furtivos. — Se as senhoras não estivessem presentes, eu os deixaria resolver esse assunto sem intervir. Não sei o motivo que provoca tanta animosidade entre vocês, mas só posso lhe dar uma certeza. Nunca vi LeBeau agir sem justa causa como também não soube que ele poupasse algum inimigo.

Gartner se afastou rapidamente para não dar chances a Slade de continuar falando. Estava preocupado demais com Abigail, pois sabia o quanto o calor intenso prejudicava sua saúde frágil.

Como ele ficaria aliviado quando o bebê nascesse! Sempre sonhara em ter um filho ou uma filha, mas renunciaria de bom grado a essa benção divina apenas para poupar Abigail dos riscos de um parto. Seu coração quase parava de bater ao pensar em qualquer perigo ameaçando a vida dela. Sentia uma fragilidade tão grande naquela esposa-criança, o bem mais precioso que jamais possuía! Passava horas acordado à noite só pelo prazer de observá-la enquanto dormia.

Mas suas vigílias tinham se transformado num sofrimento atroz! Acordava sobressaltado ao todo instante, com medo de que ela já não mais respirasse! Seu pesadelo constante era encontrá-la, uma manhã, coberta pelas flores rubras daquela doença terrível. Ao chegar à tenda, procurou

mostrar o sorriso calmo de sempre.

— Então, senhoras? Cansadas de sentir tanto calor?

— Nem pense nisso, querido! É tudo tão excitante!

O olhar de Abigail demonstrava tanto amor que Norah sentiu uma pontada de inveja. Aquele casal possuía o bem mais precioso do mundo e o único que ela realmente desejava: um amor sem limites. Abner jamais compreenderia sua visão de casamento e ela não se conformava com uma vida de luxo mas sem afeição.

Os pensamentos de Norah foram interrompidos pelo desmaio de Abigail que, nos braços do marido, parecia estar morta.

Tomadas de desespero, Norah e Cora Boyle tentavam ajudar, dificultando ainda mais a Charles Gartner chegar até a carroça mais próxima. Em poucos minutos, chegaram à casa, mas Abigail ainda não voltara a si. Como se estivesse carregando uma frágil peça de cristal, ele a deitou sobre a colcha.

O quarto de cores claras e alegres não parecia prenunciar uma tragédia, porém um simples olhar para a fisionomia tensa de Cora, a mais experiente entre todos os presentes, foi o bastante para apavorar Norah.

— Por favor, capitão. Deixe-nos com Abigail — disse Cora com voz de comando.

Um bom oficial sabe dar ordens, mas também aprende a recebê-las. Charles obedeceu imediatamente, sem discutir. — Chamem-me assim que ela acordar, está bem?

— Vá tomar uma bebida forte, meu caro! Logo tudo voltará ao normal — continuou Cora, aflita por vê-lo fora do quarto. — Deve ter sido o excesso de sol e basta soltar seu espartilho para que ela volte a si.

Mal Charles havia saído do quarto, Hannah mostrou toda a sua indignação.

— Precisa ser tão indelicada e mencionar peças íntimas do vestuário feminino ao capitão? Eu não sou casada!

— E pelo jeito não vai ser, minha cara. Se continuar se preocupando com detalhes ridículos quando a situação é séria, não saberá ver o que realmente importa — explodiu Cora, com violência inesperada.

— Mesmo assim, eu...

— Cale a boca! Abigail vai ter o bebê! Se não quiser presenciar uma cena "indelicada", vá esquentar água para ajudar.

Hannah fugiu do quarto, feliz pelo pretexto oferecido por Cora. Ela detestava se envolver em problemas de saúde!

Sozinha com Cora, Norah finalmente criou coragem para perguntar sobre a gravidade da situação, mas a senhora, com gestos decididos, já estava soltando as anáguas de Abigail e, ao tocá-la, soltou uma exclamação

de pânico.

— Deus do céu! Ela está tendo uma hemorragia. Vai perder o bebê! Chame o médico do forte antes que seja tarde demais.

Norah desceu as escadas e parou ao ver Charles em pé a sua frente. Como anunciar a alguém que seu grande sonho chegara ao fim?

— É preciso chamar o médico, capitão. Cora acha que... bem, o bebê vai nascer.

Gartner se precipitou para a porta, tão pálido quanto a jovem esposa. Em poucos minutos, estava de volta com o dr. Porter, que subiu as escadas o mais rápido que suas velhas pernas lhe permitiam.

Muito lentamente, Norah o seguiu, certa de que não havia como evitar o triste desenlace. Sofria pela jovem amorosa e gentil e pelo marido apaixonado, que não teriam nos braços o filho tão querido.

Realmente já não se podia fazer mais nada, apenas esperar pelo início do parto. O sofrimento de Abigail teria sentido se no final se ouvisse o choro saudável de uma criança. Mas, naquelas condições trágicas, cada momento de dor parecia ainda mais penoso para todos os presentes e para a mãe, pálida e quase sem forças.

Durante toda a noite, Abigail lutou contra o desespero, cerrando os dentes para abafar os gritos de dor. Não queria preocupar Charles ainda mais.

Quando a noite chegava ao fim tudo terminara. No rosto de Abigail as lágrimas corriam sem cessar e seus olhos pareciam vazios e sem brilho.

— Era um menino, não era? Diga-me a verdade, Norah.

— Sim. Eu sinto tanto por vocês! — murmurou ela, tentando controlar as emoções diante da amiga.

— Como eu queria dar um filho a Charles... Estávamos tão perto de conseguir...

Apesar da fraqueza, Abigail insistiu em pentear-se e receber o marido sentada na cama. Quando ele finalmente pôde entrar, Cora Boyle fez um sinal a Norah e ambas saíram, não sem antes ouvir as palavras da moça.

— Haverá outros bebês, querido. Crianças saudáveis e fortes encherão nossa casa...

Um terrível pressentimento invadiu Norah. Sem saber como explicar, ela tinha certeza de que já não havia mais tempo para Charles e Abigail, e suas lágrimas não cessaram até o dia romper.

LeBeau também não dormia, à espera do minuto em que terminaria seu período entre os homens brancos. Todos os seus bens estavam sob a sela do cavalo, já arreado para partir.

Ele saiu da tenda, inquieto, e olhou a planície à sua volta, banhada pelo luar. Mas um ruído imperceptível a ouvidos não treinados o alertou de uma

presença humana. Conhecia aqueles passos e o aroma de couro e tabaco daquele homem! Sem vê-lo, LeBeau sabia que "Urso Manco" viera lhe trazer notícias de seu povo.

— Boas novas?

— Algumas, sim; outras, não. "Chifre de Búfalo" e seus bravos comanches libertaram o chefe "Tartaruga" e muitos soldados morreram.

— Onde estão eles agora?

— Vão na direção do canyon secreto para reunir-se aos outros e então partiremos para encontrar "Faca Afiada". — O índio olhou de relance para LeBeau e voltou a fitar um ponto indeterminado no escuro, — A outra notícia não é boa. Trouxe-lhe algo.

Um pequeno disco de cobre com o desenho de uma delicada gazela, brilhava ao luar. A última vez que LeBeau o vira tinha sido sobre a pele morena de "Gazela Arisca".

— Onde conseguiu isso?

— Com um vendedor de peles que o ganhou no jogo de outro homem. Esse a recebeu de um navajo que a tinha roubado. O índio diz que tirou o colar do mesmo homem de quem você comprou o seu cavalo.

— Slade!

A cada dia LeBeau sentia mais ódio e impotência. Aquele colar não serviria como prova diante de um júri, mas para ele era uma condenação definitiva. Já não havia mais dúvida: "Gazela Arisca" estava morta!

Uma estrela cadente deixou um traço luminoso no céu e a brisa soprou mais forte, mas LeBeau não viu a claridade nem sentiu o vento. O sangue parará de correr em suas veias, num instante de frio mortal. Seus olhos presenciavam cenas de um pesadelo onde "Gazela Arisca" o chamava pedindo ajuda. Um grito silencioso encheu sua cabeça, explodindo com a violência de um raio e o impacto o lembrou de que ainda estava vivo.

— Vejo a morte em seu olhar, filho. Estou ao seu lado.

— Não! Só leve minha mensagem a "Chifre de Búfalo". Descobrirei como o homem chamado Slade tinha em suas mãos o presente que eu dei a "Gazela Arisca". Ele terá que dar satisfações só a mim! Nenhuma outra mão deve tocá-lo!

— "Chifre de Búfalo" sempre diz que muitas mãos terminam uma tarefa mais depressa.

Homens como Abner Slade tinham tirado tudo o que LeBeau mais amava e destruído com sua ambição desmedida a cultura seu povo, sua paz de espírito, sua mãe e agora "Gazela Arisca".

A vingança lhe pertencia por direito!

— Diga a "Chifre de Búfalo" que a armadilha mais bem preparada mata com maior rapidez.

— E sabe onde encontrar esse homem

— Ele partiu hoje cedo em direção ao Bosque Redondo. Siga-o e vá deixando sinais para mim. Eu o encontrarei antes de a noite chegar.

O índio acenou com a cabeça e desapareceu entre os arbustos como se tivesse se dissolvido no luar. Sem um ruído, passou ao lado da sentinela que guardava os portões do forte e foi tragado pela noite.

LeBeau permaneceu imóvel com lágrimas de ódio toldando sua visão. Seu povo já sofrerá demais e o dia do acerto de contas se aproximava. Seu lado branco censurava uma justiça feita por suas próprias mãos, mas a herança indígena pedia-lhe que vingasse os mortos. As leis não eram iguais para todos e aquele criminoso sairia livre depois de ter destruído uma jovem que não valia nem uma lágrima dos olhos claros do povo branco.

A lua percorreu um longo caminho no céu. O disco de cobre entre os dedos crivados fez LeBeau ferir a pele e um fio de sangue escorrer por muito tempo. Mas LeBeau não sentia mais nada.

CAPÍTULO IX

Um vento frio soprou durante toda a madrugada, fazendo cair a temperatura. O inverno seria tão rigoroso quanto fora tórrido o verão naquele território de clima inclemente. Quando o som do toque de despertar rompeu o silêncio, Norah dormia na poltrona ao lado de Abigail, um sono leve e agitado que começara minutos atrás.

Charles Gartner, como bom soldado, já estava barbeado e de uniforme, à espera do sargento LeBeau. Conseguira superar o desespero causado pela perda do filho, pois, apesar de seus problemas, era a autoridade mais alta no forte e seus subordinados dependiam de um comando firme e constante. Além disso, precisava de todas as suas faculdades mentais para a difícil tarefa à sua frente: precisava convencer LeBeau a permanecer na Patrulha de Rastreadores a qualquer custo!

— Posso lhe oferecer alguns meses de licença, já que deseja tanto afastar-se do forte. Se você se alistar por um novo período, quando voltar estaremos à sua espera.

— Não posso dizer nada sobre onde e como estarei daqui a seis meses. Dê-me uma licença e, quando ela chegar ao fim, decidirei se quero ou não voltar ao Exército.

LeBeau não tinha a menor intenção de retornar ao mundo dos brancos, mas Gartner não merecia uma resposta seca. Percebera o quanto era importante para o capitão sua ajuda numa fase tão crítica, mas nunca mais lutaria contra seus irmãos índios. Tinha encontrado naquele homem um

amigo e não queria feri-lo.

Gartner aceitou a sugestão de LeBeau, pois não tinha outra opção, e, pela primeira vez, em sua vida de militar, sentiu uma emoção intensa ao despedir-se do amigo. Algo lhe dizia que não voltariam a ter um relacionamento honesto como no passado.

Antes de o sol surgir no horizonte, LeBeau deixou o pesado portão do forte às suas costas e galopou em direção ao vilarejo. Não tornou a olhar para o lugar onde vivera tanto tempo, pois tinha aprendido a cortar os laços de modo definitivo. Uma nova etapa de sua vida começava...

Todos os seus bens cabiam num alforje de couro guardado sob a sela do cavalo, e em seu pescoço brilhava o disco de cobre junto da turquesa que pendia da tira de couro, sua única herança, pois jamais aceitaria a cabana deixada por seu pai nas montanhas a nordeste dali. Estava abandonando o mundo dos brancos e seu modo de vida para retornar aos comanches, um universo livre, mas à beira da extinção. Daria até a última gota de sangue para salvar seu povo do aniquilamento total.

Iria para o Texas, ao encontro de Quanah Parker e dos outros chefes que se haviam juntado ao bravo guerreiro. Todos fugiam da mão falsamente benigna do "Grande Pai Branco" que, atrás do sorriso bondoso e de promessas, escondia uma ambição desmedida. Junto com seu povo, LeBeau enfrentaria a última batalha pela defesa da liberdade e da herança dos índios.

Antes, porém, havia uma missão a cumprir, pois muitas vidas precisavam ser vingadas!

Já não havia nenhuma dúvida em sua mente de que Slade era o único responsável pela venda criminosa de bebida adulterada, a causadora de tantas mortes entre os índios. E em seu coração existia uma outra certeza: "Gazela Arisca" estava morta!

O vento já não era tão quente pela manhã e LeBeau parou o cavalo ao abrigo do telheiro, ao lado do escritório das diligências. Mais uma vez a imagem de Norah voltou a sua mente como no dia em que ela chegara a Greenwood, frágil e assustada! Aquela mulher tomara conta de seus pensamentos, uma obsessão que se tornava a cada dia mais intensa. Essa era a segunda razão de sua partida!

Algumas horas mais tarde, LeBeau chegou a um canyon coberto de vegetação rasteira e encontrou o primeiro sinal deixado por "Urso Manco". Escondendo seu cavalo entre os arbustos, seguiu a pé as marcas dos mocassins do amigo. Só quem soubesse decifrar o código índio de mensagens descobriria o significado dos traços dispersos na areia solta do deserto: Slade estava à frente deles, mas não viera sozinho.

Na cidade, o ferreiro, o avisara de que Abner tinha espalhado a notícia

do roubo de um cavalo e o descrevera como sendo o alazão que LeBeau usava. Numa região em que uma montaria era a diferença entre a vida e a sobrevivência, considerava-se o roubo de um cavalo um crime passível de morte.

Mas ele também estava à procura de um criminoso e o encontraria antes de ser julgado um reles ladrão de cavalos. Se as culpas fossem expostas diante de um júri imparcial, Abner seria considerado um assassino.

A passagem de LeBeau no vilarejo tivera por motivo pagar uma dívida de gratidão. Uma das garotas de Cândida salvara sua vida antes de ser vendida para a dona do bordel por um grupo de desordeiros que a raptara quando ainda não tinha completado quinze anos. Ao entregar um colar barato mas vistoso à jovem, seus olhos haviam batido na pulseira de madrepérola no braço moreno e esguio.

— Onde conseguiu essa pulseira?

— Foi um presente. — Maria sorria maliciosamente, para provocar-lhe ciúmes. — Um homem deu para mostrar o quanto gosta de mim.

— O nome dele é Abner Slade?

LeBeau não precisara esperar pela resposta, tal o espanto da jovem ao ver seu segredo revelado. Naquele instante, ele admitira para si mesmo a morte de "Gazela Arisca" e soubera quem era o responsável por aquele crime.

A tarde chegou ao seu final sem que LeBeau encontrasse ninguém entre as pedras gigantescas do canyon. Seguindo a cavalo por estreitas trilhas à beira de rochas escarpadas, ele ia à procura de mais um sinal de "Urso Manco", mas as marcas embora constantes, não acrescentavam nada à mensagem já recebida.

Ao passar por um desfiladeiro, LeBeau sentiu os raios de sol sobre sua pele, mas um frio súbito o avisou de uma ameaça. Talvez estivesse nervoso por encontrar-se num local vulnerável, porém, mesmo não vendo nada de estranho, ele recuou para a sombra.

Naquele momento, um silvo agudo se fez ouvir e LeBeau sentiu o tiro antes mesmo de recebê-lo. Um impacto violento em seu ombro o derrubou do cavalo e ele segurou imediatamente o ombro ferido para estancar o sangue. Sua sorte havia sido inacreditável: o disco de cobre desviara a bala que se destinava ao seu coração!

Lutando para não desmaiar, ele ouviu ao longe uma voz que conhecia muito bem.

— Agora esse mestiço sujo vai aprender a não roubar mais cavalos de gente honesta. O miserável deve ter caído sob as patas do animal, pois não consigo enxergá-lo.

— Deixe os coiotes terminarem o trabalho — respondeu o vulto ao lado

de Abner. — Ninguém sai desse canyon vivo se não tiver um bom cavalo e souber bem o caminho. E um homem ferido não tem a menor chance. Não é à toa que chamam este lugar de Desfiladeiro do Diabo!

— Não tenho muita certeza disso. Quero ver aquele ladrão com mais de uma bala no corpo!

— Olhe, Slade... Eu não vou sair atrás dele. Vá você, se quiser, mas antes me pague os cem dólares e voltarei a Greenwood. Hoje pago as bebidas para as garotas de Cândida e...

— E nem uma só palavra sobre o que aconteceu esta tarde, amigo, ou sua vida não valerá um tostão.

Quando LeBeau abriu os olhos, as estrelas já brilhavam no céu e a dor aumentara intensamente. Ele desmaiara antes de alcançar seu rifle e Abner já não estava mais ali. Talvez ainda não tivesse chegado sua hora, mas logo conseguiria ter forças para prosseguir sua missão.

Um ruído de folhas ao vento o alertou de que "Urso Manco" finalmente o encontrara. Sua sede de vingança o mantivera vivo até agora e, com a ajuda do amigo, já podia considerar-se salvo.

— Vamos logo embora! Este lugar está cheio de espíritos maus. Prefiro a noite e seus mistérios do que ficar aqui murmurou "Urso Manco", olhando para todos os lados com uma expressão tensa.

Momentos de lucidez se sucediam à inconsciência e LeBeau apenas percebeu que estava em um cavalo. Cada movimento do animal provocava-lhe dores lancinantes. Já há um bom tempo subiam em direção ao alto do canyon e ao lado das trilhas estreitas havia apenas precipícios e rochas escarpadas.

Apesar da fraqueza causada pela perda de sangue, LeBeau parou seu cavalo e escorregou pela anca do animal.

— Espere-me aqui, "Urso Manco". Não demorarei.

Ele tinha reconhecido o caminho e sabia que estava muito próximo das cavernas. Quase se arrastando no chão, entrou por uma abertura entre as pedras e encontrou a gruta que conhecia tão bem. Depois de tirar toda a roupa, embrulhou-a num oleado e escondeu numa fenda estreita. Sobre seu corpo não havia nada que o ligasse a um sargento do Exército dos Estados Unidos.

Quando ele saiu da caverna, "Urso Manco" percebeu imediatamente a diferença. Diante dele estava um índio: deixara de existir o sargento LeBeau e um guerreiro comanche havia tomado seu lugar.

— Seja bem-vindo de volta a seu povo, bravo guerreiro. Esperamos por você de braços abertos, "Filho do Trovão"! Você, que cavalga as tormentas e traz a tempestade, é a resposta às nossas preces ao Grande Espírito. Seja bem-vindo, "Raio Prateado"!

O homem a quem os bravos chamavam de sargento LeBeau não

respondeu. Não havia necessidade de palavras quando tudo estava tão claro; ele retornara a seu povo.

Em silêncio, os dois guerreiros comanches desapareceram entre a neblina.

CAPÍTULO X

A dedicação de Norah trouxe Abigail de volta à vida normal e já não havia mais motivo para evitar o retorno à monotonia e ao isolamento da fazenda. Abner parecia não gostar de sua amizade com a sra. Gartner e não via o momento de afastá-la do forte.

Quando o dr. Porter fez sua visita mensal, não ficou muito satisfeito com o estado de saúde de Norah.

— Precisa repousar mais, sra. Slade. Não posso lhe dar garantia alguma de que terá um parto normal se continuar tão fraca e desanimada.

Norah queria acima de tudo um filho, mas, desde à noite trágica ao lado de Abigail, sentira uma intuição inexplicável de que também perderia seu bebê. Ela começara a perder um pouco de sangue e, embora fosse um sintoma bastante normal, o médico também não parecia muito confiante em um desenlace feliz de sua gravidez.

— A natureza é muito sábia, sra. Gartner. Na maioria das vezes age de modos incompreensíveis, mas, se pensarmos bem, talvez seja melhor aceitar.

Depois da saída do médico, Norah deixou as lágrimas correrem livremente. Havia algum problema com o bebê ou com ela! Desejou que Abner viesse vê-la e compartilhar sua ansiedade, mas a porta de seu quarto permaneceu fechada. Por fim, cansada de esperar por um consolo que jamais viria, adormeceu. Uma sede terrível a despertou algumas horas mais tarde. A jarra ao lado de sua cama estava vazia e não adiantaria tocar a sineta que o marido deixara à sua cabeceira para chamar Elena e não ter de levantar-se da cama.

Insolente como sempre, a garota jamais a atendia e, ao ser admoestada, dava o pretexto de que estava fora de casa e não ouvira nada. A cada dia, Elena passava mais horas ausente e Norah suspeitava que ela estivesse se encontrando com algum dos vaqueiros.

Na casa não se ouvia um único som, mas, pela posição da lua, Norah percebeu que já devia ser muito tarde. Onde estaria Abner?

Batidas insistentes à porta assustaram Norah, que se precipitou para abri-la. À sua frente estava Francisco, um dos vaqueiros mais novos, que trazia as feições distorcidas por uma agonia atroz, com os lábios azuis e cobertos de espuma.

- Senhora Slade... Água, por favor!
- O que houve? Você está ferido?
- Veneno... Ramirez... no celeiro...

Norah correu desesperada até a cozinha, mas, quando voltou com a água, Francisco se debatia na agonia da morte. Ela deixou cair a jarra, apoiando-se à parede para não desmaiar. Apenas uma vez presenciara a morte de alguém e não tinha sido um espetáculo tão trágico. A luta do jovem para respirar lhe parecia atroz demais!

Subitamente, Norah lembrou-se de que ele havia mencionado veneno. Haveria outros vaqueiros na mesma situação? Onde estaria Abner?

Ela recordou que o marido mencionara a necessidade de fazer alguns consertos no estábulo e decidiu ir procurá-lo. Por duas vezes, uma dor intensa a obrigou a parar e descansar por alguns minutos. Finalmente, já próxima da construção de madeira rústica, ouviu a voz de Abner e abriu a porta sem pensar em mais nada a não ser em avisá-lo da situação.

— Graças a Deus o encontrei! Venha depressa, Abner! Houve um terrível acidente e...

A cena diante de seus olhos jamais se apagaria de sua mente. Apesar da penumbra, ela viu muito nitidamente os corpos nus de Elena e Abner, abraçados sobre a palha macia.

O choque violento a impediu de emitir mais um som. Norah continuou fitando aquela visão revoltante como se tivesse se transformado em uma estátua fria.

A expressão de Abner revelava surpresa, mas Elena não podia conter um sorriso de triunfo.

— O que está fazendo aqui, mulher? Resolveu me espionar? Você devia estar na cama! — explodiu Abner, enquanto procurava as roupas espalhadas pelo chão.

Mas Elena, ainda sorrindo, ergueu-se e, sem o menor constrangimento, deixou o luar iluminar seu corpo nu. Esguia e bem proporcionada, ela revelava uma sensualidade intensa em todos os movimentos.

— Ela está com ciúme, señor. Se não consegue satisfazer o marido, que culpa tenho eu?

Revoltada com a insolência da jovem, Norah deu um passo para trás, mas uma nova dor, agora mais intensa, a fez dobrar-se e cair ao chão.

Abner se precipitou para acudi-la quando ouviu a gargalhada satisfeita de Elena.

— Cale a boca, vagabunda! Venha ajudar-me.

— Não me toquem! Não cheguem perto de mim! — gritou Norah, descontrolada. — Só vim atrás de você porque houve um acidente Abner! Francisco está morto e disse algo sobre veneno e Ramirez. Talvez haja

outros vaqueiros envenenados no celeiro.

— Miseráveis! Eu os avisei para não entrarem lá! — Abner praguejava sem cessar, demonstrando uma violência sem controle. — Leve a senhora para casa, Elena, e coloque-a na cama enquanto vou verificar o problema!

— Não sou criada desta mulher! Se pensa que vou bancar a enfermeira, está muito enganado. Ela pode ser sua esposa, mas quem lhe dá prazer sou eu!

Abner deu um tapa violento no rosto de Elena, jogando-a sobre a palha revolta. Ela, porém, não perdeu a expressão de triunfo por ter sido vista por Norah ao lado do homem que a possuía muito antes da chegada de uma esposa.

— Você não passa de uma vagabunda que se entrega a qualquer homem em troca de qualquer ninharia! Norah é minha esposa, usa o meu nome e vai ter o meu filho! Faça o que eu mando sem discutir. Se algo acontecer a essa criança, desejará nunca ter visto a luz do dia, Elena.

— O que vai fazer? Matar-me também? Não sou tão tonta como aquela outra! Suas palavras não me enganaram nunca e será bem mais difícil me tirar do seu caminho!

Havia medo atrás do desafio de Elena, mas ela se aproximou de Norah. Tão logo Abner saiu às pressas, ela pegou suas roupas e desapareceu nas sombras da noite.

Norah levou muito tempo para recuperar-se do golpe sofrido. A dor intensa a perturbava menos do que as terríveis revelações daquela noite. Mesmo o fato de ter presenciado o adultério de seu marido diminuía em vista da morte de Francisco e das palavras inquietantes de Elena. O que a jovem quisera dizer só seria esclarecido se ela confrontasse Abner, obrigando-o a explicar todos os fatos misteriosos que vinham sucedendo desde sua chegada ao rancho.

A duras penas, Norah conseguiu levantar-se e, caminhar em direção ao celeiro. Estava tão trêmula que não percebeu o eixo de uma carroça à sua frente e não pôde evitar um tombo terrível. Quase desmaiando, ela tentou erguer-se, mas tudo dançava diante de seus olhos e finalmente, sem forças para lutar, ficou largada sobre o chão frio.

Vozes altas e coléricas soaram bem próximas e Norah lutou para recuperar a consciência. Ao abrir os olhos, viu através das rodas da carroça Kincaid discutindo com Abner, que parecia estranhamente descontrolado.

— Cale a boca, Kincaid! Você não sabe do que está falando.

— Sei, sim! Eu vi os barris escondidos no celeiro com uma marca diferente da sua. Por que não gravou o puma na madeira como faz em todas as suas propriedades? Fiquei curioso e fui verificar. Adivinhe o que descobri?

A mão de Abner se aproximava lentamente do revólver em sua cintura e em seus olhos Norah via medo e não a habitual arrogância.

— Estão cheios daquela bebida que você vende para os índios e tem cheiro de querosene. É por isso que tantos apaches morreram e outros saíram se vingando em quem encontrassem no seu caminho. Você é o responsável por todos os massacres, Abner!

— Não sou obrigado a ouvir absurdos desse tipo, Kincaid. Saia imediatamente das minhas terras! Você ficou completamente louco.

— É o que vou fazer neste minuto. E, tão logo chegar a Greenwood, minha primeira visita será ao delegado!

Norah não queria acreditar nas acusações, mas a expressão de Kincaid mostrava tanta segurança e o olhar de Abner um medo tão profundo que ela foi forçada a admitir a verdade daquelas palavras terríveis.

— Eu não tomaria uma atitude impulsiva demais, Kincaid.

— E por que não? — O homem recuou diante da expressão letal nos olhos de Abner. — O que você pode fazer?

— Talvez a sua inteligência não seja tão grande quanto eu imaginava. Acreditei que saberia ver onde seus talentos seriam bem recompensados mas... — A voz de Abner se tornara macia como seda, porém não ocultava a ameaça de suas palavras. — Preciso de um bom capataz e de que me adiantaria um homem brilhante... e morto?

A certeza de que seu marido era um assassino provocou náuseas em Norah. Uma pontada lancinante deu-lhe a impressão de que até o próprio filho de Abner o estava repudiando, pois já não podia ignorar a iminência de um aborto.

— Tenho muitos outros negócios lucrativos além deste rancho e estou disposto a pagar muito bem por alguém com capacidade de me auxiliar.

— Está bem, eu aceito, Abner. Mas não vou vender esse veneno para os índios!

— Nem eu lhe pediria para fazer isso. Quem cuida desse assunto sou eu. Só não se esqueça de que Francisco e Ramirez ainda estariam vivos se não se intrometessem nos meus negócios particulares. A ambição e a curiosidade os matou... Por sorte, todos os vaqueiros estão no pasto sul, mas é preciso remover os barris esta noite mesmo. Leve-os para o canyon da Árvore Seca e esconda-os em uma caverna. Antes, porém, vamos enterrar os corpos. Vou para Tucson amanhã e você dirá que os dois me acompanharam.

Quando eu voltar, explico aos homens que houve um ataque de apaches e eles morreram.

— Ramirez ainda está vivo e... — Pela voz, Kincaid parecia hesitante e tenso.

— Tome as providências necessárias. Não quero testemunhas — murmurou Abner, caminhando em direção a Norah. E então viu-a deitada sob a carroça. — Norah? Está se sentindo mal? E o bebê?

Como foram difíceis as semanas que se seguiram àquela noite cheia de revelações! Norah sentiu as forças voltarem e, com o retorno da saúde, seu ódio pelo marido cresceu ainda mais. Se a vida em Boston tinha sido um purgatório, a presença de Abner transformara sua existência num inferno! Ela ainda não perdera o bebê e esse fora o único motivo pelo qual o marido não tomara nenhuma atitude violenta. A obsessão em ter um herdeiro para seu império o impedia de agredi-la ou tentar possuí-la à força. Ele continuava a esperar a chegada de um filho, mas Norah já não acreditava mais que a criança estivesse viva.

Certa de que não havia chance alguma de dar à luz a um bebê saudável, seus dias se limitavam a esperar a resposta de uma carta que escrevera a uma das professoras do Instituto Educacional em Boston. Tinha escrito à amiga pedindo-lhe que a ajudasse a encontrar uma escola onde pudesse dar aulas, porém não ousara explicar as razões de seu pedido.

A carta havia sido entregue a um dos vaqueiros que ia para Greenwood durante a semana seguinte à morte dos dois homens, aproveitando-se da ausência de Abner para tomar essa atitude ousada. Entretanto, o resultado não tardou a se fazer sentir.

Dois dias mais tarde, Abner chegou ao lado de sua cama e entregou-lhe uma carta aberta. No verso do envelope, havia sido carimbada uma frase desalentadora: mudança de endereço do destinatário.

— Então, Norah? Não quer me dizer nada?

— Você não tinha o direito de abrir minha correspondência!

— Um marido não é obrigado a desculpar-se por qualquer atitude que tome para conhecer melhor a esposa. Se eu não abrisse suas cartas, não saberia de suas intenções de me abandonar, certo?

— Não posso continuar ao seu lado! Suas ações são revoltantes demais!

— Nós já discutimos este assunto, Norah. Você está perturbada, mas é um estado normal em mulheres grávidas. Todos sabem como elas ficam cheias de manias. Vai passar com o tempo e...

— Nunca me esquecerei de que meu marido é um assassino.

— Só que não há nenhuma outra saída a não ser apagar tudo de sua mente, minha querida esposa. Eu quero um filho e vou tê-lo a qualquer custo! Além disso, não é possível sair do rancho sem um cavalo ou uma carroça... e você não cavalga nem maneja as rédeas como uma verdadeira mulher do Oeste, não é verdade?

— Descobrirei um jeito de fugir, nem que seja me arrastando de joelhos!

— Pois não irá muito além do pátio. Já avisei Kincaid que você não pode sair do rancho, pois está perturbada por causa da gravidez e não tem mais noção da realidade. — Abner deu uma gargalhada cínica. — Não disse claramente que minha mulher perdeu a razão, mas, para um bom entendedor, meia palavra basta! E dei uma outra ordem também... — Ele a olhou de um modo estranho e intenso. — Se o sargento LeBeau aparecer por aqui de novo, podem atirar nele antes de fazer qualquer pergunta. Soube por Elena que seu amigo veio visitá-la, mas da próxima vez ele não passa vivo do portão.

Sozinha, Norah lutou contra um desânimo tão profundo que a impedia até mesmo de chorar. Estava sozinha no mundo, sem família ou amigos, e dificilmente LeBeau iria à sua procura. Se ela não descobrisse uma maneira de fugir por sua própria conta, ficaria para sempre naquela prisão!

Durante os dias que seguiram, Norah tentou tudo, mas nem mesmo uma carta saía ou chegava ao rancho sem passar pelo portão vigiado por dois vaqueiros. Desesperada, resolveu caminhar para pensar melhor, um hábito que adquirira em Boston e que a levava tomar decisões importantes.

Como ninguém julgasse que a senhora Slade fosse tão insensata a ponto de fugir do rancho a pé, não a impediram e afastar-se da casa. E, quando Norah percebeu a enorme distância que havia caminhado em poucos minutos, ficou em dúvida se devia voltar ou arriscar-se.

À sua volta havia apenas pedras e cactos, por todos os lados a paisagem lhe parecia exatamente a mesma. Não era possível encontrar um ponto de referência e ela já não sabia se passara ou não naquele lugar antes. Não se via a casa ou as construções espalhadas pelo vale. Mesmo se ela quisesse voltar não mais o conseguiria!

Norah perdeu a noção do tempo. Caminhando sem direção, tentava raciocinar e descobrir para que lado estaria o rancho, de acordo com a posição do sol. Não queria sentar-se, entregando-se a sua sorte, mas suas pernas já não a obedeciam mais. Sobre sua cabeça, uma ave parecia dar voltas sem cessar. Estaria apenas esperando por sua queda para atacá-la?

Sem forças, sentou-se numa pedra e, colocando a cabeça sobre os joelhos, lutou para reagir, mas o calor e a exaustão a venceram. Ela voltou a si quando algo fresco e agradável tocou seu rosto. Ao abrir os olhos, viu Abner molhando-a com um pano úmido.

— Não beba muito depressa ou ficará indisposta.

Norah não reagiu ao ser colocada sobre o cavalo nem quando o marido a segurou pela cintura. Naquele momento, estava sem condições de lutar contra mais nada além da profunda exaustão.

O cavalo mal andara cinco minutos e já o rancho surgia diante dos olhos surpresos de Norah.

— Tão perto! Eu estive tão perto daqui o tempo todo!

— Você ficou andando em círculos e não se afastou mais do que quinhentos metros de casa. Esse deserto é enganador e traiçoeiro... mas eu já lhe havia avisado, não é?

Sem responder, ela se deixou carregar até o quarto. Não sabia se chorava por estar de volta à sua prisão ou agradecida por ter sido salva. Não tinha a menor dúvida de que Abner a trouxera de volta apenas por causa do filho. Se ele descobrisse que já não havia vida em seu ventre, ela não teria mais nenhum valor!

Mas as palavras do marido mataram suas esperanças de conseguir escapar dali logo após o desenlace daquela gravidez decepcionante,

— Não existe nenhum jeito de sair do rancho sem minha permissão, Norah. Será que você entendeu agora? Eu a vi afastando-se de casa e não a impedi porque sabia que logo suas forças acabariam.

— Eu ainda descobrirei como fugir, Abner! Você não pode vigiar-me cada minuto do dia ou da noite e, quando menos esperar, já não encontrará sua esposa e terá que se conformar com sua amante.

— Só se surgirem asas em suas costas, minha cara! E não preciso escolher entre uma e outra mulher. Terei as duas quando quiser e pelo tempo que me aprouver. Você vai me dar muitos filhos, Norah. Este é apenas o primeiro de uma longa série. Além disso, no que é meu, ninguém mais põe a mão, e você é minha!

No coração de Norah ainda restava uma esperança tênue mas que a impedia de se desesperar. Algum dia LeBeau viria novamente até a fazenda e dessa vez ela não esconderia sua atração nem seu desejo e lhe pediria para levá-la embora. Ao lado dele estaria segura... a vida voltaria a seu olhar quando LeBeau viesse buscá-la!

CAPÍTULO XI

O verão terminou de repente e ventos gélidos começaram a soprar das montanhas sem o menor aviso, trazendo o inverno para o território do Arizona, da noite para o dia. Livres do calor sufocante, todos os habitantes da região sentiam o renascer das energias e das esperanças de grandes modificações em suas vidas.

Norah, em especial, viu a chegada do frio como um aviso de que enfim tudo iria mudar. Quase não se ocupava mais a bordar o enxoval, certa de que a vida de seu bebê já não podia ser salva. Entretanto, continuava tendo à mão as delicadas peças infantis para não despertar a curiosidade de Abner. Se ele descobrisse que já não havia chances de ter o seu tão desejado filho,

iria reclama novamente suas prioridades de marido e a tortura voltaria a ocupar suas noites.

Quando ele entrou em casa, encontrou Norah com o bordado m mãos, ignorando-o deliberadamente, como se tornara habitual desde a noite em que Francisco e Ramirez tinham morrido, revelando seu segredo.

— Estou de partida para o México, Norah. Preciso resolver alguns problemas sérios. Os apaches têm atacado sem cessar as propriedades próximas à fronteira e Rodriguez pediu-me ajuda. Com os diabos! Não permitirei que esses índios renegados destruam todo o meu império! Construí tudo com trabalho duro e essa será a herança de meu filho! Deixo apenas três vaqueiros tomando conta do rancho, pois vou precisar de um grupo bem grande para massacrar esses selvagens sem respeito pela propriedade alheia.

Norah se manteve concentrada no bordado para não revelar ao marido a luz de esperança que sem dúvida estaria brilhando em seu olhar. Talvez fosse chegada enfim a hora de realizar seu único objetivo na vida. Ela rezava todas as noites por uma oportunidade de fugir daquela prisão e, como sua saúde a cada dia melhorava, sentia-se com forças de enfrentar qualquer risco ou dificuldade para escapar das malhas de um casamento desastroso.

Embora Abner já tivesse se acostumado à falta de respostas por parte de Norah, estava decidido a exigir que ela o fitasse ao menos dessa vez. Segurando com violência o queixo delicado, forçou-a a erguer o rosto.

— Não se entusiasme demais com a minha ausência, esposa querida! A estas horas já percebeu que ninguém consegue atravessar o deserto a pé, não? Deixe de alimentar esperanças tolas e conforme-se com sua sorte. Por acaso contei-lhe sobre o triste fim de um vaqueiro que eu despedi no fim do ano passado? — perguntou Abner, com um sorriso maldoso. — Ele tentou atravessar o deserto para assaltar a diligência no ponto mais isolado do trajeto. Pobre coitado! Algumas semanas mais tarde foi encontrado por um dos meus homens... seco como uma múmia! Seria um verdadeiro desperdício se o sol secasse suas curvas provocantes e destruísse essa pele tão macia, Norah.

Ela o fitou sem demonstrar nenhum sinal do pânico que aquela história lhe provocara. Tinha percebido o quanto a excitação de Abner aumentava a qualquer reação de medo e aprendera a não reagir diante dos golpes físicos nem das provocações ferinas e cheias de maldade. A impassibilidade o descontrolava de tal forma que ele não sabia como agir.

— Quando o bebê nascer, você verá tudo, de outro modo, Norah. Seria capaz de deixar o pai de seu filho ser enforcado? Assim que eu terminar esses negócios no México, poderemos melhorar muito a nossa vida e talvez seja possível levá-la para San Francisco. Ficaríamos no hotel mais luxuoso da

cidade e a levarei aos melhores restaurantes e lojas. Quem sabe no próximo verão, tão logo seu corpo esteja outra vez em forma? Quero cobri-la de sedas e despertar a inveja de todos os homens... — A raiva de Abner deu lugar a uma excitação visível. — Gostaria de ter um colar de safiras para realçar o azul de seus olhos? São pedras caríssimas e só ricos podem comprá-las!

A ganância de Abner atingia tais proporções que jamais compreenderia alguém incapaz de se deixar seduzir, de corromper pelo dinheiro. Mas, se imaginava que Norah tinha um preço, estava prestes a sofrer uma grande decepção! Não havia dinheiro no mundo que a levasse a suportar um assassino ao seu lado.

Lutando contra a onda de excitação que a invadira ao pensar em finalmente ficar livre daquele guardião cheio de suspeitas, Norah continuou a bordar com movimentos firmes e pausados. Ainda não sabia como, mas encontraria um modo de ir até a cidade, ou quem sabe LeBeau surgiria à sua procura justamente durante a ausência do marido!

Abner a fitava, perplexo. Se Norah demonstrasse raiva ou desafio, ele dominaria a revolta através de violência, obrigando-a curvar-se sob sua autoridade. Seria fácil secar as lágrimas da esposa com palavras humilhantes e sorriso cínico. Mas como tratar uma estátua de gelo, sem reações? Só uma idéia permanecia bem clara em sua mente: Norah era sua e ninguém poria as mãos em qualquer propriedade de Abner Slade!

Ela o ouviu abrir a garrafa de uísque e tremeu. Se aquele homem era ameaçador quando sóbrio, ao beber tornava-se um algoz impiedoso, contra o qual era impossível lutar. Os passos de Abner se aproximaram de sua cadeira, parando bem à sua frente. Como nem mesmo assim ela o fitou, puxou-a pelo braço, trazendo-a para bem perto.

— Eu não estou exigindo o seu corpo por respeito ao meu filho, o maior sonho da minha vida. Vou deixá-la sozinha, por isso exijo que tome todos os cuidados para não prejudicá-lo. Você nem imagina como é fácil fazer uma mulher ter vontade de se matar! E... antes que eu me esqueça... dê um recado ao seu amigo mestiço: se ele se aproximar das minhas propriedades, será um homem morto!

Três dias depois, o homem a quem os brancos chamavam de LeBeau observava, aguardando uma informação muito desejada. Em seu peito nu, brilhava o disco de cobre onde ainda havia a marca da bala destinada a tirar sua vida. Aquela emboscada já seria um motivo suficiente para despertar o desejo de vingança em sua alma, mas outros crimes mais terríveis pesavam sobre a cabeça de Abner Slade, pelos quais muito em breve ele teria que responder.

A fumaça em volta da carroça começava a se dissipar, porém as chamas

ainda brilhavam, destruindo a marca do puma, gravada na madeira das laterais. Vários guerreiros índios procuravam, na última das carroças incendiadas daquele comboio, por algum sinal de vida entre os corpos em ponto de serem destruídos pelas labaredas.

Mas "Urso Manco" e "Bravo de Fala Macia", um guerreiro Kiowa, já haviam abandonado a busca e vinham reunir-se a "Raio Prateado".

— Ele não está entre os mortos. Dizem que esse homem se transforma num puma e desaparece nas trevas quando é ameaçado.

— Não existe mágica alguma desse tipo. Abner Slade não passa de um homem cruel e destruidor que foge ao primeiro sinal de perigo. — A expressão de "Raio Prateado" ficou ainda mais feroz. — Na próxima vez, ele não terá tanta sorte.

A procura angustiante do paradeiro de "Gazela Arisca" havia terminado no canyon da Árvore Seca. Os comanches fizeram um funeral conforme suas tradições e agora, sobre a caverna onde repousava, flores brancas desabrochavam. Entretanto, se a alma da bela índia estava em paz, a de "Raio", só a encontraria quando a dívida de honra fosse paga.

— Você conseguiu dar um golpe certo em seu inimigo, "Raio". Ele perdeu muitas mercadorias, homens e mais de dez carroças.

Os dois índios levaram um choque quando "Raio" os fitou, pois havia um ódio tão profundo naquele olhar que chegava a dar medo.

— Não representa nada para mim a perda de objetos materiais! Não toquei meu inimigo nem feri o seu orgulho, e só terei paz quando conseguir a destruição total de um dos dois. Slade escapou com vida, mas esta foi a última vez. Ele não vai mais escorregar entre meus dedos!

— Há muitos modos de destruir um homem — murmurou "Fala Macia", no tom suave que lhe dera o nome. — Existem meios de torturá-lo mesmo se ele não estiver sendo tocado.

"Urso Manco" e "Raio" o encararam, curiosos e à espera de alguma revelação importante.

— Slade vai levar muitas luas até chegar a sua casa e, enquanto isso, a esposa dele está sozinha e à sua mercê!

— Mercê? Piedade é uma mentira criada pelos padres e, pelo jeito, você esteve muito tempo perto da influência maléfica deles, "Fala Macia". — "Raio" sorriu com um ricto amargo. — Não há lugar para essa tolice em minha vida.

Os outros bravos já haviam terminado de incendiar a última carroça e retomaram seus cavalos, partindo em silêncio. À frente de todos seguia "Raio Prateado", pensando nas palavras de "Fala Macia". Sempre desprezara quem executava sua vingança em mulheres e crianças. Sempre evitara a companhia de homens que tinham violentado ou torturado os

vencidos. Mas, à medida que um plano se tornava mais nítido em sua mente, ele nem percebeu o quanto suas ações iam contra seus princípios mais profundos. As marcas rubras no braço lembravam-no da necessidade de vingança e uma decisão precisava ser tomada com urgência.

— Continuem sem mim. Vão ao encontro de "Chifre de Búfalo", eu acamparei esta noite no rancho de Slade e amanhã...

A luz da madrugada banhou o quarto de Norah com uma cor estranha, que ela nunca havia visto antes. Abrindo mais as venezianas, viu uma nuvem de poeira a distância e sentiu o vento gelado entrar. Nuvens de um tom quase violeta se acumulavam junto das montanhas no horizonte longínquo e o mundo parecia conter a respiração, à espera de algo terrível.

— Céus! Vamos ter uma tempestade violenta!

Só ao sair do quarto, Norah percebeu o silêncio anormal da casa. Não havia ruídos na cozinha nem o som de conversas no pátio, como em todas as manhãs. Vestindo um robe sobre a camisola, ela procurou por Elena em toda a parte, mas em vão. Dentro de casa não havia ninguém!

O pátio parecia ainda mais deserto e o murmúrio do vento nas folhas dos carvalhos tinha um tom de urgência e ansiedade.

— Elena? Onde está você? Elena!

A sensação de ser a única criatura viva na face da Terra apavorou Norah e ela correu para dentro de casa, trancando a porta com as mãos trêmulas. Aquela jovem era tão insolente que poderia muito bem estar dormindo, embora já fosse tão tarde!

Quando Norah abriu a porta do quartinho onde Elena dormia, levou alguns segundos até perceber que já não havia nenhuma peça de roupa ali. Com certeza, os dois vaqueiros a tinham convidado para acompanhá-los à cidade. Afinal era sábado! Mas, se a intenção dela era criar problemas para Norah por deixá-la sozinha, sua atitude teve o efeito oposto.

Estava finalmente livre para fugir!

Aflita em sair dali antes que alguém voltasse, Norah se vestiu rapidamente e correu para a cocheira. Não tinha dinheiro nem planos definidos, mas queria alcançar Greenwood, onde encontraria um meio de chegar até o forte. Abigail a receberia em sua casa de braços abertos. Ali estaria segura!

Ao entrar no estábulo, Norah foi obrigada a enfrentar o primeiro entre tantos obstáculos. Como se arreava um cavalo?

— Vou conseguir! Sei que vou! — murmurou, procurando afastar o terror que a impedia de tocar aqueles animais enormes.

Os quatro cavalos pareciam inquietos, talvez por causa da tempestade iminente, e Norah se aproximou, hesitante, do mais manso.

— Ei, Júpiter! Trouxe uns torrões de açúcar... Venha...

O cavalo deu alguns passos cautelosos, dando a ela alegria enorme. Júpiter não parecia feroz e ia comer o açúcar de sua mão! Mas, quando o animal mostrou os dentes, ela estremeceu.

— Jú... Júpiter...

Uma lufada de vento entrou pela porta da cocheira e o cavalo, sempre tão manso, relinchou. Erguendo as patas, começou a bater nas traves da baia. Os outros animais também empinavam, e seus cascos, batendo na madeira, pareciam tiros de canhão.

Norah perdeu o controle diante da impossibilidade de aproximar-se até do mais manso dos cavalos. Se Júpiter reagira tão estranhamente quando tentara acariciá-lo, como se comportaria ao ser arreado? Obrigada a aceitar a derrota, ela rezou para que alguém viesse até o rancho.

Só muito mais tarde, Norah se lembrou das palavras sábias de sua avó: "Cuidado com o que pede aos deuses... Seus desejos podem ser satisfeitos!"

Ela voltou para casa e começou a fechar todas as janelas com trancas para suportar o impacto do vento. Quando se inclinou sobre o parapeito para alcançar uma lateral que se abria com a primeira lufada, viu um vulto recortado no horizonte.

Um índio estava vigiando a casa!

Atordoadas, Norah retirou o rifle que ficava em cima da lareira mesmo sem saber como carregá-lo. Há poucos minutos a casa lhe parecera um refúgio, mas agora talvez se tornasse uma armadilha da qual não conseguiria fugir. Mas, ao olhar novamente, no horizonte só havia a luz clara do relâmpago.

O vento soprava cada vez mais forte e o trovão quase a ensurdecia. Com o rifle ao seu lado, Norah sentou-se para distrair-se, começou a consertar as roupas de Abner, um serviço que sempre odiava. Mas a claridade azulada do relâmpago a fez derrubar a agulha.

— Santo Deus! Esse raio caiu bem perto daqui! — murmurou ela, querendo ouvir a própria voz e afastar o terror daquela solidão forçada. — Se não fosse essa maldita tormenta, eu já estaria longe daqui! Sairia pela porta e...

Como em resposta às suas palavras, as duas folhas da porta se abriram com estrondo e quase se quebraram ao bater na parede. Certa de que a causa havia sido o vento, Norah se levantou para fechá-las, mas parou, petrificada.

Uma sombra humana no meio do relâmpago e logo após o trovão violento se fez ouvir.

Norah recuou em busca do rifle, mas o homem cortou-lhe a passagem. Impressões desconexas como peças de um quebra-cabeça vinham à sua mente. Era um índio, algo brilhava em seu peito nu e ele tinha braços

musculosos.

— O que deseja em minha casa? — perguntou ela, tentando mostrar-se calma.

O pele-vermelha se aproximava com os movimentos de um felino e emanava a mesma impressão de perigo. No rosto, traços vermelhos impediam que se visse suas feições e uma pintura negra ao redor dos olhos o tornava tão ameaçador quanto uma pantera.

Todas as atrocidades cometidas por índios voltaram à mente de Norah e naquele momento ela compreendeu o verdadeiro significado do terror. Havia uma força sobrenatural nas coxas musculosas moldadas pelas calças de couro e uma expressão impecável nos olhos frios e alertas.

"É assim que se sente a presa diante de um animal de rapina?", pensou ela, percebendo com nitidez sua situação sem saída. Estava acuada como uma frágil ave diante de um puma.

— Meu marido está dormindo no quarto ao lado. Se der mais um passo, eu o acordarei — gritou Norah e, impelida pelo instinto de sobrevivência, resolveu lutar. Não iria entregar-se facilmente. — Não se aproxime!

O homem a quem os brancos chamavam de LeBeau se aproximou com tal rapidez que a mulher não pôde se mover quando ele a segurou pelos ombros de encontro à parede. Naquele instante, o desejo de vingança suplantara todas as outras emoções e tinha em suas mãos a esposa de seu inimigo. Entoando um canto comanche em voz baixa, ele fitava sua vítima com ódio.

O pavor atingiu uma tal intensidade que Norah teve uma reação primitiva e selvagem: cerrou os dentes no braço de seu captor. A violência da reação a impulsionou até o meio da sala. Completamente sem defesas, ela o viu ainda a seu lado.

— Tire a roupa...

A voz implacável a chocou menos do que o fato de o índio não falar em sua própria língua. Norah o enfrentou desafiante e disposta a não ceder.

— Como ousa! Já foi terrível enquanto eu acreditava que você fosse um selvagem ignorante, mas agora sei que estou diante de alguém com algumas noções sobre o mundo civilizado, alguém que fala o meu idioma e...

— Tire a roupa ou eu o farei por você.

— Não!

Antes de poder pensar, Norah se encontrou novamente encostada à parede, ouvindo o ruído de tecido rasgado. O homem afastou uma a uma as peças de roupa até deixá-la apenas com o reduzido corpete de algodão e as calças até o tornozelo com babados de renda. Quando o viu tirar a faca, teve certeza de que iria ser morta.

A ponta afiada do punhal cortou os laços de cetim que fechavam o corpete, que se abriu, deixando-a nua até a cintura. A expressão do

vencedor se alterou e ela vislumbrou nos olhos dele o desejo de posse. Norah sentiu a mão quente fechar-se sobre seu seio, percebeu a evidência clara da excitação masculina e virou o rosto, revoltada.

O sangue de "Raio Prateado" se transformara em fogo líquido e uma sensação de triunfo o deixava inebriado. Era seu momento de vitória, o primeiro golpe contra o orgulho de Abner Slade. Iria possuir a mulher que jurara pertencer apenas ao marido como se fosse uma conquista de guerra!

Mas a suavidade do seio preso em sua mão o obrigou a admitir que jamais tivera intenção de subjugar aquela mulher e forçá-la a ceder contra a vontade. Deslizou as mãos até a cintura estreita, sentindo o desejo avolumar-se numa onda gigantesca. Queria provocar nela a mesma paixão, obrigá-la a implorar por mais carícias e mostrar-lhe a diferença entre um verdadeiro homem e o animal com quem ela se casara. Assim, cada toque de Abner no corpo da esposa, no curto período de vida que lhe restava, despertaria memórias de volúpia, trazendo à tona emoções que ele, como esposo, jamais provocara.

Ao sentir o aroma do corpo em seus braços, "Raio Prateado", decidiu possuí-la na cama de Abner. Sua vitória seria ainda mais completa! As mãos desceram até a cintura e afastaram o tecido para alcançar a pele macia dos quadris.

Norah preferia morrer a suportar aquela humilhação, mas essa opção não lhe fora dada e só podia se submeter, como tantas vezes o fizera nos braços de Abner. Forçou-se a permanecer impassível, sem resistir, mover-se ou até mesmo respirar.

E então as mãos masculinas não mais a tocaram. Norah abriu os olhos e viu o índio com uma expressão indecifrável, à espera de uma reação dela. Podia sentir ainda o calor dos dedos morenos em sua pele, mas manteve-se de cabeça erguida, numa demonstração de coragem muda. Ele podia tocar, violentar ou mutilar seu corpo, porém seu espírito jamais seria subjugado.

"Raio" recuou um passo e viu o corpo imóvel como uma estátua de mármore. O olhar de Norah o desafiava e terminou vencedor. Completamente indefesa, sem a mais rudimentar das proteções — a roupa para cobrir sua nudez — aquela mulher o derrotara.

Mudando seus planos em uma fração de segundo, ele apanhou uma manta de lã que estava na cadeira e jogou sobre Norah.

— Enrole-se bem. Está frio aqui no vale e será muito mais gelado ainda nas montanhas durante a madrugada.

Não havia mais nada a ser dito.

CAPÍTULO XII

A jornada dentro da noite prolongou-se por horas. As sombras se desfaziam por breves instantes, transformando-se em ilusões fugidias sob a luz azulada dos relâmpagos, e o trovão ecoava entre as gargantas estreitas dos canyons por um longo tempo até ser abafado pelo silêncio absoluto.

Agarrada ao torso nu do índio, sua única fonte de calor e o apoio para não cair sob as patas do cavalo, Norah já não mais suplicava uma explicação. A exaustão e o terror haviam esgotado suas últimas energias e o corpo todo doía após cavalgar indefinidamente.

A planície árida ficara para trás e uma subida penosa já se iniciara há horas, galopando plataformas de pedra nua que pareciam suspensas no espaço, desafiando a lei da gravidade. O vento se tornara gélido e uivava como se centenas de coiotes ameaçassem a tormenta.

Mas a escalada prosseguia, cada vez mais lenta, pois as trilhas se tornavam muito estreitas. Só quando o luar surgiu, prateando o manto de nuvens que cobria a planície, o índio parou, levantando os braços para o alto.

Um canto dissonante e repetitivo saía-lhe dos lábios, como se ele estivesse fazendo um dueto com o sibilar sinistro do vento. Os sons se alternaram, monótonos, até que flocos brancos começaram a desprender-se no céu.

Imóvel, Norah acreditou que estava realmente se transformando numa estátua. Desejara tanto não sentir mais nada que sua prece fora atendida. Uma letargia incontável a impedia de falar ou mover-se, mas um movimento a embalava. Estaria sendo carregada? E por quem? Já não havia mais frio, talvez o sono fosse a morte... E Norah se entregou ao abraço reconfortante que a livraria de todos os problemas

A volta da consciência veio junto com o retorno do frio intenso. Uma luz avermelhada fazia às sombras dançarem à sua volta. O índio teria incendiado sua casa e ela estava no centro das labaredas?

O contato com um ombro quente a levou a abrir os olhos, surpresa. Estava reclinada sobre um peito nu e os seios tocavam a pele de um homem. O vento e a neve tinham apagado a pintura guerreira do índio e o rosto altivo ao lado dela era uma cópia perfeita da imagem de tantos sonhos. Até os olhos onde o cinza cintilava como prata eram iguais!

— Sargento... LeBeau?

O homem se afastou com uma expressão de cansaço e aborrecimento. Não havia dúvida: ela estava em segurança. LeBeau a salvara! Mas então por que a tinha raptado?

Por uma fração de segundo, os olhos azuis e os prateados espelharam a mesma perplexidade e ele foi o primeiro a desviar o olhar. Uma sensação desagradável e inesperada de culpa o envolveu ao notar a expressão de

confiança de Norah. Contudo, o passado deixara de existir. Ele apagara todas as lembranças e, entre tantas, a imagem tentadora de uma jovem frágil de pele alva que o atraía de um modo perigoso demais. Ali estava apenas a mulher de seu inimigo, o alvo de sua vingança.

— LeBeau não existe mais. Meu nome é "Raio Prateado", o "Filho do Relâmpago", "Aquele-que-cavalga-as Tormentas".

— Não acredito. Você é o sargento LeBeau, eu o conheço e... — Norah não sabia se seu sonho continuava ou se havia enlouquecido por completo. — É tão difícil de compreender... pensei que você fosse um índio e fosse me violentar, eu...

— Então, acertou. Era exatamente isso que iria acontecer.

Havia raiva, perplexidade e um ar de criança ferida na expressão de Norah, e mais uma vez "Raio" sentiu o estômago se contrair. Mas não se permitia falar em seus conflitos pessoais a um cara-pálida, pois seria tão obsceno quanto desenterrar os restos mortais de um ente querido e expô-lo ao escárnio de curiosos.

— Você pertence ao mundo dos brancos, é uma inimiga. Vi crianças morrendo numa agonia atroz por falta de alimentos, mulheres jovens e velhas serem violentadas e mutiladas diante dos olhos indiferentes de seus irmãos de pele clara. É tudo por quê? A ambição desmedida por nossas terras chegou à insanidade de distribuir aos índios cobertores infectados com o vírus do sarampo, uma doença contra a qual não temos defesas. Centenas, milhares morreram e eu ainda poderia lhe contar muitas outras razões.

— Não tem sentido! Tudo o que está me contando é trágico, um crime bárbaro, mas eu nunca o feri ou prejudiquei. Por que me quer tanto mal?

— O seu marido preparou-me uma emboscada e deixou meu corpo para os coiotes e os abutres por me acreditar morto. E esse é apenas um item na longa lista de contas a acertar com Slade. Ele conseguiu escapar da minha vingança há poucos dias no México, mas em breve o encontrarei outra vez; enquanto isso não acontece, há muitas maneiras de torturar um homem, mesmo na ausência dele.

— Então por que não levou a cabo a sua vingança e me violentou como tinha planejado? A troco de que me raptou?

— Eu... não sei... — murmurou ele, como se aquelas palavras custassem um enorme esforço para passar entre seus lábios. Havia algo naquela mulher que o induzia a agir irracionalmente.

Norah já não podia mais argumentar. Uma intuição abriu seus olhos para uma realidade invisível: o destino entrelaçara sua vida e a de LeBeau numa trama indissolúvel. Havia um desenho definido, mas era difícil distingui-lo entre tantos fatos que se cruzavam sem sentido. Abner havia

tentado destruir sua alma através da humilhação física, tratando-a mais como uma propriedade preciosa pelo valor que conferia ao dono. Agora um homem em quem confiara — e por algum tempo acreditara ter amado — a traía sem remorsos.

— O que vai fazer comigo? Para onde pretende me levar, sargento LeBeau?

— Já lhe disse uma vez: esse homem está morto. Só existe agora "Raio Prateado", entendeu? E, se quer mesmo saber, vamos para junto do meu povo.

— Por quê?

— Você faz perguntas demais, estou cansado de respondê-las.

— Ele foi até uma fenda na rocha da caverna e retirou um pacote.

— Aqui há roupas, quentes. Vista-se.

Os olhos de Norah passaram do azul turquesa a um violeta profundo que brilhava à luz da fogueira tão fulgurante quanto as chamas.

— Vista-se logo!

— Então, vire de costas.

— Deixe de tolices, Norah! Já vi seu corpo há poucas horas. — Ele se encostou à parede rochosa da caverna, olhando-a sem disfarçar seu interesse.

Norah sentiu a teimosia obstinada dos irlandeses vir à tona. Com o queixo erguido, suportou o olhar insolente daquele homem sem pestanejar. O orgulho a sustentava nas mais terríveis situações.

"Raio" se esforçara para desprezar Norah desde que a conhecera, acreditando que fosse uma mulher mimada e pouco preparada para a vida dura do Oeste. Mas, agora, era obrigado a reconhecer seu valor: havia lutado e fora derrotada, mas nem por um instante se rebaixara. Sem queixas, lágrimas ou súplicas, suportara o frio, a humilhação do cativo e ainda o fitava sem se intimidar.

— Preferia morrer gelada a dizer-me que estava com frio, não é?

— Sim.

Filha de uma raça sempre dominada e sempre inconformada com os grilhões que a subjugavam, Norah tinha herdado de seus ancestrais um espírito indomável, disposto a lutar quando pudesse, e suportaria tudo à espera do momento de atingir uma liberdade ainda fora de seu alcance.

"Raio" se aproximou de Norah e obrigou-a a fitá-lo.

— Não percebeu que é minha prisioneira? Não tem condições de lutar contra mim!

— Entenda bem uma coisa, sargento LeBeau ou "Raio" ou "Tormenta" ou seja lá como quer que o chame! Posso estar à sua mercê, sou obrigada a ceder diante de sua força ou submeter-me à sua vontade, pois não me resta

outra opção. Mas feche os olhos, relaxe sua guarda por um segundo e verá o quanto sou indefesa!

Norah sentou-se diante da fogueira, isolando-se de tal modo que parecia ser o único ser humano naquela caverna estreita onde duas pessoas se tocavam ao menor movimento.

— Olhe para mim — murmurou "Raio Prateado". Norah continuava fitando as chamas e ele fez o pedido outras vezes até que, enfurecido, repetiu-o novamente sem o menor resultado. Não sabia ainda o que desejava daquela mulher, mas tinha consciência do que não queria. Mergulhando os dedos nos cabelos macios, forçou-a a encará-lo.

— Olhe para mim!

Numa batalha silenciosa de vontades férreas, homem e mulher se enfrentaram em silêncio, nenhum dos dois disposto a ceder. E, quando Norah desviou os olhos brilhantes de raiva, ele sentiu o gosto do triunfo. Mas essa emoção tão almejada teve curta duração, pois ele percebeu pelo tremor do corpo em seu poder que Norah apenas recuara porque já não tinha mais forças para enfrentar o frio e o cansaço.

— Enrole-se no cobertor e durma. Só vamos sair daqui quando a tempestade passar e você não será tão tola a ponto de tentar fugir debaixo de uma nevasca, não é?

Em poucos minutos, a respiração dele se tornou regular e Norah, apesar da exaustão, resolveu agir. O rosto do homem adormecido ao seu lado perdera a expressão amarga, e os traços agora suavizados o transformaram no desconhecido atraente que a ajudara em sua chegada a Greenwood, no herói de seus sonhos românticos. Mas ele a roubara do mundo civilizado, tinha se transformado num inimigo, e só lhe restava arriscar sua sorte!

Rastejando até a abertura da caverna, ela recebeu o impacto do vento e da neve. Não podia, porém, se amedrontar, ou jamais escaparia. Bem ao lado do paredão de rochas que se erguia até onde a vista não alcançava, encontrava-se o cavalo de LeBeau.

Tentou colocar a mão no animal, como o vira fazer, mas o garanhão ergueu as patas sobre sua cabeça. Então uma sombra se moveu à entrada da caverna.

Norah começou a correr pela trilha estreita, que se tornava a cada passo mais acidentada. Havia falhas na rocha de onde se poderia cair centenas de metros e trechos escorregadios onde mal se conseguia fixar os pés. A neve formava uma cortina densa e branca, mas ela continuou, às cegas, sempre impelida por uma esperança louca de que haveria uma chance de escapar. Se lhe era tão difícil enxergar, seu perseguidor também estaria com a mesma dificuldade!

Mas "Raio" não se guiava pela visão: o olfato indicava com maior precisão os passos de Norah e ele percebeu com angústia que a fuga sem direção a levava à Garganta da Janela-para-o-Céu, uma abertura na parede de pedra que se abria para um abismo!

Ela tateou a rocha à sua frente em busca de uma caverna onde pudesse se esconder, mas o vento a derrubou três vezes antes de seus dedos encontrarem uma abertura. Subitamente, Norah estava flutuando no ar, entre uma nuvem de flocos brancos. Não houve tempo nem para gritar. Apenas um pensamento ocupou sua mente: ia morrer!

A sensação de choque despertou seu instinto de sobrevivência. Agarrando-se a galhos secos que se partiam em suas mãos, sentiu o impacto de seu corpo contra uma parede sólida. Quando a poeira branca e gelada se dissipou, Norah viu a situação precária em que se colocara. Estava numa saliência de pedra, isolada da plataforma acima de sua cabeça, e muito longe da trilha coberta de arbustos abaixo de seu ponto de apoio.

— Você está ferida? Consegue se mover?

A voz vinha do alto e, ao erguer os olhos, Norah viu os ombros e a cabeça de LeBeau, suspenso na abertura da rocha por onde caíra.

— Não se mova! Eu chegarei até você.

Como um pássaro pousando no canyon, Norah viu o corpo de LeBeau suspenso no ar, preso apenas por uma corda de couro trançado. Alcançou-a sem esforço, prendendo a corda sob os braços dela.

— Este laço é de couro e só aguenta o seu peso ou o meu. Juntos, nós cairíamos no precipício. Por isso você vai primeiro. Quando eu der um sinal, o meu cavalo começa a puxar. Depois você me atira a corda.

— E se eu não o fizer?

— Então eu morrerei.

Aquela aceitação calma de uma morte terrível abalou Norah. Apesar de tê-la raptado, ele arriscara a vida para salvá-la. Só por esse fato já se tornara mais uma vez presa a ele por uma dívida de honra. Apavorada, deixou que os braços fortes a erguessem e iniciou um vôo no espaço. Mas o azar ainda não terminara de persegui-la!

Com um estalido seco, o laço se partiu e Norah perdeu sua única ligação com o mundo até sentir os braços musculosos rodearem sua cintura. Como se fossem um único corpo, ambos flutuaram no ar. Desta vez a queda foi mais longa, porém a sorte decidira intervir em favor deles. O impacto foi amortecido pelos arbustos e pelos músculos rijos de LeBeau, que ampararam sua queda.

Quando Norah pôde avaliar a altura de onde haviam caído, espantou-se por ainda estarem vivos. Deitada sobre LeBeau, viu os olhos prateados fitando-a sem expressão.

— LeBeau? Sargento LeBeau? — ela tocou-lhe o rosto muito levemente.
— "Raio"?

Um gemido tão baixo que mais parecia o suspiro da brisa chegou aos ouvidos de Norah e um sorriso de alegria transformou seu rosto angustiado.

"Raio Prateado" abriu os olhos e acreditou que a mulher que sorria para ele era o espírito das montanhas. Devia ter morrido e estava agora sob a proteção dos deuses!

— Eu morri, não é?

As palavras permaneceram no ar, como notas de uma melodia, mas a mulher apenas sorria, um brilho intenso irradiando uma beleza mística em sua fisionomia. Estava nos braços da deusa que dominava as montanhas e nenhum mal poderia lhe acontecer. Uma paz imensa o invadiu e ele fechou os olhos, envolto por uma felicidade completa.

— "Raio"? Por favor, abra os olhos.

Norah lutou mais alguns minutos para fazê-lo voltar a si, mas percebeu-lhe a respiração regular e acalmou-se. Só podia ajudá-lo abraçando-o para manter o calor de seu corpo. Finalmente vencida pela exaustão, apoiou a cabeça sobre o ombro largo e adormeceu, acalentada pelo ritmo cadenciado do coração do homem que saltara no espaço para salvar-lhe a vida.

Uma hora ou talvez um dia mais tarde, Norah sentiu a mão de alguém tocar seu ombro. Abriu os olhos, certa de encontrar os olhos prateados que conhecia tão bem. Mas diante dela estava um índio com uma enorme cicatriz cortando-lhe o rosto deformado.

Ele a agarrou pelos cabelos, enquanto Norah lutava com unhas e dentes para escapar. Por sorte, conseguiu atingi-lo com o joelho e, empurrando-o com a pouca força que lhe restava, tentou fugir para o outro lado da pequena plataforma onde ela e LeBeau tinham ficado presos.

À sua volta, o luar revelava um círculo de fisionomias hostis. Olhos e dentes brilhavam sob a luz prateada, tão ameaçadores quanto as facas que empunhavam. Estava cercada de índios por todos os lados e não era apenas um pesadelo do qual logo iria acordar. Eles se aproximavam, fechando o cerco, e em parte alguma estava a figura reconfortante de LeBeau!

A tempestade terminara. O relâmpago e o trovão acompanhavam a tormenta em suas investidas violentas, mas também recuavam para algum lugar misterioso quando tudo cessava. A natureza tinha recuperado a tranqüilidade da bonança, mas Norah ficara sozinha.

CAPÍTULO XIII

Quantas noites Norah havia adormecido sonhando com aventuras! Se soubesse como era desgastante enfrentar um choque após o outro em tão pouco tempo, não teria desejado fugir da calma rotina de seus dias.

O círculo de guerreiros índios à sua volta não deixava uma única brecha por onde ela pudesse escapar e o pânico atingiu, um limite insuportável. Norah acreditou ter chegado ao fim de seus dias. Quando avistou a caça pendendo de uma corda, no ombro de um dos índios rezou para que aquele grupo fosse de caçadores e não de guerreiros em busca de escalpos.

O silêncio se tornou opressivo e Norah desejou que algum acontecimento o rompesse. E, mais uma vez, a resposta a seu apelo mudo foi pior do que poderia suportar.

Um índio com a fisionomia deformada por um corte que lhe atravessava o rosto, dos lábios até a cavidade onde outrora existira um olho, agarrou o braço de Norah, puxando-a para junto dele. Não havia dúvida quanto às intenções que o motivavam e ela lutou para fugir daquela criatura malcheirosa e mutilada.

— Socorro, LeBeau! "Raio"?

Seu apelo foi carregado pelo vento, mas ela finalmente o viu, jogado sobre um dos cavalos.

— O que fizeram? Está com as costelas quebradas! — gritou Norah, correndo na direção de "Raio". — Ele está morto?

Um índio alto a impediu de prosseguir.

— Você... mulher de "Raio Prateado" o "Filho do Relâmpago"?

Só a certeza de que a sua resposta dependia sua segurança impediu Norah de responder como desejaria. Mas naquela palavra residia a diferença entre a vida e a morte.

— Sim.

O olho negro a fitou por um longo tempo, mas ela o enfrentou de queixo erguido, decidida a fazer-se passar por amante de LeBeau.

Finalmente o índio se deu por satisfeito e saltou sobre seu cavalo, dando ordens rápidas. Todos montaram e Norah os viu começarem a se movimentar, agindo como se ela não existisse.

— Não podem me deixar sozinha! LeBeau, não... "Raio" é...

Sua frase foi interrompida quando foi agarrada por braços fortes que a colocaram sobre um dos cavalos. Alguém montou logo em seguida e Norah sentiu-se presa num círculo de ferro que quase a impedia de respirar. Não lhe restava outra saída a não ser agarrar-se à crina do cavalo para equilibrar seu corpo exausto.

O pequeno grupo avançava lentamente em direção a um paredão de pedra como se as pessoas tivessem o dom de passar através da muralha rochosa que os rodeava.

Diante dos olhos surpresos de Norah, o primeiro dos vultos banhados pelo luar desapareceu e, logo depois, outros o seguiram, tragados pela escuridão. Só ao chegar mais perto, ela descobriu que havia uma saída daquele poço entre escarpas nuas.

Atrás de alguns arbustos muito próximos da pedra abria-se uma fenda estreita, impossível de ser vista a não ser pelos olhos treinados dos índios. Mergulhando na escuridão, Norah ouviu apenas as patas dos cavalos contra o chão rochoso e sua própria respiração transtornada pelo medo. Jamais imaginara que existissem trevas tão absolutas, como se a montanha os tivesse encerrado em suas profundezas.

Após longos e angustiantes minutos, uma claridade surgiu e, subitamente, voltaram a um mundo tão brilhante que quase cegou Norah. O luar sobre a neve tingia a paisagem à sua volta de prateado e, só quando seus olhos se acostumaram à nova luz, percebeu que continuava a caminhar por uma trilha estreita onde apenas um cavalo passava por vez. Qualquer descuido os jogaria no precipício! Nos canyons havia labirintos de onde jamais um homem branco saíra vivo.

Depois de andar aparentemente em círculos, Norah chegou a um pequeno oásis encravado no coração das montanhas. As numerosas tendas feitas de couro deram-lhe a certeza de que havia encontrado o povo ao qual pertencia "Raio Prateado".

A realidade que Norah tinha diante dos olhos era muito diferente do que imaginara ser uma aldeia comanche. Um punhado de tendas gastas servia de lar a um pequeno grupo de índios, a maioria composta de mulheres e velhos, com apenas alguns jovens recém-saídos da adolescência. Onde estariam as crianças e os homens maduros?

Quando a fila de cavaleiros entrou no círculo formado pelas cabanas, todos se aproximaram falando rapidamente. Olhavam-na sem disfarçar* a curiosidade, mas Norah ansiosa via apenas o corpo de LeBeau jogado sobre o cavalo. Mal o índio de rosto marcado desceu do cavalo, ficou livre e correu até ele.

— LeBeau? "Raio Prateado"... — Não recebendo resposta, tocou o rosto pálido e sentiu a pele arder sob seus dedos. — Seus idiotas! Eu lhes disse que ele tinha quebrado as costelas! Ajudem-me a tirá-lo daqui!

Do meio do grupo de índios estáticos, surgiu uma mulher de idade avançada, em cuja fisionomia transparecia autoridade e uma profunda sabedoria.

— As costelas... — repetiu Norah fazendo um gesto explicativo.— Ele caiu.

Em obediência às ordens da velha senhora, os guerreiros retiraram o ferido do cavalo. A índia se aproximou, tocando o peito do homem ferido

com as mãos experientes.

— Sim... costelas... quebradas.

"Raio Prateado" foi carregado para uma das tendas e Norah seguiu o grupo, apavorada ante a idéia de ficar sozinha com o índio que a trouxera. Mantendo-se o mais perto possível da mulher a quem todos atendiam sem discussões, ela observou o interior daquela habitação estranha. Havia algumas pedras no centro do recinto sobre as quais crepitavam chamas acolhedoras. A pele de animais que faziam as vezes de cama ficavam ao lado do fogo. A organização era perfeita, pois os poucos pertences, como cestas e cobertores, pendiam de um dos esteios da tenda. Sua inspeção foi interrompida após a saída de todos e ante a aproximação da mulher que parecia ser a dona daquela moradia.

— Muito tempo... não comanche... Você é mulher de "Raio"? Veio com ele?

Norah conseguiu entender as poucas palavras graças ao tempo que passara na missão dando aulas a garotas que apenas falavam espanhol, mas hesitou em responder. Pela segunda vez lhe perguntavam se pertencia àquele homem. Mesmo que a situação agora fosse menos constrangedora do que a primeira, não se sentia em perigo de vida. No entanto, se negasse uma ligação com ele, o repelente índio de rosto mutilado poderia exigí-la como mulher.

— Sim. "Raio" me trouxe.

— Sou "Nuvem Dançarina", mãe da mãe dele. Se o "Filho do Relâmpago" sobreviver, você fica... se morrer... — A velha fez um gesto conformado e fatalista. — Agora, dê seu calor a ele.

Norah hesitou por alguns instantes antes de tirar as roupas dadas por LeBeau e esgueirar-se para debaixo da pele de búfalo onde ele parecia dormir. Sua relutância em colar sua pele à de um homem desaparecia diante do frio intenso que sentia. Aproximando-se, manteve-se ainda a uma certa distância, mas o calor que emanava do corpo dele a atraiu, acabando com sua resistência.

Agora que estava livre dos perigos da natureza, entre paredes reconfortantes da tenda e próxima a outros seres humanos, restava ainda um grande temor a perturbar Norah. E se ele morresse? Seria devolvida para o mundo dos brancos ou a dariam a outro homem? Suas dúvidas foram vencidas pelo sono.

Pesadelos sem sentido, alternando-se com períodos de total inconsciência, atormentaram "Raio Prateado" durante toda a noite. Aos momentos angustiantes onde se via cavalgando com a morte, ao lado seguiam-se sensações estranhas de estar flutuando no céu como um pássaro.

A audição foi o primeiro dos sentidos a retornar: o crepitar do fogo e os murmúrios distantes de seu povo convenceram-no de que continuava vivo e não havia partido ainda para o mundo dos espíritos. O olfato voltou quando já saía do estado onde sonho e realidade se confundem. Um cheiro de carne assando no fogo misturava-se à fragrância suave de uma mulher. Apesar de seus esforços, não conseguiu abrir os olhos para saber de quem era aquele perfume familiar.

— Vi as pálpebras se mexerem! Ele deve estar acordando! — murmurou uma mulher em espanhol.

A outra voz respondeu numa mistura de comanche e espanhol, numa fala rápida e baixa. A claridade avermelhada do fogo era perceptível mesmo estando de olhos fechados; subitamente, porém, tudo desapareceu — sons, cheiros, cores — e "Raio" mergulhou outra vez no nada.

Muitas horas se haviam passado quando ele acordou, não ouvindo um som sequer. Sua mente estava completamente alerta à sensação de que havia um outro corpo junto ao seu.

— Norah?

No silêncio absoluto o som de sua voz lhe pareceu alto demais, mas ela não se moveu. Deitada de lado, dormia como se estivesse exausta. No rosto muito pálido, os cílios formavam uma mancha escura e a forma esguia se perdia dentro de uma camisa, que ele reconheceu como sua. O que estaria fazendo a mulher de Abner Slade em seus braços? E onde estariam eles?

Apoiando-se no cotovelo, "Raio" ergueu a cabeça. Uma dor violenta o fez deitar-se novamente. Mas já havia reconhecido sua tenda no acampamento comanche. A voz alegre que se fez ouvir trouxe-lhe de volta uma infância feliz:

— Finalmente acordou, "Filho do Relâmpago"! Nunca o vi ficar tanto tempo na cama, mas talvez fosse por falta de companhia, não?

Quando aquela mão áspera tocou sua testa para tomar-lhe a febre, teve lembranças felizes de um passado perdido para todos os índios. "Nuvem Dançarina" era avó dele e de "Chifre de Búfalo", o grande chefe comanche, e os tinha criado desde meninos com paciência e sabedoria infinitas. Ele se ressentia profundamente de não poder tornar-lhe pacífica a velhice, como é o privilégio dos anciãos, em vez de deixá-la levar uma vida cheia de desconforto e perigo ao lado de um punhado de guerreiros desesperados.

— A febre já passou, porém suas costelas estão quebradas e vai levar algum tempo até os ossos soldarem. Aproveite para dormir o mais possível.

— Há quantos dias estamos aqui?

— Três.

— E a mulher? Está doente... ou ferida?

— Apenas cansada e com muito medo, embora procure ocultar esse sentimento. Também para ela o melhor remédio é o sono...

A voz de "Nuvem Dançarina" foi se distanciando e ele adormeceu.

Quando tornou a acordar, horas mais tarde, ouviu o ressonar da avó e da mulher ao seu lado. Lutando contra a dor, ergueu-se com dificuldade e foi até o centro da tenda onde restavam apenas brasas de uma fogueira.

Quando Norah abriu os olhos, viu-o reavivando o fogo, extremamente pálido e com uma expressão desfeita pela dor.

— Você não devia levantar-se!

— Não pensei que fosse sentir-me tão fraco — murmurou ele, sentando-se novamente.

— Durante três dias você teve muita febre e só se alimentou com líquidos. Precisa de descanso e uma alimentação sólida para recuperar-se.

"Raio Prateado" acompanhou os passos de Norah com o olhar. Estava fascinado pela longa cabeleira e pelos movimentos graciosos do corpo coberto por um traje índio de camurça muito fina.

— "Nuvem Dançarina" preparou um caldo e disse que você precisa tomá-lo.

— Como conseguiram se entender?

— As mulheres sempre falam a mesma linguagem, não importa qual seja o idioma. Além disso, nós duas falamos um pouco de espanhol.

Ela parecia estar completamente à vontade naquela tenda, como se tivesse vivido ali toda a sua vida. Mas não estava tão à vontade quanto deixava transparecer, pois, quando "Raio" tocou-lhe o braço, recuou em pânico.

— Por que tem tanto medo de mim? Eu não lhe faria nenhum mal era...

— Você já o fez, é tarde demais — murmurou Norah, afastando-se dele em direção ao recanto mais escuro da tenda.

A claridade da manhã começava a penetrar através das peles que formavam a tenda quando "Raio Prateado" acordou novamente. As duas mulheres dormiam, serenas. Pela primeira vez em muito tempo, ele se sentia bem, e a proximidade do corpo de Norah era tentadora demais. Aqueles cabelos, como fios de seda, sempre o haviam atraído e bastavam-lhe um pequeno movimento para tocá-los.

Hesitante, ele deslizou a mão sobre a cabeleira brilhante e, incapaz de satisfazer-se com um contato tão breve, contornou o desenho do rosto delicado com a ponta dos dedos. A camisa que ela estava usando deixava à mostra a pele macia do pescoço e realçava o contorno dos seios. Uma onda de desejo o atingiu com tal impacto que foi impossível resistir ao impulso de abrir o primeiro botão e fitar o corpo de Norah.

Quando sua mão fechou-se sobre o seio rijo, ela suspirou e mexeu-se.

Por alguns minutos, tê-la nos braços foi suficiente, mas o desejo retornou com tal urgência que seu corpo tremia no esforço de controlar-se. A ânsia de possuir aquela mulher revelou-se em seu toque e Norah acordou, assustada.

Ela estivera se debatendo no mesmo pesadelo que sempre a atormentava. Abner a tocava de leve para logo transformar cada contato numa manifestação de desejo violento que lhe causava dor e humilhação. Mas, ao abrir os olhos, viu o rosto de LeBeau e reconheceu aquela expressão de desejo, constante na fisionomia de Abner. Sua única noção de amor físico baseava-se em seu relacionamento conjugal, quando era seu dever suportar as brutalidades do marido. Ser tratada da mesma maneira humilhante por LeBeau era mais do que ela podia agüentar.

Ao ver o terror estampado nos olhos de Norah, ele tentou acalmá-la como quem tranqüiliza uma criança.

— Por que me olha assim, Norah?

— Deixe-me em paz! — Com os olhos cheios de lágrimas, ela se afastou o mais possível. — Já não basta o que fez? Raptou-me, destruiu minha reputação, colocou minha vida em perigo e agora...

O ruído de suas vozes despertou "Nuvem Dançarina", que deu uma risada maliciosa.

— Bastou um pouco de descanso para você achar que já recuperou todas as forças, não é, "Raio"? Mas controle-se, ainda não está em condições de tomar sua mulher. É muito cedo.

Ele sentiu o coração de Norah bater descompassado e, esperando que se acalmasse, acariciou o seio que a luz da madrugada corria de tons rosados. Sem compreender por que seu toque a aterrorizava tanto, desviou o olhar, incapaz de suportar a acusação que lia na expressão dela. Só não deixou de tocá-la porque precisava certificar-se de que ambos estavam vivos depois de tantos dissabores.

Enquanto esperava que "Nuvem Dançarina" voltasse a dormir para poder reagir à intimidade humilhante provocada pelas mãos de LeBeau em seu corpo, Norah ficou imóvel, sem calcular a extensão de seu cansaço ou a rapidez com que o sono viria.

Só "Raio Prateado" permaneceu desperto na tenda, lutando contra um desejo crescente. Tentou se esquecer do corpo ao seu lado, mas Norah se aproximou mais, como se no sono procurasse um contato que repelia enquanto desperta. Mergulhando o rosto nos cabelos sedosos, ele se maravilhou com a fragilidade do corpo delicado, com a maciez da pele colada à sua.

Quando "Nuvem Dançarina" acordou e viu o rosto de "Raio" banhado em suor, fez, pela primeira vez em toda a sua vida, um diagnóstico errado:

— Como eu lhe disse há algumas horas, a sua febre voltou.

Ele nem tentou explicar-lhe que a única febre a consumi-lo era o desejo desesperado de possuir aquela mulher, presente em seus sonhos há um tempo infinito.

CAPÍTULO XIV

Até aquele dia, Norah havia acordado todas as manhãs com o aroma do café espalhando-se pela tenda. Entretanto, ao despertar pela manhã, viu a chaleira ao lado do fogo apagado. Como "Nuvem Dançarina" não estava por perto, ela se enrolou num cobertor e foi preparar o café. Sempre capaz de se adaptar a novas situações, executou a tarefa doméstica com rapidez e pôde oferecer uma caneca à velha senhora que voltava para a tenda.

— Vista-se e vá ao encontro das mulheres. Elas vão buscar água e lhe ensinarão como fazer — disse "Nuvem Dançarina", entregando-lhe um balde amassado e velho como uma pedra oval dentro.

Sob os galhos de um pinheiro, um grupo de índias conversava em tom alto e alegre, mas, vendo Norah aproximar-se, encararam-na com hostilidade e silenciaram.

Enquanto as acompanhava, ela pensou que já estava ali há uma semana e não conseguira se comunicar com ninguém a não ser com a avó de "Raio Prateado". A maior parte de seu tempo fora gasto em cuidados com ele e o restante era necessário para que recuperasse as próprias energias. Quanto ao bebê...

Norah evitava ao máximo pensar no pequeno ser cuja presença em seu ventre a fizera tão feliz, pois não queria tornar sua vida ainda mais difícil. No fundo, sabia perfeitamente que seu filho já não vivia. Os problemas à sua volta eram tantos que não podia dar-se ao luxo de chorar. Precisava de ânimo e coragem para enfrentar o momento presente.

Aprender com "Nuvem Dançarina" as palavras básicas da língua comanche era uma ótima distração e, quando a velha índia ensinava-lhe o poder das ervas em todo o tipo de doenças, ela se esquecia até mesmo de seu cativeiro.

"Nuvem Dançarina" recebera de sua mãe os segredos dos remédios. Eram fórmulas sagradas que passavam de uma geração a outra há séculos e que, numa demonstração de confiança inexplicável, ela partilhava com Norah.

Para evitar a sensação de isolamento, Norah prestava atenção em todas as conversas, absorvendo o maior número possível de informações úteis. Mas, naquela manhã, as mulheres conversaram apenas sobre filhos,

doenças e todo o tipo de problemas domésticos, esquecidas de sua presença. Apenas uma jovem a fitava com indisfarçada curiosidade.

— Meu nome é Norah — disse ela, escolhendo as palavras certas. — E o seu?

A índia se afastou com uma expressão horrorizada e só então Norah se lembrou de um fato que o padre Ildefonso lhe explicara. O uso do nome próprio pelos índios representava um presente dado apenas aos amigos, portanto perguntar como alguém se chamava era uma intromissão grosseira, quase um insulto.

Durante o resto do dia, ela suportou os olhares hostis e o isolamento. Ninguém lhe explicou o que devia ser feito e só através da observação soube como agir.

Haviam chegado à beira de um pequeno lago cuja superfície estava congelada. Usando a pedra sobre o gelo, as mulheres tiravam lascas que colocavam em seus baldes. Ao verificar que o gelo das margens mostrava-se duro demais para suas forças, Norah foi mais para o meio do lago, onde a camada era mais fina. Pisando com cuidado, ela começava a voltar quando a jovem a quem perguntara o nome a empurrou. Ambas se fitaram por um instante e ouviu-se um som assustador.

O gelo estava se partindo. Norah se preparava para mergulhar na água gelada quando viu com surpresa a moça desaparecer de seus olhos. Enquanto esperava que ela reaparecesse, viu as mulheres apavoradas à beira do lago.

— Ajudem! Não consigo enxergá-la!

Em resposta ao apelo de Norah, apenas uma delas, bem jovem, correu, mas em direção da aldeia. Sabendo que não havia tempo a perder, ela decidiu agir sozinha e, deitando-se sobre o gelo, enfiou o braço na água gelada. Apesar da sensação de adormecimento causada pelo frio intenso, continuou à procura da garota.

Finalmente sua mão bateu em algo e agarrou a trança da jovem. Usando toda a sua força, Norah começou a puxá-la através da fenda, mas o peso era grande demais e, aos poucos, ela própria foi sendo arrastada para dentro da água. Não havia nada a fazer a não ser esperar que alguém mais viesse ajudá-las.

Subitamente, sentiu que a puxavam pelo tornozelo. Procurou manter a trança da garota entre suas mãos, mas não pôde: o frio tornara seus braços pesados e insensíveis.

Aos gritos desesperados de Norah, um dos guerreiros, "Cavalo Veloz", chegou para continuar o salvamento. Uma pele de búfalo foi jogada sobre seu corpo gelado, mas ela continuava angustiada demais com o drama que se desenrolava a poucos passos dali para pensar em agasalhar-se.

"Cavalo Veloz" conseguiu retirar a índia. Tomando-a nos braços, correu

de volta à aldeia. Ao redor de Norah, as mulheres tentavam ajudá-la a caminhar, percebendo o quanto o esforço lhe custara. Onde antes houvera olhares hostis, agora se via claramente a admiração.

"Nuvem Dançarina" veio ao seu encontro e, com uma expressão preocupada, segurou-a pelo braço.

— Está bem?

— Sim, mas não entendo o que falam. Há uma palavra que eu não conheço.

— Escrava... Você salvou a escrava de "Pedra Cinzenta" e ela quer agradecer-lhe.

Norah sentiu-se como se a estivessem censurando. Teria sido por esse motivo que ninguém se apressara para salvar a jovem? Uma escrava não tinha valor ou apenas o medo impedira as mulheres de agir?

Subitamente, "Raio Prateado" pôs-se a seu lado, fitando-a com olhos carregados de raiva.

— Você é uma idiota! Como pôde se arriscar tanto? E por pouco não foi para o fundo do lago!

Sabendo agora da condição de um escravo entre os índios daquela tribo, Norah julgou entender o motivo da fúria dele.

— Ficou preocupado? Se isso acontecesse, você perderia sua escrava, não é?

— O quê?! Você não é minha escrava — replicou "Raio", abismado com aquela suposição absurda.

— Então sou o quê? Fui uma mulher livre, mas agora não passo de uma prisioneira sobre a qual você tem direito de vida ou morte. Não posso ir para onde quiser e faço a sua comida, vou buscar água para você beber... Se isso não é ser escrava, diga-me então que nome dá à minha posição aqui nesta aldeia.

Norah empurrou as mulheres à sua volta, fugindo antes que "Raio" visse seus olhos se encherem de lágrimas. Ao ouvir passos vindo em seu encalço, julgou que fosse ele, mas encontrou-se diante de "Pedra Cinzenta".

— Venha comigo.

Apesar de seu maior desejo ser o calor do fogo hospitaleiro da cabana de "Nuvem Dançarina", seguiu a índia e, ao entrar na outra tenda, viu a garota a quem salvara sorrindo para ela.

— Venha para mais perto de mim, "Lua-que-Enfrenta-as-Águas". Meu nome é "Neve de Verão".

Ela estendeu a mão morena para Norah e um elo surgiu entre duas jovens isoladas entre estranhos. O dia chegava ao fim, mas a raiva de "Raio Prateado" continuava tão evidente quanto pela manhã. Ele reclamou da comida, recusou-se a tomar os chás medicinais preparados por "Nuvem

Dançarina" e ignorou Norah o tempo todo.

O acontecimento da manhã havia prejudicado sua recuperação, mas nenhuma das duas mulheres conseguiu impedi-lo de sair. A noite estava fria e um vento forte entrava pelas frestas da tenda. Norah preparou a madeira para acender a fogueira mais cedo do que de costume.

Naquelas poucas semanas, ela se adaptara completamente às drásticas mudanças ocorridas em sua vida. Em Boston, sua única obrigação antes de dormir era escovar os dentes e fazer suas orações. Na fazenda de Abner, ela fechava todas as portas e janelas, apagava os lampiões e colocava uma vela acesa à mesa-de-cabeceira. Ali, num vale perdido entre remotos canyons, assumia o papel de uma esposa, mas num ambiente diverso. Já não havia um telhado para protegê-la do frio da noite, nem uma cama macia e o tremular reconfortante da luz de velas. Eram couros de búfalo que serviam de anteparo aos ventos noturnos, cujo sopro gélido não incomodava os corpos que dormiam no chão sobre peles. Tantas mudanças!

Uma tosse à porta da tenda interrompeu as avaliações de Norah. Com espanto, ela viu que sua visitante era "Pena Azul", a esposa de "Chifre de Búfalo", com uma cesta de palha colorida cujo trabalho era de uma qualidade excepcional.

— Aceite este humilde presente, "Lua-que-Enfrenta-as-Águas".

— Mas... não tenho nada tão valioso para retribuir e...

"Nuvem Dançarina" se aproximou da jovem que, com uma expressão de embaraço, segurava a cesta e explicou-lhe o motivo daquele gesto.

— Não há necessidade de retribuição neste caso. "Pena Azul" é irmã de "Neve de Verão", a garota que você salvou, e quer agradecer-lhe. Essa cesta foi trançada do modo que só o povo delas sabe como fazer e é considerada muito preciosa pelos índios das outras tribos.

Quando a esposa do chefe se despediu, Norah expôs sua incompreensão a "Nuvem Dançarina".

— Creio que não entendi bem sua explicação. Se as duas são irmãs, como uma delas é casada com o homem mais importante da tribo e a outra não passa de uma escrava?

— Elas não são nermenruh, o povo escolhido. Foram feitas prisioneiras bem ao sul da terra dos comanches e dadas a "Chifre de Búfalo". Como ele não precisava de duas esposas, vendeu "Neve de Verão" a "Pedra Cinzenta", recebendo muitos cavalos em troca. A riqueza de nosso povo se contava pela quantidade de cavalos e nós tínhamos tanta riqueza naquele tempo!

Norah nem percebeu a tristeza contida na voz de "Nuvem Dançarina" ao evocar um passado feliz, pois pensava na triste sina que ela e "Neve de Verão" compartilhavam.

Os passos sem destino de "Raio Prateado" o levaram até a beira do

lago. Na superfície prateada, a fenda no gelo já se fechara, mas ele continuava a pensar na quase tragédia daquela manhã. Havia uma imobilidade sinistra à sua volta e sua raiva cresceu ainda mais. Culpava Norah por ter se exposto desnecessariamente a um grande perigo a si mesmo por perturbar-se tanto. A partir de que momento teria perdido o autocontrole tão rigorosamente mantido por tantos anos?

O vento tornava a noite ainda mais fria, mas, dentro da tenda, o fogo brilhava acolhedor e Norah esperava sonolenta pela chegada de "Raio Prateado".

Ele se juntou à mulher adormecida e fechou os olhos, mas as mesmas imagens que o haviam perturbado por todo o dia voltaram à sua mente. Precisava tocá-la para se certificar de que tudo estava bem. Por alguns instantes, deixou sua mão sobre o ombro delicado, satisfeito por tê-la ao seu lado, mas logo esse contato não foi suficiente. Os dedos procuraram o coração, para sentir o ritmo da vida palpitando de encontro às suas mãos.

Pela respiração alterada de Norah, percebeu que ela não dormia, mas sua imobilidade, apesar de demonstrar tensão, não pôde impedir a volta de um desejo turbulento e insatisfeito. Todas as suas firmes decisões de acostamá-la ao seu toque desapareceram, mal sentiu o calor do seio macio sob os dedos. Muito lentamente, para não assustá-la, tocou a pele sedosa, deslizando até os quadris numa busca ainda incerta, mas cheia de esperanças de despertá-la para o prazer.

Apesar da impassividade, Norah se debatia entre sensações de pânico e de um desejo misterioso de sentir aquelas carícias por muito tempo mais. Só tinha seus instintos para guiá-la num caminho muito diferente de suas experiências conjugais, e, onde experimentara dor e humilhação pelas mãos de Abner, encontrava agora ternura e delicadeza. Ao sentir a respiração dele em sua pele, uma emoção nova e ainda muito tímida despertou nela. Com a mão trêmula, tocou os cabelos negros que roçavam seu rosto.

Aquela tentativa ingênua de uma carícia o descontrolou e a urgência de possuí-la suplantou qualquer outro pensamento. Quando sua mão tocou-lhe o ventre, ela reagiu de modo surpreendente e quase atemorizante. Não poderia saber que recordações terríveis seu gesto evocara, apenas sentiu o efeito do afago.

Lutando para fugir ao contato que sempre levava Abner à violência, Norah o empurrou, em pânico.

"Raio Prateado" não queria o ódio de Norah e sim uma entrega sensual, e não permitiu que seu desejo alcançasse um ponto do qual não haveria retorno possível. Manteve o seio palpitante em suas mãos, enquanto tentava decifrar o motivo de tanto terror.

Finalmente entendeu tudo. Tinha visto marcas no corpo de Norah,

algumas mais fracas e outras ainda muito nítidas. Com certeza, Abner a tratara com violência e a fizera temer toda e qualquer intimidade. Então, a enormidade de seu próprio gesto o deixou profundamente abalado!

Como censurar as ações daquele miserável se ele se comportara da mesma maneira? Tinha usado Norah para aplacar sua sede de vingança, humilhando-a sem piedade, e agora queria que ela lhe entregasse o corpo, com todo o abandono de uma mulher sensual e sem mágoas!

Jamais conseguiria conciliar as duas culturas que formavam sua personalidade. Não encontrara nem entre os índios nem no mundo dos brancos o equilíbrio que procurara por toda a vida. Um cansaço enorme por estar tão só tomou conta dele. Nunca teria paz em seu coração?

A noite é sempre boa conselheira e, quando "Raio Prateado" confrontou a manhã, já havia encontrado um pouco de paz para enfrentar os conflitos que se multiplicavam em sua vida.

Enquanto observava Norah preparar o café, analisou com objetividade a situação crítica de seu relacionamento com ela. Não tinha a menor intenção de devolvê-la ao mundo dos brancos, pois a desejava mais do que a qualquer outra mulher e pretendia tê-la para si. Só havia um grande obstáculo causado por suas profundas convicções: jamais a possuiria contra a vontade!

Na verdade, nem essa situação o contentaria. Só se sentiria realmente em paz quando Norah o desejasse com a mesma intensidade. Conseguir esse objetivo seria difícil, mas não impossível e o coração se expandia em seu peito só em pensar nos frutos que colheria se isso acontecesse. Iria conquistá-la usando a paciência e a constância que usaria para fazer um filhote de puma comer em suas mãos.

— Bom dia, Norah.

— Bom dia — murmurou ela sem erguer a cabeça, temendo revelar o rubor de vergonha em suas faces.

Sem fitá-la, ele continuou a agir como se nada tivesse acontecido entre os dois durante a noite e aceitou a caneca de café, elogiando-a com entusiasmo.

Norah sentiu um alívio profundo por ser poupada de um confronto embaraçoso. À medida que as horas passavam, como o comportamento de "Raio" continuasse o mesmo, começou a se perguntar se as carícias daquela noite não haviam significado nada para ele. Perguntas mais perturbadoras surgiram-lhe na mente. Seu corpo não o teria agradado? Se fosse Abner, pararia de tocá-la, respeitando sua nítida aversão? "Raio Prateado" seria mesmo um homem diferente?

Os olhos atentos que seguiam os movimentos de Norah perceberam claramente as mudanças de expressão e viram o alívio transformando-se em

gratidão. Com um sorriso de triunfo, o "Filho do Relâmpago" sentiu que seu plano iria dar certo.

CAPÍTULO XV

O vento quente do Leste soprou durante dias, afastando por algum tempo os rigores do inverno, e tanto homens quanto animais saíram de seus refúgios para se aquecerem ao sol. Era o último vestígio do verão antes de o gelo chegar e os índios aproveitavam cada minuto de um calor agradável que seria de curta duração.

Quando o sol brilhava, dourando a paisagem, ficava mais fácil esquecer que viviam exilados de suas aldeias e impossibilitados de retornar a elas. Juntos para lutar contra o poderoso povo branco que destruíra seu mundo, os índios enfrentavam a fome, doenças e o desespero de derrotas sucessivas.

Os índios deixaram suas tendas para sentarem-se debaixo dos pinheiros. Agora aceita por todos, Norah se juntou ao grupo de mulheres que aprendia a trançar a palha ao modo de "Neve e Verão". As jovens conversavam e riam enquanto "Pedra Cinzenta" cochilava. Subitamente, a velha índia abriu os olhos, alerta e preocupada.

— Vem vindo gente para cá! O som é de cavalos... de homens brancos!

Norah já sabia que os índios não colocavam ferraduras em suas montarias e, ao ouvir essas palavras, sentiu a esperança renascer. Talvez o capitão Gartner tivesse enviado alguém à sua procura! E se fosse Abner? Ela só rezava para que nenhum dos dois envolvesse outros índios em sua vingança contra um só homem: "Raio Prateado". Ele era o único culpado e, não tendo ilusões sobre como o castigariam, rezava para que ele pudesse fugir antes de ser capturado.

— Podem ser soldados e, nesse caso, você precisa fugir para as montanhas — aconselhou "Neve de Verão".

— Não tenho nenhum motivo para fugir! O que poderia acontecer? Ser raptada e devolvida para o convívio de minha raça? — retrucou Norah.

— Seus cabelos são negros como os nossos e suas roupas foram feitas de pele. Como eles saberão que você é branca? Precisa fugir e esconder-se! — Ao ver a hesitação de Norah, "Neve de Verão" insistiu: — Nem imagina o que os soldados fazem! Há algum tempo eles pegaram três mulheres de nossa tribo que estavam colhendo ervas e as mataram sem piedade... depois de violentá-las.

— Acredita que um soldado iria verificar a cor de seus olhos ou esperar para ouvir que língua você fala? — acrescentou "Pedra Cinzenta",

com uma voz carregada de um desespero que nascera de tantas tragédias.

A decepção deixou Norah sem fala. Desde que "Raio Prateado" a raptara, vivia sonhando com o dia em que homens brancos descobrissem seu paradeiro e viessem buscá-la. A destruição de suas esperanças abria um vazio enorme em sua alma, pois não havia nenhuma possibilidade de escapar.

De volta à tenda, ela encontrou "Nuvem Dançarina" preparando poções com raízes e ervas medicinais.

— É apenas "Cara Cortada" trazendo Travis. Esse homem branco é tão mau quanto qualquer soldado, pois tem muita maldade no coração.

— Quem é ele e o que está fazendo aqui?

— "Cara Cortada" não devia tê-lo trazido até o nosso esconderijo. Só os índios sabem como atravessar o canyon Sem Porta para chegar até aqui e agora esse idiota revelou nosso segredo a Travis. Mantenha-se longe deles se tem amor à vida.

Pela fresta da entrada da tenda, Norah observou os dois homens, que já estavam no meio de um grupo de índios. "Cara Cortada" era o índio repelente que a trouxera até a aldeia e seu companheiro, Travis, embora branco, parecia tão violento que ela percebeu a impossibilidade de conseguir ajuda da parte de alguém tão visivelmente perigoso.

Resignada à sua sorte, Norah começou a cortar as raízes para preparar a poção que "Nuvem Dançarina" lhe ensinara a fazer, enquanto pensava no que o futuro lhe reservava. Quando se fizera passar por "mulher" de "Raio Prateado", pensara apenas em salvar a sua própria vida. Agora todos a tratavam como se existisse um relacionamento permanente e voluntário entre os dois, o que estava muito longe da realidade. Ele mal lhe dirigia a palavra.

Mas à noite havia um elo invisível ligando-os e era justamente esse aspecto que mais preocupava Norah. Ao mesmo tempo temerosa e fascinada, esperava o momento em que se iniciaria, o ritual noturno. As carícias se tornavam dia a dia mais intensas e no entanto ele não a forçava a nada, recuando ao notar o primeiro sinal de tensão.

Na noite anterior, Norah não havia afastado as mãos que deslizavam na pele macia do interior de suas coxas e sentira uma emoção desconhecida, como se uma experiência magnífica estivesse muito próxima de ser alcançada. Se "Raio" tinha planejado submetê-la com suas carícias, ela caíra na armadilha. Passava os dias à espera das horas que lhe trariam tanto prazer.

Quando uma sombra entrou na tenda, Norah estremeceu ao ver o causador de todos os seus problemas fitando-a com irritação.

— Há estranhos na aldeia, fique aqui dentro até eles saírem.

— Oh! Seria ótimo para você se eu o obedecesse, não é? Já os vi, sei

que um deles é branco e não pretendo esconder-me. Ele poderia me salvar e levar-me de volta. É disso que tem medo?

— Se você partisse com este homem, jamais voltaria. Jamais! Ele não a levaria muito longe, sabe? Para Travis as mulheres têm uma única serventia!

— Não acredito! Você tem uma mente pervertida e quer me apavorar. Assim não peço ajuda e continuo aqui.

— Não preciso de sua aprovação, Norah. Só estou lhe dando uma ordem. Não saia!

— Só se você me matar — gritou Norah, correndo para a saída.

Braços fortes a rodearam pela cintura e, apesar de todos os seus esforços para escapar, ela foi jogada sobre as peles e pressionada pelo corpo musculoso de "Raio".

— Se for preciso, eu a amarrarei! Você foi muito protegida e nem imagina o que poderia lhe acontecer nas mãos de um homem desse tipo. Ele odeia mulheres e, depois de possuí-la, a mataria... ou talvez a desse a "Cara Cortada", o que seria pior do que a morte. É esse o seu desejo, Norah?

Ao sentir a delicadeza do corpo que ele mantinha preso sob o seu, sua raiva aumentou. Pensar em Travis tocando a pele alva de Norah o enchia de fúria e saber que "Cara Cortada" a torturaria dava-lhe náuseas. O brilho daqueles olhos azuis e o rosado dos lábios agiam como uma alquimia misteriosa em suas emoções. Mas, mesmo quando o desejo o invadiu, não deixou de forçá-la de encontro ao chão.

Norah parou de se debater e, usando um artifício que sempre havia derrotado Abner, ficou imóvel como se estivesse morta. Mas a boca que procurou a sua revelava uma ternura indescritível, roçando seus lábios com a leveza de uma pluma. E, naquele beijo em que se mesclavam doçura e paixão, ela se abriu como uma flor aos raios do sol. Tudo que fora, era ou seria cristalizou-se naquele contato.

Como por encanto, todos os anos de repressão vitoriana e todas as humilhações nas mãos de Abner se dissolveram como os gelos do inverno diante da explosão de vigor da primavera. Uma sensualidade intensa pôde vir à tona, um fogo que, uma vez liberto, exigiria muita paixão e ardor para ser saciado.

Agora "Raio Prateado" colhia os frutos de sua paciência no florescer do desejo daquela mulher que entreabria os lábios numa entrega absoluta, ainda inconsciente do poder de sua sensualidade.

Norah não soube quando ou como suas roupas foram retiradas. Só sentiu o contato de sua pele nua com a dele transformando seu corpo numa chama. Acolheu delirante as mãos e a boca sobre cada milímetro de pele palpitante de paixão.

Se na escuridão da noite o corpo iluminado pela luz fraca da fogueira

lhe parecera atraente, agora Norah sentia o impacto da nudez masculina realçada pelos raios de sol que se filtravam através das frestas da tenda. Diante dela estava um homem ao mesmo tempo musculoso e esguio. Tudo naquele corpo atingira o mais alto grau de perfeição e até mesmo o sexo, que sempre lhe provocara uma invencível repulsa e um profundo temor, a atraía como um ímã.

Alerta a cada nuance das reações do corpo feminino, ele sentiu a emoção embriagadora do triunfo e ousou tocar onde jamais o fizera antes. Percebeu a tensão apoderar-se dela e ficou imóvel, à espera de que Norah desse o passo seguinte por vontade própria.

Enlouquecida de desejo apenas com o toque das mãos, Norah não mais controlava as sensações que a arrastavam para um mundo perturbador, além de seu controle. Quando a boca masculina buscou o mamilo sensível e cerrou os dentes na pele macia do seio palpitante, ela ouviu sua própria voz romper o silêncio, num gemido carregado de paixão. Incapaz de reconhecer a mulher que se abandonava às ousadas carícias, arqueou o corpo de encontro às mãos dele e sentiu-se envolvida por uma sensação tão gloriosa que chegava a ser assustadora.

"Raio Prateado" julgou ter conseguido uma entrega plena e mergulhou no corpo trêmulo de paixão, mas viu que ela abria os olhos e tentava afastá-lo. Mesmo desapontado por não tê-la por inteiro, ele se resignou a receber o quanto Norah pudesse lhe dar.

Quando a noite chegou, apenas Norah ficou desperta. Finalmente era uma mulher completa e essa transformação magnífica ocorrera nos braços de "Raio Prateado". Mas ele despertara também um desejo inextinguível e agora conhecia mais um sentido da palavra "escrava"!

Na tenda de "Chifre de Búfalo", um grupo de homens se reunira ao redor da fogueira, os mais jovens atrás dos mais importantes, todos atentos ao início da cerimônia.

"Chifre de Búfalo" e "Raio Prateado" partilhavam a posição de guerreiros e distribuidores de justiça e foram os primeiros a fumar o cachimbo da paz, passando-o em seguida a Travis. Ninguém falaria até todos terem recebido por sua vez o símbolo da união, enchendo a tenda de fumaça branca.

"Raio" estava aborrecido com a lentidão daquele ritual, pois não confiava em nenhum dos dois visitantes, julgando um desperdício perderem tanto tempo com indivíduos tão perigosos. Além disso, queria ouvir logo por que "Cara Cortada" trouxera um estranho ao esconderijo. Se não houvesse uma boa razão para esse ato, ele seria capaz de matar aquele traidor!

— Meu irmão de guerra, "Filho do Relâmpago", parece impacientar-se com nossos rituais. Ele viveu muito tempo entre os brancos e aprendeu que

não se deve perder tempo com tolices. Por isso vou dar-lhe a palavra — disse "Chifre de Búfalo", com um sorriso malicioso. — Que pergunta faria ao nosso visitante, "Raio Prateado"?

— Você esteve há pouco tempo entre nossos irmãos quohadi, Travis. Que notícias traz de "Faca Afiada"?

— Péssimas! — Travis fitou "Raio" com malevolência. — Alguns amigos seus... de ambos os lados... continuam se matando, sargento LeBeau! Você foi muito esperto em fugir para as montanhas e se esconder.

Com rapidez, os dedos de "Raio" se fecharam em torno do pescoço de Travis e a lâmina de uma faca brilhou em meio à fumaça.

— Nunca aceitei palavras ofensivas de homens corajosos e não vou suportá-las vindas de um traste como você, Travis.

Ninguém se movia em auxílio do homem deitado sob os joelhos de "Raio", mas a voz serena de "Chifre de Búfalo" restabeleceu a calma, quebrando com suas palavras a tensão de todos.

— Meu irmão é veloz como o relâmpago, mas sua rapidez nos impedirá de ouvir o que nosso visitante tem para contar.

— Comece a falar! — sibilou "Raio", soltando o pescoço de Travis. — Modere sua língua ferina ou eu posso me ofender e decidir emudecê-lo para sempre!

— "Faca Afiada" e seus bravos estavam se dirigindo para o norte quando encontraram um grupo que ia para Campo Verde. Um dos brancos, Henderson, se ofendeu por algum motivo insignificante e deu um tiro que pegou de relance no ombro de "Tartaruga Lerda". "Faca Afiada" ordenou que os exterminassem. O general Crook ficou furioso e enviou vários batalhões para caçá-los como animais.

Imóvel, "Raio" tentou acalmar-se, pois as palavras de Travis despertaram uma enorme desconfiança. Algo estava muito errado! Ele conhecera Caleb Henderson, um homem equilibrado que jamais daria um tiro sem motivo.

— Como soube dessas notícias?

— Bem... Eu ouço muitas coisas... muitas mesmo! — murmurou Travis, pouco à vontade.

Novamente, "Raio Prateado" o agarrou pelo pescoço e puxou o cordão de couro que havia sob sua camisa. Retirou de dentro um escalpo de cabelos loiro-prateados e sentiu uma onda de náusea e fúria.

— Seu miserável! Mentiroso! Assassino! Ninguém tem cabelos deste tom acinzentado em todo o território do Arizona a não ser as filhas de Caleb Henderson! "Faca Afiada" jamais declarou guerra aos amigos e a família Henderson sempre o recebeu bem. Você esteve lá, não é verdade? Quando massacraram aquelas moças, quem empunhou a faca para escalpelá-

las? Você? Duvido que "Faca Afiada" tenha sequer chegado perto desse lugar! — Com um gesto violento, "Raio" jogou Travis aos pés de "Chifre de Búfalo". — Este homem foi o causador de todas as mortes e é o culpado da perseguição a nossos irmãos pelo Exército! O responsável pela morte da família Henderson não é outro senão ele e creio que deveríamos entregá-lo aos brancos. Eles que façam justiça! Olhem para este escalpo e tirem suas próprias conclusões!

O círculo de homens se fechou em torno de "Raio Prateado" para examinar o troféu sangrento e, um a um, se voltaram para "Chifre de Búfalo" à espera de uma decisão.

— Se ele cometeu um crime e deixou que a culpa recaísse sobre nossos irmãos, sua vida vale tanto quanto a de uma cascavel peçonhenta! Amarrem este homem fora da tenda enquanto tomamos entre nós uma decisão acertada.

As palavras de "Chifre de Búfalo" foram recebidas em silêncio. Depois que Travis foi retirado da tenda, todos se sentaram à volta do fogo com expressões solenes, mas profundamente angustiadas. O destino da nação indígena tinha sido ameaçado por mais um ato traiçoeiro!

Entre eles, o único índio quê conseguia compreender a mente dos brancos por ter no sangue as duas raças se limitou a estar presente, pois já não tinha mais esperanças. A perseguição ao bando que massacrara a família branca só terminaria quando os soldados exterminassem o último representante do grupo de "Faca Afiada". A cada dia que passava, mais se aproximava o momento em que a nação índia daria seu último suspiro.

As sombras azuis do crepúsculo desciam sobre a aldeia quando Norah saiu de sua tenda. Ia levar a poção que fizera para "Neve de Verão" atravessando o relvado onde os índios se encontravam em todas as horas do dia e que agora estava vazio, pois os homens ainda permaneciam reunidos na tenda de "Chifre de Búfalo".

Ao passar perto da grande fogueira em torno da qual se realizavam as cerimônias festivas ou guerreiras, ela ouviu uma voz.

— Venha cá, por favor.

Aproximando-se do local de onde viera o som, Norah viu um vulto deitado ao chão, um pouco fora do alcance da claridade do fogo. Imediatamente pensou que algum dos inúmeros velhos da tribo tivesse caído, mas parou ao ver o homem amarrado e pálido de terror.

— Meu Deus! O que fizeram com você?

— Com os diabos! Uma mulher branca? — O espanto de Travis igualava-se ao de Norah. — Por acaso é prisioneira destes selvagens, garota?

— Sim... e você?

— Ajude-me a fugir ou eles me matarão. Corte estas cordas e

prometo-lhe que nós dois escaparemos sem um arranhão das mãos destes miseráveis.

Norah se ajoelhou ao lado do prisioneiro e tentou soltar as cordas, mas ele estava muito bem amarrado.

— Espere um momento enquanto vou buscar uma faca. Os nós estão muito apertados.

Ela voltou em muito pouco tempo e, tão logo o soltou, teve seu braço agarrado pelo homem que se preparava para fugir.

— Vamos logo! Precisamos sair daqui o mais depressa possível.

— Mas eu...

Norah não decidira se seria ou não seguro confiar naquele homem depois das palavras de "Raio", mas não conseguiu soltar-se e foi seguindo-o aos tropeções.

Quando "Raio Prateado" saiu da tenda, antes dos outros índios, notou a ausência do prisioneiro e deu o alarme. Correndo na direção de dois vultos que também corriam, foi cortando caminho através das tendas para interceptar-lhes a fuga.

Uma intuição lhe dizia que a vida de Norah estava em perigo. Apesar de ainda sentir um pouco de dor nas costelas, não parou. Nada conseguiria detê-lo, nem as ameaças de Travis, nem os gritos de Norah. O brilho de um rifle sob a luz fraca das estrelas só aumentou-lhe a velocidade. Travis não podia levar com ele a sua mulher!

Ela abriu os braços e bateu na arma no instante em que a pequena chama riscou o escuro, pouco antes da explosão atordoante. Os cabelos de "Raio" se agitaram à passagem da bala, mas ele não foi atingido. Saltou então sobre o vulto de Travis que já fora derrubado por um empurrão violento dado por Norah.

Nesse instante, os outros bravos da tribo chegaram. "Fala Macia" encostou uma faca no pescoço do prisioneiro.

— Não o matem! — ordenou "Chifre de Búfalo" à porta de sua tenda. — Quero a maior quantidade de informações possíveis deste miserável antes de sua morte.

O grupo enfurecido agarrou Travis e todos seguiram para a tenda do chefe índio. Todos, menos "Raio Prateado".

Ele foi até onde Norah permanecia imóvel, soluçando. Sem dúvida, ela não acreditara em suas palavras e julgara que Travis a levaria de volta para o meio de seu povo. No entanto, aquela mulher sacrificara sua fuga para salvar-lhe a vida.

Tomando nos braços o corpo trêmulo, "Raio" tocou o rosto molhado de lágrimas.

— Por que fez isso? Por quê?

— Travis ia matá-lo, matá-lo... — soluçava Norah, repetindo sem cessar a mesma frase.

"Raio Prateado" a carregou até a clareira diante de sua tenda e deparou com "Cara Cortada", que os fitava com um olhar de cobiça.

— Inveja você, "Raio". Essa mulher pode dar muitas noites de prazer para guerreiros como nós. Se já se cansou dela, venda-a para mim, pagarei o que pedir.

Após colocar Norah no chão, "Raio" a empurrou para perto da tenda. Seus olhos refletiam uma raiva assassina.

— O que quer em troca dessa potranca arisca? — continuou "Cara Cortada" — Possuo muitos cavalos, moedas de ouro e tenho predileção por mulheres de pele muito branca, embora sejam frágeis demais. Mas a sua prisioneira me parece capaz de proporcionar-me muitas noites de prazer antes que eu me canse dela.

Da porta da tenda, Norah ouviu o som inconfundível de punhos atingindo músculos e virou-se, apavorada.

A silhueta de "Raio" se destacava contra o horizonte prateado pelo luar, uma imagem de força e violência. No chão estava "Cara Cortada", desmaiado e com os pés muito próximos da fogueira no centro da aldeia, de onde fora retirado por alguém preocupado em salvá-lo do fogo que começava a incendiar seus mocassins de camurça macia.

Sem olhar para trás, "Raio Prateado" segurou Norah pela cintura e levou-a para dentro da tenda. Ansiava pelo momento de ficar a sós com ela e ouviu-a explicar por que impedira Travis de matá-lo. Seu coração ansiava por ouvir palavras que só em seus sonhos se permitira esperar...

CAPÍTULO XVI

O silêncio na tenda era completo. "Raio Prateado" dormia profundamente com Norah em seus braços quando "Cavalo Veloz" o despertou.

— Acorde! Travis fugiu!

— Como? Quem o libertou?

— "Cara Cortada" e eles trouxeram uma mulher e a deixaram escondida antes de entrar na aldeia. Ela queimou um pó estranho na tenda de "Chifre de Búfalo", que o fez adormecer. Agora os três foram embora!

"Raio" se levantou para perseguir os fugitivos e viu Norah adormecida, com um sorriso nos lábios. Como gostaria de ficar ao lado dela naquela manhã cinzenta! Ansiava por saber o que pensava e sentia depois da noite em que haviam partilhado uma experiência única.

— "Chifre de Búfalo" está bem, mas profundamente humilha- ; do. Quer encontrá-los a qualquer custo e pediu-lhe que lidere a busca.

— Só você, "Chifre de Búfalo" e "Fala Macia" irão comigo. Os outros precisam ficar na aldeia para tomar conta das mulheres. Vá avisá-los; eu o encontrarei em pouco tempo.

Quando o índio saiu para cumprir suas ordens, "Raio Prateado" se inclinou sobre o corpo adormecido. Ao ser tocada no rosto, Norah abriu os olhos e sorriu. Para ele, foi como se o sol tivesse surgido, dissipando as brumas da manhã, e mais uma vez desejou ficar ao lado dela pelo resto do dia.

— Preciso ir em busca de Travis, Norah. Ele fugiu com "Cara Cortada".

Norah sentou-se esticando os braços, já não mais envergonhada de sua nudez. O corpo esbelto parecia feito de madrepérola, com os cabelos negros formando um contraste perturbador. A suavidade das formas o fazia lembrar das flores que nascem no alto das montanhas, brancas e perfeitas, mas inatingíveis.

— Se eu pudesse ficar a seu lado, me sentiria mais feliz, Norah. Detesto deixá-la sozinha, mas não posso evitar. Prometa-me que não se afastará da aldeia.

— Prometo... e tome cuidado — murmurou ela, sorrindo, cheia de encantamento.

Tão logo ficou sozinha, Norah se deitou no lugar ocupado por ele até poucos instantes, aspirando o aroma de pinheiro e couro que ali deixara aquele homem fascinante. Podia ainda sentir o calor dos lábios ávidos em seu corpo e rever a expressão de desejo ardente transformando os olhos cinzentos em prateados.

Havia uma diferença tão grande entre a paixão sensual de "Raio Prateado" e o desejo destrutivo de Abner que ela se perguntava se algum dia esqueceria aquela noite. Ficou então muito clara a razão de sua urgência em partir com Travis: não quisera correr para a liberdade, mas sim, fugir de uma atração tão intensa que a amedrontava. Sentira medo de sua crescente dependência ante aquele homem, medo de pensar em até onde esse envolvimento a levaria.

Nem agora queria analisar a verdade transparente em seu comportamento. Preferia rememorar cada minuto da noite ao lado dele. Tão absorta ficou que não percebeu a entrada de "Nuvem Dançarina" na tenda nem viu o olhar malicioso da velha índia.

— Está contente hoje, neta?

Enrubescendo, Norah baixou os olhos sem dar resposta e ofereceu uma caneca de café à avó de "Raio Prateado". Já estava há tantas semanas na aldeia que começara a ser chamada de neta e a dirigir-se a ela como "avó"!

Quando ia servir-se, uma dor violenta a forçou a soltar o que tinha nas mãos para amparar-se, pois as pernas já não mais a mantinham em pé.

A partir daquele momento, nada mais fez sentido para Norah. Tudo a seu redor se tornou sombrio como a mais negra das noites. A náusea ia e vinha com a força de ondas agitadas pelo vento. Vozes e sons surgiam do nada, desaparecendo ao longe, abafados pelo frio intenso que a rodeava.

O som de sua própria voz chamando "Raio Prateado" a trouxe de volta a um círculo de fisionomias amistosas que a fitavam do alto. Mas não havia como resistir por muito tempo à dor violenta que parecia arrastá-la para um túnel sem fim. Estava cansada de lutar e talvez encontrasse paz em algum lugar sombrio e distante, mas a voz de "Nuvem Dançarina" a impedia de partir.

— Ela precisa viver! Precisa!...

Três luas já haviam surgido e não fora possível alcançar nenhum dos fugitivos. "Chifre de Búfalo" estava tão furioso que já não conseguia manter sua costumeira dignidade.

— Vou arrancar o coração daqueles miseráveis, arrancar os olhos... Quando eu puser as mãos neles...

— Não pretendo perder os prisioneiros por causa de sua raiva descontrolada, "Chifre de Búfalo"! Se não conseguir acalmar-se, volte para a aldeia e deixe-nos em paz!

A duras penas, o chefe dos poucos índios que restavam do povo comanche se controlou. Ele confiava muito na capacidade de "Raio Prateado" em descobrir os rastros mais bem encobertos e tinha esperanças de que em menos de um dia os alcançasse.

— Um dos cavalos deles ficou manco! — gritou "Fala Macia", entusiasmado ao descobrir o rastro dos três fugitivos. — Acha que eles seguirão caminhos diferentes agora?

"Raio" continuou sua marcha em silêncio. Uma aura sinistra pairava no ar e ele olhava atento para os arbustos, à espera de algo que não sabia definir.

— O que está procurando entre as folhas? As pegadas dos cavalos continuam em linha reta e...

Nesse instante, "Raio Prateado" ergueu os galhos mais baixos de um pinheiro e revelou aos olhares de todos um corpo de mulher.

Nos cabelos escuros havia folhas e o couro de suas roupas estava manchado de terra. Não havia como ignorar a selvageria com que ela fora mutilada. Só um homem tratava as mulheres daquela maneira: Travis!

— É assim que "Cara Cortada" e Travis tratam os amigos — murmurou "Fala Macia", revoltado.

— Acharam que ela iria prejudicar a fuga quando o cavalo ficou manco e

se livraram da mulher que os libertou como se ela não passasse de um traste dispensável! — comentou "Raio", cheio de amargura.

Até aquele momento, o sol o aquecera e ele só tinha pensado nos momentos mágicos da noite ao lado de Norah. Agora, a realidade chegava como um vento gelado, trazendo a brutalidade do mundo de volta. Se ela tivesse seguido Travis, talvez fosse seu o corpo dilacerado sob os galhos de um pinheiro. Só então ele compreendeu como o ódio podia levar os homens a cometerem assassinatos.

A noite já começava a cair quando as marcas das patas dos cavalos se tornou mais nítida, anunciando que logo encontrariam os dois homens. Mas um obstáculo irremovível os impedia de prosseguir: soldados brancos!

— Podemos desviar pelo canyon da Garganta Cortada ou...

— Não adianta continuar, "Raio Prateado". Posso muito bem esperar o momento para obter minha vingança. Conheço vários esconderijos de "Cara Cortada". Quando tudo voltar ao normal, eles terão menos cuidado e eu os alcançarei. Vamos voltar à aldeia — ponderou "Chifre de Búfalo".

O retorno foi muito mais lento, pois vários batalhões de uniformes azuis os obrigaram a fazer desvios. Nesse dia a estrela vespertina era a única a brilhar no céu quase violeta do crepúsculo e sob sua luz se divisava a entrada da aldeia. A fumaça subia por entre os pinheiros e se misturava ao aroma da lenha das fogueiras que começavam a ser acesas para a chegada da noite.

Pela primeira vez desde que se tornara adulto, "Raio Prateado" sentiu a emoção de estar de volta ao lar, onde Norah o esperava, talvez preparando um café.

A menos de dez passos de sua tenda, percebeu que não havia fogo aceso ou qualquer ruído, apenas a escuridão e o silêncio. Desesperado, pensou que Norah tivesse conseguido fugir, como tanto o desejara. Mas... depois da noite que tinham passado juntos? E se Travis tivesse voltado para buscá-la? Uma agonia profunda se apoderou de seu coração e, ao ver a silhueta de "Nuvem Dançarina", com os ombros curvados, vindo em sua direção, soube que algo terrível acontecera!

— Ela está perdendo a criança. Mas não se preocupe. Você terá outros filhos, saudáveis e fortes!

— A criança? — perguntou ele, sem compreender.

— Ela o chamou por muito tempo. Agora está dormindo. Vá descansar e...

Nada o poderia impedir de ir ao encontro de Norah naquele momento. Mas, ao entrar na tenda reservada aos enfermos, seu choque foi ainda maior. Sob uma pele de búfalo, o corpo de Norah parecia ainda mais frágil, sua pele mais pálida ante os olhos rodeados de olheiras.

Como pudera ser tão cego? Nunca a havia visto nua sob a luz do sol, mas ignorara deliberadamente certos sinais por não querer admitir que outro homem a tivesse tocado.

E, como se sentisse a presença que tanto desejara ao seu lado, os olhos azuis se abriram.

— Eu não podia partir sem... — a voz murmurava quase sem forças — precisava dizer...

Novamente o rosto dela assumiu uma expressão vaga, como se lhe tivessem roubado a alma, e "Raio Prateado" tentou reanimá-la.

— Deixe-a em paz, ela precisa apenas de descanso. Além disso, aqui não é permitida a entrada de homens, a não ser enfermos — lembrou-lhe "Nuvem Dançarina".

— Não me importa quantos costumes estou quebrando nem quantas ofensas cometo! Vou ficar ao lado de Norah até ter certeza de que ela sobreviverá!

— Deixe de teimosias! Já lhe disse que não há mais perigo. Você será mais útil se for caçar para ela, pois será preciso muita carne para fazê-la recuperar o vigor. Já é quase de manhã, é a hora mais propícia...

Surpreso com a rapidez da passagem do tempo, ele decidiu ficar ainda algumas horas até que a respiração voltasse ao normal. Sempre havia animais para serem caçados, a qualquer hora!

Durante aquela longa vigília, "Raio" ponderou sobre as mudanças que Norah provocara em sua vida. Sua alegria tinha voltado ao lado daquela mulher e ele conhecera o sublime prazer que apenas a pessoa amada pode trazer. Ao mesmo tempo compreendera que o medo terrível da perda caminhava lado a lado com a paixão. E, mesmo sabendo que não devia se apegar a ninguém, admitiu que era tarde demais para lamentar seu erro!

A despedida da primavera se prolongou por muitos dias, trazendo toda a aldeia para a clareira central em busca do sol ameno que logo se esconderia por muitos meses atrás de nuvens sombrias.

A única a permanecer ociosa era Norah. Todos se ocupavam com as tarefas rústicas da qual dependiam para sobreviver, mas ela apenas o observava, sentada em peles macias, onde deveria ficar até recuperar suas energias.

A saúde de seu corpo já retornara, mas a mente ainda se debatia entre dilemas de culpa e um profundo desânimo. Jamais desejara ter filhos de um homem como Abner, mas sempre tinha considerado aquela criança apenas sua, e perdê-la fora um golpe arrasador.

Mesmo sabendo já há muitos meses que seu bebê nunca viria vivo ao mundo, a perda só se tornara definitiva e final após o aborto. Nem mesmo as explicações sábias de "Nuvem Dançarina" afirmando que o estado de

depressão profunda nestes casos diminuía sua tristeza. Havia uma enorme mágoa em seu coração e em seus braços um vazio que só poderia ser preenchido por um recém-nascido que já fora enterrado longe dali.

Mas aquela perda simbolizava o fim de um capítulo de sua vida e seu pranto nascia da morte de muitos sonhos. As ilusões sobre o amor tinham sido brutalmente aniquiladas por Abner e, com o sangue que se esvaía de seu corpo, também se haviam perdido as esperanças de uma vida feliz que ela trouxera de Boston. Não encontrara um marido amoroso nem um casamento harmonioso ou o filho tão desejado.

Apesar de bem tratada, não passava de uma prisioneira isolada entre estranhos, e o futuro se mostrava sombrio. "Raio" evitara sua companhia nas últimas semanas e nem mesmo à noite, quando seus corpos se procuravam, ele a tocara. Talvez já não a desejasse mais ou não quisesse uma mulher incapaz de chegar ao fim da gravidez. Mas o motivo do afastamento não importava; bastava ver a diferença nos olhos dele.

Um grupo de guerreiros, usando suas roupas mais coloridas, atravessou a clareira em direção à tenda de "Pedra Cinzenta". À frente de todos caminhava "Cavalo Veloz" com um sorriso confiante no rosto. Norah nunca tinha visto nada igual desde sua chegada e a expressão encabulada de "Neve de Verão" aumentou ainda mais sua curiosidade. ,

— Avó! Venha ver... O que estará acontecendo?

— Ah! Então chegou a hora! — exclamou "Nuvem Dançarina" à porta da tenda. — "Cavalo Veloz" está pedindo uma esposa a "Pedra Cinzenta". E ele nunca tinha olhado para "Neve de Verão" antes de salvá-la, imagine!

Durante toda a tarde, o jovem guerreiro negociou com a velha índia pelo preço a ser pago. Como deveria sustentar "Pedra Cinzenta" além da esposa, oferecera pouco e só quando a noite chegou ambos concordaram no preço. Ele então levou a jovem para sua tenda.

— É só isso? — perguntou Norah, indignada. — Há poucas horas, "Neve de Verão" era escrava de "Pedra Cinzenta" e, no minuto seguinte, pertence a "Cavalo Veloz". Não tem direito a uma opinião?

— Ele será um ótimo marido.

Norah se irritou diante da atitude indiferente de todos. E se "Neve de Verão" tivesse sido dada a um homem cruel? A situação lhe parecia ainda mais angustiante porque trazia de volta sua própria instabilidade entre os índios. O que lhe aconteceria quando "Raio Prateado" não mais a desejasse? Seria trocada por cavalos e mercadorias? Afinal, não sabia bem que tipo de homem era seu dono!

Nesse instante, "Raio" entrou na tenda e, como o fazia nas últimas semanas, evitou olhá-la. Esperava ter coragem para fazer o que era mais certo e não havia outra opção a não ser...

— Estamos de partida, avó. Os soldados da cavalaria logo saberão como chegar até nossa aldeia e virão em busca da mulher branca. "Chifre de Búfalo" irá para as montanhas por algum tempo e se unirá a Quannah em breve. Você o acompanhará.

— Não virá conosco, "Filho do Relâmpago"?

— Farei o caminho oposto, mas também vou para os canyons. Lá ninguém me encontrará.

— E sua mulher?

Ele desviou os olhos, incapaz de enfrentar o olhar de Norah. Por muito pouco não fora causador da morte daquela jovem frágil e levá-la para onde ia seria ainda mais arriscado. Dificilmente uma mulher suportaria uma vida tão dura!

"Nuvem Dançarina" percebeu pela expressão do neto que devia deixá-los a sós para resolverem seus problemas. Após a saída dela, o silêncio tomou conta da tenda.

Imóvel, Norah o viu reunir seus poucos objetos pessoais e colocá-los num saco de couro. O que iria acontecer com ela agora? Seria deixada ali para que a cavalaria a encontrasse? Ou a trocariam por cavalos, muito mais úteis do que uma mulher? Por que ele não a encarava nem dizia nada?

— O que acontecerá comigo? Aonde irei se você não quiser mais a minha presença?

Norah tremia à espera das palavras que decidiriam seu futuro e sentia um medo terrível de ouvi-las.

Completamente imóveis, os corpos quase se tocavam, mas nenhum dos dois ousava aproximar-se mais. Para ele, a proximidade de Norah era um tormento depois de tantas noites em que controlara seu desejo para tornar a separação mais fácil. E, quando a lembrança da textura daquela pele se tornou forte demais, não foi possível evitar o gesto que a trouxe de encontro a seu coração.

— Vai... me trocar... por outra?

— Nunca desistirei de você, Norah. Enquanto correr uma única gota de sangue em minhas veias, quero-a ao meu lado.

Sua boca se apossou dos lábios trêmulos de Norah, revelando em seu ardor o quanto a desejava. Deitando-a sobre a pele de búfalo, inclinou-se sobre o corpo que o levava à loucura. Queria apagar com carícias a lembranças dos toques de outro homem e suas mãos ávidas buscaram a pele sedosa sob o tecido de algodão. Quando a sentiu tremer de desejo, ele acreditou ter alcançado seu sonho mais precioso e mergulhou naquele corpo, sabendo que sua sede jamais se saciaria.

Norah precisava da paixão daquele homem para, provar a si mesma que ainda estava viva e não fora afastada do calor da paixão. Mesmo certa de

que jamais seria amada, naquele momento bastava-lhe ser envolvida pelo desejo incontrollável de "Raio Prateado".

— Jamais desistirei de você, Norah! Jamais...

A voz ecoando no silêncio repetia sem cessar as únicas palavras que ela ansiava ouvir.

CAPÍTULO XVII

Partir da aldeia deixou Norah mais emocionada do que poderia imaginar. Sob a luz fria da manhã, as tendas pareciam ainda mais frágeis e indefesas, e uma tristeza profunda a invadiu ao pensar no destino daqueles índios desprotegidos e sem forças diante de um mundo em plena mudança.

"Raio Prateado" olhou para a mulher que o seguia, carregando seus poucos pertences, e imaginou o mal que o sol causaria àquela pele alva e fina. Era muito cedo e os raios de sol ainda estavam fracos, mas, quando a luz inclemente batesse na rocha nua dos canyons, tudo à volta deles se transformaria num inferno.

Usando apenas calças de camurça, "Raio" e a natureza selvagem se identificavam com perfeição. Ao lado dele, Norah procurava mostrar-se tão forte quanto uma mulher índia. Prendera os cabelos numa única trança e pusera o saco de couro com seus pertences às costas para deixar as mãos livres. Só não sabia por quanto tempo conseguiria fingir que não estava exausta!

Tão logo deixaram a pequena aldeia encravada entre as montanhas e iniciaram a subida, cada passo exigia mais atenção, pois o menor descuido ao colocar os pés na estreita trilha poderia significar a morte. As dificuldades foram se tornando maiores e Norah evitou olhar para o precipício ao seu lado por medo de demonstrar todo o seu pavor diante de "Raio Prateado".

Subitamente, ele parou e tentou tirar o saco de couro que Norah trazia nas costas como uma índia.

— Vamos descansar aqui.

— Não há necessidade de parar. Posso continuar, não estou cansada — mentiu ela.

— Talvez não, mas logo não poderá dar mais um passo e serei obrigado a carregá-la.

— Tenho condições de continuar, e sozinha!

Sem esperar por ele, Norah tentou ultrapassá-lo para seguir a trilha estreita à sua frente, mas o caminho foi bloqueado pelo corpo musculoso e dourado que brilhava ao sol.

— Ouviu o que eu disse, Norah? — Ele a segurou pelo queixo, exigindo

sua atenção. — Está tentando mostrar-se corajosa diante de mim? Já devia saber que não há necessidade de me impressionar.

Norah examinou o rosto altivo, procurando um indício da intenção de "Raio" ao dizer aquelas palavras. Nos olhos prateados parecia haver uma sombra de malícia e zombaria por sua falta de resistência. Empurrando-o, ela deu o primeiro passo na estreita passagem e, em sua precipitação, pisou sobre uma pedra.

Subitamente, diante de seus olhos não havia mais nada a não ser o ar, e muito ao longe, uma fita prateada brilhando entre as planícies. Mas, antes de poder gritar por socorro, braços fortes a envolveram pela cintura, e Norah se viu diante da fisionomia preocupada de "Raio Prateado", um rosto esculpido na mesma rocha dura que o rodeava.

O corpo musculoso a protegia e não se ouvia outro som a não ser o de suas respirações entrecortadas. Norah sentiu a pele quente e úmida colada a seu rosto, as batidas rítmicas do coração contra seu peito, e todo o medo se desvaneceu. O toque e o aroma tão bem conhecidos eram os únicos elos que a prendiam à realidade. Por alguns instantes, permaneceu aconchegada ao homem que a defendia daquela natureza agreste e pronta a eliminar quem não a respeitasse. Mas logo se revoltou contra sua dependência crescente e afastou-se com uma expressão distante para ocultar emoções que não queria demonstrar.

— Muito obrigada. Estou bem agora.

Sem responder, "Raio Prateado", se afastou também. Então tinham voltado a ser estranhos! Quando Norah deixaria de fugir dele, quando não precisaria mais fingir? Havia partilhado tanto nas últimas semanas: tinham se amado com paixão, conversado e até rido juntos, mas ela continuava fugindo de uma entrega absoluta de sua alma, refugiando-se atrás de um comportamento social onde havia polidez, mas faltava espontaneidade. Num minuto, estavam muito próximos e unidos, mas no outro ela parecia tão distante e fria quanto a lua! Talvez no canyon secreto, onde seus antepassados se refugiavam em tempos difíceis, Norah baixasse suas defesas.

— Vamos embora, não falta muito.

"Raio Prateado" recomeçou a andar e Norah o seguiu sem dizer mais nada, atenta às dificuldades daquele caminho suspenso no ar.

Eles subiram ainda dezenas de metros na rocha escarpada e então Norah percebeu, surpresa, que haviam chegado a um beco sem saída, pois, à sua frente, uma imensa parede de pedra indicava o final do caminho. A trilha tinha terminado abruptamente e só restava voltar!

— Errou o caminho? Para onde iremos agora?

— Para cima!

Norah não podia nem imaginar como galgariam uma barreira tão íngreme como aquela, mas logo ele retirou um objeto de uma fenda imperceptível a olhares não treinados. Era uma escada de corda, rudimentar e extremamente antiga, cujo ponto de partida devia ser no alto do paredão, porém dali não se conseguia ver onde se prendia. Os degraus feitos de couro pareciam estar podres e ela jamais poria os pés em algo tão inseguro!

— Vou testá-la — disse "Raio Prateado", e subiu alguns metros. Satisfeito com o estado de conservação da escada, ele desceu. — Vá primeiro, Norah.

— Você deve estar louco! Não tenho a menor intenção de arriscar meu pescoço nessa escada decrepita! Não seja ridículo!

"Raio" apenas a fitou com uma expressão de teimosia que Norah já conhecia muito bem. Entretanto, ela também era obstinada e não se mexeu. Só se fosse arrastada!

— Não vou pôr os pés nessa escada! — disse Norah e, calmamente, sentou-se no chão, disposta a ficar ali pelo resto de seus dias.

Com uma expressão de indiferença, "Raio Prateado" subiu os primeiros degraus com a agilidade de um felino. Uma pedra se deslocou e caiu aos pés de Norah, que fitava aterrorizada o vulto que aos poucos se tornava menos nítido. Com o peso de um corpo, a escada parecia ficar suspensa no ar em pleno espaço.

Determinada a permanecer ali e certa de que ele voltaria, Norah se acomodou melhor para suportar a longa espera.

O tempo se passou e ela perdeu a noção das horas. As rochas mudavam de cor e uma sede terrível lhe indicavam que a tarde chegava ao fim. Estava ali há uma eternidade e "Raio Prateado" não retornara. A suspeita de que ele não tinha intenções de voltar para buscá-la deixou Norah descontrolada. O que faria abandonada naquele lugar hostil?

Sem confiança em sua habilidade para encontrar o caminho de volta para as planícies e morta de medo de passar a noite sozinha, só lhe restava uma opção: enfrentar a apavorante subida! Mas, ao perceber como era difícil pôr os pés na escada sem auxílio, ela o chamou por um longo tempo sem receber resposta.

A idéia de que "Raio Prateado" estivesse ferido ou em estado pior foi todo o impulso de que Norah precisava. Sem mais pensar no perigo, agarrou-se às cordas e subiu sem olhar para o precipício aos seus pés.

Uma cidade-fantasma, silenciosa e deserta, surgiu diante do olhar atônito de Norah. Sob a proteção de uma imensa caverna, dezenas de casas de barro se dividiam entre plataformas ligadas por escadas rudimentares. Através dos arcos das portas podiam se ver as paredes vazias e nas janelas nenhum vulto se debruçava.

Onde estaria a multidão que um dia povoara aquela estranha cidade conservada como uma jóia entre muralhas de pedra? Teriam morrido ou abandonado suas casas? O silêncio chegava a provocar arrepios. Nada se ouvia ou se movia...

— "Raio Prateado", onde está você?

Ela não tinha coragem de se aproximar muito das casas e limitou-se a caminhar na orla plana diante das construções, mas seus passos pareciam despertar de um sono secular. Só na terceira plataforma, encontrou-o, com as costas apoiadas numa parede, tomando o sol ameno do final da tarde.

Com passos determinados, Norah avançou na direção dele, disposta a demonstrar toda a sua indignação. Mas, ao aproximar-se, viu um brilho de malícia nos olhos cinzentos. Por um instante as feições de um garoto matreiro surgiram sob os traços severos do guerreiro índio. Sua raiva a abandonou, deixando um desejo incontável de rir e aproveitar cada minuto de sua juventude, e, como se nada tivesse acontecido, sentou-se ao lado dele.

— Deixou comida para mim?

— Um pouquinho só. Eu estava faminto depois de tomar conta de você o tempo todo!

A camaradagem voltara a tornar a convivência entre eles agradável e descontraída e o apetite de Norah retornou ao sentir que não havia crítica no olhar dele!

— O que diriam seus amigos de Boston se a vissem comer com as mãos? Seus hábitos mudaram, não?

— Estou no coração do Arizona. E, por falar em hábitos, não me lembro de ter visto o sargento LeBeau consumir toda a comida de um jantar antes das damas.

— Olhe que paisagem maravilhosa! — exclamou ele, sempre irritado à menção de sua outra existência. — Alguma vez imaginou uma amplidão tão ilimitada? Não há nada entre você e seu Deus a não ser uma nesga de céu, sem necessidade de catedrais, velas ou imagens douradas!

Até aquele momento, Norah estivera tão faminta que mal tinha olhado para a paisagem à sua volta. Agora, uma beleza quase irreal se apresentava a seus olhos surpresos.

Por todos os lados, formas imensas lembravam palácios e templos, esculturas de rocha maciça que o vento, a água e o tempo haviam cavado com mãos de artista. Muito poucas eram mais altas do que a plataforma onde eles haviam se refugiado, mas todas se alçavam a milhares de metros da planície distante. Era uma visão dos tempos imemoriais, quando o mundo ainda começava a se formar, um primitivismo ao mesmo tempo assustador e belo. Ante a sensação que aquela paisagem despertava nela, Norah

compreendeu melhor a alma de "Raio Prateado", nascido em meio a uma natureza bela mas áspera e quase cruel. Uma emoção profunda a envolveu, mas ela lutou contra aquele sentimento, que era mais um sinal de uma dependência perigosa, e, para disfarçar sua excessiva sensibilidade, procurou voltar à conversa descontraída de poucos minutos antes.

— Nunca pensei que algum dia me encontraria sentada no chão duro, bem no topo do mundo, comendo pão sem fermento e coelho grelhado, com as mãos. O sargento LeBeau teria guardado algumas frutas da sobremesa para mim.

"Raio Prateado" se levantou com a expressão fechada e sombria. O momento mágico fora rompido pela simples menção de uma vida já inexistente para ele.

— O sargento LeBeau nunca a traria aqui. Mas eu a trouxe e será nosso refúgio por tempo indefinido. Escolha uma das casas enquanto volto para buscar nossos pertences que ficaram lá embaixo.

Norah não respondeu, determinada a dormir fora daquelas casas onde ainda viviam fantasmas do passado. Tão logo o viu desaparecer na fenda da rocha de onde saía a escada, decidiu explorar as duas plataformas abaixo da que ela se encontrava.

Aos poucos, a curiosidade venceu o medo, e ela criou coragem para entrar numa das casas. Com passos ainda hesitantes, ultrapassou o arco de entrada e percorreu com o olhar o recinto iluminado pela luz que entrava através das janelas. Entusiasmada com sua ousadia, continuou a exploração, visitando todas as casas da plataforma do meio. Ao encontrar um pote de cerâmica intacto em uma delas ficou eufórica e decidiu procurar outros objetos que pudesse utilizar.

Sua procura teve frutos, principalmente na plataforma mais alta, onde encontrou esteiras, potes e um tecido de algodão em perfeitas condições de uso. Mas foi na última casa a ser visitada que Norah fez sua maior descoberta.

No fundo da sala vazia, uma dezena de potes de barro vermelho permaneciam intactos sobre uma esteira cheia de pó. E, ao lado deles, viu dois enormes jarros, parecidos com as ânforas romanas. Ela tocou o primeiro, achando-o leve, tentou arrastá-lo para mais perto, porém uma rachadura de alto a baixo á obrigou a segurá-lo pelo alto, em vão. A valiosa peça se abriu em duas partes e um saco de tecido vermelho e negro caiu ao chão.

Curiosa, Norah tentou desatar o nó que o prendia. Ao perceber que o couro do cordão havia endurecido com os anos e não seria possível desfazê-lo, mexeu no tecido empoeirado para saber o que havia dentro da trouxa disforme. Com o manuseio, o pano frágil se rompeu e Norah viu apenas

alguns gravetos presos por um cipó. Intrigada, ajoelhou-se ao chão para examinar mais de perto o que haveria debaixo dos galhos esbranquiçados pelo tempo. Viu um rosto enrugado e cor de cobre, com os olhos fechados e costurados com linha preta. Tirados da urna funerária destruída por mãos descuidadas, o esqueleto de uma mãe e seu filho recém-nascido voltavam a receber a luz do sol.

Horrorizada por ter violado o sono secular daquelas criaturas e vendo neles um presságio sinistro, Norah deu um grito de pavor e correu.

Faltavam ainda alguns degraus para alcançar a plataforma quando ele ouviu o grito aterrorizado de Norah, vindo do alto. Como se tivesse asas, "Raio Prateado" subiu velozmente, imaginando tragédias terríveis. Havia escorpiões e cobras nas frestas das rochas e quem colocasse a mão em uma delas sem antes olhar seria atingido pelo veneno mortal daqueles animais do reino das sombras. Correndo para alcançar a escada que ligava um nível a outro, encontrou Norah, que correu em prantos para seus braços.

— O que foi? Por que está tão assustada, Norah?

Ela soluçava descontroladamente sem conseguir explicar, repetindo sem cessar as mesmas palavras.

— Não me deixe sozinha! Não me deixe...

— Não chore, "Raio de Lua". Conte-me o que a assustou tanto.

Aos poucos, ele a acalmou e conseguiu saber o motivo do descontrole de Norah, que, apesar de mais calma, não soltava sua camisa.

— Não há razão para ter tanto medo, Norah. Meus ancestrais sepultavam seus mortos queridos em urnas de barro e há uma infinidade delas espalhadas pelas incontáveis cavernas dos canyons. Mas o lugar em que nos encontramos é especial. Meu povo se refugiava aqui quando a situação nas planícies ficava intolerável. Em épocas de perseguição ou grandes epidemias, vinham para o alto da montanha e viviam por meses sem que ninguém os perturbasse. A entrada deste santuário jamais foi revelada a nenhum homem branco e mesmo entre os índios é difícil encontrar um que consiga descobrir como chegar a esta fortaleza. Você apenas perturbou o sono de algum dos meus antepassados que, como nós, se isolou do mundo. Fique calma que vou desfazer o mal causado por seu gesto.

"Raio Prateado" entrou na casa indicada por Norah. Embrulhou em sua camisa o corpo mumificado da jovem mãe e seu filho, colocando-os dentro da outra urna que permanecia intacta.

— Perdoe-me, Espírito-que-partiu-há-longo-tempo, por essa intromissão em seu sono.

Ele sempre se orgulhara por não ser supersticioso e tentou afastar a sensação incômoda de que aquele acidente fosse um presságio sinistro. Sua vida e a de Norah haviam se entrelaçado, mas um futuro pouco animador os

esperava.

Quando voltou, "Raio" viu que Norah tinha ficado imóvel e tensa à sua espera. A pele estava muito fria e os olhos ainda refletiam o choque de ter violado o túmulo de um ser humano. Sem pensar no que fazia, ele a deitou no chão quente e inclinou-se sobre ela para aquecê-la. Quando percebeu que já havia mais cor no rosto pálido, afastou-se, satisfeito por vê-la voltar ao normal.

Mas Norah não deixou erguer-se, puxando-o para mais perto. Nos olhos azuis brilhava um desejo intenso. Rodeando-lhe o pescoço com os braços, ela entreabriu os lábios rosados e trêmulos a espera de um beijo.

Como num sonho, "Raio Prateado" presenciou o nascimento da mulher que ele sempre adivinhara existir atrás da aparência recatada de Norah O'Shea, a jovem professorinha que tinha desembarcado em Greenwood, atraindo-o como nenhuma outra jamais o conseguira. E dessa sensualidade intensa desabrochava uma flor de paixão agora em plena glória.

Apenas a natureza, testemunha muda, presenciou o ardor de Norah, que tomou pela primeira vez a iniciativa de um contato íntimo e sem barreiras. As inibições já não mais existiam e ela o tocou como se quisesse certificar-se de que o homem em seus braços era real.

Deixando-a explorar seu corpo, "Raio" saboreou cada segundo daquela união por tanto tempo sonhada. Colou os lábios nos seios palpitantes de desejo, que se ofereciam num convite irresistível, e foi arrastado pela paixão. Norah o recebeu em seu corpo, buscando a fusão completa de suas almas, que juntas alcançaram um êxtase sublime mas assustador em sua intensidade.

"Raio Prateado" a manteve nos braços por um longo tempo, cobrindo-lhe de carícias o corpo exausto até vê-la adormecer. Tinha esperado muito pelo dia em que ela se entregasse com total abandono e transformasse o ato de amor numa manifestação divina. Seu maior desejo fora satisfeito e deveria estar sentindo triunfo ou alegria, mas só havia um vazio enorme em seu peito.

Por que se sentia tão oprimido se sonhara com esse momento quando a vira pela primeira vez, ainda no mundo dos brancos?

E então uma lembrança que tentara apagar de sua mente mostrou-lhe o motivo de tanta insatisfação: no momento de pânico, Norah pedira a presença confortadora de alguém que nunca existira realmente. Não fora para "Raio Prateado" que ela erguera os braços em busca de amparo... O nome que tinha se formado em seu coração e fora transformado em palavras não pertencia ao presente. LeBeau vivia apenas na imaginação de Norah.

CAPÍTULO XVIII

A solidão e o completo isolamento tornavam os dias passados na aldeia secreta do canyon em uma sucessão de horas mágicas e cheias de harmonia. Embora "Raio Prateado" não a tivesse tocado mais após a tarde da chegada, Norah percebia em sua preocupação e cuidado constantes que ela estava se tornando uma parte importante na vida dele.

Numa tarde, quase pisou num escorpião e o tom de voz de "Raio" ao censurá-la por sua imprudência soou idêntico ao do capitão Gartner quando ficava preocupado com Abigail. Mas, ao se lembrar das noites sem sono, deitada ao lado de um homem que não mais a tomava nos braços, ela começava a suspeitar que logo seria devolvida ao mundo dos brancos e em especial... ao marido.

E Norah não queria voltar!

— Escorpiões são muito perigosos. Quando eu era crianças, minha irmã foi mordida por um e ficou muito mal, quase morreu.

— Eu não sabia que você tinha uma irmã.

— Há muito sobre mim que você desconhece.

— Fale-me sobre ela, "Raio". Por que não a conheci? Não está mais na aldeia?

— Ela morreu.

— Oh! Sinto muito. Eu... não devia ter perguntado.

— Você a conheceu, Norah, e tratou-a com gentileza. Tenho uma dívida de gratidão e...

— Era... era "Gazela Arisca"? — perguntou ela, reunindo naquele minuto inúmeros fatos que se tornaram claros em sua mente.

— Sim, pensei que você já soubesse.

— Nunca imaginei. Mas o que aconteceu com ela?

Se havia desolação nos olhos de "Raio", agora um tormento e um desespero profundo revelavam o inferno secreto daquele homem que controlava com disciplina férrea seus sentimentos mais íntimos.

— Eu já tinha certeza de que minha irmã estava morta quando parti do Forte Greenwood, mas não sabia dos detalhes de sua morte. "Gazela Arisca" foi assassinada pelo amante quando ele não sentiu mais desejo por ela... quando passou a ter uma esposa jovem e atraente...

Uma certeza angustiante insinuou-se na mente de Norah e alcançou seu coração, envolvendo-o com dedos frios e mortais. Abner! Todas as dúvidas já não precisavam mais ser esclarecidas. O ódio de "Raio", por seu marido, as conversas misteriosas, tudo se explicava agora. Sem hesitar, ela assumiu a culpa que pertencia ao marido e quis saber como a jovem morreria. Sentia-se tão responsável quanto Abner e acreditou que jamais recuperaria

seu respeito próprio.

— Agora compreendo por que você me raptou. Foi esse o motivo, não é verdade?

— Não... mas tentei me convencer de que era a única força a me mover.

Norah mal podia encarar aquela expressão atormentada, mas forçou-se e ergueu a cabeça. "Raio Prateado" a olhar perdido no espaço e já não havia tanto ódio na fisionomia pensativa.

— Ela me seguia como se fosse um cachorrinho quando éramos pequenos e chorava todas as vezes em que eu ia caçar com os guerreiros mais velhos. Dias felizes...

As linhas duras ao redor da boca se suavizaram e o rosto de "Raio" se tornou mais jovem, como o de um garoto orgulhoso em luta contra forças incompreensíveis.

— Quando meu pai quis levar-me da aldeia, eu o amaldiçoei, mas minha mãe e "Nuvem Dançarina" me imploraram para experimentar a vida dos brancos e acompanhá-lo. Só aceitei porque achei que devia conhecê-los melhor e descobrir seus pontos fracos para poder vencê-los um dia. Meu pai era francês e levou-me para uma escola onde me ensinaram a ser igual a ele. Mas eu me recusava a ceder e, apesar de me chamarem de selvagem, não me dobrei. Colocaram-me numa cela sem janelas até que a fome e o medo me obrigassem a obedecer. Passei três dias preso e o padre disse que aquele castigo serviria para me ensinar a ser humilde. Eu só aprendi a ter ódio e desejar vingança!

Norah acompanhou a viagem de "Raio" de volta ao passado, sentindo a mesma dor do garoto arrancado da liberdade de uma aldeia comanche para viver num mundo hostil e decidido a quebrar o orgulho de uma raça. Ele falava de modo hesitante e não revelava toda a verdade. Mas, aos poucos, todo o quadro se revelou a Norah: O jovem guerreiro vivera um confronto com um homem duro, que criava o ódio enquanto pregava o amor e o perdão de Deus.

— Havia lá outros índios como eu, que também não entendiam o homem branco. Um dia resolvi fugir. Passei dias e dias escondido, arriscando-me a sair apenas à noite, e levei semanas até alcançar a aldeia. Mas cheguei tarde demais. Minha mãe tinha morrido de sarampo e apanhou esta doença terrível para os índios com o contato de cobertores infectados que haviam sido distribuídos pelo Exército. Mesmo sem ela, fiquei entre os meus e descobri que o pregador conseguira sua terrível vingança. Depois de viver seis meses entre os homens brancos, eu havia mudado... Desde esse dia, caminhei em dois mundos, sem pertencer a nenhum deles, sem me identificar com nada nem ninguém.

Norah lia nas entrelinhas daquela história que saía com tanta

relutância dos lábios de "Raio Prateado", percebendo a amargura, a dor e a angústia escondidas pelo tom de indiferença. Quis aproximar-se e consolá-lo, mas não se moveu, certa de que sua piedade não seria bem recebida. Desejou ter meios de aliviar tanta mágoa, tomar sobre os ombros uma parte daquele tormento.

E então uma verdade explosiva a cegou com sua intensidade: estava apaixonada! Tinha encontrado finalmente o sentimento mais almejado. Não reconheceu; amor não era apenas a faísca brilhante da atração física, nem a chama rubra do desejo ou a luz ofuscante da paixão! Às três emoções ainda se aliava a ternura e uma necessidade profunda de dar consolo, de transmitir paz.

Norah baixou a cabeça para ocultar as lágrimas e a súbita descoberta do amor. Enxugando-as com os dedos, fez um esforço para manter uma expressão digna onde não transparecessem seus sentimentos.

Quando "Raio Prateado" voltou a fitá-la, encontrou uma fisionomia tranqüila e um olhar em que se podia ver apenas tédio. Oh, por que abrisse o coração e a alma diante de uma mulher para quem seu sofrimento e o de seu povo não tinham o menor interesse? E por que se magoava com essa atitude distante? Afinal, era apenas uma mágoa a mais em sua vida semeada de momentos de perda e desilusão. Como todos os brancos, Norah não se importava, não compreendia sua dor e nem sequer a ouvia!

Sem olhá-la, "Raio Prateado" se afastou para evitar que a decepção fosse percebida e ele despertasse nela o único sentimento que jamais aceitaria: a piedade.

Por um longo tempo, até o crepúsculo encher de sombras o espaço próximo à caverna onde tinham decidido viver, Norah não se moveu. Depois acendeu o lampião e se ocupou com as tarefas rotineiras que precediam a chegada da noite.

Quando "Raio" retornou, ela acompanhou os movimentos do homem que se despia, sem silêncio para dormir, como se não houvesse mais ninguém no mundo. Lado a lado sobre a esteira coberta pelo couro de búfalo, ambos viviam a dor da solidão, mas nenhum se mexeu ou emitiu um som para romper o peso do silêncio.

Então Norah moveu lentamente a mão para tocá-lo; seus dedos formulavam perguntas, exigiam respostas ao deslizar com insistência no ombro musculoso. Erguendo a cabeça, deixou que a cortina negra e sedosa de seus cabelos cobrisse os rostos no momento do desejo.

Se não havia amor, pelo menos existia a paixão...

Luzes brancas brilhavam onde antes só existiam sombras e Norah fechou os olhos diante de sua intensidade. Imóvel e à espera de algo que ainda não podia definir, ela viu "Raio Prateado" se concentrar como se

estivesse lendo ou ouvindo vozes invisíveis. Seriam espelhos enviando alguma mensagem?

O mundo se fazia presente, destruindo com sua intromissão a harmonia frágil que haviam construído em seu isolamento. Um frio intenso envolveu-lhe o corpo banhado pelos raios de sol e ela sentiu o medo paralisar-lhe a voz e os movimentos.

Quando caminhou para longe de seu posto de observação. "Raio" parecia ter se esquecido da presença de Norah, mas na verdade era só nela que pensava. Estivera à espera dessa mensagem com ansiedade, porém agora, ao recebê-la, não sentia nada a não ser uma estranha relutância. Não queria deixar Norah e não poderia, levá-la consigo.

— O que houve? Há algum problema?

— Ainda não sei. "Cavalo Veloz" tinha prometido me chamar caso surgisse algum imprevisto e, pelo jeito, precisam de mim. Vou partir e por alguns dias você irá ficar sozinha, Norah. Não há perigo algum aqui na caverna. Basta lembrar-se de tudo que lhe ensinei e logo estarei de volta.

— Deixe-me acompanhá-lo! — implorou ela, agarrando-se ao braço de "Raio". — Não me abandone aqui!

— Não posso levá-la, Norah... apesar de ser esse o meu desejo... É impossível!

Seus olhos revelavam emoções profundas que começavam a vir à tona, desafiando uma disciplina férrea já incapaz de conter sentimentos fortes demais. Desde que Norah o tocara, o relacionamento deles se modificara, adquirindo uma nova dimensão. A turbulência de um rio caudaloso se aliava ao repousante murmúrio de um riacho cristalino e ele a procurava com o olhar centenas de vezes por dia. Não conseguia manter as mãos longe dela, e alisava com ternura a curva suave dos seios, o pescoço delgado e a delicada forma dos quadris esbeltos. O desejo renascia a cada instante e seu coração parecia se expandir como se fosse explodir no peito. Agora, a dor refletida nos olhos dela tornava as sensações ainda mais vividas e uma angústia profunda o impedia de partir.

— Há soldados da cavalaria por toda a parte e preciso saber se estão à sua procura. Não posso me arriscar a perdê-la, Norah.

— E eu não posso ficar aqui sozinha. Sinto muito, mas tenho tanto medo!

— Ainda tem receio dos fantasmas? — Ele sorriu e tocou-lhe o rosto perturbado. — Já sei! Vou deixar com você meu talismã. Do cordão que "Raio" retirara do pescoço, pendia uma turquesa, sem forma definida e azul como os olhos de Norah.

— A família de "Nuvem Dançarina" passou de pai para filho esta pedra, chamada "Lágrima do Céu".

— Por que tem esse nome estranho? É uma turquesa, não?

— A lenda é mais velha do que o nosso povo e tem sido contada a quem recebe este amuleto há séculos. Quando o homem povoou a Terra, mostrou-se tão ambicioso e perverso que os céus choraram diante da destruição provocada por ele. As lágrimas caíram do firmamento e se transformaram em turquesas... as "Lágrimas do Céu"! "Nuvem Dançarina" diz que elas nos protegem das doenças e do mal. Não precisa temer os fantasmas dos meus antepassados, pois não se aproximarão de alguém que tenha essa proteção.

Ele sorria, mas um terrível pressentimento pairava sobre seu coração.

Enquanto se afastava da caverna, "Raio Prateado" precisou controlar o impulso de voltar para junto de Norah. Havia jurado lutar ao lado de "Faca Afiada", mas o futuro o amedrontava como nunca acontecera antes. Longe estava a época em que não lhe importava viver ou morrer se a morte fosse honrosa. Agora, se ele não voltasse, o que aconteceria com a jovem indefesa à sua espera na aldeia secreta? Para onde iria, quem a receberia?

Quando a noite caiu, ele ainda se atormentava, procurando soluções para seus problemas. Só a chegada de "Cavalo Veloz" distraiu seus pensamentos sombrios, obrigando-o a enfrentar seu dever de guerreiro.

— Por que "Chifre de Búfalo" me chamou?

— Precisamos partir para o acampamento de "Faca Afiada". Já não há segurança nas planícies.

— Então não temos tempo a perder. Vamos!

Lado a lado, os dois bravos comanches galoparam na direção do grupo que "Chifre de Búfalo" reunira para dar apoio ao grande guerreiro "Faca Afiada". Uma hora antes de o sol nascer, eles chegaram ao ponto de encontro e só encontraram uma clareira deserta.

— Todos partiram! Algo aconteceu ou teriam esperado por nós. O estalido dos galhos de um arbusto entre os altos pinheiros os alertou; se preparavam para atacar quando "Urso Manco" surgiu do meio da folhagem.

— Saudações, irmão! Onde estão todos?

— "Faca Afiada" continua à sua espera, "Raio Prateado". Pediu que você o encontre no Desfiladeiro da Morte.

— E "Chifre de Búfalo"? Já partiu?

— Sim, mas foi ao encontro de seus ancestrais.

A notícia chocou os dois recém-chegados, impedindo-os de emitir um som. Quando se recuperou, "Raio" não reconheceu sua voz, que rompia o silêncio do bosque.

— Como aconteceu?

— Durante o sono, seu pescoço foi cortado.

— Quem? Quero saber o nome do assassino e para onde foi!

— Ninguém viu o culpado, mas seus rastros vão para o norte e eu tenho

quase certeza de que, se seguíssemos as pistas, encontraríamos "Cara Cortada" e seu amigo branco. Aquele índio traidor deve estar fugindo para a aldeia secreta. Ele conhece o segredo para chegar até lá.

Por uma fração de segundo o coração de "Raio Prateado" parou de bater e sua vista se escureceu enquanto as palavras de "Urso Manco" ecoavam em sua mente com o estrondo de balas mortíferas. A aldeia secreta, onde Norah o esperava, sozinha e sem suspeitar de nada!

Saltando em seu cavalo, ele partiu a galope sem nada explicar aos amigos, que o viam retornar para o local de onde viera.

CAPÍTULO XIX

Três dias de solidão completa, tendo por única companhia os lagartos amarelos, que se aqueciam nas pedras banhadas de sol, e os ratos-cangurus, de olhos tão grandes quanto sua curiosidade, haviam dissipado a maioria dos temores de Norah. Ela suplantara dificuldades que outrora lhe pareciam barreiras intransponíveis e, apesar da saudade de "Raio", sentia um certo orgulho por ter conseguido sobreviver sozinha.

A coragem recém-adquirida inspirou uma idéia ousada na mente de Norah. No fundo de um dos desfiladeiros mais estreitos, brilhava o cinza-prateado de um riacho que parecia convidá-la a mergulhar em suas águas cristalinas. Estava tão quente e há tanto tempo não tomava um verdadeiro banho! Pensar que poderia lavar os cabelos e retirar a poeira fina e vermelha que cobria seu corpo era um incentivo muito forte.

Entre tantas recomendações deixadas por "Raio Prateado" sobre o que não deveria ser feito, não se incluía a proibição de descer até o riacho. Sem dúvida, ele não mencionara esta hipótese pois jamais imaginaria que Norah tivesse coragem de enfrentar a perigosa escada de corda sem a sua ajuda. Mas nenhum obstáculo lhe parecia grande diante da tentação irresistível de um bom banho.

Levando apenas um pano rústico como toalha, Norah iniciou a longa caminhada de descida, prestando atenção em cada passo. Tinha acompanhado "Raio" diversas vezes quando ele ia buscar água, só precisava se lembrar de onde pisar e seguir os sinais fornecidos pela mão criativa da natureza. Uma pedra em forma de ave, a rocha formando um teto sobre a trilha, os veios prateados, tudo servia como indicação do caminho certo. Muito em breve, ela estaria conhecendo os mistérios do canyon como uma co-manche!

Quase uma hora de descida significava perto de duas horas para subir, mas, mesmo assim, ainda lhe restava algum tempo para repousar nas águas

cristalinas, em companhia dos pássaros brancos. "Raio Prateado" a ensinara a seguir um deles caso se perdesse, pois seria levada pelas aves até a água, sua moradia natural. Quantas noções importantes havia aprendido com aquele homem!

Mas o hábito do silêncio não tinha sido uma dessas regras fundamentais absorvidas por Norah. Acompanhando os pássaros, ela elevou sua voz melodiosa, cantando baladas irlandesas e passando em seguida para suas poesias prediletas. Subitamente, as palavras morreram em sua garganta. O silêncio à sua volta continuava absoluto, mas uma sensação de perigo iminente a invadira. Talvez estivesse desenvolvendo a percepção extra-sensorial que é tão comum aos índios, pois não havia nada para justificar seu pressentimento de estar sendo ameaçada.

Entretanto, como já aprendera a não confiar demais, ela saiu logo do riacho. Permaneceu algum tempo nua, enquanto verificava se não havia nenhum escorpião entre suas roupas. Longe estava o tempo em que a timidez a obrigaria a cobrir-se em primeiro lugar.

Com o vestido de camurça grudado no corpo molhado, Norah correu para atingir a proteção dos paredões de pedra. Parando apenas para recuperar o fôlego a fim de iniciar a subida, e então ouviu vozes. O som ecoava pelo desfiladeiro e, embora fosse um timbre familiar, positivamente não era o de "Raio Prateado".

Certa de que sua vida corria perigo, ela percebeu o quanto alguns minutos seriam preciosos para sua segurança e tomou uma decisão rapidíssima, mas de importância vital. Iria pelo caminho mais curto, usado apenas por "Raio" por ser perigoso demais. Era preciso muita agilidade e força para escalar a rocha nua, mas o instinto de sobrevivência forneceu-lhe uma energia insuspeitada.

Um túnel estreito de pedra ia da base do rochedo até algum ponto muito alto onde se divisava um círculo iluminado — a saída do caminho secreto. Agarrando-se às saliências e colocando os pés nas paredes de pedra para ajudar a subida, Norah conseguiu chegar até o final, mas nunca suspeitara a existência daquela barreira intransponível a sua espera.

Entre o local onde ela se encontrava e a continuação do caminho usado por "Raio Prateado" não havia nada, apenas o espaço vazio. Seria preciso saltar e segurar-se numa pequena saliência rochosa. Mas, como não lhe restava outra alternativa, deu um impulso vigoroso com os pés e voou, a centenas de metros do solo coberto de pedras e cactos.

Por uma aterrorizante fração de segundo, o corpo oscilou no ar. O som de suas unhas arranhando a rocha nua em busca de estabilidade rompeu o silêncio. Mas a vontade de viver era mais forte, e Norah se firmou na saliência suspensa sobre o precipício. Seus braços doíam, a cabeça latejava,

mas ela sabia que não poderia descansar ao menos um segundo. Contudo, antes de iniciar a etapa final de sua escalada, debruçou-se na beirada da pedra e viu finalmente os causadores de sua fuga. Compreendeu então o motivo daquela inquietante sensação de urgência diante de um perigo iminente. Próximo da caverna, na base do desfiladeiro, por onde começara o longo caminho de volta, estavam Travis e "Cara Cortada".

Desesperada diante do horror que a esperava caso não descobrisse como impedi-los de chegar até ela, Norah disparou em direção ao rochedo, de onde pendia a escada que há poucas semanas lhe parecera um pesadelo. Subindo como se fosse um marinheiro ao escalar o mastro de seu navio, ela chegou ao alto e soube exatamente de que modo cortar-lhes o acesso à aldeia secreta. Bastava retirar a escada e rezar para que "Cara Cortada" não conhecesse o caminho e estaria salva!

Norah conseguira puxar o último degrau e ia levantar-se para esconder a escada em algum lugar seguro quando viu as duas cabeças surgirem abaixo dela, na base do rochedo.

— Ei! Podemos subir? — Depois de esperar alguns segundos por uma resposta, Travis voltou a gritar: — Não queremos fazer-lhe mal algum e já estivemos em sua caverna há pouco tempo para beber água. Pode ver como não estragamos nada.

Só então ela viu a desordem caótica entre seus pertences, como se alguém estivesse à procura de algo precioso para roubar.

— Qual é o problema? Está com medo de nós? Sabemos que está sozinha e aposto como deve sentir falta de companhia. Jogue a escada de volta e poderemos subir para conversar um pouco. Esse lugar é solitário demais para uma mulher branca.

Norah sentiu náuseas violentas ao perceber que já fora reconhecida. Apesar de estar vestida como uma comanche, de ter a pele queimada pelo sol e os cabelos longos e negros presos numa trança, tinha sido identificada como branca. Então ela teve certeza de que Travis e "Cara Cortada" haviam observado seu banho e visto o branco de sua pele nas partes cobertas habitualmente pelas roupas. Saber-se espionada em uma atividade tão íntima a revoltava e enchia de terror.

— Chega de bobagens e nos deixe subir... sra. Slade! É esse o seu nome, acertei? A dona que fugiu com um comanche e largou o marido por causa de um índio? Você não deve recear "Cara Cortada". Pois vive com um pele-vermelha igual a ele, e muito menos ter medo de mim, que sou branco. Se aquele mestiço bastardo pode dividir a sua cama... é porque você não tem nem um pouquinho de medo!

A voz de Travis continuava a corromper a pureza daquele ambiente natural e sem maldade com suas sugestões obscenas e elogios vulgares.

Norah, porém, saiba que a melhor arma contra esse tipo de homem era o silêncio e permaneceu imóvel como um animal acuado. Quem sabe com o tempo os dois se cansariam de esperar e, por não terem acesso ao lugar onde ela se escondia, desistiriam, indo embora sem atingir seu objetivo? Mas, caso eles ficassem, iria resistir até a chegada de "Raio", como os mouros no cerco de Granada.

Um ruído de pedras caindo levou Norah a pendurar-se no abismo para ver o que seus perseguidores pretendiam fazer e seu coração quase parou. "Cara Cortada" tentava escalar o paredão de pedra e já conseguira avançar alguns metros. Com o corpo suspenso no ar procurava um lugar seguro onde apoiar o pé e dar mais um passo.

O pânico e o desespero ameaçavam a capacidade de raciocínio de Norah que permanecia imóvel, sem saber que atitude tomar. Só uma idéia estava bem clara em sua mente: não seria vencida sem muita luta. Talvez aqueles dois assassinos conseguissem por fim vencê-la, mas os faria pagar bem caro por essa vitória. Tinha uma faca afiada e conhecia todos os recantos da caverna e das casas da aldeia secreta. Só precisava manter a calma e, quando "Raio Prateado" voltasse, ambos ririam de sua aventura.

— Já sei por que está com medo, dona. Ouviu contar sobre aquela outra mulher branca, não foi? Ela não era tão bonita quanto você e não quis fazer o que nós mandamos. Mas uma dona linda assim nós vamos tratar bem... a não ser que goste de violência. Sabemos que o seu marido é do tipo que maltrata as mulheres... não é verdade, sra. Slade?

Se ao menos Travis não gritasse tão alto! Norah precisava de toda a sua atenção para ouvir os barulhos que "Cara Cortada" fazia ao escalar o paredão de rocha. Ela não sabia se era possível subir por uma pedra lisa e inclinada, mas não iria se apavorar. Quando o índio chegasse ao topo, a encontraria pronta para recebê-lo.

— Acho melhor jogar essa escada antes de me enfurecer de verdade, dona. Se você for camarada, podemos nos divertir juntos e logo se acostumará com "Cara Cortada". Ele é feio, mas logo logo vai gostar do jeito dele.

Agora nem as palavras de Travis varavam a barreira de calma que se formara em torno de Norah. Ela já havia ultrapassado o ponto em que o medo impedia sua mente de funcionar e atingira um estado de calma absoluta. A morte a esperava ou ainda não havia chegado a sua hora? Só teria a resposta no fim de tudo. Mas, enquanto o último momento não chegasse, iria lutar com todas as suas forças.

A cabeça de "Cara Cortada" já se aproximava do alto do paredão. Norah viu o dar um sorriso demoníaco. Pegando o pesado pote de barro que trouxera da caverna e enchera de pedras, arremessou-o sem fazer pontaria.

O corpo despencou do alto e ficou imóvel no fundo da ravina.

Uma lasca atingiu o rosto de Travis, cortando-lhe a testa, e ele perdeu completamente o controle.

— Sua prostituta de índio! Você é a mais reles de todas elas!

Com a voz enfurecida, ele praguejava e descrevia os tormentos a que iria submeter Norah quando a alcançasse. Depois de algum tempo, cansou-se, e o silêncio voltou a tomar conta do canyon, como de costume.

Norah viu o índio erguer-se com dificuldade e juntar-se a Travis, à sombra de uma saliência na rocha. Tentou alimentar-se para manter as energias, mas as náuseas estavam ainda mais intensas e só conseguiu tomar água. O início da noite se passou em silêncio, porém, perto da madrugada, recomeçaram as sugestões obscenas e as ameaças. As vozes foram se tornando pastosas e ela percebeu que os dois haviam passado a noite bebendo. Quando os procurou outra vez, só viu dois corpos largados no chão, no estupor da bebedeira.

Apesar do pavor, Norah precisava descansar enquanto não corria perigo de ser atacada de surpresa e subiu até a última plataforma, escolhendo uma das casas menos conservadas para se esconder. Se por acaso dormisse demais e os dois conseguissem chegar até a caverna, teria algum tempo antes de ser encontrada.

Pensando em "Raio Prateado" e rezando para que ele viesse em tempo para salvá-la, Norah dormiu com as lágrimas molhando seu rosto pálido de exaustão e terror.

Ainda era muito cedo quando ruídos anunciaram a chegada do inimigo.

Quando Norah tentou levantar-se, as paredes giravam sobre sua cabeça, e sua garganta ardia como se estivesse em fogo. Uma terrível sensação de vazio a impedia de dar um passo, mas o som de louça se quebrando a alertou de que Travis e "Cara Cortada" já estavam na caverna. Ela não podia ficar doente numa hora tão crucial!

No entanto, todos os sintomas indicavam que talvez estivesse com a temível influenza. Norah já havia passado antes pelos sofrimentos causados por esse terrível tipo de gripe, que vitimava centenas de pessoas em épocas de epidemia, mas não com tanta intensidade.

Acostumando aos poucos os olhos sensíveis à luz do sol, ela viu, pela posição das sombras, que a tarde chegava ao fim. Então havia dormido metade do dia? Contudo, não havia tempo para perder com lamentos ou autocensura. Precisava, acima de tudo, manter-se alerta e lutar por sua vida.

Escondida atrás da janela semidestruída, viu que "Cara Cortada" colocava uma escada à beira do precipício. Ele havia conseguido subir por outro caminho e retirara a escada de seu esconderijo para ajudar Travis a chegar até a aldeia secreta.

Enquanto Norah observava, o índio passou a mão na testa molhada, apertando-a como se estivesse com alguma dor. Estaria "Cara Cortada" também atacado pela influenza. Então ela se lembrou de que os dois homens haviam bebido a água de seu cantil, onde talvez se encontrasse o vírus da doença. De qualquer modo, agora isso já não era importante, pois precisava achar um lugar bem seguro onde eles demorassem para encontrá-la, dando tempo à doença que logo os derrubaria. E, se a descobrissem antes, teriam que enfrentar uma lâmina de aço. "Raio Prateado" saberia que ela lutara até morrer e não se entregara covardemente. Só não queria ser lembrada para sempre como um corpo mutilado.

— Lembre-se de mim banhada pela luz do sol ou com o luar batendo em meus cabelos — murmurou Norah. — Se ao menos eu lhe tivesse dito o quanto o amo...

A voz de Travis dando ordens sobre onde "Cara Cortada" deveria colocar a escada de acesso às plataformas da aldeia a fez concluir que tinha chegado o momento de arriscar-se. A faca em suas mãos não estava firme e a dor de cabeça aumentara muito, mas ela não iria deixar esse mundo sem levar ao menos um deles juntos!

Os dedos febris tocaram a turquesa que pendia em seu pescoço — "Lágrima do Céu", o presente mais singelo e mais significativo que ela já recebera — e subitamente tudo ficou claro em sua mente. Iria esconder-se no Kiva, um poço largo, mas profundo, cavado onde o teto da caverna encontrava o chão. "Raio Prateado" o havia mostrado um dia explicando que fora usado para os rituais de purificação e cerimônias religiosas por seus antepassados. Além de ser quase impossível encontrá-lo sem saber de sua existência, estava ainda mais disfarçado por rochas caídas e galhos secos. Talvez eles não a encontrassem em tão bom esconderijo, mas, se chegassem até lá, Norah estaria pronta para se defender.

O caminho até o Kiva foi percorrido em pouco tempo, embora ela se sentisse muito frágil e leve, flutuando nas asas do delírio da febre. Tinha tanta urgência em alcançar um refúgio seguro que nem percebeu quando torceu o tornozelo. Só mais tarde, ao sentir dificuldade em se mover, percebeu que provavelmente fraturara algum osso. Não sentia dor. Não existia nada no mundo a não ser o fogo que enchia seus pulmões e um frio intenso envolvendo o resto do corpo.

Ao longe ecoavam as vozes de Travis e "Cara Cortada", mas o vento levava suas palavras. Norah não se preocupou em ouvir, pois, como uma pluma, mergulhou na escuridão do poço. Nas trevas, brilhou uma luz intensa e a última lembrança de Norah foi a de ter uma grande surpresa.

— Seu índio nojento! Levante-se! Gritou Travis para a forma humana contorcida no chão empoeirado.

"Cara Cortada" resmungou palavras incoerentes, e gemeu quando seu companheiro o empurrou com a ponta da bota. O rosto corado e os olhos brilhantes revelavam a febre que o consumia e seu único desejo era dormir. Eu lhe disse que havia uma epidemia dessa febre miserável no acampamento dos comanches! — explodiu Travis, com medo de também estar infectado. — Bem, todo o mundo sabe que o melhor remédio para qualquer doença é uísque e eu não estou disposto a perder a festa! Se não se levantar logo, será você quem não aproveitará o corpo macio à nossa espera.

Travis se afastou do índio, decidido a deixá-lo morrer. Quando tivesse terminado o que viera fazer ali, o abandonaria à própria sorte. Não tinha vontade nenhuma de ser encontrado por um co-manche enfurecido só porque permanecera ao lado de um doente com poucas chances de sobreviver. Também não iria arriscar-se a descer pendurado por uma escada de corda quase podre com um corpo inanimado nas costas. Precisava encontrar logo aquela mulher e fugir dali.

— Onde está você sra. Slade? Tenho uma coisa para lhe dar. Saia do seu esconderijo, não vou machucá-la... não muito, é claro! — Ele olhava para todos os lados, sem encontrar sinal algum da mulher. — Já fiquei meio bravo antes e agora a minha raiva só aumentou. Apareça ou garanto que vai se arrepender!

O som de pedras caindo fez Travis correr em direção à caverna. Seu sangue fervia de antecipação. Há muito tempo não possuía uma mulher branca. A mulher que ele roubara de um rancho para acompanhá-lo até a aldeia comanche não podia ser considerada. Aquela criatura magra e sem curvas não lhe dera muito prazer e estava tão apavorada que nem se debatera. Ele gostava de uma parceira capaz de lutar.

Uma sombra se moveu e Travis sentiu o coração disparar: a presa se encontrava bem perto do caçador implacável!

— Então está aí? Não agüento esperar até por a mão nesses seios grandes e redondos... Sabe o que vou fazer? Eu...

As palavras morreram em sua garganta quando a sombra surgiu como um relâmpago do meio das trevas. Tentou ainda alcançar seu revólver, mas "Raio Prateado" foi mais rápido e a lâmina de uma faca afiada brilhou segundos antes de atingi-lo no coração. Dando apenas um passo, Travis caiu ao chão sem movimento algum, mas ainda com vida.

— Seu miserável! Você me matou...

O vulto se aproximou, pairando sobre ele como a sombra da morte, implacável e fria.

— Não, ainda não o matei, Travis. Minha pontaria é boa demais para cometer um erro tão banal. Há centenas de maneiras de morrer. Você irá conhecer uma boa parte delas e, se resistir bastante, aprenderá todas. E

uma pena que não poderá utilizá-las no inferno.

CAPÍTULO XX

Uma luz muito intensa ofuscava Norah com seu brilho fascinante. Ela precisou vencer o cansaço cansado pelo peso incrível de seu corpo para poder seguir a claridade fugidia e sempre além de seu alcance. Por mais rápido que fosse, a fonte de todo o calor ainda se matinha distante. Vozes a encorajavam a prosseguir e faces desconhecidas surgiam a seu lado, sussurrando palavras incoerentes. Só um murmúrio suave, mesmo sendo incompreensível, lhe trazia algum ânimo para continuar. Era sua mãe quem falava? Se ao menos aquele clarão permitisse que ela pudesse ver o rosto...

Mas uma outra voz a chamava das trevas de onde partira. Havia desespero e dor e como saber para que lado seguir? Sempre que decidia aproximar-se mais da luz, o som da voz familiar implorava sua volta. Um nome flutuou em sua mente... "Raio Prateado"... A certeza de que deveria atendê-lo foi se tornando aos poucos mais forte e então ela lembrou. Precisava olhar para o rosto querido, tão transtornado por alguma dor da qual ela não sabia o motivo.

Seus olhos se abriram, mas não viu nada a não ser a escuridão. Teria ficado cega? Sua única mágoa era perder a visão sem ter visto uma última vez o rosto que amava tanto. A luz voltou, não mais fixa e ofuscante, agora alaranjada e oscilante como fogo. Aquela fisionomia masculina altiva e bela apareceu diante de seus olhos, vinda do fundo do túnel escuro. Tão maravilhosa e terna quanto ela se lembrava ser! Havia uma gota de chuva na face esculpida em bronze...

— Eu sabia que você viria...

Norah não tinha certeza que dissera aquelas palavras em voz alta ou apenas as formulara em sua mente, mas não se preocupou com mais nada. Ele estava ali e a escuridão podia envolvê-la agora.

"Raio" molhou o rosto e o pescoço de Norah mais uma vez, enquanto lutava contra um sono invencível. Não dormira nem um segundo nos três dias que passara atento aos menores sinais do desenvolvimento da doença. Apesar da exaustão e do mal-estar causados pela planta estimulante que usara para manter-se acordado, não ousava fechar os olhos, acometido de um profundo terror. E se não estivesse alerta e Norah morresse antes mesmo de a terrível febre alcançar o auge de sua força destrutiva?

O rosto delicado perdera toda a sua cor rosada e os ossos pareciam à flor da pele. Norah não tinha reservas para lutar contra a pneumonia e aos poucos seu corpo era consumido pela febre violenta que avançava triunfante,

sem encontrar barreiras.

Ele tentara o uso de todas as ervas que conhecia, todos os remédios a seu alcance, sem resultado algum. Seria capaz de carregá-la nos braços até o rio, descendo pelas escarpas sem pestanejar, mas Norah quebrara a perna e ele havia colocado talas feitas de galhos para que os ossos se soldassem corretamente. Caso isso não acontecesse... talvez aquela mulher corajosa nunca mais pudesse andar. Só que agora sua preocupação maior não era a possibilidade remota de movimentação e sim a sobrevivência.

"Cavalo Veloz" apareceu no topo da escada com mais dois odres de pele cheios de água. O comanche já repetira essa tarefa exaustiva três vezes, sem reclamar. Não havia uma gota do precioso líquido nas cisternas construídas por seus antepassados e que captavam a água das chuvas. Deixando sua carga no chão, evitou olhar para a forma de Norah, coberta apenas por uma pele de búfalo. Se "Raio Prateado" não tomasse cuidado consigo próprio, logo sua alma seria arrebatada pelos mesmos espíritos enraivecidos que haviam possuído aquela mulher.

— Vamos, coma alguma coisa. Precisa se alimentar ou sua força morre, "Filho do Relâmpago"!

"Raio" aceitou o pedaço de carne fria. Enquanto mastigava, porém seu olhar permanecia fixo na mulher doente. Às vezes, "Cavalo Veloz" sentia ódio dela pelo mal que estava causando ao amigo, mas logo se lembrava de sua querida "Neve de Verão" e compreendia toda a terrível dor de seu irmão. E havia ainda mais um valor a ser reconhecido: se não fosse por tanta coragem da mulher branca, sua esposa teria morrido nas águas geladas do lago. Mas, mesmo assim, ele sofria ao ver que uma mulher destruía um homem com mais rapidez do que a flecha certa de um inimigo.

— Logo "Urso Manco" voltará com a minha, companheira — disse "Cavalo Veloz" oferecendo ao amigo mais um pedaço de carne. — Uma mulher conhece mais os remédios do que dois simples guerreiros.

Acenando com a cabeça, "Raio Prateado" se manteve em silêncio. Começava a perder as esperanças e "Neve de Verão" poderia chegar tarde demais. Então, milagrosamente, Norah se mexeu, o primeiro movimento espontâneo desde que ele chegara ali.

— Norah? Pode me ouvir, Norah?

As pálpebras tremeram, porém continuaram fechadas. Lutando para agastar as inúmeras camadas de tecido branco que a sufocavam, impedindo-a de ouvir ou de falar, ela só sentia um toque suave em seu corpo e escutava o murmúrio que aos poucos desaparecia. Agora as trevas já não eram completas e imagens confusas se sucediam, arrastando-a para um pesadelo sem fim. Um esqueleto ruivo dançava, sorrindo para ela com maldade. Era Travis! A faca continuava em sua mão e já ia matá-lo quando viu Abner

puxando-a para impedir seu golpe fatal e certeiro no peito do perseguidor. Precisava avisar o marido que já não tinha poder algum sobre ela, mas subitamente se viu de novo na fazenda dele!

— Não! Você não devia ter me trazido para cá!

As primeiras palavras pronunciadas por Norah atingiram "Raio Prateado" com o impacto de uma bofetada. Nas horas intermináveis daquela vigília, que começara há mais de três dias, ele se havia feito diversas perguntas, assumindo o papel de juiz e jurado no julgamento de suas ações em relação a Norah. O veredicto fora unânime: culpado!

Não havia como negar ou duvidar da inocência de Norah em relação aos crimes do marido. Abner Slade era um animal venenoso e ainda seria esmagado como merecia, mas só um insensato procuraria vingar-se numa mulher frágil que ignorava totalmente as atividades ilegais do marido, tendo apenas informações vagas obtidas num namoro através de cartas.

E ele a fizera pagar por tudo. Não tinha intenções de causar-lhe nenhum mal, contudo a magoara e estava a ponto de merecer também o castigo de um assassino. Jamais teria perdão se Norah morresse, mas, se vivesse, ele iria desfazer todo o mal que lhe fizera. Era sua sentença.

— Não, Norah. Eu não devia mesmo tê-la trazido para cá.

— Oh! Eu já consigo sentar-me sem a ajuda de alguém! — exclamou Norah, apoiando as costas na pilha de cobertores.

"Neve de Verão" franziu a testa, cruzando as mãos sobre o ventre distendido pela gravidez. O estado de paz que durava três meses — desde o início da espera pelo filho — havia se alterado pela preocupação com a amiga. Só há uma semana a febre cedera e Norah ainda estava muito fraca e constantemente superestimando sua capacidade.

— Logo você fará muito mais, mas precisa ir bem devagar ou sua força não volta direito "Lua-que-Enfrenta-as-Águas". Não é certo levantar tão cedo depois da febre.

— Preciso pentear os cabelos.

— Eu o farei assim que você tomar seu caldo.

— Se ao menos eu não soubesse quais são os ingredientes... — reclamou Norah, fazendo uma careta. — Mas "Nuvem Dançarina" ensinou-me como fazê-lo e não desce na minha garganta.

Ao notar os próprios dedos magros em torno da tigela de barro, Norah fechou os olhos e engoliu o líquido malcheiroso. Precisava mesmo recuperar as forças. Já tomara um banho, colocara um vestido limpo de algodão azul, trazido por "Neve de Verão", que não quisera dizer onde o encontrara, e agora só faltava pentear os cabelos embaraçados. Queria mostrar-se bem-disposta quando "Raio Prateado" chegasse do dia de trabalho, passado em busca de alimento para todos. Ele não estava passando muito tempo a seu

lado e ela sentia uma falta incrível do corpo musculoso junto ao seu.

— Devo estar horrível! Quero...

"Neve de Verão" começou a pentear os cabelos negros com uma escova feita de cerdas de porco-espinho e Norah fechou os olhos. De repente, o movimento cessou. Ao olhar para a jovem a fim de saber por que não continuara, viu-a fitando a escova onde havia um tufo de fios negros.

— Meu Deus! Está caindo? Meus cabelos estão caindo?

— É da febre, "Lua". Não fique aborrecida.

Norah não tinha coragem de tocar a cabeça e sentir sob seus dedos o couro cabeludo descoberto, mas, ao olhar para o próprio vestido, sentiu uma vontade incontável de chorar. Havia médias espalhadas sobre o tecido.

— Vai crescer de novo, "Lua". Você é tão corajosa... Seja paciente agora.

— Quero um espelho! — disse Norah erguendo a cabeça e enxugando as lágrimas. — Preciso ver como fiquei.

"Neve de Verão" fingiu não compreender o pedido e levantou-se.

— Vou preparar o jantar. Descanse.

— Um disco de cobre? — Norah tentava lembrar-se da palavra usada pelos comanches para indicar um espelho. — Uma pedra que brilha?

— Não entendo mesmo, "Lua". Logo eu volto, durma.

Antes de preparar a refeição da noite, "Neve de Verão" vasculhou a caverna à procura de tudo que pudesse ser usado como um espelho. Depois, satisfeita por ter afastado o perigo, voltou a preparar o jantar.

Apesar dos olhos fechados e da imobilidade, Norah não dormia, perturbada demais com o estado em que se encontrava. Soubera que "Raio" cuidara dela durante os primeiros e mais graves dias de sua doença, nunca saindo de seu lado, mas agora era a jovem amiga que permanecia atenta às suas necessidades. Ele não aparecia na caverna a não ser à noite e, mesmo quando estavam sozinhos, os olhos cinzentos não a encaravam de frente. As mãos que a tocavam eram as de um cuidadoso e gentil enfermeiro, não mais as de um amante.

E como censurar um homem que evitava olhar para uma mulher magra e com os cabelos caindo? A necessidade de ver a que ponto chegava sua destruição deu asas à imaginação de Norah. Logo imaginou um modo de ver seu rosto. Quis uma tigela de água, que, por não apresentar nenhum perigo, foi-lhe dada.

Quem a fitava na superfície trêmula da água era uma, mulher meio morta!

Por um minuto, Norah achou que o delírio da febre tinha voltado, mas logo "viu o reflexo azul de seu vestido e, chocada demais até para chorar, tomada por um desespero arrasador, encostou a cabeça nos cobertores.

Quando os homens chegaram da caça, "Neve de Verão" foi ao encontro deles. Mesmo sem ouvi-los, Norah tinha certeza de que falavam sobre seu estado. A expressão de "Raio Prateado" se transformou numa máscara de raiva ao voltar-se para fitá-la. Percebendo que sua conversa estava sendo observada, todos se afastaram. Se a jovem índia se aproximou, lutando bravamente para esconder sua piedade.

— Que tal sentar-se um pouco, "Lua"? Ou prefere... quer um gole de água?

— Eu gostaria mesmo é de poder sair desta caverna, pelo menos por alguns minutos. Seria tão bom ver o sol se pondo...

— Mas... é um esforço grande demais! — exclamou "Neve de Verão", com medo de alguma atitude irracional causada por dias e dias de febre.

Percebendo o tom de desespero na voz de Norah, "Raio" se aproximou, depois de alguns segundos de hesitação e dúvida.

— Leve os cobertores para a pedra do poente e eu carregarei "Lua" até lá.

Tomando-a nos braços sem o menor esforço, ele a carregou para fora da caverna. Acomodou-a sobre a pilha de mantas macias e sentou-se também, mas não muito perto de Norah. Ao lado deles foi colocada a refeição feita por "Neve de Verão", contudo nem o pão recém-assado nem a carne apetitosa mereceram a atenção dos dois. Ele afiava sua faca com empenho e concentração como se sua vida dependesse daqueles instantes de trabalho e Norah olhava a paisagem magnífica dos canyons banhados pela luz do crepúsculo.

— É tão bom ver o mundo outra vez! Já estava me sentindo uma prisioneira.

Ele franziu a testa, mas Norah não percebeu, concentrada que estava no esforço de encontrar as palavras certas para aquela conversa. Tinha imaginado um plano para conseguirem ficar a sós e descobrir se o motivo do comportamento estranho era causado apenas por sua aparência física. Consequira chegar até ali, agora precisava coragem para entrar no assunto.

— Quero... agradecer-lhe. Você salvou minha vida... mais uma vez, não é?

— Coma enquanto a comida está quente, Norah — murmurou "Raio", sem tirar os olhos da faca que soltava faíscas de encontro à pedra.

O movimento da lâmina afiada e brilhante fez Norah se lembrar de um assunto que a doença a impedira de esclarecer.

— Nunca tivemos chance de falar sobre o que aconteceu com Travis e "Cara Cortada". Depois da minha queda no kiva você chegou? O que houve?

— É melhor não ficar sabendo.

Norah não conseguia ultrapassar a barreira de indiferença, mas tentou

outra tática: iria mostrar-se despreocupada e alegre.

— Meus cabelos logo nascerão outra vez, eu sei. Estou tomando os caldos mais horríveis, porque "Neve de Verão" jura que até já engordei um pouco e quero apressar minha recuperação.

O sol desaparecera por completo e sobre o canyon escuro a primeira estrela brilhava, tímida e solitária. Norah sentiu que voltavam os dias serenos e felizes, quando só os dois viviam no topo do mundo. Em breve sua saúde retornaria e poderiam voltar àquela vida idílica.

— Quando minha saúde voltar...

— Quando sua saúde voltar... — interrompeu "Raio". E, sem coragem de enfrentá-la, desviou o olhar. — Minha vida é dura, mas cresci assim e você não. Viveu rodeada de conforto e precisa retornar ao seu mundo... quando sua saúde voltar, eu a levarei para o seu povo.

CAPÍTULO XXI

Como foi longo o caminho de volta! A cada passo, a distância da aldeia secreta aumentava e no final da jornada não havia nada...

Quando "Raio Prateado" deu ordens para pararem e acamparem numa clareira protegida por algumas pedras esparsas, ainda era muito cedo. Norah sentiu uma irritação profunda. Estavam fazendo poucos quilômetros por dia em deferência a ela, mas essa atitude não podia ser tomada como lisonjeira. Ainda não recuperara completamente suas energias. Uma recaída só criaria problemas, pois seriam obrigados a acampar por algum tempo num lugar vulnerável a ataques, e "Raio" queria evitar situações difíceis.

Ele a viu pronta para descer do cavalo e veio rapidamente para dar-lhe a mão. Norah preferia morrer a aceitar a piedade daquele homem, no entanto nem todo o seu orgulho irlandês foi capaz de ocultar a dor intensa que lhe trouxe lágrimas aos olhos quando a perna ainda não completamente se tocou o chão com força.

— Eu lhe disse para me esperar! — disse "Raio", segurando-a pela cintura para impedir uma queda pior.

As palavras não foram ditas na língua dos comanches e essa mudança pareceu separá-los ainda mais. Norah se afastou das mãos que a amparavam com o queixo erguido e os lábios apertados num ricto de dor e angústia.

Como era difícil ver mancando aquela mulher que ele conhecera tão frágil, mas cheia de uma elegância singela! A postura orgulhosa exigia sua admiração mesmo quando lhe despertava raiva. E essa mistura de respeito e ódio ameaçava destruí-lo. Nunca tinha se sentido tão confuso e vulnerável em toda a sua vida, pois, desde o momento em que a conhecera melhor, havia

perdido por completo o controle dos acontecimentos. Quando a julgara perdida e já prestes a entrar no reino das sombras, decidira consertar todo o mal causado por suas ações impulsivas, porém não havia calculado o quanto iria sofrer ao perdê-la.

"Neve de Verão" os observava, cheio de angústia. Já estava no quinto mês de gravidez, sonhando em dar a seu homem um filho saudável, mas ainda não considerava que sua dívida de honra tivesse sido paga. Permanecera ao lado de Norah durante a doença e conseguira salvá-la graças a seu grande conhecimento de ervas medicinais, uma ciência que lhe fora legada por "Pedra Cinzenta". Infelizmente, não conhecia remédio algum para corações partidos.

Ela esperava ansiosamente pela chegada de "Cavalo Veloz" para dividirem a difícil tarefa de restabelecer a harmonia entre "Lua-que-Enfrenta-as-Águas" e "Raio Prateado" o "Filho do Relâmpago". A jornada até o forte a cada dia se tornava mais opressiva com a tensão entre os dois aumentando e contagiando a todos. E ainda faltava um longo e interminável dia para chegarem!

Para Norah, o dia que estava para findar parecera curto demais. Em poucas horas, ela havia chegado à conclusão de ser um enorme fracasso. Falhara em tudo a que se propusera desde sua vinda para o Oeste. Seu casamento fora um desastre completo, a gravidez não chegara ao final e não conseguira engravidar novamente. Agora estava sendo devolvida para o seu mundo como uma mercadoria defeituosa. E o que mais era além de uma mulher doente e com dificuldade de andar num acampamento de guerreiros?

O barulho dos cascos de "Madrugada" lembrou-lhe que ainda não tinha dado água para a égua mansa que se tornara sua fiel companheira. Parecia tão remota a época em que um simples relincho a fazia tremer de medo! E também se perdera na bruma do tempo a jovem ingênua que sonhava com o amor e acreditava na felicidade...

O ruído de patas de cavalo chegou aos ouvidos dos três viajantes acampados na clareira, trazendo consigo as sombras da noite. "Raio Prateado" ouviu a batida de cascos sem ferradura no solo árido da planície, sentiu o aroma de um potro selvagem e sorriu satisfeito. Era "Cavalo Veloz" que vinha reunir-se a eles.

Quando o jovem guerreiro se aproximou, Norah percebeu um brilho de raiva no olhar sempre franco. O rapaz saltou do cavalo antes mesmo de o animal parar.

— O que aconteceu? — perguntou "Raio", levantando-se para ir ao encontro do amigo.

Norah não conseguiu entender a conversa em comanche, pois ambos falavam rapidamente, mas ouviu o nome de "Faca Afiada" sendo mencionado

diversas vezes e também a menção de Forte Greenwood. Imediatamente preocupou-se com a frágil Abigail e seu galante capitão. Teria havido um ataque?

"Neve de Verão" preparava a refeição com os gestos calmos, típicos das mulheres grávidas. Norah sentiu uma irritação profunda contra a indiferença da jovem frente a uma conversa de importância vital.

— Não consigo entendê-los. O que estão dizendo? Houve algum ataque?

— Não. "Cavalo Veloz" só ficou bravo.

— E por quê?

— É uma conversa de guerreiros, "Lua". Não interessa às mulheres.

— Que bobagem mais sem sentido!

Mas Norah não podia afastar a inquietação a respeito de seus únicos amigos e foi obrigada a engolir seu orgulho e pedir explicações a "Raio". Até agora evitara qualquer contato desnecessário, porém a situação exigia uma mudança de atitude.

— Ouvi "Cavalo Veloz" mencionar o Forte Greenwood em sua conversa. Houve algum problema? Sinto-me no direito de saber, pois estou indo para lá.

— Não aconteceu nada, mas "Cavalo Veloz" não continuará ao meu lado. Ele vai se alistar como rastreador índio no Forte Greenwood. O Exército está recrutando homens para poder caçar os últimos peles-vermelhas que continuam a lutar.

— Ele vai... como espião?

— Não disse isso.

— E nem precisava, não acha? Não sou a idiota que você me julga ser.

— Pense o que quiser, Norah. Pode até revelar suas suspeitas ao capitão Gartner, se com isso fica mais tranqüila. Contudo, é muito pouco provável que ele deixe segredos militares de alta importância ao alcance de... selvagens.

Ele se afastou deixando Norah perplexa e pela primeira vez ciente do torturante problema de ser leal a dois mundos. E ela ainda não conseguira resolver seu próprio dilema enquanto se preparava para dormir. Para conciliar o sono, decidiu imaginar que o amanhã não viria. Não queria pensar nos olhares curiosos, nas perguntas maliciosas e, sobretudo, não podia deixar a figura de Abner perturbar suas últimas horas de liberdade entre a natureza despida de regras hipócritas.

O frio da noite fez Norah estremecer. Apesar de estar dormindo sozinha já há oito semanas, continuava a ansiar pelo corpo que por tanto tempo lhe dera tanto calor e paixão.

Do outro lado da fogueira, "Raio" tentava avistar através das chamas o vulto de Norah enrolado no cobertor ralo. Era a última noite que passavam

juntos e ela devia estar sentindo tanto frio... Quando chegasse a manhã, cada um seguiria um caminho e seus passos dificilmente se cruzariam novamente. Sem pensar no que fazia, ele colocou seu cobertor ao lado do vulto adormecido e, virando-se de costas, tentou dormir e se satisfazer apenas com a proximidade de Norah.

Mas o som da respiração, o aroma dos cabelos e o calor daquele corpo o chamaram para mais perto. Os cílios negros sombreavam o rosto delicado. Sem pensar, ele tocou levemente a pele sedosa. A pequena distância entre os dois era agora maior do que os milhares de quilômetros entre Boston e o território do Arizona!

Norah fingia dormir, mas lutava contra um desejo incontrollável de sentir-se envolvida pelos braços fortes e permanecer ali para sempre. Contudo, não podia deixá-lo ciente de quanto a magoara ou de como estava perdidamente apaixonada.

Cachos negros brilhavam à luz das chamas, suaves como seda, e era difícil não tocá-los. Mas o brilho de lágrimas no rosto frágil destruiu as últimas barreiras. Ele podia suportar o ódio ou uma crise de choro provocado pela raiva, mas, depois de ter suportado tanto sofrimento com uma coragem imbatível, o pranto silencioso de Norah o enchia de vergonha.

"Raio" não teria muitas noites mais para pensar sobre seu futuro. Contemplou as nuvens que cobriam a face plácida da lua. Uma tormenta vinha chegando das montanhas e ele sentia o perfume da chuva tão forte quanto o aroma do vento que transformaria seu mundo. Velhos hábitos e velhos deuses deixariam de existir, levados pelo furor da mudança. Seu povo havia sido abandonado pelos protetores divinos, talvez derrotados pelo deus dos missionários brancos, e essa divindade cruel pedia sacrifícios: ele desrespeitara suas leis e devia pagar renunciando a Norah.

Quando "Raio Prateado" abriu os olhos, a lua se escondera atrás de nuvens sombrias e soprava um vento frio. Norah tinha procurado seus braços para aquecer-se e, num gesto de proteção, ele a apertou ainda mais. Afinal, nunca mais estariam tão próximos, nunca mais sentiria aquele perfume doce nem tocaria a pele, os cabelos, os lábios...

O sonho agitado de Norah a fez estremecer nos braços de "Raio". Estava fugindo de Travis e já ia esconder-se na Kiva, mas ele chegava mais perto e os gritos não alcançavam seus lábios entorpecidos de frio e medo. Ao sentir os dedos tocando seu pescoço, abriu os olhos, desorientada. Tão logo viu o rosto querido fitando-a com ternura, sorriu cheia de encantamento.

— Eu sabia! Você não me abandonaria...

Saber que se tocavam pela última vez deu um significado especial a cada gesto, uma urgência maior, uma beleza tão profunda que, diante do

encontro de seus corpos ávidos, as chamas da paixão os consumiram com seu calor. Não havia mais o trágico passado nem veria o futuro vazio e sem amor, existia apenas um momento único e magnífico.

Nuvens negras se avolumaram no horizonte. Setas de fogo relampejavam, anunciando a chegada da estação das tormentas.

— Tenente! Corra até aqui!

Newcomb se apressou em subir a escada de madeira para alcançar a torre de observação do Forte Greenwood. Embora a voz do sargento Miles não demonstrasse nervosismo, tudo podia acontecer em épocas tão agitadas como a que estavam passando. Protegendo os olhos com a mão, ele tentou enxergar a distância, apesar do brilho intenso do sol.

Muito ao longe, a poeira de três ou quatro cavalos se elevava no ar parado e sem vento. Era impossível distinguir suas figuras, quanto mais as feições dos cavaleiros, mas o sargento tinha uma vista excepcional e, bem antes de o pequeno grupo chegar perto do forte, ele já os teria identificado com segurança.

— Já consegue saber quem são sargento?

— Índios, tenente. Não me parecem apaches... talvez sejam... comanches.

O estômago de Newcomb se contraiu de tensão nervosa: aqueles eram os índios mais valentes e ousados entre todos! E por que estariam tão longe de suas terras? Por que teriam vindo até o Arizona?

Inúmeras possibilidades se cruzavam em sua mente preocupada com a aparição de possíveis guerreiros. Talvez fosse um grupo de fugitivos ou em busca de um médico, mas também poderia ser um truque para atraí-lo para fora dos portões do forte. Essa última idéia o enchia de entusiasmo, pois ansiava por uma chance de provar seu valor no campo de batalha.

— Então, sargento?

— Não sei bem, tenente, mas no cavalo cinzento, me parece que há uma mulher morena com roupas de índia, porém sou capaz de apostar meu último centavo que é uma mulher branca.

Os quatro já haviam percebido que estavam sendo observados. Norah fitava o forte a distância, terminava ali o longo caminho de volta a casa, só que aquela construção de madeira, deselegante e pesada, nunca fora seu lar. Lá entre os canyons ficara parte de seu coração e ela jamais voltaria a ser a mesma mulher. Sólido e sinistro como uma prisão, o forte dos brancos não a atraía nem mesmo sabendo que iria reencontrar Abigail. Não queria retornar!

Em poucos minutos, estariam diante do portão. Norah sufocou uma súplica. Pedir para acompanhá-los de volta aos canyons só iria tornar mais difícil a vida de "Raio Prateado". Se ao menos conseguisse odiá-lo por sua

rejeição... Chegara a acreditar que a raiva mataria o amor, mas, nos braços dele, a verdade surgira clara e muito, muito triste.

— Continue daqui, "Cavalo Veloz". Acompanhe Norah que eu o espero. — A voz de "Raio" soara mais fria e indiferente do que jamais fora.

Norah ia dizer adeus, mas a mão morena e de dedos longos bateu na anca do cavalo cinzento e ela quase foi jogada ao chão quando o animal disparou. Então, "Raio" mal podia esperar pelo momento de vê-la bem longe e nem se dignava a acompanhá-la até os portões? Pois não se mostraria fraca ou chorosa!

"Raio" acompanhou com o olhar o cavalo e a mulher se distanciando até alcançarem o forte. E ela não olhou para trás nem uma única vez...

O sargento Miles viu o índio musculoso e duas mulheres se aproximarem dos portões. Uma delas, muito magra e de cabelos curtos e cacheados, usava um vestido azul, velho e desbotado, mas sua cabeça estava erguida com o orgulho de uma princesa... Aquela postura altiva não lhe era desconhecida.

— Deus do céu ! — exclamou Miles apontando para a mulher branca. — Desculpe-me, tenente, mas... Não é a sra. Slade? A amiga de esposa do capitão Gartner que foi roubada pelos índios?

Newcomb engoliu em seco, com medo de se iludir. Estaria a doce e elegante Norah entrando em sua vida novamente? Com o tempo uma imagem ideal suplantara a verdadeira mulher, mas ele nem sequer o notara.

— Mande-os entrar. E quanto ao bravo comanche que não veio até os portões? Conseguiu reconhecê-lo?

— Não posso jurar, mas tenho quase certeza de que a figura ao longe é a do sargento LeBeau.

Uma suspeita se insinuou na mente de Newcomb, mas logo ele se descartou de uma suposição tão absurda. Norah e LeBeau? Impossível! O tenente partira muito antes do rapto...

Os cavalos já entravam no pátio e ele fitou, surpreso, a criatura de cabelos cacheados. Era a mesma jovem graciosa educada que chegava entre dois selvagens?

Norah mantinha uma máscara impassível sobre suas emoções em tumulto. Só pensava em chegar até a casa de Abigail, onde a amiga a ajudaria, compreendendo sua imensa tristeza, e lhe ofereceria um refúgio seguro.

Um oficial a fitava com interesse, mas ela não poderia reconhecer naquele rosto duro de um adulto o jovem que se apaixonara como um adolescente.

— Meu nome é Norah Slade. Preciso falar com a sra. Gartner, pode levar-me até ela?

— Sinto muito — murmurou Newcomb, chocado por não ter sido identificado por Norah. — Não poderei fazer-lhe esse favor.

— Creio que não me entendeu. Sou amiga dela e, se não me acompanhar, eu irei sozinha, sei o caminho.

A mão de Newcomb se fechou sobre o braço de Norah para impedi-la de continuar, e ele estremeceu ao perceber o quanto ela havia emagrecido. Uma vergonha profunda por ter se irritado com ela tornou sua voz menos dura, mas não diminuiu o choque que suas palavras causaram.

— É a senhora quem não compreende. A esposa do capitão Gartner não recebe visitas porque não tem condições de fazê-lo mais. Ela está morrendo.

CAPÍTULO XXII

Apenas duas pessoas recebiam a atenção do ordenança polido que servia o jantar no salão requintado do casal Gartner. Norah sorria para o único convidado daquela noite, fazendo as honras da casa para o dr. Swansea que viera tratar de Abigail.

Enquanto esperava que ele tomasse seu costumeiro conhaque, o ruído de uma cadeira arranhando o chão de tábuas no quarto sobre o salão deixou Norah ainda aflita por encerrar aquele ritual sem sentido e ir ao encontro do capitão Gartner que mantinha uma vigília torturante ao lado da cama da esposa. Mas desde que, há três semanas, o médico viera para ficar ao alcance de Abigail, costumava tomar três cálices de conhaque após o jantar. A cortesia mandava que ela oferecesse uma quarta dose, mas a prudência a impedia de fazê-lo, pois havia necessidade de sobriedade se a paciente precisasse da ajuda do médico.

— A tuberculose é uma doença terrível, sra. Slade. Na minha opinião, a esposa do capitão só resistiu até agora graças aos seus cuidados incansáveis e à sua incomparável devoção. E essas qualidades têm muito mais valor do que qualquer remédio. Os Gartner têm muita sorte em poder contar com uma amiga tão fiel.

Norah já não podia conter sua impaciência. Colocou o guardanapo sobre a mesa, indicando que a refeição terminara. Mesmo contrariado por ainda não ter tomado seu terceiro conhaque, o médico se retirou e ela pôde ir para o lado da amiga.

A casa dos Gartner tinha sido ampliada e havia quatro quartos, um dos quais fora oferecido a Norah tão logo chegara ao forte. Durante as doze semanas no lar atingido pela tragédia, ela recuperara os quilos que tinha perdido e, ironicamente, acrescentara alguns a mais.

No quarto em penumbra, Abigail dormia e Gartner a fitava com um

olhar cheio de desespero. Quando viu Norah entrar, ele se levantou da poltrona onde passava horas velando o sono da esposa e segurou-lhe as mãos.

— Não sei o que faríamos sem você, Norah. Estaríamos perdidos se não fosse sua ajuda.

— Meu caro Charles, foram vocês que me salvaram.

Se não tivesse sido recebida de braços abertos por Charles e Abigail, ela não estaria hoje sendo aceita pelo seu próprio mundo. Diante dela, a maioria das pessoas sorria polidamente, mas não havia como evitar uma curiosidade mórbida, comentários maliciosos e cheios de veneno e um desdém indisfarçável. Os homens a olhavam com ousadia, mas nada além de reações encobertas vinha à tona, graças à proteção dos Gartner.

Norah vivera entre os comanches por mais de um ano e todos sabiam bem o que índios faziam com as mulheres brancas. Ela ouvira mais de uma vez os apelidos insultuosos de "índia branca", "prostituta de índio" e outras ofensas ainda mais degradantes. E, mesmo não tendo sido um episódio tão sórdido e vergonhoso, a lança venenosa acabou atingindo memórias preciosas dos dias ao lado do comanche livre como a natureza. No fundo, todos tinham razão, pois Norah teria dado sem pensar tudo que ele lhe pedisse.

Os olhos fechados e a fisionomia exausta de Charles Gartner lembraram-lhe que ele estava ali há horas e precisava repousar.

— Vá dormir um pouco, fico com Abigail.

— É, eu preciso descansar, pois terei uma noite cheia de problemas, mas só aceito sua sugestão porque sei que vou deixá-la em mãos melhores do que as minhas.

Norah escondeu as lágrimas, a cada dia mais difíceis de controlar.

Toda vez que Charles Gartner deixava o quarto da esposa, temia não encontrá-la viva quando voltasse. Mas o Forte Greenwood continuava a ser responsabilidade sua e os problemas esperavam-no diariamente. De sacos de trigo mofados a epidemias de febre ou ataques de índios, tudo dependia de sua decisão e esse dia não seria diferente. Entre sua casa e o escritório, ele precisou parar inúmeras vezes.

— Capitão, seis dos meus homens estão na enfermaria com disenteria.

— Capitão, o almoxarifado avisou que há um carregamento de balas de fuzil que desapareceu do depósito.

— Capitão, o cozinheiro disse que todos os nabos vindos de Greenwood estão podres.

— Capitão, a minha mula está meio louca — reclamou um dos tropeiros com um ar de perplexidade. — Nunca a vi agir tão...

— Por acaso deu a ela algum nabo?

— Sim, eu sempre dou e...

— Os que o cozinheiro jogou fora?
— Achei um desperdício...
— Então fique tranqüilo que sua mula não enlouqueceu, está só com dor de barriga. Os nabos estavam fermentados.

Os problemas sempre se sucediam com rapidez, mas naquele dia a quantidade parecia ainda maior. Então Gartner julgou ter encontrado o motivo para tanta inquietação. Mulheres brancas eram raras no Oeste e não havia um homem no Forte Greenwood que não tivesse dado parte de seu coração a Abigail. A presença da morte rondando a jovem sorridente que tornara suas vidas menos solitárias enchia os de nervosismo e insegurança, levando-os a procurarem seu capitão para certificarem-se de que o mundo continuava a girar e ele permanecia em seu posto.

Mal se sentara para ler os comunicados militares quando um ordenança pediu licença para dar-lhe um recado.

— A esposa do coronel Boyle acabou de chegar com uma carroça cheia de malas para visitar a sra. Gartner.

— Obrigado por avisar-me, cabo. Por favor, transmita meus cumprimentos à sra. Boyle.

— Bem... tenho um recado e ela me disse para repetir exatamente as suas palavras. — O rapaz enrubesceu e desviou o olhar. — Não sei se...

— Não se preocupe e transmita a mensagem.

— Diga ao capitão Boyle que sou uma velha mulher de soldado e sei o quanto é desagradável interromper o trabalho de uma tarde, por isso vou me instalar sozinha. Se você não se meter na minha vida, não perturbarei a sua.

Charles Gartner se manteve impassível até a saída do cabo e então soltou uma gargalhada. Cora Boyle era uma mulher sem papas na língua e se divertia em chocar a quem não a conhecia com suas atitudes inesperadas. Mas seu coração era imenso e ele se sentia feliz por ter mais uma amiga fiel ao lado no momento mais difícil de sua vida. Pareciam tão distantes as horas felizes...

Como se o passado tivesse ouvido suas memórias vindo à tona, enviou um mensageiro dos dias felizes: um comanche alto e esguio de olhos prateados e queixo autoritário parou diante dele e ambos se fitaram em silêncio por um longo tempo.

— Ei! Você não pode ir entrando! — gritou o tenente Newcomb, abrindo a porta e se dirigindo ao capitão. — Ele passou por nós e recusou-se a parar. Só foi visto quando já estava...

— Discutiremos este assunto mais tarde, tenente, e com muita atenção.

— Mas... e o índio?

— Você conhece este homem, tenente Newcomb. Não está

reconhecendo o melhor rastreador que já pôs os pés no Forte Greenwood?

— LeBeau?

— Exatamente! Quando conseguir se recuperar da surpresa, saia e feche a porta, tenente. Gartner esperou a saída do oficial e depois analisou o homem que conhecera tão bem no passado. Ele parecia diferente e não era apenas por estar mais magro. Havia uma expressão distante no rosto impassível.

— Ouvi dizer que você estava no Texas, LeBeau. Há uma quantidade bem grande de pessoas indo para lá e, entre eles, "Faca Afiada" e seu bando, provocando muitos problemas.

— Ouvi este mesmo comentário.

— Também soube que há o firme propósito de se unirem a Quannah Parker, na reserva, antes do final do ano.

— Que coincidência! Temos ouvido os mesmos rumores, mas não se deve acreditar em tudo, não é?

Gartner sorriu, quebrando a tensão entre dois velhos amigos, e fez um brinde a tempos passados, mas os olhos de LeBeau continuavam frios e sem emoção.

— Como está a sra. Gartner?

— Morrendo — murmurou Charles, deixando transparecer pela primeira vez o desespero tão bem guardado atrás de sua aparência de controle.

— Sinto muito.

— Era bom demais para durar e talvez eu sempre tenha sabido que um dia ela me seria tirada. A nossa sorte é ter Norah Slade como amiga. Sem dúvida, você ouviu a história de seu rapto no ano passado, não? Ninguém imaginava onde ela estaria até sua volta ao forte, há três meses, acompanhada por um comanche e sua mulher. Norah recusou-se a voltar para o lado do marido, mas ele ainda não desistiu.

Gartner parou de falar para observar a fisionomia de LeBeau e confirmar suas suspeitas, mas o comanche permaneceu impassível.

— Ela diz que foi raptada por um apache chamado "Cara Cortada", mas logo foi encontrada por "Cavalo Veloz", que a salvou, levando-a para viver em sua aldeia, onde ficou por algum tempo. Teria sido devolvida antes se não fosse pela perna quebrada que a impediu de viajar.

— É uma história trágica. Espero que Norah Slade tenha se recuperado do acidente.

— Oh! A perna não deu mais nenhum problema, porém algo a mudou muito.

— Bem, tenho assuntos importantes para discutir, Gartner. Encontrei este caco de louça sob o cadáver de um mexicano que foi assassinado há poucos dias. Ele havia comprado bebida de um comerciante e ia receber uma

parte do lucro do homem a quem representava. Mas a ambição foi mais forte e ele esqueceu seu sócio e vendeu diretamente aos índios jicarilla. Quando os pobres coitados beberam o veneno, começaram a morrer como moscas e alguns saíram em perseguição do mexicano, mas o homem a quem ele representava chegou antes. Desta vez Slade foi descuidado demais.

— Calma, LeBeau. Esse pedaço de cerâmica tem mesmo a marca de Slade, um puma, mas não é prova suficiente.

— Por quanto tempo pretendem deixá-lo matar sem punição? Ou índios e mexicanos não contam?

— Você me conhece bem demais para fazer uma insinuação tão absurda, LeBeau. Só preciso de mais provas.

— Não temos tempo! As mortes continuam a acontecer e o governo não toma providências!

— Está me acusando de ignorar deliberadamente os fatos? Você tem ódio dele por causa dos assassinatos ou a causa é a esposa de Abner?

— Seja mais claro, Gartner!

— Pelo amor de Deus! Não sou cego, vi como você olhava para Norah. Percebi seus sentimentos e o quanto sofreu quando ela se casou. Achei que sua decisão em afastar-se do forte tinha sido certa, mas... quando Norah voltou, foi visto um outro comanche que não se aproximou. O sargento Miles jura que era você. Os boatos por aqui sempre chegam aos meus ouvidos e muitos acreditam que ela esteve o tempo todo em sua companhia, inclusive Abner Slade.

— E... o que diz Norah sobre tudo isso?

— Não faz comentários, mas eu sei que há algo além da história que ela divulgou como verdadeira.

— Pois bem. Eu a levei comigo, mas Norah me acompanhou contra sua vontade.

— Pelo amor de Deus, LeBeau. Não aja precipitadamente — implorou Gartner, vendo o brilho perigoso nos olhos do amigo, que se transformava diante de seus olhos num desconhecido. — Procure esperar por uma solução legal, tente o meu caminho.

— Seu caminho não leva a lugar algum, Gartner!

— Você foi meu amigo e subordinado, mas serei obrigado a prendê-lo se por acaso agir contra a lei.

— Precisaré me encontrar antes, não é verdade?

Norah deixou-se cair na poltrona, exausta e quase desmaiando com o calor. O quarto de Abigail estava insuportavelmente abafado, pois era impossível impedir a entrada do sol e a jovem inválida não tolerava a penumbra durante o dia. Como seria bom tomar um banho, embora já o tivesse feito há poucas horas. Sem dúvida, as roupas apertadas das quais

tinha se desacostumado ajudavam a aumentar seu desconforto. Mas, por mais desagradáveis que fossem, iriam ajudá-la muito agora.

Abigail sorria dormindo e Norah se lembrou da luz intensa que vira ao chegar perto da morte. A chegada do médico para ficar ao lado da paciente a impediu de prosseguir no rumo de pensamentos tão mórbidos. E, tão logo voltou a seu quarto, soltou o espartilho, respirando aliviada. Ia molhar o rosto quando a porta se abriu e Cora Boyle entrou sem pedir licença.

— Sra. Boyle! O que... Eu não a esperava — balbuciou Norah, tentando cobrir-se com a reduzida toalha de mão.

— Não havia tempo a perder escrevendo cartas, minha cara. Precisavam de minha presença aqui e eu vim. Não tenho intenções de me intrometer, e vir ao seu quarto assim pode lhe parecer um abuso contra sua intimidade, mas dificilmente teremos uma outra chance de conversarmos a sós. Deve estar achando que sou uma velha intrometida, no entanto penso apenas em Charles e em você, pois há muito pouco a ser feito pela pobre Abigail.

— Sinto muito, não entendo nada do que está me dizendo, sra. Boyle.

— É, você continua tão ingênua como há um ano, Norah querida. Bem... eu nunca acredito em fofocas, mas conheço a natureza humana e sei que a vida nos prepara armadilhas surpreendentes.

— Ainda não estou...

— Sente-se, querida, esta é uma conversa bastante desagradável. Eu não costumo fazer rodeios e vou direto ao assunto, portanto... O seu coração bondoso e as suas melhores intenções criaram uma situação difícil para Charles e para você, Norah. Há três meses vocês estão vivendo sob o mesmo teto, uma mulher atraente e um homem viril, cuja esposa é uma inválida e não pode cumprir suas obrigações conjugais há muito tempo. Você é bonita e sua idade é mais aproximada à de Charles. Abigail não passa de uma criança aos olhos do mundo. Foram algumas pessoas maldosas as primeiras a dizerem que você já ocupou o lugar dela na cama do marido.

— Não! — O grito de Norah saiu do fundo de sua alma. — Como ousam? Quem poderia fazer um comentário tão imundo, tão covarde...

— Ninguém ousou repetir essa calúnia diante de mim. Mas nem por isso os rumores cessaram. Tão logo eu soube, vim servir de dama de companhia e acabar de vez com esses comentários sujos. Ficarei o tempo que for necessário.

— Como pode existir tanta maldade? Não conheço ninguém mais apaixonado pela esposa do que Charles. Ele a ama com desespero e eu...

Norah se calou no último instante. Jamais poderia confessar a alguém que sua paixão por um índio comanche — um mestiço sem família — nunca morreria. Por que ele a deixara sozinha no momento mais importante? Num

gesto de proteção, ela colocou os braços em torno da cintura.

— Nós conseguiremos afastar todos os rumores, mas graças a Deus eu vim tão depressa, querida. — Cora Boyle aproximou-se, colocando o braço nos ombros de Norah. — Você não conseguirá manter seu segredo por muito tempo mais. Quando nascerá o bebê?

CAPÍTULO XXIII

A voz sonora de Cora Boyle ecoava pela casa, através da porta aberta, e os trechos mais românticos do livro predileto de Abigail, *Orgulho e Preconceito*, trouxeram lágrimas aos olhos de Norah. Estavam tão longe os dias despreocupados à espera do amor!

Quando a incansável senhora viu Norah entrar no quarto, imediatamente parou de ler.

— Estou com a garganta seca, querida, e vou fazer um chá para nós. Poderia ficar no meu lugar, Norah?

— Sem dúvida. Fico feliz em ver como Abigail está bem-disposta — disse ela, ao notar que a doente usava um vestido caseiro em vez da camisola. — Logo terá forças para descer e fazer as refeições conosco, não é?

— Sinto-me realmente bem e o dr. Swansea está bem animado com a minha recuperação.

Quem sabe um milagre aconteceria? No entanto, Norah já não acreditava mais que aquela jovem, cada dia mais magra, conseguisse lutar contra uma doença que abatia até mesmo os mais fortes. Contudo, não adiantava transmitir a preocupação e a dor a Abigail e todos tentavam tornar seus últimos dias alegres e cheios de ocupações.

— Li este livro quando tinha dezesseis anos e me apaixonei pelo herói — murmurou Norah, lembrando-se daquele tempo feliz.

— Eu também. Mas recordo-me que fiquei muito impressionada por ver como o orgulho quase os impediu de encontrar a felicidade. Talvez tenha sido por esse motivo que revelei a Charles os meus sentimentos antes de ele se declarar. — Abigail sorriu e seus olhos brilharam de emoção. — Eu vivia rodeada de rapazes que se declaravam apaixonados por mim e não estava acostumada a ser ignorada por ninguém. Quando meu amor se tornou maior do que o orgulho, soube que estava realmente apaixonada. Nunca imaginei que pudesse existir uma felicidade tão completa. Se tivesse que voltar atrás, faria tudo igualzinho, me declararia a ele.

— Nunca se arrependa de ter superado o orgulho — murmurou Norah, tomando as mãos da amiga entre as suas. — A alegria compensa os

momentos de dor... Eu sei.

— O que vai fazer da sua vida agora, querida?

— Ainda não tenho muita certeza...

— Se não quiser continuar no Forte Greenwood, me avise, querida. Tenho família e muitos amigos em St. Louis e eles a receberiam com o maior prazer. Minha prima Ethel é viúva e vive sozinha, você poderia ir morar com ela e... Eu sei sobre o bebê, Norah.

E ela estava tão certa de que suas roupas largas não deixariam ninguém perceber seu estado! Quem além de Abigail já teria suspeitas?

— Desculpe-me por não ter lhe contado nada. Você é minha amiga mais querida, porém tive medo de causar-lhe preocupações desnecessárias. Como adivinhou?

— A sua aversão súbita por café e frituras. Eu também não suportava nem o cheiro! Além disso, o seu modo de andar, o olhar distante e cheio de paz, como se você estivesse ouvindo uma música que ninguém mais consegue escutar. Quando uma mulher carregou em seu corpo um filho... jamais esquece e reconhece esse estado de graça nas outras.

— Pensei que ainda fosse possível ocultar tudo por mais uns dois meses — murmurou Norah, desapontada com a descoberta da amiga; não queria ter que partir do forte antes de vê-la mais saudável. — Se você notou, logo outros também vão perceber. Preciso mesmo decidir o que farei da minha vida.

— Tenho desejado falar com você há semanas, Norah... mas nunca crio coragem. — Abigail desviou os olhos da amiga, porém logo ergueu o rosto molhado de lágrimas. — Estou morrendo...

— Não! Você...

— Por favor, não diga nada. Sei que tenho muito pouco tempo de vida e não quero partir com essa sensação terrível de ter deixado tudo à minha volta sem solução. O que mais me perturba é saber que Charles ficará sozinho. Ele foi para mim mais importante do que a própria vida, não posso suportar a certeza de que irá sofrer tanto quando eu partir. — Abigail mal conseguia falar, mas, mesmo assim, enxugou as lágrimas que corriam no rosto de Norah. — Além de Charles, a pessoa que mais amo no mundo é você, querida. A sua beleza e coragem sempre me encantaram. Vi como é forte e tem o dom de consolar... Você daria a ele os filhos saudáveis que eu não pude...

— Pelo amor de Deus! Não fale assim, Abigail. A cada dia suas forças aumentam, até o dr. Swansea está animado. Não pense em morte, você vai sarar.

— Não tente me poupar, Norah. Eu já me conformei e até perdi o medo. Desculpe-me por tê-la perturbado tanto, não foi essa a minha

intenção. Só lhe peço que pense bem em meu pedido.

Abigail fechou os olhos e encostou a cabeça no travesseiro, o rosto pálido revelando a profunda angústia de uma jovem cuja vida se aproximava tão cedo do fim. O amor que ela conhecera tinha sido completo e intenso, mas iria durar tão pouco!

Mesmo lendo, Norah não conseguia se esquecer da tristeza expressa no tom de voz da amiga. Sabia agora que precisava partir, e com urgência. Os boatos maldosos ligando-a a Charles só tendiam a aumentar e ela não queria causar tanta dor àquele homem que já sofria demais. A hospitalidade dos Gartner fora seu refúgio em horas difíceis, mas era tempo de enfrentar o mundo e suportar a dura realidade. Só não tinha a menor idéia do que fazer ou para onde ir.

Durante o almoço, ela continuava procurando uma solução para sua vida enquanto Gartner e Cora Boyle conversavam. Não notou a entrada de um ordenança com uma mensagem e só percebeu o quanto estivera distante quando Charles se dirigiu a ela.

— Teremos hóspedes, Norah. Uma das amigas de infância de Abigail e o marido pretendem ficar alguns dias conosco.

— Oh, meu Deus! Ela vai levar um choque terrível quando souber do estado de Abigail. Não há um jeito de avisá-los?

— Infelizmente, não. O recado não diz onde eles estão agora, nem quando chegarão.

— Pois bem! O único remédio é recebê-los, certo? — falou Cora Boyle, como sempre indo direto ao assunto. — Sem dúvida não ficarão muito tempo, mas precisamos nos preparar, Norah.

— Sim tomarei todas as providências. Vou agora mesmo verificar o estado do quarto de hóspedes e deixá-lo pronto.

No meio da tarde, Norah se dirigiu à construção destinada aos hóspedes, a mesma em que havia ficado quando chegara ao forte pela primeira vez. O soldado Harris já havia feito uma limpeza completa e ela se dedicou aos últimos retoques, tais como uma flor e um espelho novo, criando o ambiente acolhedor que só o toque feminino consegue dar.

Enquanto arrumava os perfumados lençóis de linho, Norah pensou na alegria de possuir um lar cheio de amor e cuidar de tudo com a dedicação que só uma esposa feliz podia ter. E esse seu sonho dificilmente se realizaria! Mas ao menos ela carregava em seu ventre um filho, uma parte do guerreiro comanche que jamais a abandonaria.

No dia em que chegara de volta ao forte, sentira-se desesperada e sem forças para enfrentar os tempos vazios à sua frente. Agora o futuro vivia e crescia em seu corpo e só esperava que o bebê fosse forte, saudável e parecido com o pai. Talvez, com o tempo, ter uma pequena parcela de "Rio

Prateado" na figura do filho chegasse a ser suficiente.

Um barulho à porta trouxe Norah de volta à realidade e ela se virou certa de encontrar o soldado Harris trazendo as flores que havia pedido.

Um vulto alto e encorpado bloqueava o sol e, antes que ela pudesse gritar, uma mão tapou sua boca. Ouvindo o ruído da porta fechar-se, Norah foi jogada sobre a cama e, antes mesmo de ver o rosto de seu atacante, já sabia quem era: o homem a quem havia jurado, em sua ingenuidade, amar e obedecer.

Como não reconhecer as mãos violentas que rasgavam o corpete do vestido ou a boca cruel buscando o seio macio? Diante da fúria do olhar quase enlouquecido de ódio, Norah teve certeza de que não sairia viva daquele quarto.

Ninguém poderia ajudá-la! A luta entre ela e Abner era silenciosa, e só se ouvia o som das roupas sendo rasgadas. Mesmo se alguém percebesse algo de estranho, quem iria se intrometer numa briga de marido e mulher? A única pessoa que poderia evitar uma tragédia era ela, mas como vencer a força brutal daquele homem, que sempre conseguira subjugar-lá? Só que Norah havia mudado muito em um ano; não era mais a jovem despreparada, recém-chegada de Boston!

O hálito alcoolizado de Abner quase a sufocou enquanto seus murmúrios sórdidos a agrediam tanto quanto a mão forçando suas pernas a se abrirem.

— Vagabunda! Pensa que eu não sei onde você esteve todo o tempo? Eu devia ter visto antes que você mal podia esperar a hora de se entregar para aquele mestiço sujo! Todos têm morrido de rir de mim, o idiota do marido! Enquanto isso, você e LeBeau se divertiam na cama, como dois animais, não é? Ele era muito bom? Responda!

Norah sentia os lábios doerem com a pressão da mão de Abner em sua boca e não tinha condições de responder. Tentou atingir o rosto cruel muito próximo do seu, mas ele prendeu-lhe também os braços.

— Quando eu estava em seu corpo, imaginava que era LeBeau quem a possuía, não? Ele chegou primeiro, você não era virgem quando se casou! Ele...

A mão de Abner encontrou o cordão de couro, de onde pendia a turquesa, e deu um sorriso triunfante.

— Que enfeite prático! — murmurou ele, enrolando o cordão na mão até o couro cortar a pele do pescoço de Norah. — Diga-me que você quer o seu... "presente de índio" e eu a deixarei em paz. Implore, Norah, só assim ficará livre, de mim.

As palavras desmentiam o olhar cruel e implacável. Ela sabia muito bem que Abner estava mentindo, pois quem já matara um ser humano não teria

escrúpulos em matar outro. Além disso, o prazer em castigar a mulher que o humilhara publicamente seria imenso. Mas, pelo brilho de cupidez nos olhos dele, viu que antes da morte viria a humilhação mais completa! Abner estava pronto para tomar seu corpo e Norah tinha uma única arma a seu alcance: a surpresa. Se ela não o matasse, seria assassinada tão logo o marido tivesse satisfeito seus desejos brutais.

Sem mais resistir, Norah mexeu os braços languidamente e ofereceu o corpo num movimento sensual. Abner soltou-lhe os pulsos, certo de que a havia excitado, e ela aproveitou essa fração de segundo de descuido. Apanhando o vaso que colocara pouco antes na mesinha-de-cabeceira, atingiu a cabeça de Abner. O vidro quebrado fez um corte na testa, que logo se encheu de sangue. E, enquanto ele tentava estancar a hemorragia, ela empurrou o joelho para a frente, acertando-o entre as pernas.

Dobrado ao meio de dor, Abner ainda tentou segurar Norah, mas ela já estava à porta, enrolada num lençol, gritando por socorro. E, no lugar dela, quem voltou ao quarto foi o capitão Gartner, com uma pistola apontada para a cabeça de Abner.

Do lado de fora, Norah ouvia apenas o ruído de socos. Logo que a porta se abriu, o capitão saiu arrastando Slade quase desmaiado.

— Baylei! Jones! — gritou, com uma expressão ameaçadora.

— Levem este homem até os portões. E, se ele quiser entrar no forte outra vez, podem atirar!

— Fique fora disso, Gartner! — gritou Abner, recuperando-se rapidamente ao perceber que ia ser expulso como um cachorro.

— Não se meta no que não lhe diz respeito. Eu tenho todos os direitos de fazer o que quiser com minha esposa” Tenho...

— O senhor não tem direito algum aqui. Dentro do forte, a última palavra é minha e fique satisfeito por não ter levado um tiro. E... não se esqueça do que eu disse. Se tornar a pôr os pés além dos portões, será recebido a bala.

— Vou denunciá-lo ao coronel! Quero uma corte marcial e...

— Não devia chegar muito perto da lei, Slade. Afinal, o tiro pode sair pela culatra e quem iria parar diante de um tribunal seria você. Agora dê o fora daqui!

Enquanto os soldados arrastavam Abner, o capitão viu Norah, imóvel e muito pálida, e, mais ao longe, Cora Boyle. A velha senhora a olhava com uma expressão estranha e não se movia para ajudá-la. Ele ficou surpreso com aquela atitude sem sentido, mas não teve tempo de analisá-la melhor: logo viu Cora passar com carinho o braço sobre o ombro de Norah.

Cora Boyle ajudou Norah a lavar-se e preparou-lhe um chá para os nervos com uma delicadeza inesperada de mãos rudes. E, depois de

acomodá-la na cama, sentou-se ao lado dela.

— Ele chegou a... machucou você, querida?

— Não, mas como eu queria tê-lo ferido mais! Gostaria de ter matado aquele miserável!

— Acho que você devia agradecer.

— Como? Ficou louca? Eu...

— Norah, querida... depois do que aconteceu hoje, sua vida ficará bem mais fácil. Ninguém ignora que você e seu marido não vivem juntos há muito tempo, mas logo a notícia de que ele veio buscá-la se espalhará. Todos a viram enrolada num lençol e vão imaginar que seu marido conseguiu ao menos tomar aquilo a que tem direito. Daqui a algum tempo, vão esquecer quando este fato aconteceu ao pensar que fizeram a conta errada e não poderão chamar seu filho de "bastardo".

— Oh! Eu prefiro que o chamem assim a que acreditem num monstro como Abner sendo pai do meu bebê!

— Chega de tolices, Norah! Deixe de romantismo e encare a realidade. Não vai ser nada fácil enfrentar uma sociedade provinciana e moralista que irá repudiá-la por estar dando a luz a uma criança sem pai. E para o seu filho também será muito difícil, pois carregará sempre essa suposta vergonha. Pense em você, nele e num futuro melhor.

— Não sei, mas...

— Com o tempo verá tudo de modo bem diferente, pode crer. Agora durma e sonhe que está com o seu bebê nos braços. É o melhor remédio para você, querida.

— Vai ser um menino, tenho certeza — murmurou Norah, com a voz arrastada de sono por causa do chá calmante. — Menino e de olhos prateados... como o pai.

A carroça dirigida pelo tenente Newcomb sacolejava na estrada esburacada em direção à Missão de Santa Madalena. Apesar da sombrinha para protegê-la do sol — como mandavam as convenções sociais —, Norah deixava os raios ainda fracos acariciarem sua pele enquanto sonhava com sua égua, em passeios nos desfiladeiros tão distantes. Mas seu devaneio não durou muito, pois, sem aviso, o tenente parou a carroça.

— O que houve? Por quê...

— Por favor, me escute, Norah — murmurou Newcomb, cobrindo-lhe as mãos com as suas. — Quero falar com você já há algum tempo e...

Imediatamente Norah retirou suas mãos, aborrecida com a admiração evidente no olhar de Newcomb. Ele tinha mudado muito durante aquele ano: o rapaz ainda tímido e visivelmente apaixonado se transformara num homem e a via como uma vítima indefesa. Ah! Se ele soubesse a verdade!

— Desculpe-me, eu... quando você se casou, me resignei a ficar solteiro,

pois jamais encontraria uma mulher igual a você. Agora que está de volta e não aceitou viver com seu marido, minhas esperanças renasceram.

— Tenente...

Norah não pôde continuar, pois ele a abraçou com tal ímpeto que os botões do uniforme quase a feriram, provocando-lhe uma reação de surpresa, logo seguida pela raiva. Ela estava cansada de ser um símbolo para todos os homens solteiros do forte quando ansiava por ser apenas uma mulher. Para Abner, tinha representado a prova apresentada ao mundo de como ele alcançara o sucesso. "Raio Prateado" vira nela uma maneira de ferir o orgulho de seu inimigo. Agora Newcomb a tratava como uma dama injustiçada pela vida e se dispunha a colocá-la num altar... desde que fosse ao lado dele.

— Como ousa! Deixe-me em paz! — gritou ela, com os olhos cheios de lágrimas diante de mais uma situação falsa.

— Perdoe-me, Norah. Eu me portei de modo indesculpável ao tomar liberdades e... aceite minhas desculpas.

— Por favor, chega! É melhor continuarmos, tenente.

Norah escondeu o rosto, sem saber se queria rir ou chorar. Newcomb interpretara mal suas lágrimas, mas demonstrava com sua atenção constante que uma mulher naquele fim de mundo podia escolher o homem que desejasse. E, infelizmente, o maior anseio de seu coração era por um homem que a mandara embora como um objeto dispensável e sem valor. A ironia de sua situação não a ajudava a enfrentar com expressão feliz as freiras que a esperavam no portão de Santa Madalena, mas Norah fez esforço para se mostrar alegre e bem-humorada.

A conversa entre elas foi, como sempre, animada, pois o isolamento da missão deixava seus habitantes ávidos por notícias. Norah ainda falava sobre os últimos acontecimentos no forte quando uma jovem entrou na saleta onde todas tomavam chá. Tão bela quanto "Gazela Arisca", a garota também tinha aquele olhar que revelava um profundo conhecimento do mundo e Norah deduziu que devia ser ela a moça que fugira do bordel de Cândida Michaels para se refugiar no convento.

— Encontrou as ervas, Maria? — perguntou a irmã Tomasina com um sorriso doce.

— Não tenho muita certeza, irmã. São tão parecidas... É alguma destas?

— Não, infelizmente nenhuma delas é a que eu pedi.

— Ponha-me para trabalhar na cozinha outra vez, irmã. Eu não entendo nada de ervas e plantas.

— De jeito nenhum, querida. Você tem ótima memória, é muito inteligente e, com o tempo, aprenderá a reconhecê-las. Por favor, procure

com bastante atenção, pois a sra. Slade precisa voltar para o forte e essa planta é essencial para fazer o tônico de nossa querida Abigail.

Como Norah se sentisse presa entre as paredes do convento que outrora lhe haviam dado tanta segurança, aproveitou a chance de sair dali, oferecendo-se para ajudar Maria. O tenente Newcomb não estava à vista quando as duas atravessavam o pátio, mas ela não julgou haver perigo algum em afastar-se. Não iria longe e já começava a se cansar daquela vigilância constante. Com certeza, Abner já desistira de procurá-la.

O vale por onde corria o riacho, cujas águas abasteciam a missão, era sombreado por plátanos imensos e à sua sombra crescia a maioria das ervas usadas pela irmã Tomasina. A atenção de Norah estava toda voltada para a tarefa de encontrar a planta certa e logo voltar ao forte. Mesmo assim, percebeu que à sua volta o silêncio não era natural. Um pressentimento a fez procurar por Maria e, não a vendo por perto, foi até o outro lado do riacho. Ali, diante dela surgiu a figura inconfundível de Abner!

— Vim para cá tão logo soube que você ia visitar esse padre cretino e espero que a presença de seu legítimo marido na lei dos homens e na de Deus atrapalhe seus planos. Com quem veio se encontrar, vagabunda? Com seu amante mestiço? Deve ser para possuir você que ele tem aparecido por aqui.

— Deve estar vendo fantasmas, Abner. Deixe-me em paz ou vou gritar para o tenente, que tem ordens de atirar em você.

— Eu lhe teria dado tudo, Norah. Casas, jóias, vestidos de seda, e veja o que recebo em pagamento!

— Nunca lhe pedi nada, nem jóias, nem casas... Só desejei um marido honesto, um lar decente e...

— Decente? É você sabe o que é decência? Tornou-me a maior piada do território: o homem cuja mulher prefere se dar a um mestiço imundo. Consegue imaginar como eu me senti?

Abner deu alguns passos na direção dela e Norah soube que não sairia dali viva. Desesperada, correu em direção aos arbustos que cresciam entre os plátanos e sentiu um deslocamento de ar bem próximo ao seu rosto. Seria possível que aquele homem tivesse enlouquecido e atirasse... pedras... em sua direção? Mas o estrondo que se seguiu mostrou a gravidade da situação. Eram tiros!

Desnorteada, Norah tentou escapar para o meio das árvores, porém seu caminho foi bloqueado por Maria, que corria apavorada em sua direção. Subitamente a jovem parou e, ajoelhando-se, caiu sobre ela como uma boneca quebrada.

O som de tiros e um grito lembraram a Norah que o terror ainda não terminara. Ao levantar-se, ela sentiu o mundo rodar: a seus pés estava

Maria, com o vestido manchado de sangue, e, logo adiante... Abner Slade, um corpo sem rosto!

— Madre de Dios!

Norah fitava o corpo de Abner sem pena, apenas chocada pela maneira violenta de sua morte. Ele a brutalizara e tinha intenções de matá-la, mas alguém evitara mais um ato criminoso de Slade. Quem teria dado o tiro fatal? Newcomb?

O ruído de passos fez Norah virar-se. E, se o rosto de Abner povoara seus pesadelos, o que surgiu diante dela vivia em seus sonhos.

— "Raio Prateado"!

— Norah, eu... — Ele se calou, pois não havia nada a ser dito. Só lamentava não ter sabido que Norah viera até Santa Madalena, pois, se fosse prevenido, não escolheria aquela tarde para completar sua vingança. Entretanto, o grito de medo tão conhecido tornara seu tiro mais certo.

Norah estendeu os braços para ele e deu um passo à frente. Então a voz autoritária de Newcomb se fez ouvir.

— Não se mova, LeBeau. Eu vi tudo e o prendo pelo assassinato de Abner Slade.

— Não! — gritou Norah ajoelhando-se ao lado de Maria para tentar estancar o sangue que lhe corria do ombro. — Abner deu um tiro nela e ia me matar. Só fui salva...

— Por que ele faria uma loucura dessas? Já disse que presenciei toda a cena. LeBeau! Jogue seu rifle ao chão, vou levá-lo para o forte, onde você aguardará o julgamento.

— Deixe de bobagens, tenente! — Norah estava começando a se desesperar. — O sargento LeBeau salvou minha vida!

— Não gaste seu fôlego à toa, Norah — murmurou "Raio", percebendo que Newcomb jamais acreditaria nela. — Se for a sua palavra contra a de Newcomb, já sabe em quem irão confiar.

Norah já sabia que ninguém aceitaria sua versão dos fatos, mesmo sendo a verdadeira. Seu marido fora morto e pelo homem com quem desconfiavam que ela tivesse vivido por mais de um ano. Se Newcomb contasse uma história diferente da sua, essas suspeitas só iriam aumentar e pensariam que ela estava protegendo o assassino, dando-lhes a certeza de que realmente tinham sido amantes.

— Slade não tinha motivos para matar a esposa e muito menos uma jovem do convento, portanto, entregue-se, LeBeau.

— Sinto muito, tenente, mas não vou a parte alguma em sua companhia.

Ele já não esperava que Newcomb aceitasse a verdade, mas também não pretendia ir como um cordeirinho para as mãos do carrasco. Podia atirar no tenente e fugir, porém o rapaz estava apenas cumprindo seu dever. Só

lhe restava esperar por um segundo de desatenção...

Norah também aguardava uma oportunidade de distrair a atenção do oficial e, quando Newcomb deu o primeiro passo em direção a "Raio Prateado", ela colocou um galho seco que encontrara a seu lado bem no meio do caminho, rezando para que seu plano desse certo.

Desequilibrando-se, o tenente bateu o ombro contra uma árvore e seu revólver disparou. O som do tiro fez o coração de Norah dar um salto e não teve coragem de erguer a cabeça, com medo de ter provocado a tragédia mais dolorosa.

Enfim, decidiu enfrentar o choque da descoberta e não viu nada a não ser as árvores. Apenas um ligeiro tremular de folhas mostrava que tudo não tinha sido um produto de sua imaginação. "Raio Prateado" estivera realmente ali, mas se dissipara como uma nuvem soprada pelo vento.

CAPÍTULO XXIV

O som de madeira sendo serrada acompanhava os passos inquietos de Norah, de um lado para o outro no pequeno quarto, como uma melodia sinistra. No pátio dourado pelo sol da tarde, alguns homens montavam o caixão de Abner, lembrando-lhe a morte inevitável do marido.

A cela nua e espartana de uma das freiras com a cama branca e singela, o crucifixo à cabeceira e a simplicidade da mesa de trabalho trazia-lhe de volta a lembrança de seu quarto virginal no Instituto Emerson. As risadas que vinham de algum corredor do convento pareciam as mesmas ouvidas quando terminavam uma enfadonha aula de Latim e a alegria juvenil borbulhava livre de tarefas e obrigações. Mas tudo isso pertencia a uma outra vida, a um outro mundo...

Ali não havia bétulas, vendedores de sorvete ou castanhas assadas, nem crianças com balcões coloridos além das grades da escola. Fora dos muros da missão só existia um enorme vazio, quilômetros de amplidão sem limites, um calor destrutivo e milhares de formas de vida estranhas que deslizavam, saltando e desapareciam entre as pedras... E em algum lugar no meio dessa desolação, "Raio Prateado" fugia para salvar a vida.

Um ódio primitivo e selvagem contra o deserto, montanhas e planícies daquele território esquecido por Deus, mas lembrado pelo Diabo, tomou conta do coração de Norah. Aquela terra só lhe causara sofrimento e dor, só lhe ofertara violência e tragédias. Ah! Estar outra vez em Boston, longe deste lugar amaldiçoado...

Então Norah se lembrou de dias dourados e noites encantadas, e não pôde mais acreditar em uma aversão tão profunda pelo Arizona. Seu

desespero se originava da falta de esperança e ela sofria porque estava viva. Em Boston, seus dias passavam serenos, mas eram apenas uma cópia descorada da realidade. "Raio Prateado" a despertara de um sono sem sonhos e lhe oferecera a vida com todas as suas nuances: dor, alegria, privação e... amor! Norah se arrependia de muitas coisas, mas jamais deixaria de sentir-se agradecida a ele por um presente tão sublime.

Um sino distante e o rumor de passos indicaram que alguém entrara no longo e estreito corredor do claustro. Quando Norah abriu a porta sem esperar pelas batidas, viu Cora Boyle vindo em sua direção.

— Oh, Deus! Que bom tê-la aqui, Cora!

— Calma, querida — murmurou ela, abraçando a jovem que tremia como se estivesse com febre. — Você precisa de um copo de vinho e um caldo quente. Vim assim que soube do acidente. Abigail mandou-lhe um abraço e... um vestido preto. Ela o usava quando estava mais gorda e deverá servir como uma luva em você.

— Estou muito mais tranqüila agora que você chegou, Cora. Sua presença eficiente e de bom senso é um alívio quando tudo à minha volta parece loucura.

— Só vou lhe dizer uma vez, pois não costumo falar mal dos mortos mas... dê graças a Deus por estar livre de um marido violento como Abner, embora ele pudesse ter ido ao encontro do Criador de modo menos brutal. Pelo menos, recuperou sua liberdade.

— Sinto-me tão mal! Passei a tarde toda recebendo condolências quando não há pesar em meu coração, apenas alívio. Minha hipocrisia será ainda maior se eu me vestir de preto como uma viúva desconsolada. Não posso usar luto, Cora, não posso!

— Ora, querida. Você não vai ser a primeira viúva no mundo a ter olhos secos e coração leve. Eu já vi uma infinidade e ainda espero encontrar muitas mais. Sabe qual é o único detalhe importante? — Cora continuava a espalhar sensatez. — É preciso manter as aparências, elas governam o mundo, minha cara. As pessoas são completamente indiferentes ao padecimento alheio, não ligam a mínima se você está sofrendo ou não, desde que não as ofenda, desprezando aquelas regras rígidas da etiqueta social.

— Você tem razão como sempre, Cora. Eu não suportaria causar mais problemas para Abigail e Charles num momento tão difícil para os dois.

— Não estava pensando neles, Norah. A grande preocupação é com você e seu filho. — Cora parou por um instante, comovida. — É pelo sargento LeBeau. Sempre tive uma predileção por ele e é para ajudá-lo que deve insistir na sua versão dos fatos. No entanto, só acreditarão em suas palavras se não der motivo algum para terem dúvidas. Só você pode salvá-lo do enforcamento, Norah.

— Eu não menti para ajudá-lo. Tudo aconteceu exatamente como contei. Abner deu um tiro em Maria e me mataria se "Raio"... se LeBeau não tivesse atirado antes para me salvar. O tenente Newcomb nem estava perto quando... — Ela se interrompeu, chorando pela primeira vez desde a morte de Abner.

Cora Boyle, ao perceber que Norah não estava consciente da necessidade de se mostrar equilibrada e racional para esclarecer a verdade, resolveu contar-lhe tudo.

— Partiram atrás dele, Norah. O capitão Gartner e uma divisão de soldados estão procurando LeBeau para trazê-lo de volta a fim de ser julgado. Então será a sua palavra contra a de Newcomb! Se a garota da missão vier a confirmar a sua versão, LeBeau tem chances de ser absolvido. Caso contrário, o enforcarão...

— Maria vai contar a mesma história!

— Comece a rezar para que ela não morra, filha. E, agora, vista-se. Trouxe um véu preto para colocar no seu chapéu, assim não ofenderá a sensibilidade de ninguém. Vou buscar uma agulha para costurá-lo.

Sozinha, Norah recomeçou a andar pelo quarto, voltando a prestar atenção nos ruídos do pátio. O caixão de Abner já devia estar pronto.

Lembranças do dia de seu casamento lhe trouxeram lágrimas aos olhos. Como tinha se sentido desesperada naquele dia, dividida entre sua obrigação com Abner e os sentimentos nascentes por LeBeau! Tivera tantas esperanças de formar uma família feliz, um lar harmonioso onde, se não chegasse o amor, haveria respeito!

Depois de tê-lo odiado com tanta intensidade, podia ser generosa agora que já não mais estava presa a Abner. Precisava tirar toda a mágoa de seu coração e rezar pela alma daquele homem torturado pela inveja, pela ambição e por uma necessidade vital de ser poderoso.

"Santa Maria..-, perdoe minhas fraquezas, que são tantas, e dê-me forças para superá-las. Peço-lhe que, como mulher e mãe, me compreenda e me guie, porque me sinto sem rumo e tão sozinha. Vele pela saúde de meu filho por nascer, para que sua vida não seja difícil demais e... por favor... acompanhe os passos do meu amor, mantendo-o longe de todos os perigos até que eu possa esclarecer a verdade..."

De joelhos, Norah sentiu uma paz infinita descer sobre ela.

Quando Gartner viu que o tenente Newcomb e seus homens se aproximavam dele, não pôde controlar uma expressão de irritação. Tinha-os enviado deliberadamente para uma outra direção, mas seu estratagema não dera certo. Por algum motivo, não queria Newcomb ao seu lado quando encontrasse LeBeau e seus instintos nunca o haviam enganado.

— Nenhum sinal dele a leste, capitão.

— Então continuaremos para o norte — ordenou Gartner, esporeando seu cavalo com uma violência incomum. Em seu coração, dever e amizade travavam uma batalha mortal.

Já havia saído do forte bastante preocupado, pois detestava afastar-se de Abigail até mesmo por um dia, e, embora o dr. Swansea insistisse que ela estava reagindo excepcionalmente bem, o habitual terror de não mais vê-la com vida o atormentava. Entretanto, sabia que precisava ir ao encontro do amigo. Só esperava encontrá-lo antes da noite e LeBeau, mais rápido, se afastaria demais e não haveria condições de segui-lo. Sua urgência não era porque o considerasse culpado, mas, se LeBeau não fosse trazido para enfrentar um tribunal, colocariam um preço por sua cabeça. Seria terrível ouvir a notícia de que algum pistoleiro profissional de bolsos vazios e pontaria certa o matara numa emboscada traiçoeira. Se ao menos aquela garota mexicana voltasse a falar!

— Capitão! Agora o pegamos! — gritou Newcomb, à margem de um riacho seco. — Há marcas de pata de um cavalo sem ferradura atravessando o leito do rio.

— Então siga essa pista, tenente.

Gartner conhecia bem a astúcia de LeBeau em despistar seus perseguidores. Se havia algum sinal à vista de olhos tão destreinados quanto os de Newcomb, com toda a certeza ele seguira na direção oposta. Mas pelo menos ficaria livre para procurar o amigo em um dos lugares que julgava mais provável encontrá-lo.

A alguns quilômetros ficava El Gigante, um labirinto de rochas desgastadas pelo vento que pareciam ruínas de uma cidade antiga. Entre as muralhas de pedra maciça, podia se esconder um exército inteiro e ali seria impossível caçar LeBeau se ele não se entregasse por vontade própria. Blocos de pedra maciça tinham recebido sol, vento e água por séculos, formando, através da erosão, corredores estreitos, galerias escuras e pátios cheios de sol. Como chegar até ele?

O cavalo de LeBeau foi achado morto na ravina mais próxima de El Gigante e o rastreador índio se ajoelhou ao lado do animal para descobrir algum sinal.

— Ele está ferido em uma das pernas. Não vai mais andar tão depressa.

— Tem certeza, Chollo? — perguntou Gartner, desconfiado. — Parece fácil demais, pode ser uma armadilha.

— Não acredito. Um homem ferido precisa de todas as suas forças e não irá desperdiçá-las, escondendo as pistas.

— LeBeau o faria! — Olhando a barreira de pedra que se erguia à sua frente, Gartner hesitou. — Ele não deve ter se arriscado a subir esse paredão. Quem sabe voltou?

— Não acredito, capitão. Ele subiu e... Madre de Deus! Que esforço para um homem ferido!

Os dois tentaram divisar entre as camadas de pedra superpostas um brilho ou uma cor no ressalto de rocha bem ao alto, o único lugar onde LeBeau poderia se abrigar. Gartner sentiu uma pontada de piedade ao pensar no amigo, encurralado como um urso ferido, numa caverna sem saída.

— Quer que eu suba, capitão?

— Não, irei eu mesmo. — Ele colocou as mãos em concha diante da boca e gritou: — LeBeau? Sei que está aí e vou subir... desarmado, ouviu?

Mas Gartner não imaginara a dificuldade espantosa de escalar aquele paredão. A cada metro precisava parar e escolher com cuidado em que saliência colocar o pé ou cairia como uma pedra. Gartner era um homem ágil e com experiência em situações difíceis, mas o rosto de Abigail surgia diante dele a todo instante. Como podia ser tão tolo a ponto de arriscar a vida apenas para mostrar a si mesmo que estava certo?

Quase no ponto mais alto, havia uma faixa de pedra um pouco mais larga do que as outras aonde Gartner parou um instante para recuperar o fôlego. Um estalido seco sobre sua cabeça o fez olhar para cima e encontrar o cano de uma pistola apontada em sua direção.

— Não acreditei que fosse conseguir, Gartner — zombou LeBeau, sentado na pedra mais alta do paredão.

— Nem eu. Mas, já que estou aqui, me diga como se feriu. Há sangue em sua perna...

— Sobreviverei, Gartner!

— Não sem tratamento. Vim buscá-lo, LeBeau. Você terá um julgamento justo, prometo.

— Não haverá justiça se for minha palavra contra a de Newcomb. Sei muito bem como funciona o Exército.

— Também sabe como eu funciono, não? Se lhe prometer que estará seguro...

Uma águia majestosa e solitária voava em círculos sobre o rochedo e os tons do crepúsculo a tingiam de vermelho. Os dois se entreolhavam em silêncio, à espera de uma solução honrosa.

— Se eu voltar, irei como um homem livre, Gartner?

— Fez alguns inimigos enquanto estive no forte, LeBeau. Além disso, Newcomb afirma que o viu matar Abner a sangue-frio. Se alguém imaginar que você fez algum movimento suspeito, pode achar que está tentando fugir e dar-lhe um tiro. Volte como meu prisioneiro, pois só assim posso garantir a sua segurança. Aceite, é a sua única chance.

— Fala com muita autoridade para um homem que está sob a mira de um revólver, não acha?

— Conheço-o muito bem, LeBeau. Não seria capaz de me matar a sangue-frio.

Estendendo a pistola para Gartner, "Raio Prateado" o fitou. Havia marcas de sofrimento em seu rosto altivo.

— Termine com tudo agora, Gartner.

— Eu também não poderia matá-lo, LeBeau. Deixe de tolices! Vou esperá-lo lá embaixo. Quando perceber que não há outra saída, é só me chamar.

Gartner iniciou a descida penosa e arriscada, certo de que conseguira mostrar seu ponto de vista a LeBeau e que em pouco tempo uma tragédia seria evitada. Já estava próximo ao chão quando ouviu o galope de vários cavalos se aproximando. Apressou-se mais, chegando ao chão no mesmo instante em que Newcomb parava sua montaria.

— Ele está lá em cima e ferido, capitão! — Newcomb gaguejava de tanto ódio. — Aquele miserável poderá matar a todos que tentarem subir.

— Capitan, olhe!

No alto do desfiladeiro, uma figura alta se recortava contra o céu rubro; ao vê-lo, Newcomb carregou o rifle, apontando-o para cima.

— Não atire! — gritou Gartner, mas sua voz foi abafada pelo estrondo de muitos tiros e do eco que ressoava entre as pedras. Enfurecido, ele bateu no braço de Newcomb, derrubando o rifle no chão.

O homem ainda estava lá e, ao redor de sua silhueta negra, havia um halo dourado como se o sol que morria tivesse descido sobre ele, envolvendo-o em seus raios brilhantes. E, enquanto todos olhavam, quase sem respirar, a figura se moveu lentamente, inclinando-se aos poucos em direção ao precipício.

Como a águia majestosa e solitária, o corpo flutuou no espaço por alguns segundos antes de mergulhar na escuridão dos canyons, que o esperavam de braços abertos em seu último vôo.

CAPÍTULO XXV

Nunca antes Cora Boyle havia se sentido tão sem ação ou incapaz de enfrentar a situação com energia como era seu costume. Dar aquela notícia desagradável a Norah a deixava embaraçada e extremamente penalizada. Ela também sentia muito aquela perda.

— Não! Oh, não! "Raio Prateado" está morto? — Norah se virou tão subitamente para encarar o capitão Gartner que quase perdeu o equilíbrio. — Eu perceberia, sentiria em meus ossos a sua morte. Não é verdade... onde está o corpo, então?

— Nós tentamos encontrá-lo, Norah. — Gartner soltou um suspiro de desânimo. — Você sabe como a região dos canyons é difícil de ser explorada; são labirintos de rocha cuja área mais de cem homens poderiam vasculhar por meses e não achar absolutamente nada!

— Mas ele não está morto! Não!

— Por favor, querida — murmurou Cora, preocupada com as reações de Norah, a cada segundo mais descontrolada. — Tome um gole de conhaque para acalmar-se e sobretudo pense no bebê. Sua agitação só poderá lhe fazer mal.

— Não quero tomar nada! — gritou Norah e, sem perceber o que fazia, empurrou para longe o cálice oferecido por Cora fugindo para o refúgio de seu quarto.

Precisava ficar sozinha, longe da piedade de todos e da visão agonizante que aquela notícia lhe trazia à mente: alto e esguio no alto de uma rocha escarpada do canyon, "Raio Prateado" se fundia com a paisagem primitiva e seu corpo se projetava no espaço, flutuando como um anjo caindo do firmamento... E depois, os abutres, os coiotes, os pequenos animais malignos surgiram furtivamente das fendas escuras das rochas e iniciavam mais um ciclo da natureza: a destruição!

Apertando a cabeça latejante com as mãos, Norah tentou bloquear tantas imagens terríveis, incapaz de aceitar a verdade. Se aquele homem a quem amava mais do que a própria vida tinha deixado de existir, ela sentiria seu coração parar de bater por alguns segundos e o sangue se congelar em suas veias, avisando-a de que um elo vital havia sido cruelmente cortado.

Os dias passavam e o estado de espírito de Norah se alterava continuamente, indo da mais absoluta certeza de que "Raio" estava vivo a um desespero profundo e arrasador. Acordada ou sonhando, ela não conseguia acreditar que tanta força e beleza pudessem desaparecer do universo sem deixar um único, traço. E então sentia a criança em seu corpo, a lembrança viva de "Raio Prateado".

Aquela presença bem próxima de seu coração tornou-se o centro de sua existência. Ela passou a planejar o futuro: voltaria para a fazenda tão logo Abigail ficasse mais forte, aprenderia a administrá-la e entregaria uma propriedade rica nas mãos de seu filho. O destino, em seus caminhos inexplicáveis, fizera justiça. A ambição de Abner forneceria os meios de tornar confortável e segura a vida do filho de "Raio".

Após o funeral do marido, Norah dividia seus cuidados entre Abigail e Maria, a jovem refugiada na missão. Embora a garota já estivesse perfeitamente curada do tiro que recebera, ainda não pronunciava uma só palavra e agarrava-se a Norah em lágrimas, quando a via pronta para deixar Santa Madalena e voltar ao forte.

— Virei vê-la amanhã outra vez, Maria. Fique tranqüila e lembre-se sempre do meu pedido. Você precisa dizer a todos o que viu... precisa limpar o nome de LeBeau. Ele não é um assassino!

Após uma de suas costumeiras visitas matinais à missão, Norah bordava uma delicada peça para o enxoval do bebê, sentindo-se extremamente otimista. Estava em uma das fases felizes em que sua certeza da volta de "Raio Prateado" para buscá-la a tornava cheia de esperanças no futuro. Ele precisava conhecer o filho!

— Sra... Slade? — O ordenança parado à porta hesitava em perturbá-la. — Alguém quer falar-lhe e...

— Mande-o entrar, soldado Perkins.

— Bem... é um homem e não creio que seja do tipo costumeiro de visita à qual a senhora está acostumada.

Intrigada, Norah se levantou para ir até a varanda receber o visitante quando uma expectativa feliz encheu seu coração. Provavelmente era "Cavalo Veloz" vindo dar-lhe notícias do nascimento de seu filho!

Mas, à sombra do telhado da varanda, não se encontrava a figura sólida do jovem índio e sim um desconhecido com roupas de vaqueiro e um chapéu cuja aba quase lhe escondia o rosto. Quando o homem removeu o chapéu, Norah viu a pele cor de chocolate e compreendeu o motivo da hesitação do soldado! Era o primeiro negro que ela via desde quando deixara Boston.

— Boa tarde, senhor. Sou Norah Slade.

— Prazer em conhecê-la, madame. Meu nome é Levi Hale e fui contratado, embora temporariamente, por seu marido, pouco antes dele morrer. Meus pêsames...

— Obrigada, sr. Hale. Espero que não tenha feito uma longa jornada da fazenda até aqui apenas para me ver.

— Na verdade, foi esse o motivo. O capataz e a maioria dos peões partiram ao saberem da morte do sr. Slade e a situação está se tornando crítica. Apenas eu e alguns rapazes temos que tomar conta de tudo, e, como procuro um emprego fixo, pensei em vê-la para conversarmos sobre o assunto.

Norah notou as roupas velhas, mas limpas e bem cuidadas, as calças descoradas que eram parte do uniforme de um batalhão do Exército composto apenas de negros, os arreios polidos do cavalo e, sentindo que podia confiar naquele homem de olhar sereno, convidou-o para entrar a fim de discutirem.

— Bem, madame... Eu preferiria ficar aqui na varanda mesmo.

— Como quiser, sr. Hale — concordou ela, para não ofendê-lo. — Como mencionou, estou mesmo precisando de um bom capataz e pagarei um excelente salário. A pessoa que tenho em mente precisa, conhecer bem

tanto homens quanto cavalos, além de saber dar e receber ordens. Conhece alguém com essas qualidades?

— Servi muitos anos na Cavalaria do Exército, madame, e já trabalhei como capataz no Texas... talvez eu possa ser essa pessoa.

— Foi o que eu imaginei, sr. Hale. Só vejo um único obstáculo: o orgulho masculino que reage em acatar as ordens vindas de uma mulher.

— Trabalhei para seu marido por três semanas e, pouco antes de sua morte eu já estava procurando outro lugar. As ordens vinham de um homem...

— Por que decidiu sair de lá?

— Vi algumas coisas das quais não gostei e outras de que apenas suspeitei. Um homem não pode trabalhar para um patrão a quem não, respeita.

— Então por que veio falar comigo? Se o senhor sabe de fatos reprováveis sobre meu marido, como saber se eu não tinha cumplicidade neles?

— O capitão Gartner foi meu superior na cavalaria e aprendi a respeitá-lo. Se a senhora é considerada por ele como uma amiga, só poderia ser muito diferente de seu marido.

— Ótimo! Eu... ainda há uma dificuldade. — Norah estava pouco a vontade e tensa.

— Compreendo, madame. Se a minha cor causar problemas, eu pedirei demissão.

— Oh! Não é isso! A minha ignorância completa a respeito de fazendas de gado é o grande obstáculo, mas, com sua ajuda, tudo se resolverá.

Depois de longas semanas em que o sono não vinha e ela passava as horas pensando em seu amor perdido, Norah se deitou mais tranqüila naquela noite, segura o bastante para fazer planos e tomar nas próprias mãos as rédeas de sua vida. Confiava em Levi Hale e, tão logo Abigail estivesse mais forte, voltaria para a fazenda. Desta vez, iria aprender todos os detalhes de como dirigi-la e se ocuparia tanto que não teria muito tempo para sofrer. E esse dia estava próximo! Abigail tinha melhorado tanto no último mês que todos, até o dr. Swansea, estavam quase certos de que a terrível doença tinha sido vencida.

Um pouco antes da madrugada chegar, Norah acordou sobressaltada e completamente alerta. Algo estava errado e os murmúrios urgentes vindos de longe confirmavam sua premonição. Vestindo o roupão, ela abriu a porta e percebeu que as vozes vinham do quarto de Abigail. Imediatamente tensa, ela correu pelo corredor atapetado, mas parou diante da porta ao ver luzes acesas.

— Meu Deus! O que aconteceu?

Sem ouvir resposta, Norah entrou e sentiu o coração se apertar. Abigail, pálida e silenciosa, recostava-se nos travesseiros enquanto Gartner e Cora retiravam os lençóis tingidos de sangue. O dr. Swansea estava próximo à janela, com uma expressão de desalento e ao mesmo tempo de raiva.

— Norah? Eu ouvi sua voz — Abigail murmurou muito baixo, mas um novo acesso de tosse a interrompeu..

Norah se ajoelhou ao lado da cama e tomou a mão quase transparente de Abigail entre as suas. Um frio intenso a envolveu: depois da melhora visível e que dera esperanças a todos, não era possível acreditar que aquela mulher fosse morrer. Era tão jovem!

— Não fale, querida, não se canse. Tudo vai dar certo. O dr. Swansea é um ótimo médico.

— Não... — Um novo espasmo a impediu de continuar, e os olhos pareciam ainda maiores e surpresos diante da violência do acesso de tosse. — Estou morrendo e já não sinto medo... não por mim. Só me desespero ao pensar em Charles, sozinho. Tome conta dele por mim, Norah... Você e ele...

A tosse, a cada segundo mais violenta, sacudia o corpo muito frágil de Abigail e em seus lábios uma gota de sangue lembrou a presença tão próxima daquela flor rubra e maligna que logo a arrastaria para o outro mundo. Norah segurou a mão magra com mais força como se quisesse trazer a amiga para um lugar mais seguro apenas através de sua força de vontade.

— Descanse, Abigail, mais tarde você...

— Prometa, Norah! Pelo amor de Deus. Prometa!

O olhar de Cora Boyle enviava a Norah uma mensagem enérgica, insistindo para que tranqüilizasse Abigail, deixando-a morrer mais tranqüila.

— Sim, Abigail, eu... eu tomarei conta de Charles.

— Obrigada, querida. — Ela procurou o marido com os olhos muito brilhantes e um sorriso transfigurou suas feições ao vê-lo. — Charles, fique mais perto de mim...

Abigail ergueu as mãos para tocar o rosto de Charles e escondeu o rosto na camisa de flanela, fraca demais para levantar-se. Mas, subitamente, soltou-se e, sentando-se na cama sem necessidade de apoio, olhou para a frente com uma expressão de felicidade e adoração.

— Oh, Charles. Ele está aqui... tão parecido com você. Eu sabia...

A mão se levantou como se tentasse alcançar alguém e então, com um suspiro suave, Abigail fechou os olhos.

Charles abraçou a esposa, ninando-a como se fosse uma criança ferida, e seu olhar se fixou num ponto indefinido, espelhando uma dor infinita. Norah porém permanecia ajoelhada ainda, sem perceber que Abigail já não estava mais entre eles, e foi preciso que Cora a abraçasse para ajudá-la a

levantar.

— Tudo terminou, Norah.

— Não! Não é possível... dr. Swansea? — Ela procurou o médico, mas foi vencida por seu olhar de derrota, pois mais uma vez a morte tinha lhe arrebatado um paciente.

Norah fugiu do quarto de Abigail, sufocada pelas lágrimas e revoltada contra um destino cruel que, em menos de dez dias, lhe roubara as duas pessoas a quem ela mais amava no mundo. Parada no corredor, viu o médico sair do quarto seguido por Cora, que fechou a porta atrás de si. Deixando Charles Gartner despedir-se da mulher que havia amado com tanta paixão e ternura.

Os três se fitaram em silêncio, pois já não havia mais nada a dizer. O silêncio completo da casa parecia ser um tributo à jovem meiga que transformara uma mera construção de pedras e cal num lar feliz e cheio de alegria. Apenas o relógio soava, indiferente à dor, uma testemunha de que o tempo não pára de correr e a vida continua, apesar das tragédias.

Quando Norah chegou à porta de seu quarto, ouviu ao longe o som angustiante dos soluços de um homem que até aquele momento sempre controla a sua dor. Agora ele não mais podia abafar o sofrimento e o desespero por não ter forças nem poder de impedir que lhe roubassem um bem mais valioso do que sua própria vida.

CAPÍTULO XXVI

A chuva caiu por três longos dias, enchendo de vida das planícies que logo se cobriram de capim verde e macio. Os arroios, secos depois do verão inclemente, tornavam a juntar seu murmúrio alegre aos sons da natureza em pleno renascer.

Na fazenda, tudo se agitava novamente e Levi, vigilante em cada extremo daquela extensa propriedade, via com orgulho os frutos de seu trabalho. Estava profundamente feliz por ter conseguido organizar o terrível caos que se seguira a morte de Abner e sua única preocupação era com Norah.

O adiantado estado de sua gravidez já não permitia que ela andasse a cavalo, privando-a de que uma distração que lhe dava o prazer de sentir a plena liberdade das planícies. Agora ela usava a charrete e percorria o sítio de ponta a ponta, parando freqüentemente em locais distantes, onde ficava por longo tempo absorvida na paisagem agreste.

Levi a via muitas vezes como se fosse uma índia, imóvel em seu cavalo e fitando o horizonte por horas, e se perguntava em que aquela mulher estaria

pensando.

Nunca poderia imaginar que Norah estivesse se lembrando dos dias de um passado angustiante, quando vivia naqueles mesmos campos como uma prisioneira.

Norah agradecia a Deus por ter tido a oportunidade de transformar aquela casa sinistra num ambiente colorido e alegre à espera do nascimento do filho. Ansiava pelo dia em que o teria a seu lado, enquanto cavalgava pela planície, talvez, pois o fruto de seu amor a distraísse, evitando que parasse para vasculhar o horizonte em busca do cavaleiro esguio num garanhão cor de cobre.

Levi se preocupava com ela e, naquela tarde passou a ter mais uma inquietação. Maria, a jovem da missão, viera morar na fazenda, e ele já notara o interesse dos peões jovens, principalmente Dewar, na atraente criatura que ainda vivia presa num pesadelo, sem falar.

Com medo de tudo e de todos, Maria apenas se arriscava a chegar perto de Levi Hale. Uma boneca rústica, um pássaro ou um coelho eram o motivo dessa aproximação tímida e curiosa. Levi sempre fingia não ver sua aproximação para não assustá-la, mas, depois de perceber-lhe o interesse, oferecia-lhe as peças talhadas na madeira. Sentia uma emoção inexplicável ao ver o rostinho moreno perder o ar de tristeza e se abrir num sorriso de alegria pura e sem dissimulações.

— O que deu a Maria hoje, Levi? Estava tão feliz quando passou por mim indo para casa!

— Só uma outra boneca de madeira.

— Às vezes penso que ela jamais teve um brinquedo em toda a sua vida.

— Acho que não teve e nem mesmo houve lugar para uma infância feliz.

O pai de Maria merecia ser punido por ter-lhe causado tanto mal.

— Você sabia da vida de Maria antes de sua entrada no convento?

— É fácil juntar os fatos e adivinhar o restante. A vida dessa garota foi muito dura, e tudo por culpa de um pai renegado que a deu por dinheiro a um bando de desordeiros. Como ela foi parar no bordel de Cândida eu não sei, porém imagino como deve ter sido difícil ficar presa naquela casa.

A tristeza no rosto de Levi era tão grande que, num impulso, Norah tocou-lhe a mão.

— Você é tão bom para Maria, Levi! Devia ter seus próprios filhos, pois seria um pai amoroso e compreensivo. — Percebendo o quanto fora indiscreta, Norah desculpou-se: — Não tenho o menor direito de intrometer em sua vida. Eu...

— Não se preocupe, madame. — Levi baixou os olhos para esconder a melancolia de seu olhar. — Eu tive três filhos e uma esposa perfeita... agora não me resta mais nada.

— Oh, Levi! Desculpe-me ter tocado num assunto que traz tanto sofrimento para você. Eles morreram na epidemia de cólera?

— Pode-se dizer que foi uma epidemia, mas não de cólera. Uma doença maligna da alma... um ódio profundo de algumas pessoas que não suportam ver uma mulher branca casada com um homem como eu. Essas criaturas encontram uma maneira muito eficaz de nos dizer que não aprovavam nosso casamento: queimaram minha casa com Matilda e as crianças dentro.

Norah não sabia nem o que dizer diante de uma tragédia tão terrível. Além disso, sentia-se envergonhada por ter cedido à autopiedade, julgando-se a única sofredora do mundo.

— Não pense que ainda vivo torturado, madame. Agora consigo viver apenas com a lembrança deles e quase não sinto ódio.

Levi se afastou, envolvido pelas lembranças do passado, deixando Norah no pátio fronteiro à casa. Pensativa, ela imaginava que a afeição daquele homem por Maria provavelmente nascera porque a jovem parecia com uma de suas filhas.

Só mais tarde, ao deitar-se, Norah percebeu por que se comovera tanto com a dor de Levi. Ambos haviam sofrido, mas esse não era o único ponto em comum: os dois partilhavam a dificuldade de ter filhos pertencentes a duas raças. E, pela primeira vez desde que ficara grávida, pensou nos perigos à espera de seu filho.

Perturbada e incapaz de conciliar o sono, Norah se levantou da cama e, pisando nas lajotas frias do chão, apoiou os cotovelos na janela aberta. Na noite muito escura e sem lua, as estrelas pareciam maiores, de brilho mais intenso e ela ficou um longo tempo admirando a amplidão das planícies, ouvindo os murmúrios de vida se espalhando pelo ar.

Só quando o frio da madrugada tornou insuportável aquela contemplação, Norah voltou para a cama, tentando convencer-se de que aquela vigília fora apenas para olhar as estrelas. Mas, bem no fundo de seu coração, ela esperara ver a figura alta e familiar de "Raio" sobre o cavalo.

Na tarde seguinte, quando Maria entrou no escritório, Norah estava com os pés sobre a escrivaninha para aliviar o inchaço nos pés, que as longas horas da noite anterior haviam provocado.

— O que foi, Maria?

A jovem gesticulava e tentava se exprimir, mas seu estado de excitação a impedia de se tornar compreensível.

— Oh! Como eu gostaria que você começasse logo a falar e acabasse com essas charadas!

Maria ficou pálida ao ouvir essas palavras ríspidas. Ao perceber o estado da jovem, Norah a abraçou com carinho.

— Desculpe-me querida. Hoje eu estou me sentindo pesada demais,

irritada e com sono. Mas sente-se ao meu lado e tentarei adivinhar o que quer.

Depois de algum tempo, Norah percebeu que a moça fazia os sinais habituais para indicar a Missão de Santa Madalena.

— Você quer visitar as freiras na missão? Sim? — Ela viu o rosto de Maria se transformar e os cabelos negros se agitarem com os movimentos afirmativos da cabeça. — E por quê? Deve ser por um motivo importante, pois sabe que eu não posso viajar até lá. É longe demais!

A figura de Levi Hale à porta do escritório bloqueou a entrada do sol, mas Norah viu as mãos que amassavam o chapéu e o olhar triste e, ao mesmo tempo, contrafeito.

— A culpa é minha, sra. Slade.

— Sua? Mas... o que você pode ter feito para provocar esse desejo em Maria?

— Eu... bem... perguntei se ela queria se casar comigo. Sei que Maria é jovem, mas teve uma vida sofrida, com experiências que alguém da idade dela nem sequer imagina. Eu a amo e seria um marido carinhoso, ajudando-a a superar todas as tristezas. No entanto, não pensei na diferença de idade e ela por certo lembrou-se desse fato. É... dizem que não há tolo maior do que um homem apaixonado.

Norah ficou surpresa demais para poder falar. Viu Levi aproximar-se de Maria, que recuou, mas sem demonstrar nenhum receio no rosto aberto onde sempre se podiam ler todas as emoções.

— Não precisa fugir daqui por minha causa, Maria. Minha intenção não foi assustá-la e prometo que não tocarei mais nesse assunto. Só espero continuar seu amigo e lhe dar meus brinquedinhos de madeira de vez em quando.

Quando Levi saiu precipitadamente do escritório, as duas ficaram em silêncio até ouvir os passos dele atravessando o pátio. Então Norah decidiu esclarecer aquele enigma. Maria, porém, não queria sequer levantar a cabeça.

— Por favor, querida, chega de teimosia, está bem? Só quero saber por que ficou tão perturbada assim. Você não tem medo de Levi, certo?

Um aceno afirmativo confirmou as palavras de Norah.

— Sempre achei que você gostava dele... mas não o suficiente para casar, não é? Ele é um bom amigo, porém quer esperar até encontrar o homem certo?

Quando não houve resposta, Norah tentou decifrar o olhar angustiado de Maria e não conseguiu atinar com o motivo de tanta perturbação. Havia um elo que ainda não encontrara.

— Seria porque Levi é de cor, Maria?

A jovem segurou-se ao braço de Norah, negando com veemência todas aquelas suposições. Tentou falar e, no desespero de emitir algum som, seus lábios se abriram e fecharam até que deu um gemido de frustração.

— Não entendo mesmo, Maria.

Norah abraçou a jovem, que chorou por um longo tempo em seus braços. Rezava para que Maria pudesse voltar a falar algum dia e então lhe dissesse por que se aborrecera tanto com o pedido de Levi. O dr. Porter só havia tratado de um caso semelhante ao de Maria e conseguira ajudar o paciente, um garotinho de cinco anos a recuperar a fala. No entanto, ele a prevenira de que havia casos mais sérios e então a mudez se tornaria definitiva.

Depois de alguns minutos de desabafo, Maria se levantou e suas feições já não tinham mais expressão infantil, aberta e feliz, onde se alternavam momentos de timidez ou descontração alegre. Diante de Norah estava o rosto de uma mulher, cujos olhos tristes demonstravam que a maturidade fora conseguida por um caminho penoso e cheio de sofrimento.

Norah não encontrara ainda uma solução para o problema da jovem, porém tinha conseguido compreender aquela modificação súbita. O período em que Maria havia revertido a um estado emocionado infantil, em busca de uma infância que lhe fora negada, tinha terminado com a proposta de Levi. Aquele pedido de casamento destruíra a falsa proteção atrás da qual ela se escondia e a obrigara a encarar a realidade. E, pela expressão de Maria, esse encontro havia sido um choque muito grande.

Com um suspiro de desânimo, Norah admitiu que aquele ambiente tranqüilo dos últimos meses, na companhia de novos amigos, tinha evoluído, como acontece com tudo o que é vivo. E a mudança de alguns fatos iria tornar os próximos meses mais perturbadores e inquietantes!

CAPÍTULO XXVII

O brilho das ametistas tornava mais vivida a lembrança de Abigail naquela jóia delicada que sempre adornara seus vestidos. Tinha sido seu enfeite favorito e Norah ficou emocionada ao recebê-lo das mãos de Charles Gartner.

— Vou senti-la ainda mais perto de mim, Charles. Foi muito gentil por ter vindo até a fazenda trazer este presente. — Norah olhou para o quadro de Abigail que pusera sobre sua lareira. — E guardarei o retrato até você encontrar uma casa.

Os cabelos de Gartner estavam completamente brancos, apesar do rosto jovem e do corpo atlético. Ele havia sido promovido e demonstrava um

certo orgulho, mas não era mais o mesmo homem que Norah conhecera. Em seu olhar, uma tristeza infinita se cristalizara... Era o mesmo olhar melancólico de Levi Hale.

— Obrigado por sua dedicação e amor, Norah. Por favor, tome cuidado consigo mesma e não se esqueça de me escrever quando o bebê nascer.

— Prometo que o avisarei imediatamente. Vai ser difícil lembrar que você já não está mais tão perto, aqui no Forte Greenwood. Fui egoísta, mas desejei tanto que você mudasse de idéia...

— Minha transferência esteve pendente por dois anos e agora tudo se apressou, e não por minha causa. Partirei para o norte dentro de três semanas.

Enquanto vestia as luvas, Gartner observou disfarçadamente a aparência de Norah. Como aquela mulher havia mudado desde que a vira pela primeira vez! Embora as feições continuassem delicadas e sugerissem fragilidade, surgira uma nova força no olhar firme e decidido. A jovem de outrora morria de medo de cavalos, de sombras e provavelmente temia a própria vida. Hoje, a mulher montava com a perícia de um vaqueiro, atirava com pontaria certa e agarrava a vida com ambas as mãos.

Ah! Chegava a causar inveja tanto entusiasmo em esperar pelo dia seguinte. Ele já estava cansado demais e sentia-se muito vazio para ter esperanças no futuro. Se com o tempo conseguira aceitar o fato de que Abigail partira para muito além do alcance de seu amor, ainda não podia suportar a ausência daquele sorriso amoroso. Não fora nada fácil permanecer no forte, preso à rotina costumeira de comando, e ele esperava que essa transferência o tornasse novamente capaz de fazer seu trabalho com a perfeição de sempre. No fundo, porém, Charles Gartner desejava poder afastar-se da vida com a mesma facilidade que um soldado se afastava de seu posto e abandonava o Exército.

— Preciso voltar ao forte, Norah. Deus a abençoe!

— Adeus, Charles... ou eu deveria dizer major Gartner?

— Espero ser sempre Charles para você. E não se esqueça dos dias felizes, mas apague os tristes de sua mente. — Gartner deu um sorriso embarçado antes de um último recado. — O capitão Newcomb disse-me que virá visitá-la para verificar se tudo corre bem aqui na fazenda.

— Pois eu o dispenso dessa tarefa!

— Então é só pô-lo para fora de sua casa, querida! Adeus.

Enquanto se afastava da casa de Norah, Charles voltou a refugiar-se em seus pensamentos. Abigail... Quando o sofrimento já não fosse mais tão arrasador, ele voltaria a olhar para o retrato dentro da pequena medalha que trazia consigo. E então talvez conseguisse relembrar apenas os dias felizes, como pedira a Norah para fazer. Tinha vivido com tanto amor que se

sentia perdido sem um lar e uma esposa... Mas jamais tornaria a se casar! Em seu coração existia uma única mulher, uma alegre criança cujo sorriso iluminara sua vida, e, quando aquela luz se apagara para sempre, ele fechara seu coração para não mais sofrer.

Depois da partida de Charles Gartner, Norah sentiu o mal-estar que a vinha perturbando há horas aumentar de maneira alarmante. Uma inquietação que a impelia a andar pela casa em busca de alguma atividade indefinida levou-a até seu quarto, onde tentou, em vão, repousar por alguns minutos. Parecia sentir-se melhor andando, apesar de movimento constante aumentar o calor excessivo provocado pelos ventos quentes, do deserto.

Cuidadosamente, Norah soltou o coque elaborado que Maria havia feito com tanto esmero e deixou a cabeleira negra cair como um manto negro sobre suas costas. Os cabelos haviam demorado meses para atingir o comprimento normal e agora ela podia, pela primeira vez desde que voltara do deserto, prendê-los em duas tranças grossas. Como pareciam distantes aqueles dias de encantamento e magia, tão irreais quanto, um sonho! Mas a verdade inegável de que suas aventuras não tinham sido apenas fruto de uma imaginação fértil estava ali e em duas semanas viria ao mundo: um bebê de olhos prateados como os do pai.

A dor nas costas, cada vez mais intensa, a fez desejar que a visita do dr. Porter não fosse só no dia seguinte. Se ao menos ele aparecesse de surpresa na fazenda, como se sentiria melhor!

Quando Levi entrou na sala às escuras, Norah se deu conta de que estava andando há horas e já era quase noite!

— Chegou a notícia de que algumas cabeças de gado estão doentes no pasto do vale sul, madame. Stu Parks achou os sintomas parecidos com os da febre do Texas, mas não tem certeza. Eu pensei em ir até lá verificar. Pode ser alguma erva que eles comeram.

— É melhor mesmo você dar uma olhada, Levi. Se for essa maldita febre, será preciso separar os dois para deixá-los de quarentena.

Levi sentia-se dividido entre duas situações em que sua presença poderia ajudar muito. Ele tinha um conhecimento bastante profundo de veterinária, aprendido nos seus anos de Exército, e saberia o que fazer no caso de rebanho ter comido alguma erva venenosa. Por outro lado, relutava em se afastar de Norah, pois sua aparência o assustara no momento em que entrara na sala. Ela estava muito perto do parto!

— Não gosto nem um pouco de deixá-la sozinha, madame. Todos os peões estão no vale sul, Deward e Maria foram à cidade e, se eu também sair, não haverá ninguém por perto da senhora. Minha esposa dizia que ninguém escolhe a hora de dar à luz, é o bebê que decide quando quer nascer. E ela sabia mesmo... Dois de nossos filhos chegaram antes do dia

previsto.

Desde a noite em que falara sobre a tragédia de sua família, Levi nunca mais voltara a tocar nesse assunto. Norah ficou curiosa por saber o que significavam aquelas palavras sem mágoa nem ressentimento. Estaria o namoro entre Levi e Maria tomando um novo rumo? Nenhum dos dois dizia nada a respeito e ela se sentia embaraçada demais para perguntar, pois seria uma intromissão imperdoável.

— Por favor, vá. Estou muito bem e o dr. Porter só espera qualquer modificação em meu estado após a próxima semana. Portanto, é mais importante verificar se há mesmo a ameaça de febre do Texas em nosso rebanho.

— É... Mas eu ficaria bem mais tranqüilo de Deward e Maria já tivessem retornado.

— Eles não devem demorar. Prometo repousar até Maria chegar, está bem? Como a outra opção é acompanhá-la para não ficar sozinha... se você não partir logo, eu o farei!

— Não tenho outra saída a não ser ir embora, não é? Então, por favor... descanse até Maria chegar e peça para Dewar ir ao meu encontro com notícias sobre seu estado, madame.

Tão logo Levi partiu, Norah fez um chá calmante e recomeçou sua interminável caminhada de um cômodo a outro da casa. O sol começava a se pôr quando ela ouviu o som de uma charrete chegando. Seu alívio foi tão intenso que a surpreendeu. Abriu a porta e parou ao ver uma carruagem preta, luxuosa e cheia de enfeites, parada no pátio. Nunca tinha visto nada igual antes, a não ser em Boston, e, como não conhecia o cocheiro, ficou imediatamente alerta. Embora o homem não desse a impressão de ser mal-intencionado, também não lhe parecia alguém confiável. Mas a mulher de hoje não era a mesma do passado; ela praticava sua pontaria diariamente e carregava uma pequena pistola no bolso de seus vestidos!

— Sra. Norah Slade, viúva de Abner Slade? — perguntou o estranho, sem ao menos tirar o chapéu.

— Sim, sou Norah Slade.

Ela colocou a mão no bolso e apontou a pistola em direção ao desconhecido, que lhe estendia um envelope branco.

— Vim para comunicar-lhe que deve deixar esta propriedade sem tocar nas construções, mobiliário, melhoramentos ou equipamentos, que ficarão à disposição para uso do proprietário legal. Caso não esteja vaga a dita propriedade, será iniciado o despejo e qualquer dano às construções ou tentativa de remover o mobiliário, melhoramentos, equipamentos ou animais de criação, resultarão em prisão.

— O senhor enlouqueceu? Esta propriedade é minha e deve haver um

engano...

— Sessenta dias! Está tudo escrito na intimação que lhe entreguei.

Sem olhar para trás, o mensageiro partiu, deixando Norah atônita. Ela tivera a nítida impressão de que o homem estava se divertindo muito com aquela situação absurda, mas não entendia por quê. E, como quem estava errado era ele, não iria mais abrir a porta nem quando ele voltasse para se desculpar.

Entretanto, Norah não teve nem tempo para sentir raiva, pois uma dor violenta a fez dobrar-se em dois. Ofegante, esperou a contração passar e deu mais um passo em direção à sineta instalada na cozinha. Ia tocá-la para chamar Mary, o velho cozinheiro que fazia as refeições para os vaqueiros, quando se lembrou de que ele era surdo e para pedir-lhe ajuda teria que ir até os alojamentos dos peões!

Antes mesmo de poder enxugar o suor frio que cobria sua testa, Norah sentiu uma nova pontada, e desta vez muito mais intensa. Não se assemelhava à dor de quando perdera o bebê na aldeia comanche, mas era tão debilitante e profunda quanto aquela. E ela, sem dúvida, nunca seria uma daquelas mulheres que davam à luz sozinhas e, tão logo tinham o filho, já se levantavam. Tivera, porém, esperanças de levar a gravidez ao seu final feliz e não podia perder o filho de "Raio Prateado"!

Desesperada, Norah procurou a medalha em seu pescoço, um presente da irmã Tomasina, e seus dedos tocaram a turquesa de "Raio". Como se estivesse segurando a mão dele, agarrou-se ao talismã e, ao poucos, ficou mais calma, capaz de raciocinar. Não havia tempo para chamar o velho Many, pois precisava preparar-se para o parto e rezar pela chegada de Maria.

Sobre a cama estava a camisola que a jovem deixara dobrada. Norah aproveitou o intervalo entre as contrações para vestir-se e deitar. Então, como por um milagre, a dor não voltou, e ela, vendo o envelope que recebera há pouco, resolveu lê-lo. Uma surpresa desagradável a esperava: Abner Slade havia feito um testamento anterior ao casamento onde deixava tudo para sua sócia... Cândida Michaels!

Norah só conhecia o nome da dona do bordel de Greewood como também seu perfume adocicado e enjoativo, presente muitas vezes nas roupas de Abner.

— Cândida Michaels? Só por cima do meu cadáver!

Agora, porém, ela não se preocuparia com esse problema, pois toda a sua concentração seria necessária. Seu filho estava querendo nascer antes da hora e como não havia ninguém por perto, era melhor preparar tudo sozinha. Depois de reunir a tesoura, as roupas do bebê e alguns panos macios, Norah se deitou, exausta. Sentiu a primeira contração, perdendo a noção de tudo a não ser a de uma dor envolvente e sem fim.

Nesse instante, Maria chegou. Estava inquieta, pois durante toda a tarde, um pressentimento estranho a perturbava, fazendo-a pensar em Norah a todo o instante. Quando a viu contorcida de dor, lembrou-se de sua mãe e de tudo que aprendera ao acompanhá-la em suas visitas às mulheres da aldeia que iam dar à luz. Mas sua experiência mostrou-lhe logo que não seria capaz de ajudar Norah: o bebê não estava na posição normal e teria que ser trazido ao mundo por um médico!

Desesperada, Maria correu para o pátio. Vendo Levi chegar a cavalo, correu para ele, sem notar a aparência de exaustão do homem e do cavalo, cobertos de poeira.

Levi Hale pensava em quantas reses perderiam até localizar a erva venenosa que já causara tanto dano quando Maria bateu em seu braço.

— É muito tarde, Maria. Vá dormir que eu ainda tenho trabalho a fazer.

Sem o sorriso habitual que tornava seus braços mais suaves, ele tinha um ar severo e distante e, enquanto desarreava o cavalo, não mais olhou para a jovem nervosa que continuava a puxar-lhe o braço.

— Olhe, Maria. Estou cansado e irritado. Acho melhor você ir para casa, uma garota não deve ficar andando sozinha de noite. Amanhã eu faço um enfeite novo para o seu colar.

A promessa não teve o efeito costumeiro e Maria o segurou com mais força. Nesse instante, a lua surgindo por detrás de uma nuvem revelou a expressão de desespero e os olhos úmidos da jovem.

— Meu Deus! O que houve com você?

— D... d... doutor!

— Como? — O sorriso de Levi era de tal felicidade ao vê-la emitir um som que não pensou no significado daquela palavra.

— Doutor... por favor...

— Maria! Você está falando!

A garganta parecia áspera e as palavras custavam a sair, mas, quando a terrível barreira de silêncio, erguida em volta de Maria apresentou a primeira brecha, uma torrente de palavras jorrou-lhe dos lábios. Desconexas e muito rápidas, não faziam o menor sentido, mas ela não conseguia parar, impelida pelo nervoso e pela euforia de estar voltando ao normal.

— Pelo amor de Deus, Maria! Fale devagar!

— A senhora... Madre de Dios! Ela vai ter o bebê neste minuto e há um problema! Precisa de um médico. — Ao ver que Levi se dirigia para a casa onde estava Norah, Maria o segurou pelo braço, impedindo-o de continuar. — Não há tempo, eu ficarei com ela fazendo o que está ao meu alcance, mas vá buscar o doutor!

Levi não disse mais nada. Percebera a firmeza de Maria e sabia que

Norah ficaria em boas mãos até a chegada do dr. Porter. Partiu a galope, esquecendo-se do cansaço e de qualquer outra preocupação a não ser salvar a vida do bebê e de Norah.

CAPÍTULO XXVIII

Bem menos deprimente do que quando Norah o vira ao chegar, o único hotel de Greenwood recebia, pela primeira vez desde sua reforma, os mais altos oficiais do Exército para um novo inquérito sobre a morte de Abner Slade.

Como Norah ainda não poderia suportar a viagem até o Forte Greenwood, todos concordaram em reunir-se na cidade. Até mesmo Charles Gartner estava presente, tendo adiado sua partida por duas semanas, durante as quais visitara a mãe e o bebê diariamente.

Apesar da decoração festiva do hotel e das cadeiras emprestadas de Cândida Michaels, o ambiente era de austeridade e pompa, como costumava ser durante os julgamentos no Exército. O coronel Boyle viera para presidir os trabalhos e precisou vencer o embaraço ao dirigir-se à jovem pálida e com olheiras profundas que tivera um filho há tão pouco tempo.

— Sei o quanto lhe é penoso tocar neste assunto, contudo, peço-lhe para relatar outra vez todos os acontecimentos relacionados à morte do seu marido, Abner Slade.

Para Norah era difícil conciliar aquela figura intimidadora e formal com o simpático e brincalhão marido de Cora Boyle. Logo percebeu que seria ainda mais difícil enfrentar o major Hayward, um homem de olhos frios e expressão desdenhosa; que iria interrogá-la.

— Sra. Slade, se puder nos dar a sua versão...

— Eu retomei meu nome de solteira, sou Norah O'Shea novamente e creio ter-lhe dito isto algumas vezes hoje, major.

— Sim, sim é claro. Agora, por favor, limite-se a relatar os acontecimentos do dia em que LeBeau assassinou seu marido.

A irritação do major era evidente, mas Norah já não se preocupava mais com detalhes sem importância. Depois dessa tarde, toda a verdade seria esclarecida e o final do julgamento seria muito diferente do primeiro, realizado no forte, pois agora Maria podia depor.

A jovem estava tão apavorada ante a idéia de perder a voz outra vez que tremia ao iniciar seu relato. Aos poucos, ela foi se tranquilizando e confirmando, com sua versão dos acontecimentos, tudo o que Norah havia cansado de repetir ao major Hayward há meses.

Evidentemente o major ficou enfurecido, numa atitude pouco digna de

um oficial, e tentou confundir Maria com palavras e atitudes tão agressivas que o coronel Boyle foi forçado a intervir e repreendê-lo. Mas, nem diante do olhar cruel de Hayward, Maria recuou ou mudou uma só palavra de seu depoimento.

E então o major Gartner foi chamado a depor sobre a morte de LeBeau.

— O corpo do sargento não foi encontrado?

— Não, Major.

— Pelo menos foi visto depois que caiu do alto do rochedo? — interveio o coronel Boyle. — Alguém o viu?

Apesar de compreender perfeitamente bem o que o coronel Boyle pretendia ao forçá-lo a responder com uma negação, evitou prolongar um assunto em que apenas alguns tinham o direito de se interessar.

Quando chegou a vez de Newcomb depor, Norah reparou o olhar orgulhoso do homem outrora tão tímido, por ter sido promovido a capitão. Porém mal podia olhá-lo, culpava-o por ter destruído sua felicidade. Ouviu o começo do depoimento.

— Pode me explicar por que atirou depois de ter recebido ordens de não disparar?

— Reflexo condicionado, coronel Boyle — respondeu Newcomb, rubro de vergonha.

— Neste caso, talvez o senhor devesse estar atrás de uma escrivaninha, e não numa posição em que vidas humanas dependem de seus... reflexos!

As palavras finais do coronel Boyle terminaram de restaurar a honra de um homem. Às três horas da tarde, foi pronunciado o veredito: Roger LeBeau estava exonerado de qualquer culpa. Lágrimas de triunfo e amargura toldaram a visão de Norah. Ela conseguira limpar o nome de seu amor, mas já era tarde demais para um final feliz.

— Espero que não tenha sido muito difícil para você, Norah — murmurou Gartner, acompanhando-a até a charrete.

— Não demais... Há porém algo que eu queria lhe perguntar, Charles. Quando o coronel Boyle perguntou se você tinha visto o corpo... notei uma expressão estranha em seu rosto. O que pensou não encontrá-lo? Por favor, seja sincero.

As mãos de Norah apertavam as dele com desespero e os olhos azuis estavam sombrios. Havia um apelo tão grande na expressão daquele rosto que Charles não pôde mais fugir do assunto como fizera tantas vezes.

— Não quis lhe dar esperanças falsas, Norah. Nem gostaria de fazê-lo agora.

— Então você teve dúvidas? Achou que... LeBeau poderia ter

sobrevivido à queda?

— Não tenho certeza de nada, Norah. Não conseguimos encontrar uma única pista, um só sinal de presença de LeBeau entre as rochas. Um homem comum teria morrido naquela queda, sem qualquer sombra de dúvida, mas ele era diferente. Além disso ele me conhecia muito bem e sabia da impulsividade de Newcomb. Quantas vezes me perguntei se ele não tinha planejado cair, se tudo não passou de um disfarce, perigoso, mas bem calculado. — Ao ver o olhar de Norah, cheio de esperanças, Gartner a preveniu: — Lembre-se de que LeBeau estava ferido e, mesmo tendo escapado de nós, pode ter morrido mais tarde, sozinho, e por isso nunca ficamos sabendo. Seja realista, Norah.

— Estou sendo! Se ele conseguiu escapar, ainda vive, em algum lugar de difícil acesso. Nunca acreditei em sua morte. Nunca!

— Talvez eu esteja cometendo um grande erro, mas não posso mais me manter em silêncio. Depois da morte de Abigail, senti na carne a dor de perder a quem mais se ama e... LeBeau a amava muito, Norah. Se ele simplesmente a quisesse como mulher, não a teria enviado de volta para o forte.

— Charles querido! Você me deu a coragem de que eu precisava para levar adiante o que precisa ser feito. Muito obrigada por suas palavras. Não sabe como foram importantes para mim!

Depois de despedir-se de Gartner, Norah esperou por Maria, que caminhava para a charrete, acompanhada por Cora Boyle e seu sorridente marido. No momento em que ia ao encontro dos três, viu Newcomb à sua frente. Ainda dominada pelo ódio, ela ignorou a mão estendida em sua direção e foi ao encontro dos Boyle, sem ver o ciúme e a fúria espelhados no rosto de seu antigo admirador.

— Desculpe-me por reviver tantos fatos terríveis, Norah, mas não havia outro modo.

— Eu sei, coronel Boyle, e o que importa é termos livrado o nome do sargento LeBeau, de uma desonra. Espero que me visitem antes de voltar, eu...

Do pequeno volume enrolado no xale que Norah mantivera em seus braços durante todo o tempo um som de vida se fez ouvir. E, quando Cora Boyle descobriu o rostinho delicado do bebê, ele abriu os olhos... prateados como os do sargento LeBeau!

Seu nome seria "Filho do Raio"...

A primavera deu lugar ao verão. Ao lado da janela, com os olhos fixos no horizonte, Norah ainda estava à espera de um cavaleiro alto e esguio em seu garanhão selvagem. Cinco meses se haviam passado desde a tarde em que Maria fizera seu depoimento e o nome de LeBeau fora exonerado de

culpa.

No entanto, nenhuma notícia dele chegara. Isso quase destruía as esperanças de Norah, que acreditava na volta de "Raio Prateado" tão logo ele soubesse estar inocente. A dúvida crescia e ela já começava a pensar no pedido de Charles para que fosse realista. No entanto, a esperança ainda brilhava em seus olhos, embora seu fulgor enfraquecesse mais e mais.

Norah tinha mandado distribuir folhetos, onde se inocentava o sargento LeBeau, para os recantos mais remotos do território do Arizona e avisara "Cavalo Veloz" para espalhar a notícia entre os guerreiros dispersos pelos canyons. Mas nada se sabia sobre o homem que desaparecera em El Gigante. Ela tentava pensar apenas no filho e na fazenda ou acabaria enlouquecendo. Mas, se durante o dia ansiava por notícias, à noite o desejo de tê-lo a seu lado tirava-lhe o sono. Ainda o amava com desespero,

Numa tarde quente de agosto, ela sentou-se à sua escrivaninha para organizar um balanço dos lucros e perdas e verificou que tinha sido um ano excepcionalmente bom. Se ao menos não houvesse aquela ameaça terrível pairando sobre sua cabeça!

Seu advogado, Jonas Coates, estava levando seu caso ao juiz, a fim de que se invalidasse o testamento de Abner. Se Cândida Michaels ganhasse a causa, Norah teria que deixar a propriedade, e não só seu filho, mas inúmeros dependentes se encontrariam, de um dia para o outro, sem teto.

Como se o bebê tivesse percebido que os pensamentos da mãe giravam em torno dele, um choro alto e vigoroso se fez ouvir. Sorrindo enquanto o retirava do berço, Norah sentiu o coração encher-se de alegria diante daquela criança saudável e bela, com os cabelos negros como os seus realçando os olhos prateados do pai. Como sempre, seu momento de felicidade era toldado pela amargura de não ter "Raio" a seu lado para partilhar aquele prazer intenso de ter o filho nos braços. A visão de um futuro que poderia ter sido perfeito não a deixava saborear as bênçãos de sua vida. Como teria Charles Gartner aprendido a superar uma perda tão dolorosa; como podia viver sem seu amor?

Ao beijar o filho, sentiu que ele prendia entre as mãozinhas o talismã de turquesa e o colocava na boca com uma expressão de extrema satisfação.

— Gostou do meu colar, querido? Bem, ele é seu, estou apenas guardando-o até você crescer mais um pouco.

Norah tentou retirá-lo do bebê, mas ouviu o choro de raiva e desistiu de fazê-lo.

— Então não quer esperar? Vou colocá-lo em seu pescoço. Só gostaria que seu pai pudesse vê-lo agora.

A habitual melancolia desceu sobre Norah, mas, antes de ter tempo para se entregar às recordações, Maria surgiu, pálida e extremamente

nervosa.

— Está havendo uma briga no curral, Norah. Levi e Stu...

— Levi? Ele não é uma pessoa agressiva! Por que entrou numa briga?

— Por minha causa — Maria murmurou num fio de voz e baixou os olhos, envergonhada. — Stu me chamou de prostituta e... disse que o seu dinheiro vale tanto quanto os dos homens que pagaram pelo meu corpo no bordel de Cândida. Ele queria me obrigar a... bem, eu fugi e encontrei Levi bem na minha frente.

A notícia não surpreendeu Norah, que sabia como pode ser difícil a vida de uma mulher jovem, sem a proteção de um pai ou de um marido, num mundo cheio de homens. E, no caso de Maria, a situação ficava ainda mais delicada, pois ninguém ignorava seu passado e a viam apenas como uma das garotas de Cândida. Se ao menos ela tivesse concordado em se casar com Levi! Os sentimentos dele não haviam mudado e Maria não parecia a sentir medo daquele homem cheio de ternura e sabedoria, mas nenhum dos dois voltara a tocar nesse assunto.

Os vaqueiros estavam tão concentrados na luta dos dois homens que nem perceberam a chegada de Norah; seus gritos de encorajamento, ora para um ora para outro, tornavam a cena ainda mais deprimente. Ambos haviam tirado a camisa e seus torsos brilhavam de suor enquanto andavam em círculos, tentando atingir o adversário de um modo mais eficaz.

Norah não queria interferir naquela situação, pois se tratava de uma briga pessoal e não de uma problema relativo a fazenda. Se os dois tinham um assunto a ser resolvido, exigir que parassem de lutar não iria adiantar: tão logo surgisse outra oportunidade, se enfrentariam novamente.

Quando ela conseguiu atravessar o círculo de homens que rodava os lutadores, viu Stu no chão e Levi, com uma expressão de fúria, à espera de que o outro se erguesse.

— Você tem duas chances, Stu. Ou levanta e tenta me matar ou sai daqui o mais depressa possível!

O rapaz parecia ter chegado ao fim de sua resistência e nem se mexia. Levi o segurou pelo braço e o colocou em pé, cambaleante e com um fio de sangue correndo pelo rosto. Vendo Norah à frente dos observadores, ele tentou falar, apesar de ter a boca inchada dos socos violentos de Levi.

— Madame, eu gostaria de continuar aqui. Prometo que esse tipo de incidente não se repetirá.

Norah notou o olhar cheio de expectativa de Stu e olhou para Levi, que permanecia imóvel, sem perceber que Maria limpava o sangue de seu rosto com o lenço.

— Sr. Hale... quando eu o contratei, disse que deixaria todos os problemas de disciplina entre os peões em suas mãos enquanto o julgasse um

homem honesto e justo. Como este caso me parece ser de natureza pessoal, deixarei que você resolva o assunto. Sua decisão será acatada por mim.

Todos os olhares se dirigiram para Levi Hale, que hesitou por um minuto e depois aproximou-se de Stu.

— Você é um bom vaqueiro, seria uma pena perdê-lo. Se acredita que conseguirá manter a boca fechada e tratar as mulheres desta fazenda com respeito... pode ficar.

— Eu peço desculpas a Maria e também à sra. O'Shea por ter causado este problema — replicou Stu, aceitando, agradecido, a mão que Levi lhe estendia.

Depois que os homens se afastaram para voltar aos alojamentos, Norah viu Maria correndo para casa e subitamente compreendeu o dilema daquela jovem ferida pela vida. Foi ao seu encontro.

— Foi por esse motivo que não aceitou a proposta de casamento de Levi e quis fugir para Santa Madalena, não é verdade? Por que no passado você foi uma das garotas de Cândida?

— Exatamente! Os homens olham para mim e vêem uma prostituta! Na missão, eu estaria protegida...

— Você não teve culpa, Maria, e Levi sabe disso. Tem medo de que os outros o desprezem por ter você como esposa?

O choro desconsolado de Maria foi a única resposta. Até então Norah não havia percebido que ela não aceitara o pedido do capataz por se julgar indigna para ser sua esposa.

— Maria! Viu como Levi resolveu o problema com Stu! Do que mais tem medo?

— Ele não pode lutar com todos os homens do território do Arizona para me defender, senhora!

— Levi seria capaz disso, porém duvido que haja necessidade de mais violência. Depois da briga de hoje, não creio que surja mais nenhum problema!

Enquanto ela tentava convencer Maria, viu que Levi se aproximava, já com o rosto limpo e uma camisa engomada e muito branca.

— Eu lutaria com o mundo inteiro por você, Maria. Só quero fazê-la feliz.

Norah deu um suspiro de satisfação ao ver que ao menos alguns romances terminavam bem na vida real.

Um cheiro nauseante, poluindo o aroma agreste da natureza, trazia a destruição humana em todo o seu horror. Sangue, suor e cavalos cansados enchiam o ar do canyon com a presença da batalha. O grupo de guerreiros alquebrados era tudo o que restava na nação Kiowa e comanche, os únicos que haviam escapado do massacre. O coronel Ranald Mackenzie dera ordens

a seus subordinados de exterminar homens e animais e fora obedecido com entusiasmo.

Na última tarde ensolarada de setembro, mais de duas mil montarias foram mortas e seu sangue correu como um rio que em suas águas turvas levou consigo as últimas forças do grupo índio que ainda resistia.

Sem os cavalos, eles já não tinham como se mover em busca de novas áreas para caçar nem dispunham de sua única moeda e, assim, toda a cultura índia desabara diante da força dos braços.

Aquele grupo reunia os derradeiros sobreviventes que fugiam da vida trágica das reservas e, tendo roubado duas mulas e três cavalos do Exército, preparavam-se para continuar a fuga. Não haviam acendido fogo, por isso tinham se alimentado pouco, sempre com medo de atrair os soldados. Antes de partir, eliminaram qualquer sinal de presença humana na garganta escarpada do Canyon.

— Ele vai viver? — perguntou um bravo kiowa, fitando o corpo do homem ferido. Seria um perigo para todos se precisassem andar mais devagar por causa de um companheiro que não tinha chances de sobreviver.

Enquanto o índio mais velho trocava as ervas que cobriam o peito e parte da cabeça do corpo imóvel, os olhos do ferido se abriram. Prateados como o luar batendo nas rochas nuas do canyon, eles olhavam sem nada ver, vazios de expressão e de vontade de viver.

— Não sei se este bravo comanche terá forças para não cair nas mãos dos espíritos... tenho o pressentimento de que ele logo se unirá aos seus ancestrais. Mas já vi como é forte e duro. Tem, a pele igual a de nosso irmão búfalo, que também foi massacrado pelos brancos e ainda resiste. Talvez ele nos surpreenda. Só tenho uma certeza, não fará diferença se morrer ou viver, pois amanhã partiremos daqui e, se ele puder, nos acompanha. Só não podemos ficar, porque então não haveria uma morte e sim o extermínio final de nosso grupo.

CAPÍTULO XXIX

Norah sentiu o chão fugir debaixo de seus pés e sua visão se escurceu. Estava tudo terminado! Os meses de trabalho árduo, transformando a fazenda numa propriedade aprazível e ao mesmo tempo rendosa, tinham sido um esforço inútil. A não ser por sua égua "Madrugada" e alguns objetos pessoais, todo o seu mundo pertencia agora a Cândida Michaels!

— Fiz o possível, sra. O'Shea, mas não encontrei um modo de tornar sem efeito o testamento de Abner Slade. A petição de Cândida foi aceita

pelo júri, tudo passará às mãos dela! No entanto, ainda consegui uma dilatação de prazo enquanto faço meu apelo ao Tribunal Superior e a senhora não precisará sair da sua casa. Há porém uma restrição... nenhuma cabeça de gado poderá ser vendida ou qualquer quantia retirada do banco.

— Como? É um absurdo! — Norah saiu de sua profunda depressão para um acesso de raiva. — E os pagamentos? Tenho dezenas de vaqueiros que não poderão ficar sem receber e procurarão um outro trabalho. E logo agora que estão se preparando para levar o gado para as planícies do norte!

— Vou ser sincero, sra. O'Shea. Creio que a intenção de Cândida é justamente tornar a sua vida o mais desagradável possível. Não me parece que ela se interesse pela fazenda, é apenas para vingar-se... Desculpe minha franqueza, mas...

— A troco de que essa mulher iria vingar-se de mim? Eu nunca a vi nem fiz nada para prejudicá-la! É impossível!

— Não posso jurar, porém... ela tem algum ressentimento a seu respeito.

As palavras de Jonas Coates não saíam da mente de Norah. No tom de voz do advogado havia a certeza de que ela sabia o motivo da vingança de Cândida. No entanto, ela ignorava por completo de que modo teria ofendido uma mulher a quem não conhecia. Se pudesse perguntar a Maria... Contudo, a jovem ficava tão deprimida ao se lembrar dos dias humilhantes em que fora obrigada a trabalhar com Cândida que seria um abuso tocar nesse assunto desagradável.

Norah não desistiu de lutar. Com o tempo, um plano foi se formando em sua mente e só os preparativos para o casamento a impediram de agir imediatamente. Queria transformar a união de Maria e Levi numa ocasião festiva e até já havia convidado o padre Ildefonso para celebrar a cerimônia na fazenda.

Mas, como faltassem inúmeros ingredientes para o preparo do almoço que seria oferecido a todos os vaqueiros, Norah precisou ir à cidade antes do que supusera para fazer as compras necessárias. Era aquela a ocasião de ir a um lugar muito especial...

(**)Ela escolheu seu traje mais formal e prendeu no vestido de organdi amarelo o broche de ametistas que pertencera a Abigail para lhe dar boa sorte. Depois colocou o filho no pequeno berço portátil que "Neve de Verão" fizera em couro macio e que podia ser colocado às costas, no estilo dos índios. Aquele berço fora a solução ideal para levar o garoto consigo aonde ia. Mesmo sendo algo que as mulheres brancas jamais usariam, preferia ter o filho por perto a se preocupar com olhares curiosos e murmúrios espantados.

Norah achou surpreendente descobrir como a vida de Greenwood tinha

mudado nos últimos meses! Nem parecia mais aquele vilarejo abandonado no meio da poeira do deserto. Havia um banco, uma igreja em final de construção e, a grande diferença... uma cadeia! A civilização chegava aos confins do Oeste, mas ela já não sabia se esse progresso iria tornar a vida dos pioneiros mais fácil... ou muito mais complicada.

Quando a charrete parou em frente do único armazém da vila, Norah desceu e, diante do olhar surpreso de Stu, que a acompanhara, atravessou a rua, na direção da mais famosa casa de Greenwood — o bordel de Cândida Michaels! Por sorte Levi não tinha vindo ou iria tentar impedi-la de entrar numa casa com tão má reputação.

Um cheiro de tabaco e bebida a envolveu no momento em que entrou no vestíbulo cheio de espelhos, iluminado por um imenso lustre de cristal. Ela ouvia o som de risadas estridentes vindas de alguma parte da casa, mas não conseguia desviar o olhar dos quadros onde mulheres nuas se ofereciam em poses lânguidas. Jamais vira telas tão ofensivas nem tão distantes das verdadeiras obras de arte.

— Ei! Você é a nova fiscal? — perguntou uma jovem de cabelos vermelhos, cujo vestido mal cobria os seios provocantes.

— Desculpe-me, eu... — Norah já duvidava do bom senso de sua atitude em entrar naquele antro de perdição, mas não podia mais recuar. — Eu não sou fiscal, só...

— Ah! Já sei! Está procurando trabalho? O movimento aqui é bem grande nas noites de sábado. Talvez mais uma mulher o aumente ainda mais.

242

— Oh! Não... Eu só quero falar com a srta. Cândida Michaels. A jovem ignorou a resposta e aproximou-se do berço do bebê com um olhar de curiosidade.

— O que tem nesse saco de couro?

— Eu... mudei de idéia...

Norah recuou, mas uma voz às suas costas gelou-lhe o sangue e ela se virou para enfrentar Cândida Michaels em seu próprio território.

— Ora, ora! A mulher mais orgulhosa do Oeste, a pedante e convencida sra. Slade, se dignou a vir me visitar? Que honra a minha! — O sarcasmo na voz de Cândida se transformou em desafio ao ver que Norah carregava uma criança. — Se quer mesmo falar comigo, vamos ao meu escritório.

O ambiente escuro do pequeno quarto se devia às cortinas fechadas e, mesmo sendo dia claro, havia vários globos de luz em vidro rosado acesos e espalhados pelo cômodo. Os móveis e uma infinidade de enfeites transformavam o ambiente numa sala mais familiar, embora sem gosto, do que as de luxo vulgar dos outros aposentos.

— O que traria uma dama tão fina e educada a uma casa de mulheres

da vida? — Cândida viu um bracinho mexer-se entre as dobras do xale de lã e deu um sorriso cheio de maldade. — Não precisa nem dizer, princesa. Vai suplicar em nome de seu filho, não é verdade?

— Sim. Ele é pequeno demais para pedir algo para si mesmo, por isso vim eu mesma... — Norah reuniu todo o seu orgulho de irlandesa para pedir justiça. — Não tinha nem idéia de que Abner tivesse feito um testamento e ignoro como a senhora o induziu a deixar-lhe tudo, mas nós duas sabemos que a fazenda deveria pertencer à esposa dele.

— Você é muito ousada ou muito tola. Acreditou que fosse me convencer com um argumento tão sentimental? Eu não sou boba, moça!

— Não compreendo os seus motivos para querer vingar-se de mim. Nunca lhe causei mal algum e muito menos esta criança!

— Mas que inocência, a sua! Está vivendo numa casa que deveria ter sido minha, tornou-se esposa do homem com quem eu desejava casar e ainda acha que não me fez nada? — Ao ver o espanto e a incredulidade no olhar de Norah, Cândida se aproximou mais. — Abner nunca lhe contou, não é? Aquele bandido tinha me prometido casamento e levou um bom tempo me fazendo esperar. Enquanto isso, escrevera cartinhas de amor para uma professora de Boston, disposto a levá-la até o altar só por que era uma dama e eu não!

243

— Você... amava Abner? — murmurou Norah, lembrando-se de quantas noites o marido trouxera em suas roupas o perfume de Cândida.

— Amor? Eu o conhecia bem demais para ser tão cega a ponto de amá-lo. Meu único desejo era deixar esta vida, construir uma família... Estou com trinta e cinco anos...

Aquela informação chocou Norah tanto quanto as anteriores. Aquela mulher mais parecia ter cinquenta anos! Então ela notou no rosto envelhecido e deformado pela bebida um esforço supremo para não chorar.

— Trinta e cinco anos e nunca me casei! Sinto um cansaço enorme e queria me tornar uma mulher a quem todos respeitassem, ter uma casa bonita e filhos... muitas crianças em volta de mim, antes que seja tarde demais. Se a pessoa tem dinheiro, o resto do mundo acaba se esquecendo do que foi no passado. Com Abner, eu teria conseguido mudar de vida. Mas aquele miserável roubou minha última chance. — Ela enxugou as lágrimas e explodiu num acesso de ódio: — Se você não tivesse aparecido, essa criança em seus braços poderia ser minha! Tive um filho há muitos anos, mas o meu bebê não sobreviveu a uma febre maligna e eu sonhava ter outro. Esse prazer me foi roubado... Se não fosse por sua presença aqui na minha cidade, seria eu quem teria agora o filho de Abner!

Apesar de todos os problemas causados por Cândida, Norah não conseguiu evitar a piedade por uma vida tão sem objetivos, tão inútil. E sua

honestidade a proibia de deixar aquela mulher continuar sofrendo por algo que não era verdade. Mesmo sabendo que estava destruindo sua última chance de conservar a fazenda, não podia se calar.

— Esta criança não é da Abner. Ele não teve nenhum filho comigo...

— O quê?! Não é... Céus! Não é filho dele?

Sem responder, Norah decidiu ir embora, pois logo Cândida a insultaria, jogando-lhe na cara que ela era igual a qualquer das prostitutas daquele bordel. Mas a mulher deu apenas gargalhadas sonoras; depois segurando-a pelo braço, arrastou-a até bem perto da janela e abriu as cortinas.

— Quero ver o rosto desta criança.

— Pois bem! Veja! — Norah afastou a xale e revelou o rosto de pele dourada onde olhos prateados fixavam um ponto qualquer no espaço. — Está satisfeita agora?

— Conheço esta turquesa que está no pescoço do bebê! Quem poderia ter um enfeite desses? — Então um sorriso de triunfo iluminou o rosto cruel de Cândida. — Sargento LeBeau! Ele usava essa pedra e... cabelos negros e olhos cor de prata... Os boatos

244

que ouvi eram a pura verdade! Que piada fantástica às custas de Abner! A dama, a requintada jovem trazida de Boston como a imagem da mulher ideal... Colocou um estranho no ninho que ele preparou para a esposa.

As gargalhadas de Cândida se tornaram tão descontroladas que Norah decidiu afastar-se logo dali. Mas novamente a corpulenta mulher bloqueou sua saída.

— Não tenha medo, Norah. Posso chamá-la assim, não é? Eu não vou maltratar seu filho, pelo contrário! Tenho um presente para ele. Espere um minuto. — Depois de remexer na gaveta secreta de sua escrivaninha, Cândida voltou com um papel dobrado em suas mãos e entregou-o a Norah. — É para o seu filho, com meus votos de felicidade.

— Mas... é a escritura da propriedade? Por que... Eu não compreendo!

— Pense muito no assunto e algum dia saberá. Agora vamos levar este papel ao juiz Morgan para ser registrado no cartório.

Uma estranha procissão cruzou a rua sob os olhares atônitos da população de Greenwood. E, após terminarem a transferência, as duas mulheres foram até a charrete de Norah, onde Stu parecia ter se transformado numa estátua.

— Não sabe como lhe sou grata por ter sido tão generosa, Cândida! — Norah tomou as mãos de dona do bordel entre as suas, sem pensar no escândalo que tal gesto provocaria. — Não consigo imaginar qual foi o motivo de sua decisão, mas agradeço-lhe muito!

— Não consegue mesmo, Norah? Pois pode crer que o motivo não foi minha... generosidade. Eu nunca precisei do dinheiro de Abner e já estou velha demais para me preocupar com os problemas terríveis de como tomar conta de uma fazenda. No entanto, posso dar-me um prazer, não acha? Estou me vingando daquele miserável e de tudo que ele me fez. Abner só falava no império que iria construir para o filho... o filho dele, é claro. Sinto-me mais leve por ter ajudado o destino a pregar uma peça em Abner. Todos os seus bens, tudo o que ele se orgulhava mais, irá para as mãos de um garoto cujo pai é outro homem!

Norah deixou Greenwood num estado de euforia e determinação. Agora que tinha resolvido o futuro do filho, podia concentrar-se em seu outro objetivo.

Naquela noite ela ficou à janela, fitando o horizonte e vazio até a chegada da manhã. Quando a linha escura ao longe se tornou rosada, viu uma silhueta recortada no céu. Tomada de alegria, correu para fora da casa, mas, ao chegar ao pátio, não havia nada a não ser o sol surgindo diante de seus olhos. Uma dor intensa, tomou conta de seu coração.

245

Aquele desejo imenso jamais a deixaria viver!

Seria sua mente, povoada de imagens de "Raio", a responsável por uma ilusão tão perfeita? Ou ele realmente estivera ali? Talvez seu amor continuasse tão profundo e a solidão fosse tão intensa que estava vivendo apenas no mundo irreal da imaginação.

Norah conhecia cada ângulo daquele corpo esguio, sentia ainda sob seus dedos a pele macia do rosto altivo e não se esquecera de como ele erguia a cabeça ou montava um cavalo. "Raio Prateado" estivera ali, não havia dúvida alguma, mas não se aproximara da casa. Por que continuava a evitá-la, se Abner já não era mais um obstáculo?

Talvez não existisse amor no coração dele, apenas curiosidade, e só havia uma maneira de desfazer essa dúvida que iria atormentá-la pelo resto da vida se não fosse esclarecida. Ela já tinha esperado tempo demais. Se "Raio" não a procurava, iria ao seu encontro!

— Absolutamente não! Não pode ir sozinha! — explodiu Levi, chocado com a idéia louca de Norah,

— Você e Maria se casaram há apenas três dias e precisam ficar juntos. Além disso, necessito de sua presença aqui na fazenda para decidir tudo em meu lugar. Não fique nervoso, Levi! Irei com dois amigos meus, "Cavalo Veloz" e "Neve de Verão". Eles sabem onde fica a caverna e... eu o encontrarei tenho certeza!

Apesar de transmitir segurança com suas palavras, Norah levou algumas horas até convencer "Cavalo Veloz" a acompanhá-la até o canyon da

aldeia secreta. Só quando "Neve de Verão" pediu ao marido para não colocar obstáculos no caminho do amor, ele concordou. Tinha ouvido rumores sobre a presença de "Raio" naquela área, mas não o vira nem sabia onde encontrá-lo, porém, se "Lua-que-Enfrenta-as-Águas" estava tão certa do que fazia, só podia baixar a cabeça e ajudá-la! Aquela mulher sempre fora tão corajosa quanto uma verdadeira comanche.

Com calças de camurça e mocassins macios, Norah deixou as planícies, partindo em direção às montanhas misteriosas e frias. Já não era a mesma mulher que se cansava após longas horas de viagem a cavalo e sua pele dourada e as planícies, partindo em direção às montanhas misteriosas e frias. Já não era a mesma mulher que se cansava após longas horas de viagem a cavalo e sua pele dourada e as grossas trancas negras davam-lhe a aparência de uma índia que vivera sempre naquela região agreste e pouco hospitaleira.

Eles acamparam no sopé do imenso conjunto de rochedos cujos picos se perdiam entre as nuvens. Cada pedra, cada arbusto relembrou Norah dos dias felizes passados na liberdade da natureza. Foi com impaciência que esperou seus amigos acordarem para despedir-se deles e precisou ser firme e obrigá-los a aceitarem sua decisão de seguir sozinha.

Quando finalmente os cavalos desapareceram a distância, ela enfrentou um momento difícil e angustiante. Ia se arriscar a escalar aquelas rochas escarpadas com o filho às costas em busca de um homem que jamais tinha procurado aproximar-se dela. Já haveria uma outra mulher em seu lugar? E por que se escondera do mundo? Mas sua maior angústia era descobrir que vivera uma ilusão, sonhando com um homem que deixara este mundo voando entre os desfiladeiros de El Gigante.

Contudo, era impossível resistir à magia do canyon acenando para ela com suas formas estranhas e de um colorido vivido. Passo a passo, Norah foi reencontrando os caminhos conhecidos. Suas forças pareciam inesgotáveis ao subir muito acima das planícies, deixando para trás os dias em que vivera longe dali. O riacho onde ela tomara tantos banhos, a plataforma suspensa no espaço, cenário de tanta paixão... tudo trazia de volta um encantamento que a envolvia como num sonho.

Quanto mais próxima da gruta escondida entre as nuvens, mais lhe parecia ter retornado a um mundo que deixara apenas na véspera. Mas a prova de que muito tempo havia se passado dormia serena no berço de couro preso às suas costas.

Diante da precária escada de cordas, Norah parou um instante, trêmula por estar perto de mais de um momento desejado com fervor, mas também muito temido. Se "Raio Prateado" não estivesse lá, se não houvesse sinal algum de sua presença, ela seria obrigada a voltar, completamente

derrotada e chorando pela morte da última esperança.

Temerosa de perder o pouco de coragem que ainda a impelia a seguir adiante, Norah agarrou a escada e subiu lentamente até a imensa plataforma onde seu futuro seria decidido.

Nenhuma voz impediu seus passos, nenhuma sombra barrou-lhe a entrada na caverna, apenas a catedral de rocha fria a acolheu. Uma vontade incontrolável de chorar pelo imenso vazio a imobilizou, enquanto seus sonhos e esperanças tão ternamente acalentados se apagaram como chamas vencidas pelas chuvas do inverno.

"Raio Prateado", "Aquele-que-Cavalga-as-tormentas", seu único e inesquecível amor, não estava no único lugar onde poderia ter se escondido do mundo!

Por uma fração de segundo, Norah desejou morrer, paralisar as batidas de seu coração, impedir o ar de entrar em seus pulmões e assim apagar de sua mente o terrível vazio que seriam os seus

247

dias. Tinha tanta certeza... tanta esperança! Só ao ouvir os murmúrios alegres do bebê às suas costas lembrou-se de que havia um outro ser a quem devia o carinho e a alegria de uma mãe. E era por essa criança que não podia desanimar...

Impelida pelo desespero, ela vasculhou a caverna à procura de algum sinal de vida ou de uma ocupação recente. Deslocando rochas, galhos secos e enfrentando uma poeira fina que parecia penetrar na pele, não pensava nos animais furtivos à espreita nas fendas escuras nem nas mãos arranhadas pelas pedras cortantes.

E então, entre as rochas que ocultavam a entrada da Kiva onde ela se escondera para fugir de seus perseguidores, encontrou um pote de barro com água fresca e algumas frutas secas enroladas num tecido rústico e muito alvo.

Alguém tinha estado ali há muito pouco tempo!

Norah trouxera consigo comida para vários dias e sentou-se, pronta a esperar por muitas, muitas horas. A eternidade era curta demais e suas esperanças tão fortes quanto o poder do amor

248

CAPÍTULO XXX

O homem segurou as cordas corroídas pelo desgaste contínuo e imemorial da chuva, da areia e do vento, começando a subida longa e penosa pela escada de seus antepassados. Uma intensa agonia o impedia de galgar os degraus com a mesma agilidade de outrora.

O ferimento no peito já havia cicatrizado, porém, a dor persistia como se o sabre que descera sobre seu corpo num golpe destrutivo ainda

estivesse cravado entre os músculos e ossos rompidos pelo seu toque quase fatal. A recuperação fora tão lenta que não se podia medir os progressos a cada dia e sim de semana em semana.

Ele sentia-se muito cansado quando chegou ao alto. Parou por um momento, sem ver os últimos raios de sol transformando a rocha em metal incandescente nem os tons violáceos inundando o céu azul tão logo a luz dourada cedia ao avanço da noite. O peso da água que fora preciso carregar desde o riacho até o alto do rochedo era menos penoso e mais leve do que a carga arrasadora de suas lembranças. Mas, assim como não queria ver a natureza ou o ambiente à sua volta, também procurava fugir de recordações; era melhor não pensar, para não sentir e não sofrer.

A presença daquela dor persistente despertou sua raiva, a primeira emoção que sentia há longo tempo. E, tão rápida quanto surgiu, foi dominada pela indiferença. Por que ter pressa? Já não sonhava nem fazia planos e o futuro deixara de existir. Todos os rios de sua mente corriam para trás, indo desaguar no mar do passado, quando ele sabia quem era, porque viera ao mundo e para onde ia.

Nem uma sensação de perigo iminente ou sinais de alarme despertando sua mente entorpecida avisaram-no, mas, chegando ao arco de entrada da caverna, um sexto sentido deu-lhe a certeza absoluta de que não estava mais sozinho. A penumbra o impedia de ver, o silêncio era total, no entanto uma presença pairava no ar e, tão logo seus olhos se acostumaram à penumbra, um contorno feminino se tornou bem claro. Seria um espírito de seus antepassados? Num gesto instintivo, ele procurou a turquesa, o talismã

249

sempre junto de seu peito, e então se lembrou de que havia se separado de seu amuleto há muito tempo.

O vulto se aproximou, não um fantasma de seus ancestrais e sim uma visão de seu passado. A voz suave e baixa provou-lhe que não estava tendo alucinações ou sonhando de olhos abertos.

— Eu sabia que você viria para cá mais cedo ou mais tarde. Tinha certeza de encontrá-lo.

— Norah?

O sol filtrando-se pelo rendado das rochas desgastadas tocou o rosto tão conhecido e transformou os olhos azuis em brilhantes turquesas... "Lágrimas do céu"! "Raio" procurou a pedra aveludada entregue a ela naquele lugar místico povoado apenas por forças espirituais, e só viu a fina corrente de prata com uma medalha oval. A ausência de seu presente tocando a pele macia não devia provocar-lhe nenhuma decepção, mas não foi possível controlar o desapontamento, uma emoção contra a qual se prevenir mergulhando na apatia.

Talvez Norah não quisesse nada que lhe lembrasse o período de cativeiro. Nesse caso, ela não podia ser censurada. A destruição moral causada pelas mãos brutais de Abner não se diferenciava muito da provocada por ele, do mesmo modo infame e degradante. Contudo, o que a trouxera até o topo do mundo?

Norah avançou até muito perto dele. Já não era possível acreditar em delírio provocado pela febre. A mulher ao alcance de suas mãos era real, tinha o mesmo corpo esguio apenas mais perfeito em sua maturidade e uma beleza ainda maior do que em seus sonhos.

— O que veio fazer aqui, Norah?

— Esperei por sua volta durante dias, meses sem fim, e, como não foi à minha procura, eu vim até você.

Ela tocou o rosto magro, desfazendo com a ponta de seus dedos marcas de amargura e solidão. Como era difícil conter o amor que transbordava de seu coração!

— Todos me disseram que você tinha morrido, mas nunca acreditei.

— Foi exatamente esse o meu propósito. — A mão morena seguiu um impulso mais forte do que o poder de seu autocontrole e cobriu a dela. — Queria que se encerrasse a perseguição de uma vez por todas.

— E tudo terminou; o seu nome agora está limpo e todas as acusações foram retiradas. Meu maior medo sempre foi que você jamais viesse a receber essa notícia. Ficou aqui por tanto tempo por que não sabia de nada?

250

— Não. Eu jamais tive intenção de voltar.

Uma onda de frio envolveu Norah, trazendo a noite que invadia a caverna para dentro de seu coração. Seu amor era tão grande que seria suficiente para os dois, mesmo se ele não sentisse a mesma paixão... Bastava existir o desejo, só isso já a faria feliz. Mas, diante da fisionomia impessoal e do tom indiferente daquela voz, ficava bem nítido como tinha sido imenso seu engano. Ele não queria seu corpo com a mesma ânsia de outrora, portanto nada que pudesse oferecer àquela homem distante o faria mudar de idéia. O firme propósito que a impelira a deixar a proteção de sua casa e enfrentar os perigos daquela viagem ao passado a abandonou, deixando em seu lugar a insegurança. Então ele nunca havia pensado em voltar?

— Você não devia ter vindo até aqui, Norah.

— Por quê?

Norah sentia-se com o direito de saber o motivo, um direito que lhe fora conferido pelos dias cheios de angústia e pelas noites de isolamento, quando só pensava no momento de um reencontro feliz. Imaginara milhares de vezes aquela cena — como correriam para se abraçar, a doce sensação de ter braços fortes envolvendo seu corpo, seus corações batendo no mesmo

ritmo acelerado da paixão. E então suas almas transbordariam, partilhando segredos e trocando confidências até o desejo sobrepujar tudo o mais para arrastá-los em sua força incontornável.

No entanto, mais uma vez, sua imaginação fértil a colocara no caminho errado, num beco sem saída.

— Pelo amor de Deus! Por quê? Eu preciso saber... Você me deve uma explicação, "Raio Prateado"!

Ouvir seu nome pronunciado em voz alta causou em "Raio" um choque tão intenso quanto a presença de Norah em seu santuário. Ele fora uma sombra por muito tempo, chegara a acreditar que já não tinha emoções, pois essa era a única maneira de viver sem dor ou amargura. E, agora que estava sendo chamado de volta para a vida, relutava em aceitar o preço que devia pagar por seu retorno ao mundo. Olhou para o espaço já tomado pelas sombras da noite para pedir forças e poder lutar contra o som daquela voz e a atração do corpo próximo ao seu.

Norah já não suportava mais o silêncio opressivo que sufocava suas esperanças, abatendo sua firme resolução de resistir até o fim. Tinha arriscado tudo, confiando na enorme atração que sentiam um pelo outro. Desde o primeiro olhar, seus corpos haviam ansiado por uma entrega e, durante os dias na liberdade da natureza, apesar das brigas e incompreensões, sempre lhes restara o prazer

251

de uma fusão sublime. Se esta força já não mais os aproximava nem iria suavizar o caminho do reencontro, pouco ou nada poderia ser feito. Oh, se ao menos ele a tomasse nos braços!

Os olhos prateados se fixaram nas trevas à porta da caverna, procurando um modo de fazê-la compreender. Como cortar definitivamente os laços que ainda os prendiam?

— LeBeau está morto e eu lhe disse isso há muito tempo. Agora "Raio Prateado" também não existe mais. Sou apenas uma concha vazia, sem emoções ou pensamentos. Não tenho coração nem alma e meu lugar não é entre os vivos nem junto com os mortos, por isso viverei os meus dias aqui... sozinho!

Norah se aproximou até sentir o sopro da respiração tocar seus cabelos. Sentia-se incapaz de suportar todo o sofrimento contido naquela voz. Precisava romper a barreira de gelo que o prendera em suas paredes frias, tinha que chegar até ele!

— Eu ficaria aqui, seria capaz de viver ao seu lado como já aconteceu no passado... se você permitisse a minha volta.

— Não. É absolutamente impossível.

— Eu posso! Hoje sou uma mulher mais forte, capaz de suportar horas

e horas a cavalo. Depois que tive... — Norah se calou, pois ainda não era chegada a hora de falar. Ele nem sequer ouvira suas últimas palavras.

— O mundo que eu conheci já não existe mais... Como "Nuvem Dançarina", que deixou de respirar e voltou para os braços dos espíritos de seus ancestrais. Tudo desapareceu junto com os búfalos que proviam meu povo de comida e calor desde a aurora do universo. E não restaram os cavalos nem as mulas, massacrados pela cavalaria no canyon de Paio Duro. Uma forma de riqueza, de transporte e de vida se transformou em poeira, cobrindo o chão de pedra. Talvez continue a luta, mas o golpe de misericórdia já foi desferido e só resta o extermínio total. Não há mais nada.

— Nós poderíamos criar o nosso mundo estando juntos; nada é impossível! •

Norah sentiu a esperança renascer timidamente ao ver um brilho de anseio nos olhos cor de prata. Ele se cercara de muralha para isolar-se de todas as emoções, mas, se houvesse um meio de encontrar uma falha nessas defesas intransponíveis, encontraria outra vez o homem a quem entregara seu coração. Um desejo intenso levou suas mãos até o peito musculoso, mas os dedos tocaram a dureza angular dos ossos. Onde estava o corpo rijo e incansável? Lembrando-se das palavras de Abigail sobre amor e orgulho, Norah encontrou a coragem necessária para revelar sua maior fraqueza, para confessar seu segredo mais precioso.

252

— Eu o amo..., acho que me apaixonei no instante em que o vi e tenho certeza de levar esse sentimento em meu coração até o último dia de minha vida.

Norah se despojara de tudo: orgulho, dignidade, amor-próprio. Agora temia fitá-lo, pois seu maior medo era o de não encontrar o que tanto desejara ver refletido no rosto dele.

— Você não sabe o que está dizendo! —*. A emoção da raiva foi a primeira a derrubar as barreiras e vir à tona. — Eu a raptei, fui capaz de tirá-la do marido e de um lar seguro para forçá-la a viver comigo, a entregar-me o seu corpo! Por culpa de meus atos irracionais, você perdeu um filho e por muitas vezes chegou perto da morte.

— Você nunca me entendeu, não é verdade? Se eu tivesse idéia de quem estava me raptando, se ao menos tivesse me perguntado se eu queria acompanhá-lo, ficaria sabendo que me teria ao seu

lado por vontade própria. — Norah procurou os olhos que insistiam em fugir dos seus. — Quando você me mandou embora, eu

quis morrer... e por muito tempo esperei com ansiedade a hora de partir deste mundo. Não sairei daqui sozinha para enfrentar novamente essa tortura!

Segurando o rosto querido em suas mãos trêmulas, ele tentou ainda convencê-la.

— Não existe um lugar para nós, Norah. Quanto antes aceitar esta verdade, mais cedo poderá recomeçar sua vida. Eu já caminhei em dois mundos e não pertenco a nenhum, acredite em mim, eu sei...

— Meu lugar é ao seu lado... aqui ou em qualquer outro lugar. — Ainda era muito cedo para falar no filho, o produto daquele amor que os ligava com laços muito fortes. — Não me importa onde, aqui no canyon ou nas planícies, quero ficar com você. Posso viver bem desde que sinta a sua presença me dando forças, e, mesmo que me mande embora mil vezes... mil vezes eu voltarei!

Quem era essa mulher frágil, mas tão corajosa que o obrigava a sair de um mundo sem emoções? Como recusar a si próprio seu único e maior desejo? Amava-a como nunca acreditara ser possível, mas não via um caminho aberto para eles. Subitamente, descobria o quanto Norah havia sofrido e a que extremos tinha chegado sua renúncia. Deixara um mundo onde vivia como uma princesa e se dispunha a morar em plena natureza, em meio à privação e aos perigos. Tinha chegado a hora de ele retribuir!

— Voltarei com você, Norah. Podemos tentar uma nova vida, construir o nosso mundo particular, talvez seja possível... se estivermos juntos.

253

— Não estou pedindo que volte, pois posso ficar aqui. Seja qual for a sua escolha, eu O seguirei de livre e espontânea vontade. O seu caminho sempre será o meu.

— Por você e ao seu lado, terei forças para enfrentar tudo.

Os lábios que tocaram suas faces murmuravam pedidos de perdão. Quando encontraram sua boca, despertaram totalmente, movidos por uma urgência incontrolável como que para sentir a mesma fé que Norah tinha na vida. E as lágrimas femininas apagaram do rosto másculo todos os sofrimentos, toda a mágoa infinita.

— Você me ama! — afirmou Norah, já sem qualquer dúvida.

— Mais do que a minha própria vida.

— Então por que me mandou embora?

— Não havia outra saída! Fui o único responsável por toda a sua dor, culpado de quase ter matado a única mulher a quem amei. Eu não poderia viver com esse peso terrível em meu coração!

Já não havia mais necessidade de palavras. Norah colou seu corpo ao dele, sentindo que era possível morrer de felicidade.

Suas bocas se procuraram, entreabrindo-se movidas por um desejo infinito, ávidas por recuperar tantos meses de solidão e tantas noites sem amor. Perdidos no calor de uma paixão incontrolável, só perceberam o

instante em que suas peles nuas se tocaram, trazendo de volta a mesma sensação de delírio e volúpia.

— Eu ainda preciso contar-lhe...

— Mais tarde, Norah. Sonhei com você em meus braços por muito tempo... mais tarde.

Ele fitou os seios que se enrijeceram em um apelo ardente e sentiu a pele aveludada sob seus lábios ávidos, mas não tocou os botões rijos que se ofereciam a seu toque. Queria prolongar aqueles momentos embriagadores, precisava sentir as vibrações do corpo sensual e ouvir-lhe todas as mensagens. Finalmente não pôde mais controlar a paixão. E tomou em seus lábios o mamilo, sugando-o com avidez. O líquido quente inundou sua boca e ele se afastou, chocado pela terrível descoberta. Norah tivera um filho durante os meses de afastamento. Quem seria o homem que tocara aquele corpo?

Só então notou os seios muitos maiores, os mamilos escuros onde ainda brilhavam gotas de leite. Um ciúme intenso destruiu seu mundo recém-construído, e ele sentiu o mesmo entorpecimento do instante em que o sabre o atingira em plena batalha.

Ao longe, ouviu os doces balbucios de uma criança ao despertar e a risada feliz de Norah como se tudo fosse um sonho.

— Eu estava esperando você perceber. Gostaria de conhecer meu filho?

254

Norah se levantou e, trazendo o pequeno berço até "Raio Prateado", ofereceu-lhe o bebê sem notar o quanto os braços dele tremiam ao segurar o corpo pequenino que se mexia inquieto.

— Eu o adotarei... tratarei seu filho como se fosse também meu.

— Francamente, eu não esperava outra atitude de sua parte.

— Mas... — ele tocou o cordão de couro no peito da criança e viu a turquesa entre os dedos gorduchos. — É o meu talismã.

— Era o único objeto pertencente ao pai dele que eu tinha comigo. — Sorrindo diante da expressão de surpresa e choque no rosto tão amado, ela prosseguiu, confiante: — É seu filho... nosso filho! O nome dele é... "Filho do Raio"!

A manhã espalhava sua luz de esperança e renascimento por entre os desfiladeiros do canyon, afastando as sombras para trazer de volta o colorido magnífico das rochas. Mas o homem e a mulher, saciados de amor, não tinham mais noção do passar das horas. A noite se perdera entre confidências e momentos de intensa paixão. Ele já sabia de tudo sobre Maria e Levi e ouvira surpreso a história do gesto inesperado de Cândida Michaels. Nada fora dito sobre os últimos meses da vida de "Raio Prateado"

mas Norah compreendia o quão doloroso seria revivê-los. Não havia pressa, tinham uma vida toda para partilhar!

O rosto feliz de Norah o fez lembrar da sabedoria infinita de Quannah Parker e de suas palavras misteriosas no momento melancólico da despedida definitiva. "O coração é o único guia, irmão e, só seguindo seu chamado, você encontrará o seu destino. Chegou o crepúsculo de nossa raça e já não nos resta mais tempo. Antes do golpe final se abater sobre o povo das planícies, é preciso encontrar outros caminhos e compreender a nova verdade. Mesmo se não forem iguais aos nossos, os caminhos do futuro precisam ser seguidos, pois então restará no mundo que surgir uma lembrança de nosso povo."

Uma emoção desconhecida o fez puxar Norah para mais perto de seu coração. Ele demorou algum tempo até identificar aquela sensação indefinida e inesperada, mas enfim reconheceu que, pela primeira vez na vida, sentia-se completamente em paz!

Soltando-a, tomou um punhado de areia vermelha que deixou escorrer por entre os dedos. Norah colocou a mão por baixo para recolher a fina poeira. Tinha compreendido o simbolismo daquele gesto mostrando que "Raio Prateado" aceitava unir-se a ela, criando um novo mundo, gerado no solo do Arizona. Uma vida melhor estaria ao alcance de seus filhos ainda por nascer... uma nova raça de jovens, homens e mulheres que teriam por herança as planícies e montanhas do Oeste, um só universo onde duas raças se encontravam.

Naquele momento mágico, "Raio" procurou uma mensagem dos deuses e encontrou-a nos olhos azuis de sua mulher..."Como as lágrimas do céu" eles seriam para sempre seu talismã, duas contas magníficas que espelhavam um grande amor...

Fim...